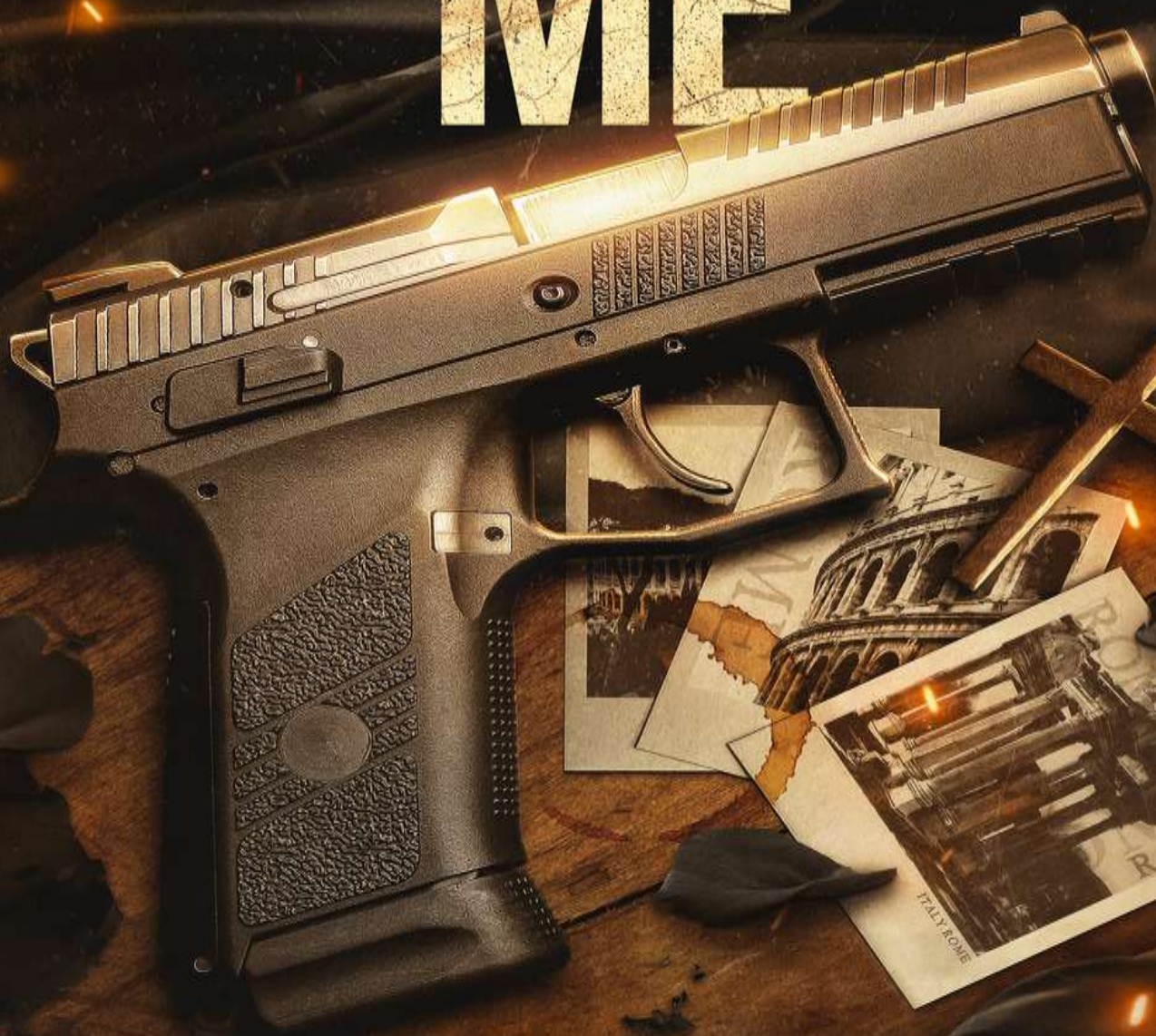


FORGIVE ME #2

RUIN ME



A. NASH



ALQUIMISTA DOS LIVROS
ARTANA NASH

FORGIVE ME

Ruin Me +



Depois dos acontecimentos na Venezuela, a alma do Padre Francis Scott não pode ser salva.

Se ele estiver condenado, então arrastará aqueles que merecem para o Inferno com ele, começando pelos homens por trás dos horríveis acontecimentos na casa dos meninos de Stanmore. Mas à medida que Francis procura respostas, rapidamente se torna claro que alguns segredos lutarão para permanecerem mortos. Se Francis não parar de despertar velhos fantasmas, estará entre eles.

Oprimido, caçado e com medo por sua vida, só há um lugar para onde ele pode ir, apenas um homem a quem recorrer. O homem de muitos pecados, o homem por quem Francis matou, o homem que lhe mostrou o que significa ser livre. Vitari (Angel) Angelini.

*

Depois do desastre na Venezuela, Vitari não pode dar-se ao luxo de dar um único passo em falso. Ele só precisa manter a cabeça baixa e fazer aquilo em que é bom: ser L'Angelo della Morte para seu pai.

Ele está bem até que rumores de um contrato chegam até ele. O alvo? Um padre. Não pode ser o Padre Francis Scott. Francis está longe, na Inglaterra, a salvo da máfia e protegido por forças muito acima do nível salarial de Vitari.

Mas muitas coisas do seu tempo com Francis permanecem sem resposta, e quando se torna claro que o contrato é para a vida de Francis, Vitari deve agir.

Ele não deveria ver Francis novamente. O que aconteceu na Venezuela não poderia acompanhá-los até em casa, mas agora Francis está em Roma, exatamente

onde não deveria estar, e no momento em que Vitari o vê novamente, ele sabe que desistiria de tudo por Francis. Perder o que resta de sua alma por ele.

Morrer por ele.

Ele salvará Francis, mesmo que isso o arruíne.

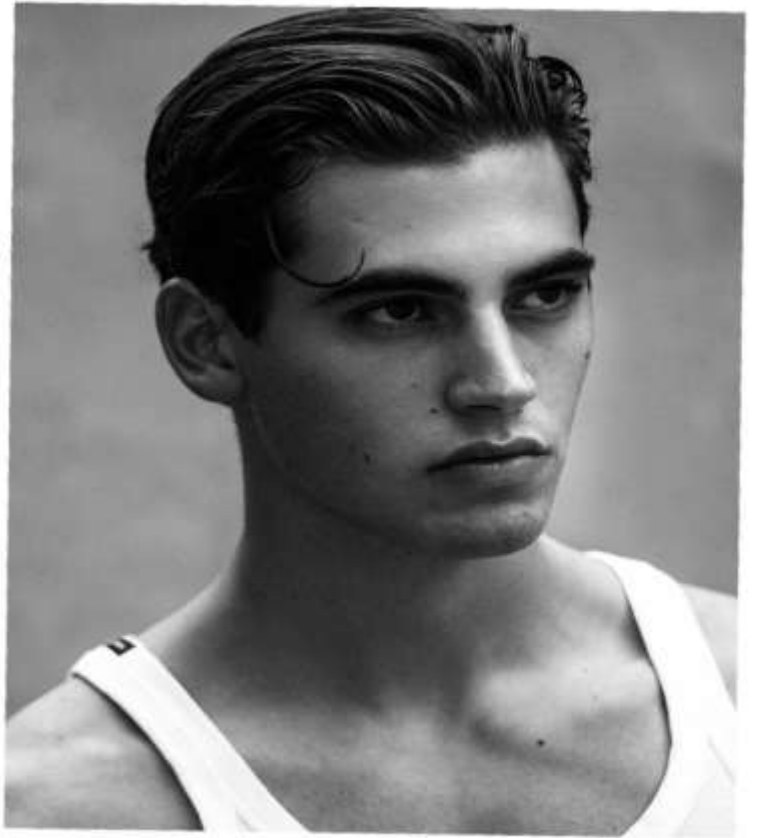


A série *Forgive Me* é um thriller gay romântico contemporâneo sombrio, com conteúdo potencialmente perturbador, incluindo histórico de abuso infantil, violência gráfica, ódio homofóbico e abuso religioso. Mais detalhes sobre os avisos de conteúdo podem ser encontrados no site do autor.

Nota do autor sobre idiomas e conteúdo: Este livro e grande parte desta série se passam na Europa e incluem vários idiomas. O livro foi editado em inglês dos EUA, mas algumas frases e ortografia do inglês do Reino Unido permanecem como parte do caráter da obra.

Quando os personagens estão entre pessoas da mesma língua, pode-se presumir que eles falam sua língua nativa.

Nesta série, ‘Máfia’ é usado como um termo genérico para o crime organizado italiano. Por questões legais, o autor optou por usar o nome fictício ‘Battaglia’ no lugar dos nomes reais dos sindicatos do crime.



AVISO

- ✓ Prestigie o autor comprando a obra original ou deixando resenhas positivas nos locais apropriados para tal.
- ✓ O Alquimista dos Livros ressalta que; a tradução desta obra é feita de forma amadora, sem fins lucrativos com o mero intuito de entretenimento, sendo está sujeita a erros, como em qualquer outro GT. Enfim, não somos uma editora e não temos os meios ou equipe necessária para garantir uma tradução, revisão, diagramação e todos os meandros necessários pra compartilhar um trabalho impecável e exigidos dentro dos padrões de profissionais – o que não o somos-. O compartilhamento desta obra é tolerável desde que;
- ✓ 1: as pessoas que o compartilhem tenham consciência que não podem e não devem obter ganhos monetários pelas mesmas.
- ✓ 2: divulgações e resenhas em meios aos quais o autor tenha acesso devem ser feitas em inglês e lembrando; citando que leu a obra original, **NÃO A TRADUÇÃO DE GT.**
- ✓ 3: Em casos da compra de direitos autorais, o livro deve ser removido de circulação pelo próprio ADL e ademais – ou seja – GDs parceiros.
- ✓ 4: Preserve o grupo, mantendo os livros para vocês, lembrando-se sempre que ISTO é trabalho voluntário e ilegal, não importa a boa vontade do GT ainda é pirataria. Por que, se não obtemos os direitos autorais por vias legais sobre as obras, não temos direitos sobre elas ou seus autores.

CAPÍTULO UM

Vitari

Roma era a melhor parte da Itália. O ritmo interminável, a história antiga e as pessoas bonitas, reunidos numa dança rodopiante de religião, crime e política. Vitari caminhou entre eles, os sapatos cortando a estrada irregular de paralelepípedos.

Ele amava esta cidade.

Um dilúvio havia dissipado o calor do dia, deixando as estradas brilhando sob a iluminação dos postes. O trânsito zumbia, as buzinas soavam e o ar noturno vibrava de expectativa.

O porteiro do lado de fora do piano bar, Buona Sera, acenou para ele passar. No interior, vidro brilhante, superfícies pretas brilhantes e couro flexível gritavam luxo. Enormes lustres pendiam de tetos de quatro metros de altura, fazendo com que as pessoas dentro do histórico convento convertido parecessem pequenas.

Atravessando a multidão, ele se aproximou da porta simples perto dos fundos do bar principal. Um segundo porteiro a abriu, revelando uma escada metálica em espiral, e descendo Vitari foi. Qualquer que fosse o uso original da cripta subterrânea das freiras, a Battaglia a reaproveitou. Antigas e sólidas paredes de pedra proporcionavam um excelente isolamento acústico.

—Chefe,— Neo cumprimentou, braços cruzados sobre seu colete de seda. O nome verdadeiro de Neo era Lorenzo Bianchi, mas como Bianchi era procurado pela polícia por contrabando de armas e supostamente atirando em um bar DeSica, ‘Neo’ funcionou muito bem. O tiroteio em DeSica lhe valeu uma *briga* com

Giancarlo. Qualquer inimigo dos DeSica era amigo da Battaglia. Ajudou o fato de ele se vestir bem e se humilhar sempre que Giancarlo estalava os dedos.

Afundado em uma cadeira ao lado de Neo, um homem não muito mais jovem que Vitari suava através de sua camisa rosa barata. Seus olhos se arregalaram ao ver Vitari, então seu olhar saltou para Neo e voltou novamente.

Seu dia estava prestes a ficar muito pior.

Vitari tirou a jaqueta sob medida, dobrou-a nas costas de uma cadeira próxima e arregaçou as mangas, sem pressa. —Bela camisa.

—Uh... obrigado. — O Sr. Camisa Rosa ficou inquieto, só agora começando a perceber a profundidade da merda em que estava.

Vitari não deu nenhum aviso. Ele balançou, estalou os nós dos dedos na bochecha do Sr. Rosa, então esperou que Neo o endireitasse para que Vitari pudesse acertá-lo novamente.

—Espera, espera!— O Sr. Rosa tagarelou. —Me diga o que você quer!

—Agora mesmo?— Vitari sacudiu os nós dos dedos em chamadas. —Eu quero dar uma surra em você.— Ele bateu nele novamente para acertar o ponto, então recuou, salvando os nós dos dedos.

—Porra.— O idiota pingou sangue. —Eu vou falar, apenas me diga o que saber!

—Segure-o, — disse Vitari.

Neo ajustou sua postura para ficar atrás do Sr. Rosa, agarrando-o pela cabeça e pescoço e segurou-o firmemente.

Vitari enfiou a mão nos bolsos do Sr. Rosa, pegou os saquinhos de cocaína que ele estava distribuindo como um maldito doce na parte errada da cidade e

jogou-os na cadeira onde pendurou a jaqueta. Ele guardou uma sacola e pesou-a na palma da mão.

Uma mensagem era necessária, algo óbvio o suficiente para que o estúpido DeSica entendesse.

—Espere!— O Sr. Rosa se contorceu. —Não.— Ele sabia para onde a bolsa estava indo. —Isso é sobre o padre?

—Que padre?— Vitari perguntou casualmente. Provavelmente não era o *seu* padre. Não se podia atirar uma pedra em Roma sem atingir um homem do clero. Havia muitos padres por aí. Além disso, Giancarlo dissera que Francis estava *protegido*. Seja lá o que isso significasse. Então esse idiota dos DeSica não poderia estar falando daquele *padre*.

—Você é Angel, certo?

Vitari estreitou os olhos. —E você é?

—Freddy – Frederick – Ricky, eu sou Ricky. — Seu joelho saltou, vibrando de nervosismo.

—Freddy-Frederick-Ricky. O que você que vende drogas nas minhas ruas tem a ver com um padre?

—É só que... eu pensei... não aceitei o emprego. É uma loucura, pensei que era isso que você queria, por que estou aqui?

—Que trabalho?— Vitari retrucou.

Os olhos de Ricky ficaram inquietos e vagos.

Vitari assentiu para Neo. Neo tirou uma faca do bolso e pressionou a lâmina sob o queixo de Ricky.

O olhar de Ricky fixou-se em Vitari, seu salvador, o homem que tinha sua vida e sua morte nas mãos.

—Que trabalho?— Vitari perguntou novamente.

—O golpe. No padre?

—Que maldito padre?— Vitari perguntou, temendo que ele já sabia. Era Francis. Sempre foi o maldito Francis.

—Padre Scott.

Vitari congelou sua expressão enquanto seu coração tentava sair do peito. Ele acenou para Neo. —Dê-nos um minuto.

Neo removeu a lâmina. —Tem certeza disso? Esse cara é um idiota. Provavelmente cheio de mentiras...— Neo deu-lhe um tapa brincalhão na parte de trás da cabeça. —Não se pode confiar em uma palavra do que ele diz.

—Eu cuido disso.

—Tudo bem.— Neo deixou Ricky ofegante na cadeira e subiu a estridente escada metálica em espiral. O olhar de Ricky o acompanhou por todo o caminho. Vitari ouviu a porta se abrir. Música forte e conversas surgiram, então a porta se fechou e tudo ficou em silêncio novamente.

Ricky desinflou, deixando escapar um enorme suspiro, como se Neo fosse quem ele temia. Ele realmente era um idiota. —Eu disse ao cara, é uma loucura. Todo mundo sabe que o padre é intocável. Aceitar esse trabalho é pedir... para você pendurá-los pelas bolas na Ponte Sisto¹.

Vitari cerrou os dentes pensando. Ricky estava certo. Ninguém seria estúpido o suficiente para aceitar um contrato pela vida de Francis. O que levantava a questão: quem queria tanto Francis morto a ponto de arriscar a ira da Battaglia? A

¹ A **Ponte Sisto** é uma ponte sobre o rio Tibre em Roma, com 105 m de comprimento e 20 m de largura. Foi construída em 1479.

última notícia que teve foi que até os DeSica retiraram a oferta de um milhão de euros para trazer Francis.

—Quem emitiu o golpe?

—Nenhuma idéia. — Ricky endireitou-se na cadeira e enxugou a bochecha inchada.

—Quem te contou sobre isso?

—Big Eddie.

Big Eddie era um catador de merda de baixo escalão que assumia todos os pequenos trabalhos que nenhum dos verdadeiros empresários queria tocar. Ele também era útil para fofocas, se você pudesse separar a verdade da torrente de besteiras que Eddie gostava de vomitar. Ele poderia estar apenas balançando o pau e fazendo barulho para angariar negócios. Ou o golpe foi real. Quem diabos iria tão longe só para matar Francis? Nem mesmo os DeSica eram tão estúpidos.

—Quer dizer, acho que posso descobrir?

Vitari arqueou uma sobrancelha. —Você está tão ansioso para mudar de lado, Ricky?

Ricky começou a relaxar, agora eles conversavam como amigos. —Cara, acabei por vender alguns gramas. Eu nem sabia que era seu território. Deixe-me ir e descobrirei quem emitiu o golpe. Ninguém precisa saber. Meus rapazes, seus rapazes. É apenas um pequeno acordo entre você e eu, em segredo, certo?

A ideia não era tão ruim assim. Vitari não poderia fazer perguntas sobre um golpe sem levantar as sobrancelhas. Mas ninguém se importaria com esse canalha.

—Se os DeSica descobrirem que você está trabalhando para mim, serão eles que vão pendurar você em uma ponte pelas bolas.

—Eles não vão.— Ele riu com força. —Só estou perguntando por aí. Nenhum dano causado, certo?

Se Ricky mantivesse sua palavra, Vitari não teria que fazer algumas perguntas incômodas. Perguntas que não poderiam chegar a Giancarlo. Qualquer menção a Francis era proibida, se Vitari quisesse manter a sua língua.

Vitari se inclinou para frente e apoiou os braços de cada lado de Ricky, prendendo-o na cadeira. Eles estavam perto agora, tão perto que Vitari podia sentir o cheiro do medo que emanava dele. O suor escorria pelo lábio superior de Ricky e escorria pela sua testa.

Descobrir quem estava financiando o ataque a Francis era uma informação que valia a pena ter. —Tudo bem. Mantenha isso entre você e eu e você terá um acordo. —Ele enfiou o saco de cocaína de volta no bolso de Ricky e recuou. —Mas vou ficar com o resto, — disse ele, pegando as outras sacolas.

—Merda, cara. São alguns mil dólares...

—Cuidado com suas maneiras. Dê-me o nome de quem quer o padre morto e você o receberá de volta. —Vitari vestiu o paletó, encheu os bolsos com cocaína e acenou com a cabeça em direção às escadas. —Vá em frente, Pequeno Ricky. Entrarei em contato.

Ricky quase tropeçou em Vitari, depois subiu correndo as escadas, desaparecendo como um rato quando as luzes se acenderam.

—Você o deixou ir?— Neo perguntou quando Vitari se juntou a ele no bar barulhento e lotado.

Vitari deu seu sorriso típico e sentou-se no banco ao lado dele. —Apenas adiei o inevitável. Estou sempre pronto para conseguir converter um DeSica

Neo sorriu e tomou um gole de sua bebida. —O que foi aquilo sobre um padre?

—Nada.— Vitari fez sinal ao barman e pediu uma cerveja. —Apenas Big Eddie fazendo barulho.

—Vamos conversar com Eddie?

Ter uma palavra significava quebrar as pernas. —Não é importante.— Vitari pegou sua cerveja e olhou para um grupo de jovens aproveitando a vida noturna de Roma. —Você quer ficar fodido e chapado?— Se pudesse distrair Neo com drogas, sexo e álcool, provavelmente esqueceria tudo sobre Ricky e qualquer menção a um padre. Ele também precisava marcar a caixa mensal que deixava claro para qualquer um que prestasse atenção que ele transava com mulheres. Porque Vitari não tinha dúvidas de que Giancarlo estava observando. Seu pai tinha mais olhos em Roma do que em sua casa, na Calábria.

Esperançosamente, tudo acabaria sendo Eddie falando alto, porque qualquer um louco o suficiente para atacar Francis era louco o suficiente para levar isso adiante, e com as mãos de Vitari amarradas a vários milhares de quilômetros de distância, Francis estava sozinho.

CAPÍTULO DOIS

Francis

A cada de garotos Stanmore desabou em seus jardins cobertos de mato, atrás de uma cerca de construção metálica, oprimida por décadas de hera e decomposição. Não havia sinais que anunciassem que o edifício vitoriano tinha sido um orfanato em sua vida passada, apenas uma triste história de abandono.

Ele provavelmente deveria devolver o carro alugado e voltar para a Catedral de Westminster, mas não tinha percorrido todo esse caminho para hesitar na chegada.

Estacionou o carro na rua e voltou para a grande casa, com as mãos nos bolsos. Folhas de primavera brotaram nas fileiras de árvores nuas, sinalizando que dias mais quentes estavam chegando. O ar também estava mais quente e a tranquila rua suburbana era um pedaço idílico do Reino Unido.

O Stanmore, com suas janelas fechadas com tábuas e cercas enferrujadas, era uma praga na vizinhança. Deveria ter sido vendido e demolido anos atrás, substituído por uma pequena propriedade de casas ecológicas. Algo bom em seu lugar, algo que apagasse o passado.

Cartazes desbotados tremulavam na cerca. Alguém amarrou um ramo de flores em um dos painéis da cerca. As flores murcharam e ficaram douradas, então tudo o que restava eram caules marrons.

Francis olhou para a casa. Ele se lembrava de que era enorme, como um castelo de um romance de fantasia. Agora, era apenas uma casa, certamente não

um castelo. Engraçado como o tempo e as memórias da infância distorceram o passado. Ou talvez a perspectiva de Francis tenha mudado.

Através dos arbustos, ele avistou a antiga cocheira. O telhado caiu e as janelas foram todas quebradas. As crianças locais entediadas e a natureza devastaram tudo.

Ele olhou para cima e para baixo na rua. Ninguém estava por perto. As calçadas estavam vazias e as casas silenciosas. Quase todo mundo estava em seus empregos diários. Ele caminhou pela lateral dos jardins de Stanmore, onde dois painéis de cerca haviam sido separados, espremido, depois contornou os fundos. Não restava muito do pequeno quintal onde todos chutaram uma bola. O asfalto havia rachado, virando pedras soltas, e a grama havia crescido até a altura da cintura.

Talvez ele não devesse entrar.

Mas ele precisava. Ele nem tinha certeza do porquê. Ele precisava ver isso, mudar suas memórias. Ele precisava saber que estava acabado.

Um portão de madeira estava apodrecido nas dobradiças. Depois de empurrá-lo para o lado, ele se aventurou no pátio murado. Os antigos estábulos tinham sido convertidos num bloco de sanitários ao ar livre muito antes da época de Francis e, ao lado deles, erguia-se uma antiga leiteria. Ele sempre evitou o laticínio, sentindo o frio ao redor.

Francis olhou para aquela porta de madeira com três ferrolhos e um arrepio familiar percorreu sua espinha. Também não queria aproximar-se dela agora, quatorze anos depois. Seu olhar vagou, vendo através de todos os arbustos crescidos até o passado. Atrás de uma enorme buddleia² que havia assumido o

² Cultivada como planta isolada e em forma de renque ao longo de muros e cercas. As variedades de menor porte também podem ser plantadas em vasos e jardineiras.

controle ficava o canto onde Robbie Johns havia caído e quebrado o pulso ao tentar pular o muro. Por baixo de todas as folhas podres e da grama crescida, havia um caminho de tijolos estampados. Todos corriam ao longo dela, desgrenhados e caindo. Empurrando uns aos outros, socando por diversão.

Havia outras coisas que os meninos faziam ali, coisas confusas, quando Francis era muito jovem para entender o que aquele toque significava.

Ele suspirou pelo nariz e empurrou uma cortina de hera até os fundos da casa.

Um pombo assustado escapou pelo buraco no telhado. Apesar do estado de abandono da casa, grande parte do interior estava como ele se lembrava. O tapete, agora podre, era o mesmo redemoinho de flores bege. Ele passou sob o crucifixo na parede e parou quando o vidro quebrou sob seus pés. Ele cutucou uma foto emoldurada quebrada com o sapato, pegou-a e sacudiu o vidro verde-alga.

Casa dos meninos Stanmore. Setembro de 2009.

—Bom Deus. — Lá estavam todos eles. Todos os quinze em fila, queixos erguidos e ombros para trás. Francis ficou à direita, no que deveria ser uma imagem de inocência infantil, mas aos dez anos ele sabia que estava quebrado, e isso transparecia em seus olhos. Ele era só braços e pernas naquela época, magro como um palito de dentes. Algumas coisas não mudaram.

Ele arrancou a foto da moldura e limpou a sujeira. Estranho como ele sobreviveu durante todos esses anos. O que aconteceu com os outros meninos?

Mas o mais importante é que Vitari não estava em cena.

Francis acreditou nele quando disse que tinha sido uma vítima aqui, sem dúvida. Mas ele nunca tinha visto Vitari durante seus anos em Stanmore, e esta foto

provou isso. Havia o Stanmore que Francis conhecia, e depois havia outro, na mesma casa. Escondido da vista.

Francis enfiou a foto no bolso e respirou fundo para purificar. Ele estava aqui. E havia mais para descobrir.

Quando crianças, eles cuidavam da casa, mas havia áreas mantidas atrás de portas trancadas. Ele passou pela cozinha até uma porta trancada da qual eles sempre foram expulsos. Não estava trancado agora. O ferrolho estava quebrado, ou aberto por vândalos ou apodrecido nas dobradiças. Ele atravessou um corredor de formato estranho, empurrou a hera pendurada para o lado e entrou em uma pequena sala escura e estreita. Não havia muito para ver. Uma janela de alto nível com grades difundia a luz do dia. Algumas camas nuas estavam aparafusadas ao chão de concreto. Outra porta dava para um pequeno banheiro com vaso sanitário.

As camas pareciam estranhas. Por que manter as camas longe da cozinha?

Então as paredes chamaram sua atenção. Grande parte do papel de parede havia virado pó e desbotado, mas em alguns lugares os desenhos em giz de cera apareciam, a cera desafiando o desgaste. Francis agachou-se ao lado da cabeceira da cama e passou as pontas dos dedos pelos desenhos de bonecos alegres com seu sol de desenho animado. Quanto mais ele olhava, mais desenhos começavam a se revelar, até ficarem ao seu redor, em todas as paredes. Desbotado, mas ainda lá.

As camas, os desenhos em giz de cera...

Os meninos eram pequenos demais para alcançar a janela, então desenharam o seu próprio sol.

Francis cobriu a boca.

Quantos foram mantidos naquela pequena sala e por quanto tempo?

Havia iniciais ao lado de alguns dos desenhos, e alguns nomes, como Tommy e Caleb... Francis se apressou, procurando apenas nomes. Ele tirou o telefone do bolso e tirou fotos, usando o flash para capturar as evidências.

Então ele viu duas iniciais que conhecia, brilhando sob a luz implacável do telefone.

VA

Poderia ter sido qualquer um, poderiam ser vários nomes diferentes, mas quando Francis tocou nas iniciais, ele soube. Vitari Angelini.

Ele se levantou rápido demais e cambaleou pela cozinha, pelo corredor principal, até a sala da frente. A cadeira ainda estava lá – a cadeira onde ele costumava se ajoelhar e esperar junto à janela, esperando o pequeno carro esporte vermelho do padre Charles Montague.

Ele limpou o suor do rosto e engoliu em seco. Ele não podia ir embora, ainda não. Tinha que haver mais para encontrar, mais... provas. Um escritório? Em algum lugar eles guardavam todos os papéis e registros? Ele olhou para a escada podre, depois imaginou que se conseguiu sobreviver à selva venezuelana, conseguiria sobreviver a uma escada frágil, e subiu, tomando cuidado para evitar o pior dos degraus.

Os quartos ficavam à esquerda, ele se lembrava disso, então virou à direita e manobrou por outro corredor inclinado e torto. Tábuas velhas do piso rangiam e gemiam. Uma segunda escada surgiu, antes escondida atrás de uma porta que havia sido novamente arrancada.

Ele olhou para o espaço estreito coberto de hera e teias de aranha. Ele tinha que ir até lá. Pode não haver outra oportunidade de voltar e se ele perder algo importante, nunca se perdoará. Estava tudo bem. Nada aqui poderia machucá-lo.

Ele acenou as teias se afastando e subindo para um sótão.

A luz solar fraca filtrava através de uma clarabóia imunda. Os documentos estavam espalhados, espalhados por duas mesas e por todo o chão. As crianças entraram e destruíram tudo. Ele vasculhou os papéis na mesa mais próxima. Cartas, faturas, relatórios. Algumas delas estavam desbotadas demais para serem lidas; alguns foram comidos por ratos. Foi uma bagunça. Ele ficaria aqui a noite toda tentando ler cada pedaço de papel. Ele pegou uma caixa, colocou os papéis dentro dela, depois foi até a segunda mesa e enfiou tudo lá dentro também. A poeira turvou o ar. Ele tossiu e pegou uma segunda caixa. Ele pegaria tudo e vasculharia mais tarde.

A primeira caixa em seus braços era quase mais larga do que a escada estreita, mas ele conseguiu descê-la, coletando mais teias de aranha no caminho, e correu para o carro. Destrancando o porta-malas, ele jogou a caixa dentro e voltou para pegar uma segunda.

Na terceira viagem, uma Mercedes azul estacionada a vários metros da rua chamou sua atenção.

Será que estava lá antes?

Alguém estava sentado ao volante, mas sob a luz do sol ele não conseguia ver o rosto ou o que estavam fazendo.

Não era nada. Apenas sua paranóia.

Já se passaram meses desde seu retorno da Venezuela, mas ele ainda saltava com as sombras.

Ele bateu o porta-malas e protegeu os olhos.

O motor do Mercedes ganhou vida. O carro saiu do meio-fio e seguiu em frente.

Provavelmente não significava nada.

Ele sentou-se ao volante do carro alugado e ligou o carro, depois parou perto de Stanmore, dando à casa uma avaliação longa e final. Ele não era o mesmo garoto que olhou pela janela com esperança.

Ele ainda tinha esperança, mas agora sabia que isso tinha um preço.

Ele terminou aqui.



O crepúsculo já havia chegado quando Francis chegou ao terreno da catedral. Não eram permitidos carros além dos postes de iluminação, então ele parou do lado de fora e abriu o porta-malas do carro.

Uma Mercedes escura estacionada do outro lado da rua, sob um poste quebrado, chamou sua atenção. Era o mesmo? Ele não sabia dizer se a cor era azul ou preta. Ele manteve a cabeça baixa e pegou uma caixa do porta-malas. Ele não poderia marchar até lá e exigir que o motorista se afastasse ou acusá-los de segui-lo – ele pareceria louco. Talvez o carro fosse da mesma marca daquele fora de Stanmore. Nem tudo era uma conspiração.

Ele carregou a caixa de documentos para o antigo prédio da escola, destrancou a porta do apartamento, despejou a caixa e correu de volta para fora.

A Mercedes ainda estava lá. Mas sem seu motorista. Ninguém se escondia por perto. Apenas fileiras de casas geminadas com as cortinas fechadas e luzes brilhando por dentro. Nem mesmo um cachorro latindo. Estava tudo *muito* quieto?

—Não é nada. — Ele transferiu o resto das caixas para dentro, certificou-se de trancar o apartamento e depois voltou para dentro do carro alugado. O carro deveria voltar às nove da noite. Ele tinha algum tempo para testar uma teoria. Ele

parou no meio-fio e verificou os retrovisores: o Mercedes não havia se movido. Depois de dar algumas voltas aleatórias, ele olhou novamente pelo espelho retrovisor. Nenhuma Mercedes.

Ele era um tolo. Não foi nada. Pulando com fantasmas.

Ele circulou por algumas ruas de mão única, chegou a um entroncamento e lá estava ela, a Mercedes azul, juntando-se ao tráfego mais adiante na rua.

Não é uma coincidência. Não é uma teoria de conspiração maluca.

Ele *estava* sendo seguido.

Seu plano era deixar o carro na locadora e depois pegar o metrô de volta para Westminster. No entanto, se alguém o estivesse seguindo, passear pelo metrô à noite estava fora de questão.

O que Vitari faria?

Atraia o perseguidor para um beco e ataque-o.

Francis estremeceu. Ele não poderia fazer isso.

Ele voltou para o terreno da catedral e estacionou o carro ilegalmente próximo aos postes de iluminação. Ele seria multado, ou talvez rebocado, mas preferia lidar com isso do que ser sequestrado novamente, ou pior. Em seu apartamento, ele trancou a porta e manteve as luzes apagadas. Ele deveria chamar a polícia? O que eles poderiam fazer? Nenhum crime foi cometido. E se ele estivesse errado?

Ele pegou uma faca no bloco da cozinha e voltou para a sala de estar. As pilhas de caixas Stanmore assomavam como fantasmas do passado que ele trouxera para casa.

Tudo ficaria bem.

Ele estava seguro aqui. Ninguém faria nada desagradável nos terrenos da catedral.

Os segundos se transformaram em minutos, em uma hora. Ele espiou através das cortinas do pátio, mas, tarde da noite, não havia ninguém por perto. Provavelmente não era nada. Por que alguém o seguiria? Todo o fiasco da Máfia já havia passado – tudo *isso* estava no passado.

Ele abriu as fotos em seu telefone e foi até as imagens dos nomes dos lápis de cera: VA

Era real. Todo o horror. Tudo o que Vitari havia dito.

Que pecado o trouxe aqui?

Você fez.

Ele foi mantido naquele horrível quarto escuro. Ele disse, na Venezuela, que estava... enfileirado do lado de fora, provavelmente na antiga sala de laticínios com porta triplamente trancada. *Eu sou um lixo, um daqueles que eles costumavam fazer fila no fundo e se revezarem para foder enquanto você ganhava uma passagem só de ida para a santidade.*

Palavras duras, para um ato terrível.

Francis colocou o telefone no peito, sobre o coração. Nenhuma criança deveria sofrer assim. Não era certo.

Francis pode ser o único que poderia fazer algo a respeito.

O abuso foi sistemático em Stanmore. Olhando para trás com olhos adultos, ele entendeu isso agora. Vitari e os outros garotos estavam escondidos como segredos sujos atrás daquela porta trancada. Eles estavam *arruinados*.

O que aconteceu em Stanmore não poderia ficar impune. Francis ia expor tudo.

CAPÍTULO TRÊS

Vitari

Roma estava barulhenta do lado de fora de sua janela, o que significava que já era tarde. Vitari rolou e olhou para o relógio. 10:30. Poderia ter sido pior. Merda, que dia era hoje? Onde ele deveria estar? Ele tinha saído com Neo, eles tomaram alguns drinks...

Alguém se mexeu na cama ao lado dele.

Ele olhou e seguiu a curva suave do ombro nu de uma mulher até o braço. O lençol cobria o resto. Porra, ele tinha esquecido o nome dela. Ele ficou tão bêbado que nem conseguia ter certeza do que eles tinham feito, se é que tinham feito alguma coisa. Embora ele estivesse nu também, então...

Ele deixou cair a cabeça para trás e piscou para o teto rachado do apartamento. Seus pensamentos se arrastaram, oprimidos pela cocaína e pela maconha que ele fumou. Tomar o produto, má jogada. Precisava se controlar ou se transformaria em Luca Espinosa.

Ele procurou o telefone na mesinha lateral, ignorou todas as mensagens na tela e – saindo da cama com a bunda nua – discou o número de *Frank em seus contatos*. Ele provavelmente não responderia.

Tocou e tocou. Ele não iria responder. Às vezes ele fazia isso, mas ultimamente não tinha...

—Angel.

Deus, ele adorava a maneira como Francis dizia seu nome quando não o devolvia como uma acusação. Vitari saboreou aquele som, deixou-o aquecê-lo até as bolas. Ele entrou na cozinha e apoiou os cotovelos na bancada, mantendo a mulher desconhecida à vista caso ela acordasse.

Francis parecia rude esta manhã. Que horas eram no Reino Unido?

—Onde você está? — perguntou Francis.

Vitari também saboreou aquilo, aquela *voz rouca, da madrugada seguinte*. O que ele estava fazendo que o deixava tão cansado? —Roma,— Vitari resmungou, mantendo a voz baixa para não acordar *qualquer que fosse o nome dela*. —Eu acordei você?— *Deus, por favor, diga que sim*. Ele podia vê-lo agora, todo cabelo bagunçado e olhos sonolentos, os lábios macios e carnudos, perfeitamente mordíveis.

—Não, eu... tive uma noite interessante.

Porra, ele estava ficando duro atrás do balcão e gostava disso também. Como havia uma mulher em sua cama, mas ele estava com Francis ao telefone e ele precisava do padre – ansiava por seu corpo ágil e pálido – mais do que qualquer coisa que aquela mulher provavelmente tivesse feito por ele.

Ele teve Francis só para si por uma noite – uma noite perfeita – e tudo o que isso fez foi aguçar seu apetite por mais. Ele precisava dele em suas veias, como uma droga. Quanto mais tempo Vitari passava fora, mais desesperada se tornava a necessidade. E essas ligações, tão proibidas, mas que valem cada segundo arriscado. —Porra, eu quero você, — ele sussurrou, ainda bêbado, chapado, ambos. Talvez ele não devesse dizer isso. Isso não mudaria nada, apenas pioraria a dor. —Eu sonho com você, — ele admitiu, —o tempo todo, porra.

—Eu...

Francis sonhou com Vitari? Ele estava prestes a dizer isso? Vitari molhou os lábios, trocou o telefone para a mão esquerda e colocou a direita no pau. Deveria contar-lhe como tinha o pau nas mãos, como isso o fez lembrar quando os dedos de Francis o agarraram, como ele se masturbou, em memória de Francis, mais vezes do que ousava contar desde a Venezuela?

—Angel?— *seja lá o que o nome dela dissesse.*

Vitari olhou para cima, nos olhos de sua sonolenta amante sem nome.

—Volte para a cama, — ela disse em um italiano suave.

—Isso é uma mulher? — A voz de Francis chegou ao ouvido de Vitari.

Vitari ouviu, uma nota de ciúme e algo mais. Choque, talvez. Pelo menos Francis não entendia italiano o suficiente para saber o que a mulher havia dito. — Não...— Ele estremeceu. Francis não era um idiota. —Sim?

—Eu entendo.

E agora ele parecia triste, e o coração de Vitari ficou todo retorcido e emaranhado em suas próprias restrições. —Não é desse jeito.

—Não importa.

Isso importava. Vitari deixou cair o pau. Ele se sentia um merda, como se tivesse feito algo errado, como se tivesse quebrado uma promessa, o que era ridículo. Ele e Francis não eram nada e nunca seriam nada. Foi uma aventura de uma noite, uma loucura num mundo distante, como um sonho.

Deus, ele desejou estar sonhando agora para poder expulsar a mulher sem nome e contar a Francis como ele estava fodendo a própria mão só por ele. Ele provavelmente odiaria isso também. Merda, Vitari não sabia como consertar isso — sabia que *não deveria* consertar. Era melhor assim. Corte Francis, como um câncer incurável. Mas Francis não era nada parecido com o câncer. Ele era gentil, e

ocasionalmente divertido, dolorosamente fofo, mas principalmente um pé no saco, e porra, Vitari queria ficar de joelhos e implorar por perdão.

—Sinto muito, — disse Francis. Por que diabos ele estava se desculpando? — Você tem sua vida e eu tenho a minha. Não sei o que estava pensando em atender. Você não deveria ligar mais.

Vitari esfregou a testa. Ele não poderia fazer isso com a cabeça cheia de drogas. Ele diria todas as coisas erradas e tornaria tudo pior. —Estou tão chapado agora. Esqueça que liguei. Esqueça tudo isso.

—Angel, espere...

Ele encerrou a ligação e abaixou a cabeça, passando a mão pelos cabelos. Não importava, porque nesse ritmo Francis deixaria de atender suas ligações de qualquer maneira, e então Vitari ficaria sozinho novamente, como sempre esteve.

—Volte para a cama, amor.

—Saia, — ele latiu, então se sentiu mal por isso também. De onde diabos vieram todos esses sentimentos? Merda, ele era um idiota, confirmado pelos muitos insultos variados e imaginativos que a mulher sem nome o chamava. Ela vestiu as roupas, saiu e bateu a porta.

Suspirando, ele apagou a ligação para Frank do histórico de ligações, como sempre fazia, e então jogou o telefone do outro lado da sala. Ele bateu na parede e quicou no chão.

E tocou.

Vitari saiu correndo de trás do balcão da cozinha, saltou sobre a cama e pegou o telefone. —Sim?— *Por favor, seja Francis, por favor, seja Francis, por favor seja...*

—Responda suas malditas mensagens. Giancarlo está vindo, — disse Sal. — Esteja pronto. — Ele desligou .

Vitari se deixou cair na cama e ouviu pela janela o trânsito caótico de Roma.

Giancarlo estava vindo para Roma, então era melhor estender o tapete vermelho, quando tudo o que ele realmente queria era pegar um voo particular para a Inglaterra, encontrar Francis, jogá-lo contra a parede e beijá-lo até que ele se desfizesse de sua consciência em suas mãos. Mesmo que isso significasse que seu pai cortaria sua língua.

—Porra! — ele gritou para o apartamento vazio.

Francis estava certo. Ele não deveria ligar para ele novamente. Mas ele faria isso.

Ele se levantou e cambaleou em direção ao banheiro. Ele tinha algumas horas para ficar sóbrio e se recompor, e então ele seria o leal Angelo della Morte.

Porque os negócios sempre vieram em primeiro lugar.



Giancarlo invadiu Roma como a realeza, trazendo consigo sua comitiva de velho sangue italiano. Pouca coisa mudou na forma como a Máfia operou nos últimos cinquenta anos. O don ainda era o rei em seu trono e tinha o dedo no pulso da Itália.

Mas a Battaglia existiria muito depois de Giancarlo e Vitari; como uma criatura de mito e lenda, se perdesse a cabeça, outra a substituiria.

Vitari cumprimentou seu pai em Buona Sera, depois desapareceu em segundo plano, cumprindo seu papel de segredo conhecido e cão de ataque. Apesar de todos saberem que ele era filho de Giancarlo, isso não atraiu atenção especial.

Na verdade, quase todo mundo o desprezava. Vitari foi examinado de todos os ângulos, daqueles que queriam ser ele e daqueles que o queriam fora do caminho. Havia inimigos por toda parte – no bar, na rua, atrás das grades da prisão, em sua própria casa.

Luca Esposito havia partido e seu irmão mais velho estava preso, cumprindo pena por assassinato, mas havia muitos outros, observando e esperando por um momento de fraqueza. Ele examinou a multidão. Buona Sera pulsava de ponta a ponta com celebridades da sociedade, políticos que precisavam de um pouco de graxa nas mãos e qualquer outra pessoa que Giancarlo mantivesse sob o calcanhar.

Vitari avistou Sal no bar e se aproximou. Seu abraço de urso esmagou Vitari. —Fratello! — Vitari agarrou o ombro de Sal e deu-lhe um aperto de boas-vindas.

—Você está bem?— Sal sorriu, empurrando-o de brincadeira. —Você parece bem. O ar de Roma ou são as mulheres, hein?

Vitari bufou. —Algo parecido. Você engordou, Sal?

Sal soltou uma risada. —Eu te disse, isso tudo é músculo. Você não gostaria de ter um pouco?

Ele riu e se acomodou no bar, então viu Neo na porta e acenou para que ele se aproximasse. —Você conheceu Neo?

Sal virou-se para dar uma boa olhada no homem que caminhava em direção a eles. —Ouvi falar dele. Ouvi dizer que ele está na cola de Giancarlo.

—Não mais do que o resto de nós. Ele está bem. —Vitari se aproximou, passou um braço em volta de Neo e o arrastou até o bar para apresentações.

Sal logo os fez rir. Eles se acomodaram no bar e um bom vinho fluiu, assim como conversas de negócios. A mina de ouro venezuelana estava novamente sob controle da Battaglia. Vitari fingiu desinteresse e apagou todas as lembranças

fodidas daquele desastre. Sal lançou-lhe alguns olhares conhecedores, já que foi ele quem encontrou Vitari em uma cama de hospital em Caracas. Todos sabiam que Vitari estava no meio disso, mas poucos sabiam dos detalhes. Só que Luca não voltou. O boato era que Vitari havia puxado o gatilho e esse boato combinava bem com ele.

A noite passou e Sal saiu para se encontrar com seu pai, o subchefe de Giancarlo, Pequeno Toni, deixando Neo no bar.

—Você viu seu cara pendurado na ponte?— Neo perguntou, ainda rindo dos comentários de Sal sobre os tomates enlatados serem o próximo grande ganhador de dinheiro.

—Que cara?

—Merda, você não viu?— Neo se inclinou, os olhos brilhando sob as luzes cintilantes do bar. —Você precisa começar a assistir as notícias. Ricky, o cara com quem negociamos, vendendo cocaína nas nossas ruas? O idiota foi pendurado pelo pescoço com pedras nos bolsos.

A mente de Vitari disparou enquanto ele forçava um sorriso superficial. Ricky, que ele contratou para obter respostas sobre o assassinato de Francis, faleceu em menos de quarenta e oito horas. —Não, eu não vi isso.

—O que? Eu tinha certeza que era você. —Neo sorriu como se a morte de Ricky fosse algum tipo de piada interna. —Deixá-lo ir e depois pendurá-lo em uma ponte? Parece o tipo de coisa que L'Angelo della Morte faria.

Vitari riu, esperando não parecer distraído. —Não dessa vez.— Alguém trabalhou rápido para calar Ricky. —Mas o cara merecia. Você não vende em nossas ruas e vai embora por muito tempo. Qual ponte?

—Ah, não sei. Não tenho certeza. Sisto, talvez?

A ponte exata que Ricky mencionou durante o encontro. Estranha coincidência. Ou ele havia falado ou alguém estava ouvindo a conversa. A sala estava grampeada?

Vitari olhou Neo pelo canto da visão. Neo: Lorenzo Bianchi. Inteligente, brutal, limpo. Ele era exatamente o tipo de sangue novo e ávido em que Battaglia prosperava. E ele absolutamente venderia Vitari para Giancarlo se achasse que isso lhe daria uma vitória com o Don.

Mas não havia nenhuma evidência disso, apenas a mente de Vitari tentando ligar os pontos para formar a imagem que ele procurava. Neo tinha sido confiável e leal. E tudo o que sabia era que Ricky mencionara um padre. Não havia razão para Neo levar mais nada.

Mesmo assim, Vitari perdeu a vantagem na rebatida.

Ricky fez as perguntas erradas a alguém?

O idiota não parecia o mais inteligente. Se ele tivesse falado sobre Vitari deixá-lo ir, os próprios DeSica poderiam ter acabado com ele.

Os DeSica estavam tentando agarrar Francis novamente? Parecia improvável. Eles sabiam, assim como a Battaglia, que o padre estava *protegido*.

Um homem de meia-idade, bonito, de olhos azuis e cabelos loiros, entrou no bar. Americano, pelo som do seu sotaque. Ele disse alguns olás em voz alta, parecendo ser bem conhecido, e então se dirigiu para o canto de Giancarlo.

Ninguém saiu da rua e foi até Giancarlo. Onde estava a segurança?

Vitari se endireitou. Algo nele parecia estranho. Os olhos azuis do americano fixaram-se em Giancarlo. Ele enfiou a mão dentro da jaqueta.

Vitari saiu do bar e em três passos bloqueou o caminho do homem. Vitari colocou a mão em seu peito e encontrou seus olhos azuis frios. —Pare aí.

Ele usava um colarinho de padre e os pensamentos de Angel tropeçaram ao vê-lo.

—Está tudo bem, Angel.— A voz profunda de Giancarlo borbulhou da cabine. —Padre Davis é um amigo.

—Mostre-me sua mão, — disse Vitari, não convencido de que não estava disposto a sacar uma arma.

Padre Davis endireitou-se. —Nome interessante, *Angel*. — De dentro da jaqueta, ele tirou uma pequena lata e a abriu, revelando uma fileira de charutos dentro dela. Não uma arma.

Vitari conhecia as pessoas, lia-as em segundos, e o charme de merda que esse padre estava emitindo ficou inquieto nas entranhas de Vitari. Ele estreitou os olhos, certificando-se de que o homem soubesse que estava no gelo fino.

—Deixe-o passar, — ordenou Giancarlo.

Ele baixou a mão e recuou, deixando o padre americano se aproximar de Giancarlo. Eles apertaram as mãos, trocaram gentilezas e Davis se sentiu confortável no círculo íntimo de Giancarlo, como se sempre tivesse pertencido.

—Você pode ir, — resmungou Giancarlo, poupando Vitari de um aceno de desdém.

Ele voltou ao bar e a Neo, que assistiu tudo acontecer. —Padre Davis,— Neo disse.

—Você o conhece?

—Conheço *ele*. Ele é o rosto chamativo da Igreja Católica Americana. Gosta de vir a Roma para dar o seu melhor. Ele está com o Vaticano. Mas não sabia que ele era amigo do seu pai.

Padre Davis não parecia o tipo de amigo que Giancarlo faria. Pessoas como um padre americano bonito e impetuoso foram notadas. Giancarlo deve ter uma utilidade para ele, talvez como intermediário entre o Vaticano e a Battaglia. O Vaticano nunca desceria tão baixo a ponto de ser associado ao crime organizado. Não publicamente. Mas esta era Roma, onde o crime e a religião eram as duas faces da mesma moeda antiga.

—Há algo sobre os sacerdotes, — Neo meditou. —Toda essa bagagem religiosa, depois acrescente o glamour e a teatralidade. — Ele gesticulou com sua taça de vinho, abrangendo o bar e seus ilustres clientes. —Quando tudo se mistura, você consegue alguns reais psicopatas. — Ele riu de sua própria avaliação, mas não estava errado.

A chegada do padre Davis estragou o humor de Vitari, e ele nem sabia por quê. Davis parecia charmoso, simpático e tocava na mesa de Giancarlo como se fosse o entretenimento contratado. Talvez ele fosse. Mas, como tudo mais desde o retorno de Vitari da América do Sul, as coisas não pareciam certas.

Neo partiu em busca de melhor companhia, já que o humor de Vitari havia piorado. Pouco depois, Sal reapareceu, exibindo seu sorriso típico.

—Ei cara, você deixou cair isso. — Ele ocupou o lugar de Neo no bar e deslizou o telefone de Vitari no balcão.

—Merda.— Ele não tinha ideia e não conseguia se lembrar da última vez que o tivera. —Obrigado. Ei, o que você acha do padre americano?

Sal bufou e seguiu o olhar de Vitari até o homem em questão. —Padre Davis? Aspirante a um parasita. Gosta de usar cocaína nos seios das meninas filipinas e no dia seguinte afirma que é um santo.

Vitari deveria ter perguntado a Sal primeiro. Parecia que eles se conheciam.
—Você o conhece?

—Papai o conhece. Odeia o filho da puta. Diz que não tem integridade.

Seu pai, Toni, também estava sentado na mesa e, pelos sorrisos finos e pela expressão carrancuda de seus olhos escuros, ele também não parecia muito satisfeito com a presença do padre Davis. Interessante...

Se o Padre Davis tivesse vícios, então teria sido apanhado em algum tipo de ato comprometedor, que Giancarlo usaria como alavanca. —Por que ele está aqui?

—Mesma razão que todos os outros: acariciar o ego do seu pai.— Sal deu as costas para a sala e olhou para Vitari. —Você ouviu que há um ataque ao seu padre?

—Ele não é meu padre, — Vitari murmurou. —Alguém deseja morrer.

—Você não tentou entrar em contato com o padre Scott, talvez avisá-lo?

Vitari estreitou os olhos. —Não. — Por que seu amigo de repente ficou tão interessado em Francis? —Por que diabos eu faria isso? — Ele sabia das fotos de Francis dando-lhe uma das melhores punhetas de sua vida? Giancarlo não teria contado a ninguém, mas Luca poderia ter contado antes que Francis disparasse seu coração para fora do peito. A lista de pessoas que Luca poderia ter contado era interminável, incluindo seu irmão na prisão. Se seu irmão soubesse, então o mundo inteiro provavelmente saberia.

—Sim, certo, por que você faria isso?

Vitari não gostou do tom de Sal, ou de como ele disse isso com aquele sorriso malicioso e conhecedor. Foi tudo diversão e brincadeira até que Vitari tivesse a língua cortada pelo pecado de desejar homens.

—Só estou cuidando de você, cara, — disse Sal, seu grande sorriso desaparecendo.

—Não. Deixei toda essa merda para trás na Venezuela. — *Essa merda* abrangia tudo o que Sal pensava que sabia e nada mais precisava ser dito. Sempre.

—Apenas tome cuidado, Angel.

Vitari ignorou a preocupação de Sal e agarrou o ombro do amigo. É hora de aliviar o clima e mudar de assunto. —Estamos aqui, no topo da porra do mundo. Nada pode nos tocar. Outro round? Algo mais forte? Sua primeira noite em Roma por um tempo. Deixe-me mostrar como isso é feito.



Giancarlo saiu do piano bar perto do amanhecer, mas em vez de soltar Vitari, convocou-o para ir em seu carro de volta à villa. Eles trocaram conversa fiada, mas foi tão estranho como sempre. A única vez que Giancarlo pareceu relaxar foi quando ameaçou Vitari.

A grande villa era composta por quartos amplos, um exército de funcionários, jardins luxuosos e uma piscina que parecia convidativa quando o sol começava a nascer.

Mas não era uma casa. Muitos olhos e ouvidos na equipe.

Vitari retirou-se para seu quarto – um espaço insípido e sem alma, com tanto caráter quanto uma suíte de hotel – e durou vinte minutos antes de vagar pela casa. Encontrou o pai à beira da piscina, sozinho, fumando o talentoso charuto do padre Davis. Parado nas sombras, Vitari pensou em partir. Se ele dissesse boa noite, estaria errado. Se ele saísse sem falar com ele, isso também seria errado.

—Venha aqui.

Vitari se aproximou. Que diabos de ameaça ele estaria recebendo agora? Ele provavelmente estava muito visível, muito barulhento ou pouco visível. Ele aprendeu, há muito tempo, que não conseguia fazer nada certo.

—Sente-se, — disse Giancarlo, gesticulando com a ponta acesa do charuto para que Vitari se sentasse à mesa ao lado dele. Enquanto Vitari estava sentado, Giancarlo perguntou: —O que você acha do padre Davis?

Vitari suspirou e semicerrou os olhos para o sol nascente. —Não o conheço.

—Primeiras impressões?

—Eu não confio nele. Ele é falso, ansioso para agradar você. Ouvi falar que ele não tem integridade.

—Bem, então parece que você o *conhece*. — Um dos raros sorrisos de Giancarlo aqueceu Vitari como o sol nascente, e assim, sentado à beira da piscina no doce ar da manhã, com a brisa farfalhando as palmeiras e o mundo tranquilo, ele parecia que Giancarlo era um homem normal, um *pai normal*. Não um pai que colocou uma arma na mão de Vitari aos dezesseis anos e lhe disse para matar um homem.

—Quem é Frank?— Giancarlo perguntou, ainda sorrindo.

—Frank?— Vitari repetiu, como se seu coração não tivesse parado. Como diabos Giancarlo sabia esse nome?

—Sim, Frank. — Giancarlo deu uma tragada no charuto e soltou fumaça em direção ao céu. —Quem é ele?

—Eu não... eu...

—O número dele está no seu telefone.— Giancarlo inclinou a cabeça, esperando a resposta.

Telefone de Vitari. Ele havia perdido o controle na noite anterior. Sal devolveu-o e perguntou por Francis.

Porra, Sal pegou o telefone de Vitari e deu para Giancarlo. O bastardo traidor! O coração de Vitari bateu na garganta. —Frank é um contato.

—Mas você não liga para ele e ele não liga para você? Não há histórico em suas listas de chamadas. Então, por que o nome dele está aí?

Ele apagou todas as ligações, pensando que isso apagaria qualquer evidência incriminatória, mas não percebeu que a falta do número de Frank no histórico de chamadas seria uma prova definitiva. Ele tinha duas opções: ser honesto, confessar tudo e torcer para que Giancarlo estivesse de bom humor. Ou mentir e torcer para que ele não soubesse quem era Frank. A honestidade sempre foi melhor quando se tratava de Giancarlo, mas a honestidade neste caso poderia fazer Vitari perder a língua. Ou pior.

Mas ele não tinha *visto* Francis. Acabou por ligar para ele.

Seu pai ameaçou cortar sua língua se Vitari chupasse pau, o que ele não fez.

—Vou te contar isso agora, meu filho, — Giancarlo deu uma tragada no charuto. —Só porque somos sangue, isso não te perdoa em seu pecados.

Vitari estremeceu. Não havia dúvida de que Giancarlo sabia que estava ligando para Francis.

Giancarlo apoiou o braço na mesa e olhou para Vitari. —Olhe para mim.

Vitari olhou, mantendo o queixo erguido, mesmo com vontade de cair de joelhos e implorar por perdão e jurar que nunca mais faria isso.

Giancarlo apontou o charuto para ele, pontuando suas palavras seguintes. — Eu tirei você da Inglaterra. — Seu pai fez uma pausa, selecionando cuidadosamente as próximas palavras. —Eu trouxe você para minha casa e fiz de você quem você

é. Fique longe do padre e do passado. Há coisas das quais nem eu posso proteger você.

Essa... não era a crítica que ele esperava. Quase parecia que Giancarlo *se importava*.

—Entendeu?

Vitari assentiu. —Sim Pai.

Giancarlo recostou-se. Cinzas choveram da ponta do charuto. —Não me decepcione, Vitari, e um dia, tudo o que construí – e meu pai antes de mim, seu avô – será seu.

Um estranho tipo de calor cresceu dentro dele, um sentimento de pertencimento, um sentimento de orgulho. Ele nunca sentiu isso como antes. Ele sempre foi empurrado para o escuro, trancado, o segredo sobre o qual ninguém queria falar. As palavras de Giancarlo implicavam que havia um lugar em sua vida para Vitari. Não apenas um lugar, um trono.

—Eu não vou decepcionar você.

—Bom garoto.

Vitari recostou-se, com o coração disparado, e observou o nascer do sol ao lado do pai.

CAPÍTULO QUATRO

Francis

A Academia Católica para garotos St Andrews em Westminster era conhecida por seus eventos de caridade, apoiados pela catedral e por seu amado Arcebispo Montague.

Francis compareceu à festa de primavera de hoje no campo de jogos da escola a pedido de Montague, e logo ficou claro que a verdadeira intenção era rebaixar Francis a assistente de busca e transporte, enquanto o arrojado, agora sem barba, Montague absorvia toda a atenção dos governadores de escolas. Montague irradiava um encanto inofensivo, o mesmo encanto que inicialmente atrairá Francis, e quanto mais o dia da festa se prolongava, mais as mães bajulavam Montague e os pais riavam com ele, e mais Francis fervia por dentro.

Montague rapidamente se ajoelhou diante das crianças, pegou suas mãos e disse-lhes que sempre teriam um amigo em Deus.

Francis tentou concentrar-se em ser o exemplar sacerdote ele deveria ser: um pilar de orientação e compreensão, uma mão firme e um conforto para todos aqueles que o procuravam. E como ganhou notoriedade, passou grande parte do dia se defendendo de perguntas sobre seu sequestro pelas mãos da Máfia. Mas o tempo todo ele manteve Montague no canto do olho.

O dia passou sem muitos conflitos, até que Montague, sentado a uma mesa de piquenique entre os funcionários da catedral, colocou a mão na coxa de um menino com o que parecia ser um simples gesto de conforto.

O passado voltou com tudo. Montague o tocou dessa maneira. Antes que as coisas piorassem.

Francis pediu licença a um grupo de pais e abordou Montague. —Posso dar uma palavrinha, Arcebispo?

Montague ergueu os olhos da cadeira. —Oh, padre Scott, o que é isso? Você está bem? Você parece... confuso.

Alguns funcionários também olharam. —Em particular, se você puder.

—Estamos bastante ocupados...

Francis agarrou o pulso do arcebispo. Afastando-o de olhares indiscretos, ele sussurrou: —Não toque nele.

Montague soltou o braço e seus olhos azul-acinzentados brilharam. —O que deu em você?

O menino saiu correndo e foi procurar seus pais.

Francis sustentou o olhar de Montague enquanto o arcebispo se levantava. Ele sabia muito bem o que havia acontecido com ele.

—Acho que talvez você devesse ir embora, — aconselhou Montague. — Discutiremos esse comportamento mais tarde.

Alguns pais se viraram para assistir. Pessoal da igreja também. Este não era o lugar para discutir. Francis saiu correndo do terreno da escola e caminhou um quilômetro pelas ruas de Westminster até a catedral. Uma vez lá dentro, ele se fechou em seu escritório e andou de um lado para o outro. Ele assistiu o arcebispo e pensou que talvez tudo o que Montague havia feito no passado tivesse sido único, por causa da forma como Francis o encorajou. Mas agora, vendo o arcebispo entre crianças, e se Francis estivesse errado? E se os desejos predatórios de Montague não tivessem acabado?

Abriu a gaveta da escrivaninha e, entre as páginas do livro de salmos, tirou a foto dos meninos Stanmore. Depois, ligando o laptop, abriu um navegador e procurou os nomes dos meninos. Com a equipe ocupada no evento beneficente, o escritório ficou silencioso. Montague demoraria várias horas para voltar. Este foi o momento perfeito para pesquisar os outros. Se pudesse encontrá-los, conversar com eles, construiria um caso mais forte contra Montague.

Francis digitou *Robbie Johns*, o garoto que quebrou o pulso ao escalar a parede dos fundos. Robbie era quieto, retraído e alvo de alguns dos outros garotos maiores. Na foto, seu cabelo era longo, na altura do queixo, e um esfregão preto bagunçado com franja cobrindo os olhos. Francis adivinhou sua idade e adicionou a área local à pesquisa para restringir os resultados.

Vários resultados possíveis surgiram, mas uma notícia chamou sua atenção primeiro.

Robert Johns, de dezenove anos, morreu de overdose de drogas.

Francis clicou em mais alguns links e encontrou uma foto de Robbie tirada depois de Stanmore. O artigo explicava que ele tentou ingressar no exército, mas não foi selecionado.

Francis procurou outro nome em seu passado e, depois de mais pesquisas, descobriu que ele havia morrido por suicídio.

Ele procurou outro nome, sem encontrar resultados. Então outro. Acidente de carro. Dirigir bêbado.

Eles estavam todos mortos?

Eles não poderiam estar. Talvez, por estar pesquisando na internet, só aparecesse quem estava nas manchetes, e os outros estavam vivos e bem, vivendo vidas tranquilas e normais, com famílias normais.

A porta do escritório se abriu e Montague entrou, com seu manto preto esvoaçante. —Sua conduta anterior foi totalmente imprópria para um homem de sua estatura. Isso irá para o seu relatório de desempenho.

Francis ergueu o olhar por cima da tela do laptop. Seu coração bateu forte, os instintos entrando em ação para se defender. —E quanto à sua conduta?

—O que você acha que eu fiz, Francis?— ele perguntou, circulando ao redor da mesa para parar ao lado de Francis.

Ele não tinha *feito* nada e sabia que Francis não poderia provar nada. Ele sempre foi *cuidadoso*.

Shh, não faça barulho, esse será o nosso segredo.

Essas palavras, ditas há muito tempo. A primeira vez que ele foi tocado.

Montague dissera *segredo* como se fosse divertido, como se o que eles estavam fazendo não fosse errado, mas excitante. E foi, porque, na sua inocência, Francis *gostou*.

—Onde você conseguiu essa foto?— Montague estendeu a mão para pegar a foto dos meninos Stanmore.

Francis a pegou de volta. —Boas lembranças?

A fúria contida beliscou o rosto de Montague. —Como você ousa.— Um fio de ameaça real surgiu em suas palavras. —Desde que você voltou da Venezuela, você tem sido... diferente. Não gosto de dizer, mas você parece estar sofrendo de algum tipo de estresse pós-traumático.

A única coisa que ele sofria era a confiança para falar a verdade. —Quantos desses meninos você preparou para fazer sexo ou fui só eu?— O coração de Francis acelerou de medo agora que ele havia contado o segredo em voz alta.

A garganta de Montague se moveu enquanto ele engolia. As costas dele endireitou-se, os ombros subindo, como um urso em pé. —Você está enganado. Você...

—Não, eu não penso assim. Lembro-me claramente dos fins de semana em sua casa, nos quais você era *muito* minucioso com seus ensinamentos.— Essas palavras eram reais, assim como as memórias, e vindas de seus lábios, ditas em voz alta pela primeira vez em mais de uma década. Quanto mais ele falava, mais acendia o pavio e mais o fogo dentro dele queimava, aumentando a raiva que ele vinha mantendo sufocada por tanto tempo que se tornou parte de sua alma.

Montague olhou e respirou com dificuldade pelo nariz. —Seu pequeno pervertido. Isso foi *a sua* culpa. Você com suas perguntas e comoventes. Eu não teria... eu não queria...

—Eu tinha onze anos.

Montague desviou o olhar. —Eu resisti, mas você...

—Eu o quê?— Francis também respirava com dificuldade, ainda sentado na cadeira, como se estivesse fixo nela. —O que você acha que um júri vai pensar se você transar com um garoto de onze anos, quer eu tenha encorajado você ou não? Eu era criança, você estava em uma posição de autoridade. E, francamente, as coisas que você fez comigo não foram por acidente, arcebispo. Eu não perguntei se poderia chupar seu pau. —Sim, suas palavras açoitaram o arcebispo como um chicote, e foi *bom* ter os pecados expostos entre eles.

Montague cerrou os punhos ao lado do corpo. —Seu filho da puta.

—E aí está você, aí está a verdade. Você enganou todo mundo, mas eu não, não mais. Eu não sou o mesmo garoto que você...

Montague atacou. Seus dedos grossos envolveram o pescoço de Francis e o empurraram ainda mais para dentro da cadeira. Ele engasgou, agarrou a mão e se contorceu, mas o peso de Montague era o dobro do seu, como sempre foi. Ele estava lá novamente, embaixo dele, incapaz de se mover, confuso, se perguntando se ele fez isso acontecer, se ele estava quebrado, se foi tudo culpa dele, porque ele o encorajou, disse a ele, em seu jeito estúpido e inocente, como ele o amava e queria ser igual a ele. Montague disse que faria isso acontecer, e tudo que Francis precisava fazer era manter o segredo.

—Você me arruinou, — Montague rosnou, seus olhos tão grandes e injetados de raiva, seu aperto esmagador, seu cheiro dentro da cabeça de Francis novamente. —Você me tentou. Tudo isso é culpa sua!

A mão de Montague pousou na virilha de Francis, tateando sua batina.

Francis engasgou e resistiu, desalojando-o. Ele chutou, forçando Montague a sair, e engoliu em seco.

Montague sorriu e agarrou a fotografia amassada como uma bandeira de vitória. Ele esmagou-o com o punho. —Fique longe do passado, Francis, ou você acabará como todos eles. — Ele saiu do escritório, levando a foto consigo, e bateu a porta.

Francis fechou os olhos. Seu coração galopou, tentando escapar. Ele esfregou a garganta e estremeceu com a queimadura. Ele deveria ter feito mais, dito mais, mas quando Montague o segurou, ele foi jogado no passado e preso lá, enterrado sob o peso da vergonha e da culpa.

Ele engasgou com o ar e balbuciou ou soluçou – tudo parecia igual. A culpa o cobriu novamente, como se ele tivesse rolado em óleo grosso, do tipo que não sai. Sua pele se arrepiou. Ele se sentia imundo, exposto, virado do avesso. Fazia anos

desde que Montague o ameaçou, o tocou, mas agora parecia que foi ontem, como se seus pecados passados estivessem na sala agora.

—Deus, venha em meu auxílio, e Senhor, apresse-se em me ajudar. — Ele vasculhou a gaveta da mesa em busca de seu celular pessoal, pegou-o e discou o número de Vitari. Ele ainda não conseguia respirar, mas tudo ficaria bem, ele procuraria Vitari. Francis *nunca* ligou para ele. Ele precisava dele agora, precisava ouvir sua voz.

—...Eu não posso falar agora.

Um soluço ficou preso na garganta de Francis. Ele não deveria ter ligado. O que ele estava pensando? Vitari não se importaria. Ele tinha mulheres em sua cama, outras pessoas em sua vida. O que quer que eles tivessem, não existia mais.

—O que está errado?

Ele respirou, engoliu e esfregou a garganta. —Eu, uh... Deus.— Ele apertou o punho no cabelo e fechou os olhos com força.

—Deixe-me chegar a algum lugar, espere...

Ele ouviu Vitari se movendo. O trânsito zumbia e buzina ao fundo, uma porta se fechou e agora o trânsito estava mais barulhento. Vitari estava em uma rua em algum lugar, num mundo totalmente diferente de distância.

—Francis, o que é isso? O que aconteceu?

Ele engoliu em seco, engasgou, soluçou. Odiava a si mesmo, odiava o modo como aquilo soava e odiava o modo como ele chamava Vitari, que o consideraria fraco, patético. Vitari não desmoronou quando outro homem agarrou seu pau. Ele provavelmente colocaria uma bala na cabeça daquele homem.

—Francis, fale comigo. Merda, você está ferido? Você precisa de ajuda?

—Eu preciso de você...— Francis resmungou. —Para me ajudar... matar um homem.

Vitari inalou. —Tenha muito cuidado com o que você pede.

Francis enterrou o rosto na mesa e se esforçou para parar de tremer. Ele desejou estar de volta à Venezuela, entre pessoas honestas e gentis. Westminster era o Inferno comparado a El Cristo, mas mesmo isso terminou em desastre. —Eu não posso estar aqui. Eu não posso fazer isso.

—Ei, seja lá o que for, você vai vencer. Você me ouve?

Queria contar-lhe tudo, mas Vitari também sofrera, sofrera mais que Francis. Ele achava que as coisas eram fáceis para Francis em Stanmore, e ele tinha, em comparação com Vitari. Vitari havia deixado suas iniciais rabiscadas na parede do quarto escuro. Francis não tinha o direito de ser tão idiota quando o sofrimento de Vitari tinha sido cem vezes pior.

—Ei, você se lembra da casa em El Cristo?— Vitari perguntou. —Você se lembra daquela noite? foi uma boa noite. Uma das melhores. Posso estar a alguns países de distância, mas se você se lembra, então estou lá, com você... se precisar que eu esteja.— Sirenes passaram por Vitari. —Merda, não posso falar por muito tempo.

Francis lembrou-se daquela noite; ele raramente dormia sem pensar em como tinha sido livre com Vitari. Livre de culpa, livre de vergonha. Livre de tudo. Mas aquela noite tinha sido um sonho num mundo de pesadelos sem fim.

—Eu, uh...— Francis suspirou. —Desculpe.— Ele fungou. —Não sei por que liguei. Eu só... acabei de fazer.

—Estou feliz que você fez.

Ele caiu de volta na cadeira com o telefone colado ao ouvido. —Queria que você estivesse aqui.

—Sim?

—Eu despertei velhos fantasmas e não tenho certeza se posso bani-los sozinho.

Vitari respirou fundo. —Certo, então você precisa dos meus punhos, hein?— Outra voz murmurou ao fundo da ligação. —Eu tenho que ir.

—Sim. Claro.— Francis passou a mão pelo rosto. Ele não sentia mais que estava desmoronando, então isso era bom. Mas ele não queria que a ligação terminasse. Vitari o acalmou, fez tudo parecer possível, fez com que ele se sentisse... mais seguro. O que não fazia sentido, já que Vitari era o homem mais perigoso que ele conhecia.

—Ei, Blanco Padre, você é o padre mais corajoso e durão que existe. Você não precisa de mim para banir seus demônios.— Ele ouviu o sorriso de Vitari e sorriu também. —Diga-me que você está bem? Diga-me que você consegue isso.

—Eu sou. Ok, quero dizer. E eu tenho isso... *tenho* isso.

Vitari desligou, deixando Francis com o telefone no ouvido. —Mas eu preciso de você, — ele disse ao tom de discagem.

Foi uma loucura agarrar-se àquela noite entre eles como se isso significasse alguma coisa.

Ele não deveria ter ligado para ele. Mas ele estava feliz por ter feito isso.

Vitari o salvou sempre que ele estava se afogando.

Ele desligou o telefone e suspirou para dissipar o pânico.

Ele havia perdido a foto dos meninos Stanmore para Montague. Mas ele também ganhou novas informações. Montague ameaçou que Francis acabaria

como todos eles. Os meninos estavam todos mortos e Montague sabia disso, talvez estivesse por trás disso? Tudo o que Francis precisava era encontrar provas para condenar o arcebispo.

Provas que deviam estar nas caixas do apartamento dele.

Ele saiu correndo de seu escritório em direção ao prédio de apartamentos no extremo oposto do terreno da catedral. Os postes de luz ganharam vida à medida que o anoitecer se aproximava. O tráfego distante de Londres murmurava. Francis entrou na capela convertida e subiu correndo as escadas. Ele derrubaria Montague com fatos. Era a única forma legítima. Encontrar algo que ligasse Montague ao abuso, para provar que ele era cúmplice do que acontecia em Stanmore, e ele não podia negar.

A porta do apartamento estava entreaberta.

Ele parou no patamar. Alguém estava em sua casa? Seu perseguidor do Mercedes azul? Ele pegou a chave da porta com a mão fechada, projetando a ponta entre os dedos e empurrou suavemente a porta. Na escuridão, uma coisa ficou imediatamente clara: as caixas Stanmore haviam desaparecido.

Todos os papéis, os documentos, provas potenciais. Desaparecidos.

Ele verificou o resto dos quartos, mas quem havia levado as caixas já havia saído há muito tempo. Provavelmente quando ele esteve na festa. Ele sufocou um grito.

Se eles estavam tão desesperados para silenciá-lo, por que simplesmente não o mataram? Os outros estavam mortos. Todos os garotos Stanmore! Por que Francis ainda respirava?

A Igreja.

Francis estava *protegido*.

Montague foi o único que o manteve vivo? O arcebispo era dono dele em todos os outros aspectos, então por que não isso também? E se Francis testasse essa proteção? E se ele voasse para Roma? Quão protegido ele estava? Eles viriam buscá-lo lá?

Ele não poderia fazer isso; ele nem saberia o que fazer em Roma, nem como encontrar Vitari. Vitari tinha sua vida, que incluía mulheres em sua cama e todas as coisas das quais Francis tentou fugir. Mas e se Francis tivesse fugido das pessoas erradas durante todo esse tempo?

Ele tentou fugir, mas sempre parecia acabar de volta ao Inferno.

Ele tinha que fazer alguma coisa. Ele não podia ficar, sabendo que eles estavam dentro de seu apartamento, fazendo suas pesquisas, o observando...

E se ele fosse direto para o topo? Crime, política, religião. Roma.

E se ele fosse para o único santuário verdadeiro que conhecia? O Vaticano.

CAPÍTULO CINCO

Vitari

Vitari emboscou Sal na ala leste da vila, lutou com ele pelo colarinho e bateu seu corpanzil contra a parede. Sal grunhiu, surpreso, e ergueu os braços. —Uau, cara!

—Seu filho da puta, você deu meu telefone para Giancarlo.

—Eu precisei.— Ele balbuciou. —Ninguém diz não ao seu pai.

Isso era verdade. Vitari olhou nos olhos do amigo. —Algum aviso teria sido bom.

—Você ainda reagiria assim.

Jesus, Vitari não poderia ficar bravo com ele quando ele teria feito a mesma coisa em sua posição. Ele se afastou dele e Sal baixou as mãos, depois endireitou o terno. —Desculpe, Angel,— Sal resmungou. —Estamos bem?

Vitari revirou os olhos e ofereceu a mão, depois puxou Sal da parede. —Você está comendo demais a puttanesca³ da sua mãe?

—Músculo,— Sal corrigiu. —E você poderia usar alguns. Eu poderia colocar você de bunda no chão com os olhos fechados.

Eles riram e Vitari deu um soco solto em Sal. Sal desviou e atacou de volta. Foi tudo inofensivo. Quando Sal acertou um soco de verdade, seu alvo não se levantou.

³ Um dos pratos mais conhecidos da cozinha italiana, o spaghetti alla puttanesca popularizou-se em Roma, mas nasceu na ilha de Ischia, no golfo de Nápoles. De preparação rápida, é feito com massa longa e molho à base de tomates, alicie, alcaparras, azeitonas sem caroço, alho e pimenta vermelha.

Eles passearam juntos pelos jardins, aproveitando a luz do sol. —Mais um maldito dia no paraíso.— Sal sorriu. —Como vão *as coisas* com Giancarlo?

—Sim. Tudo bem. Legal. Suspeito.

—Talvez ele tenha percebido que está envelhecendo e você é sua melhor aposta como herdeiro?

—Não sei, cara. Sempre pensei que o pequeno Toni fosse a próxima da fila?

—Sim, mas meu pai não é de sangue, Angel. Você acha que Giancarlo te odeia? Ele odeia todo mundo. É mais seguro assim.

Talvez, mas improvável. Vitari era dispensável. Sempre foi. O que tornava a conversa pai/filho à beira da piscina incomum.

Seguiram andando, conversando sobre Roma, sobre os negócios, sobre a vida. Sal era a única pessoa com quem Vitari conseguia conversar daquele jeito, como se cada palavra sua não estivesse sendo pesada e medida. E ele precisava disso. A paranóia o consumia, especialmente quando informantes como Ricky saltavam de pontes logo após conversar com Vitari. Ele odiava pontas soltas.

—Então, escute, seu padre está em Roma, — disse Sal.

O coração de Vitari disparou. Ele parou no caminho de cascalho do jardim. —O que...— Ele derrubou as barreiras mentais, mas Sal ouviu seu choque. Vitari olhou para o céu e contou até cinco. Francis estava em Roma? —Ele não é meu padre.

—Estou lhe contando agora para que seu rosto não faça *tudo isso* ...— Ele acenou para o rosto de Vitari. —...quando Giancarlo te contar.

—Não é... é...— O que foi exatamente? Ele pensou que Francis estava embrulhado em segurança e em alguma catedral enclausurada, longe do mundo de Vitari. Mas não. Ele estava em Roma, no quintal da Máfia. Com um golpe em sua

vida. Claro que ele estava, porra. Ele era Francis. Se tivesse problemas, ele tropeçou neles.

—Tanto faz, Angel, mas estou lhe contando isso porque você precisa ficar longe dele, — disse Sal. Todos os seus sorrisos e maneiras descontraídas desapareceram, substituídos pelo executor duro e frio que não hesitaria em seguir as ordens. —Alguma coisa está acontecendo, peças estão sendo movidas e não nos dizem por quê. Até o Papá fica quieto quando o assunto é igreja. Amo seu pai, mas não confio nele. Vitari, para seu próprio bem, fique longe do padre.

Todo mundo estava tão ansioso para alertá-lo sobre Francis. Vitari torceu o nariz. —Está bem. Por que eu iria vê-lo? Toda a porra da operação na Venezuela foi um fiasco por causa dele.

Sal sorriu e passou o braço em volta de Vitari. —Certo. Claro. Talvez exclua o número dele do seu telefone, hein?

Vitari meio que riu. —Certo.— Ele puxou o telefone do bolso, mostrou a Sal o nome de Frank e clicou em *excluir contato*. —Você vai contar isso para Giancarlo?

Sal riu, mas o som foi tenso, assim como o sorriso de Vitari. Conversaram, riram e caminharam mais um pouco, como se tudo estivesse bem.

Vitari não precisava do número do telefone de qualquer maneira. Ele havia memorizado isso há muito tempo.



O Vaticano era o seu próprio estado dentro de Roma, com as suas próprias leis, polícia e governo – e tudo respondia à Igreja Católica.

Tal estado parecia muito com a Máfia, mas em vez de adorar a Deus, os Battaglia adoravam o status, a honra. E dinheiro.

Vitari atravessou apressadamente uma das muitas pontes e atravessou fluxos de turistas. Ao se aproximar dos limites da Cidade do Vaticano, um guarda conhecido acenou para que ele passasse por uma entrada pessoal fechada, escondida em um beco lateral estreito.

Cada vez que pisava no solo sagrado do Vaticano, esperava entrar em combustão devido ao pecado. Isso não aconteceu hoje. Ele caminhou pela rua quase vazia. Vozes ecoaram de algum lugar próximo. Ele não poderia ficar muito tempo. O Vaticano tinha tantos olhos quanto a Battaglia, e seu rosto provavelmente era conhecido. Ele não precisaria ter vindo se Francis tivesse atendido o telefone.

Ele tentou ligar para ele, gritar com ele, dizer-lhe para dar o fora de Roma. Mas ele não respondeu. O que deixou Vitari sem escolha.

O Vaticano – atrás da Basílica de São Pedro – era um labirinto extenso e emaranhado de antigas estradas muradas, antigas casas geminadas de calcário, igrejas, pináculos, ameias, jardins bem cuidados e estátuas de anjos e demônios, como um romance de fantasia vivo. Ele caminhou rapidamente até um pátio aberto emoldurado por intermináveis arcos de pedra calcária e depois recuou, tentando se orientar. Francis não estaria nem perto do ponto turístico da via principal. Ele estaria escondido a leste, entre os edifícios residenciais, com todos os seus outros companheiros sacerdotais.

Vitari abriu o mapa em seu telefone. Ele estava no lugar certo. Ele só tinha que esperar e torcer para que ninguém suspeitasse.

Depois de andar de um lado para o outro por trinta minutos, ele chutou algumas pedras perdidas. Isso foi ridículo. Ele não deveria estar em lugar nenhum perto do Vaticano. Ou Francis. Giancarlo teria suas bolas.

Então, por sorte ou destino ou talvez até mesmo por Deus, uma porta próxima se abriu e todas as preocupações e dúvidas esvaziaram a cabeça de Vitari.

Francis caminhava rápido, vestido preto esvoaçante, olhos à frente, em uma missão para salvar alguém ou alguma coisa, em total contraste com a última vez que Vitari o viu, apontando uma arma para Luca. Esse lado brutal e implacável de Francis não tinha nenhuma semelhança com este lado equilibrado e gracioso, mas ele estava lá. Ingênuo, mas implacável. Doce, mas astuto. A contradição era metade de sua atração, isso e sua capacidade de ver o bem onde não havia nenhum. Se Deus não queria que seu discípulo fosse fodido, por que torná-lo tão fodível? Embora conhecesse os católicos, a tentação irresistível era o ponto.

Vitari correu pelos arcos para interceptá-lo.

Francis o odiaria por isso. Vitari *gostou* desse pensamento. Ele viveu para conseguir uma ascensão de Francis, qualquer que fosse a forma que essa ascensão assumisse.

Ele se ajoelhou, pegou a mão de Francis, ouviu seu suspiro e beijou o dorso de seus dedos. Sim, isso foi perfeito. Ele olhou para cima e sorriu diante do choque no rosto de Francis.

O coração de Vitari ganhou vida. Já fazia muito tempo desde a Venezuela, tanto tempo desde que ele se sentiu assim, como se tivesse ganhado vida. A primeira vez que se conheceram, numa igreja inglesa no meio do nada, Vitari também estava de joelhos. Muita coisa mudou, mas também permaneceu a mesma.

Francis olhou ao redor freneticamente. —Como você chegou aqui?

—Eu conheço algumas pessoas.

—Você *não pode* estar aqui, — ele sussurrou.

Vitari colocou um bilhete nos dedos de Francis. —Me encontre.

Francis puxou os dedos para trás e cruzou as duas mãos na frente do corpo, escondendo o bilhete. Seus ombros se endireitaram, como se ele fosse o epítome da discrição. Ele olhou por baixo do nariz, enquanto Vitari olhava para ele, imaginando todas as maneiras pelas quais ele poderia arruinar aquele ato impecável. Ele o empurraria contra uma parede e o faria gemer por mais, levantaria a mão sob aquele manto preto, procurando todas as partes mais difíceis dele, e ele lhe contaria todas as maneiras perversas pelas quais o faria implorar por mais.

Os suaves olhos castanhos de Francis se arregalaram, como se ele conhecesse os pensamentos de Vitari. —Por favor...

Outro padre emergiu de um arco e olhou por cima. —Buongiorno.

Vitari levantou-se e baixou a cabeça, como se estivesse rezando ou por respeito. Como era certo, para um homem do clero.

—A paz esteja com você, — Francis deixou escapar, olhando para seu colega sacerdote.

Vitari aproveitou a oportunidade para fugir, mas a cada passo o olhar de Francis pesava mais em suas costas, até que Vitari dobrou a esquina de um prédio, quebrando a conexão. Vitari sorriu. Convidar Francis para sair foi uma das coisas mais idiotas e suicidamente estúpidas que ele já fez, mas Giancarlo não descobriria, e tendo visto Francis em carne e osso novamente, sentindo o calor que o padre havia despertado dentro dele, faria valer a pena.

Se Francis viesse, o que aconteceria, Vitari planejava seduzi-lo a noite toda. A Venezuela estava frenética e desesperada. Eles apenas começaram a perceber o quão bons eram juntos.

O sorriso de Vitari vacilou e seu ritmo acelerou.

Roma seria muito mais, mas também um adeus. Porque isso nunca poderia acontecer novamente.

CAPÍTULO SEIS

Francis

O pequeno restaurante onde Vitari o convidara para se encontrar parecia ser um negócio familiar, escondido em uma das muitas ruas sinuosas, longe dos pontos turísticos de Roma. Francis blefou ao usar um pouco de italiano básico que vinha tentando aprender com o *Duolingo* entre todos os seus outros compromissos. Quer os proprietários soubessem que o esperavam ou não, estavam ansiosos por acomodá-lo lá dentro, perto do fundo, numa mesa para dois com uma única rosa vermelha num pequeno vaso.

Francis brincou com a rosa enquanto esperava, sem saber o que estava fazendo, esperando por Vitari em um restaurante pitoresco.

De acordo com o peculiar relógio em formato de azeitona na parede, Vitari estava atrasado. Ainda havia tempo para partir, o que provavelmente era a coisa certa a fazer. Ser sequestrado por Vitari Angelini era uma coisa. Conhecê-lo em um jantar íntimo para dois era outra completamente diferente. Mas ele não queria ir embora. Ele *queria* estar aqui. Depois que ele superou o choque de Vitari aparecendo no pátio, estava contando os minutos até agora, para esse mesmo jantar.

Vitari se sentia a única coisa boa em sua vida, a única coisa estável, apesar de estar longe de ser bom ou estável.

—Scusa o ritardo.— Vitari apareceu nos fundos do restaurante. Ele tirou a blazer, jogou-a nas costas da cadeira e sentou-se. Seus joelhos bateram debaixo da

mesa. Seu relógio brilhou. O mesmo aconteceu com seus olhos escuros e depois com seu sorriso. Seu cabelo perfeito fez Francis desejar saber como pentear o seu próprio, e enquanto Vitari usava um terno caro, Francis quase gozou em suas calças Marks & Spencer e suéter de dezesseis euros. Vitari sempre foi tão glamoroso, bem cuidado e tão bonito. Francis piscou, oprimido e envergonhado e todos os tipos de outras *coisas* nas quais ele não conseguia pensar muito.

—Desculpe, — disse Francis, arrastando os pés, sem saber por que estava se desculpando.

O sorriso de Vitari cresceu. —Você parece bem.

Seu coração acelerou. Ele não estava nervoso até agora. A mesinha, o restaurante, a música. Isso foi... um encontro? Ele nunca tinha tido um encontro antes. —Ah, ah... obrigado. Eu er... eu não trouxe muita coisa comigo. Para Roma, quero dizer. Foi uma... uh... decisão impulsiva. —No qual ele não queria entrar agora. Seu coração galopou. Os nervos haviam ressecado sua garganta.

—Vinho?— Vitari perguntou, então foi em frente e fez o pedido para eles. —Melhor massa de toda Roma. Confie em mim.

—Eu quero.

O sorriso de Vitari parou e seus olhos penetrantes suavizaram. O peso do seu olhar aqueceu o rosto de Francis. Ele não estava acostumado a ser observado como se Vitari pudesse ver por baixo de suas roupas. —Como vai você?— Vitari perguntou.

—Melhor. Eu tive que sair da Inglaterra... eu...— Ele parou, não querendo trazer sua bagagem emocional para o que quer que fosse esta noite.

O vinho chegou e o garçom mexeu com isso por alguns minutos. Francis perdeu os pensamentos ao observar Vitari enquanto ele falava. A última vez que o

viu, ele estava inconsciente num hospital venezuelano. Francis foi forçado pela presença da polícia a deixá-lo ali, sem saber se sobreviveria. Nada dessa provação era evidente em seus olhares maliciosos agora, ou no tique ascendente de seus lábios.

O garçom saiu e Vitari pegou seu vinho. —Você estava dizendo... sobre a Inglaterra?

—Não é importante. Mais tarde. — Francis ergueu a taça para comemorar o fato de estarem juntos novamente, mas as palavras certas não vieram. A Venezuela tinha sido um turbilhão, em grande parte traumático demais para se pensar nele. Ele nem tinha certeza se veria Vitari novamente. No entanto, aqui estavam eles, jantando juntos em uma noite quente em Roma.

Vitari ergueu o copo. —Pela sobrevivência, senhor?

—Sobrevivência. — Os copos deles tilintaram, os nervos de Francis se acalmaram e, de repente, ele ficou à vontade.

Enquanto bebiam vinho, Francis falou da sua decisão de visitar o Vaticano, mas não por quê. E Vitari contou-lhe como o negócio da família estava prosperando, como sempre, mas evitando detalhes. Ele pediu comida para Francis e, quando chegou, tinha que ser o prato mais colorido que Francis já tinha visto, com peixes e legumes frescos exóticos e massas regadas com molho dourado junto com pão fresco. Comiam e não conversavam sobre nada de real importância: o clima, Roma e sua história. Vitari claramente amava a cidade. Ele falou de vilas antigas escondidas, todas subterrâneas e fora da rota turística, que tão poucos tinham tempo para visitar.

—Eu adoraria ver isso com você.

Mas foi a coisa errada a dizer. Vitari definiu seu taça de vinho para baixo e desviou o olhar. Claro, eles não podiam ser vistos juntos. Até vir aqui era um risco. —Sinto muito, isso foi... Foi uma coisa boba de se dizer.— Ele riu de sua própria tolice vertiginosa. Ele havia esquecido, por um momento, quem e o que eram.

Filho do chefe da máfia e protegido de um arcebispo. Proibido de muitas maneiras.

Eles ficaram em silêncio enquanto a conversa dos outros clientes borbulhava ao seu redor. Vitari olhou para a porta principal do restaurante e seus olhos escuros se estreitaram, como se procurasse ameaças.

A emoção do jantar desapareceu. Esta refeição, esta noite, parecia superficial, como um verniz sobre algo podre. Por mais legal que fosse, era tudo fingimento. Não poderia ir a lugar nenhum, não poderia *se tornar* nada. Não que Vitari provavelmente quisesse isso. A alegria no coração de Francis apagou-se. Tudo isso foi um conto de fadas.

—Angel, o que estamos fazendo?

Vitari colocou sua taça de vinho na mesa. —Vamos pular a sobremesa?— Seu sorriso travesso garantiu apenas uma resposta possível.

—Sim.

Ele pediu a conta e conversou animadamente com os garçons, elogiando a comida. Ele pagou e chegou um senhor mais velho, apertando vigorosamente a mão de Vitari. Francis assistiu a tudo com uma estranha espécie de inveja perplexa. A vida de Vitari aqui parecia tão livre, sem todas as regras e deveres do mundo de Francis. Ele supôs que essa era a razão pela qual ele se sentia atraído por Vitari, por sua liberdade.

Saíram do restaurante pela porta dos fundos e saíram cambaleando para uma rua íngreme e de paralelepípedos, estreita demais para carros. Roma zumbia por toda parte, mas a pequena rua lateral estava vazia.

O vinho aliviou a cabeça de Francis, ou talvez tenha sido a companhia. Ele olhou para Vitari e como seus olhos brilhavam no escuro. Ele também tinha um sorriso torto, como se estivesse sempre rindo do mundo.

Francis sentia falta dele, sentia falta do alívio que sentia sempre que estava perto de Vitari. Ele não precisava fingir com ele. Sem regras, sem religião, sem etiqueta ou hierarquia. Com Vitari, ele era apenas Francis.

—Então, não podemos... Você e eu, não podemos andar por aí, — disse Vitari, um pouco arrastado. —Há uma pequena casa à frente. É minha. Você quer se juntar a mim? Tem mais vinho.

Francis parou. Isto foi mais do que um jantar clandestino – muito mais. — Você está me pedindo para passar a noite?

Vitari, dois passos à frente, virou-se e coçou o nariz. —Se você quiser...

—Eu não posso fazer isso.— A culpa fez o vinho em sua barriga se agitar.

O sorriso de Vitari congelou.

—Não posso. Vou ficar no Vaticano, não posso...— Francis acenou com a mão. *Não posso dormir com você.*

—Isso é sobre seus votos?— Ele riu. —Acho que isso não pode ser reparado.

Francis diminuiu a distância entre eles e quando olhou nos olhos de Vitari, o sorriso de Vitari desapareceu. Será que ele achava que a vida de Francis – o seu compromisso com Deus, os seus votos – era uma piada? —Só porque algo está quebrado não significa que eu desista disso.

Vitari encolheu os ombros e recuou. —Você acha que isso não é um risco para mim? Você não tem ideia do que significa eu estar aqui, conversando com você.

—Porque estamos aqui? Qual é o objetivo disso?

—Não sei.— Vitari ergueu as mãos, virou-se, apressou-se e voltou novamente. —Eu apenas pensei...

—Pensou o que? Bilhetes secretos, um jantar íntimo, um passeio noturno? Não entendo o que estamos fazendo aqui.— Foi mais do que isso. Ele precisava saber o que eles estavam fazendo. Porque se não fosse nada, então ele deveria ir embora. Mas se Vitari queria *alguma coisa* ... Se ele queria mais, então talvez o risco valesse a pena? Mas ele tinha que saber.

—Jesus, eu só queria te dar algo como a Venezuela, — rosnou Vitari. —Você parecia precisar disso da última vez que conversamos.

Então Francis deveria concordar e depois voltar para a casa de Vitari e fazer sexo? Foi para isso que serviu tudo isso? —Por que você não leva uma de suas mulheres para a cama? Não seria mais fácil do que se dar ao trabalho com ela do que por mim?

—Porra, Francis, isso não foi...

—Eu sei o que ela disse, Vitari. Ela estava na sua cama.

—Por que você está sendo assim? Estou tentando fazer algo *legal*.

—Não, você está tentando *dormir comigo*. —Essa última parte saiu em um sussurro baixo.

Vitari marchou e encontrou Francis cara a cara. —Diga-me que você não quer isso. Porra, me diga, aqui mesmo, que você não pensou sobre isso, como nós

pensamos antes. —Ele sussurrou as palavras, sibilando algumas delas, mas elas ainda pareciam altas, como se toda Roma pudesse ouvi-las.

—Que diferença faz? — perguntou Francis. —Existem mil razões pelas quais não podemos fazer isso.

—Você acha que eu não sei disso?

—Não podemos...

—Sim, nós podemos. Estou aqui e você também. Amanhã podemos não estar.— Vitari se aproximou. Os seus dedos ligeiros e gentis passaram pela bochecha de Francis —Eu quero você, Francis. Nunca deixei de querer você. Se fosse uma escolha, eu escolheria não fazê-lo. Mas você está em alguma parte de mim sobre a qual não tenho controle. Isto... —Ele se aproximou ainda mais, sua boca a um sussurro dos lábios de Francis, seu corpo como um canto de sereia quente e firme. —... poderia me matar.— Ele ergueu os olhos. —Você está certo, seria mais fácil foder mulheres, seria muito mais seguro, mas eu não quero isso. Quero você.

Cada palavra sua atingiu como um golpe de martelo no coração de Francis. Vitari estava certo. Esta não foi uma escolha. Francis poderia optar por ir embora, mas ainda desejava Vitari. Esse desejo nunca desapareceu. Na verdade, tinha piorado desde que ele provou o corpo de Vitari, arrebatou sua boca quente, gemeu sob seus dentes mordedores e o golpe de cada parte dele. Agora ele sabia o prazer que havia perdido, ele o desejava.

Eles estavam tão perto, perto o suficiente para se beijarem. Francis inclinou a cabeça, apertou os lábios e engoliu em seco. Seu coração batia na garganta. Vitari o beijaria e ele deixaria.

Vitari recuou. —Aqui não. — Quando ele se virou, seu olhar persistente implorou a Francis que o seguisse.

Francis seguiu-o e, quando chegaram a uma casinha estreita espremida entre os vizinhos, Vitari destrancou a porta e entrou, mantendo a porta aberta para Francis.

Um pequeno vestibulo de entrada dava para uma elegante sala de estar em estilo industrial, com tijolos aparentes e piso frio. Ele passou pelo sofá, ciente de Vitari seguindo de perto, como um lobo espreitando sua presa nas sombras, e quando Francis se virou, Vitari estava bem ali, esperando para atacar.

Francis sabia que não deveria estar aqui, que tudo isto estava errado, incluindo o que estava prestes a acontecer, mas a crescente a onda de expectativa o afogaria se ele não se rendesse logo. Ambos sabiam que isso era inevitável.

Vitari avançou, jogou o paletó sobre uma cadeira e começou a desabotoar a camisa. O calor do seu olhar queimou os pensamentos de Francis, confundindo-os, e o vinho os fez tropeçar ainda mais. Ele não conseguia pensar – não queria.

Sua boca secou. Isso estava acontecendo. Só ele poderia impedir.

Vitari tirou a camisa da calça, terminou de desabotoá-la, depois tirou-a dos ombros e deixou-a cair numa poça de seda. Seu peito era liso sob a luz suave que filtrava pelas venezianas. O contorno dos músculos e como seu físico guiava seu olhar para baixo, entre quadris estreitos, esvaziou todos os pensamentos razoáveis da cabeça de Francis. Ele exalou depois de esquecer de respirar e recuou. Recuando. A parte de trás de suas pernas cutucou o sofá.

—A única palavra que vai me impedir de arruinar você, Francis, é não.

Ele tinha tempo de dizer isso. Vitari ainda não estava com ele; ele até parecia estar desacelerando, duvidando de si mesmo, e isso.

Não havia como escapar agora.

Isto era inevitável desde o momento em que Francis aceitou a nota, talvez desde que desembarcou em Roma.

Francis avançou e colidiu com Vitari, a onda de necessidade e desejo quebrando todas as suas tentativas de contê-la. Quando eles estavam juntos, eram só eles. Sem igreja, sem regras, sem culpa, sem vergonha. Apenas a sensação dele, quente e musculoso, firme e poderoso. E com Vitari, ele foi autorizado a sentir, saborear, tocar e se afogar em prazer.

Vitari agarrou Francis pela bunda e o fez se aproximar. Eles se beijaram com força machucando os lábios. Francis fodeu com a língua, tentando devorar Vitari inteiro. Vitari riu, interrompendo o ritmo, então prendeu Francis contra o encosto do sofá. Vitari agarrou-lhe o cabelo, puxou-lhe a cabeça para trás e chupou-lhe o pescoço, mantendo Francis deitado, à sua mercê. Deus, Francis esfregou seu pau contra ele, precisando de mais fricção, de mais tudo.

—Calma, Padre, — Vitari ronronou. —Temos a noite toda.— Ele libertou os dedos do cabelo e, com uma das mãos na parte inferior das costas de Francis, Vitari afastou-o e passou a mão livre por baixo do suéter de Francis, passando a palma para cima, passando pelo umbigo, sobre o peito. O toque, pele com pele, prendeu a respiração de Francis e prendeu seu coração na garganta. —E vou fazer você implorar por cada minuto.

Belos olhos despiram Francis, e Francis quase choramingou de necessidade. Ele não iria durar a noite toda. Ele não duraria mais cinco minutos se eles não desacelerassem as coisas. Mas ele não queria desacelerar. Ele queria tudo, tudo dele, e queria isso agora.

Vitari puxou-o para cima, batendo com o peito de Francisco no seu, e ao mesmo tempo deixou cair a mão para segurar o pau de Francis através de suas calças. —Porra, você está duro. — Vitari mordeu o lábio de Francis, e a pequena faísca de dor fez com que Francis avançasse. Ele chupou o lábio de Vitari entre os dentes, mas então Vitari o esfregou e Francis jogou a cabeça para trás, de boca aberta, desesperado para enterrar seu pênis na mão de Vitari.

Vitari esfregou e Francis jogou os braços sobre os ombros de Vitari e balançou-se, esfregando-se contra ele. Essa ideia foi boa; contanto que tivessem roupas entre eles, ele poderia se controlar. Esperançosamente.

Mas então Vitari abriu o cinto de Francis e enfiou a mão dentro, e de repente, ele tinha os dedos enrolados no pau nu de Francis, o polegar acariciando o pré-sêmen, e Francis momentaneamente perdeu a cabeça com a profusão de prazer que o invadia.

Vitari pairou a boca sobre a de Francis, ofegante. —Eu vou fazer você gozar assim. Não lute contra isso. Apenas foda minha mão, porra, entregue-se a mim. — O ritmo de Francis acelerou. —Sim, foda-se, faça isso mais rápido.— Francis balançava, Vitari bombeava, suas bocas misturadas, quase sem se tocarem, corpos balançando. —Você me quer de joelhos, padre? Você vai conseguir, mas precisa foder meu punho como se fosse o buraco mais apertado em que você já entrou. Mais forte, amore. Foda-me como se você me odiasse.

Oh Deus. Suas palavras eram sujas e Francis estava caindo, perdido no inferno, queimando. A pressão aumentou, Vitari bombeou, seu rosto cruel e vitorioso, e quando ele mudou para o italiano, Francis não conseguiu se conter. O clímax ofuscante rolou sobre ele, e ele gozou com força, os quadris tremendo, caindo contra Vitari, os dentes cravados no ombro de Vitari para não gritar.

—Ah, porra, Francis...— Vitari agarrou Francis perto, segurando-o enquanto Francis derramava sua porra sobre a mão, o peito e abdômen de Vitari. Francis engasgou ao ver seu próprio esperma brilhando na pele escura de Vitari. Então Vitari agarrou seu queixo, olhou-o nos olhos e beijou-o. —Bom, — ele murmurou contra a boca de Francis. —Você ia estragar tudo o que eu fizesse. Agora podemos desacelerar.

—Sinto muito, eu...— Francis engoliu em seco. Ele tentou não se masturbar, mas desde que conheceu Vitari, isso se tornou uma batalha perdida. Mas o Vitari em sua cabeça não era nada comparado a ter o homem em suas mãos, de verdade. Vitari estava certo. O que quer que eles fizessem, ele não teria durado.

Vitari relaxou. —Pare de se desculpar, amor.— Ele pegou a camisa, limpou o peito, depois jogou a camisa novamente e voltou para Francis – ainda apoiado no encosto do sofá, seu pênis meio duro e seu corpo flutuando na névoa pós orgasmo.

Vitari disse algo suave e delicioso em italiano. *Duolingo* não preparou Francis para isso. Ele não tinha ideia do que as palavras significavam, mas a maneira como as disse e como seus olhos escureceram era certamente suja.

—Vou arruinar você a noite toda.— Vitari se colocou entre os joelhos de Francis e abriu sua boca. —Este não é lugar para culpa, padre. Você não pode fazer nada de errado comigo.

Ele não sabia o quanto precisava ouvir essas palavras, ou como precisava que lhe fosse dada permissão para deixar ir. Para ser ele mesmo.

O alívio tomou conta dele e, para não cair em uma destruição emocional, ele beijou Vitari, beijou-o suavemente, beijou-o ternamente, para que Vitari pudesse sentir o que isso significava, mesmo que Francis não soubesse as palavras para expressá-lo.

Liberdade e luxúria e... talvez esse sentimento crescente por dentro possa ser amor?

CAPÍTULO SETE

Vitari

Francis não seria Francis se não tivesse resistido. Ele estava preparado para reagir, para lutar, mas sempre se rendeu, pelo menos com Vitari.

Vitari abriu os botões de sua braguilha e o olhar de Francis baixou, acompanhando cada um dos movimentos de Vitari. Ele ainda estava encostado no encosto do sofá, com o pau para fora, a camisa solta, parecendo um produto estragado. Uma pulsação de orgulho caloroso percorreu Vitari. Foi ele quem o estragou.

—Sei la cosa più bella che mi sia mai capitata, — disse Vitari. Francis não entendeu, mas seus olhos se arregalaram, seu prazer era óbvio ao som das palavras. Provavelmente era melhor que ele não soubesse italiano. Vitari já havia falado demais.

Vitari abriu as calças, mas manteve-as agarradas aos quadris, depois diminuiu novamente a distância entre eles. —Faça você. Tire meu pau para fora, Padre.

As mãos de Francis caíram para a cintura de Vitari e abrindo suas calças e removendo-as, enquanto examinava os olhos, lendo mil coisas que Vitari não conseguia esconder. Enquanto as mãos macias de Francis mergulharam sob a bunda de Vitari e seus dedos firmes se cravaram, Vitari acariciou a maçã do rosto de Francis com os nós dos dedos. Ele era a coisa mais preciosa na vida de Vitari, valendo mais do que todos os seus bens juntos. Este homem, com seus suaves olhos

castanhos e rosto dolorosamente inocente, havia matado por Vitari. Ele salvou a vida de Vitari, custando-lhe a alma. Vitari não valia a pena, não o merecia, mas faria tudo ao seu alcance para mantê-lo seguro, para protegê-lo. Talvez... amá-lo, embora o padre Francis Scott merecesse muito mais do que um bastardo quebrado como Vitari.

Francis mexeu os quadris, aproximando-os. Vitari precisava sentir mais dele.

Francis estendeu a mão e soltou o colarinho rígido do padre, jogando-o de lado sem pensar. Houve um tempo em que ele não teria achado tão fácil descartar suas camadas. Em seguida, ele puxou o suéter pela cabeça, afofando o cabelo castanho. Vitari adorava agarrar seus cabelos curtos. Havia tanto dele para explorar que ele hesitou, sem saber por onde começar. Seu peito pálido, mamilos empinados, sua cintura flexível que se ajustava tão bem às mãos de Vitari. Sua bunda, aquela bela bunda.

—Não há como voltar atrás, — Vitari sussurrou contra sua bochecha, e passou a mão pelo peito nu, absorvendo cada respiração trêmula e coração batendo rapidamente. —Você é meu, a noite toda.

A mão de Francis pegou a sua. —Ou talvez... você é meu?— ele disse, então caiu de joelhos e engoliu o pau de Vitari. Seus grandes olhos olharam para cima, tão inocentes e puros, enquanto ele chupava a cabeça e acariciava o eixo de Vitari.

Vitari recostou-se, entregando-se à boca quente e apertada de Francis, entregando-se ao seu padre, o único homem que realmente o conhecia. .

Vitari disse-lhe para *fazer isso* em italiano, e quando as provocações de Francis começaram a desfazer o controle de Vitari, ele confessou outras coisas também em italiano: disse que o manteria seguro, disse que não era bom o suficiente para ele, agradeceu, de novo e de novo. Ele disse que estava arrependido

– arrependido pelas coisas que tinha feito, pelas coisas que ainda tinha que fazer. E enquanto falava com Francis, meio fora de si, ele lhe disse que desejava que suas vidas fossem diferentes para que pudessem ser livres para vivê-las.

Francis beijou-o na boca, com gosto salgado, gosto de pecado. Vitari retribuiu o beijo, perdido na sensação dele. Seduzido, coração, corpo e mente.

Ao voltar do alto, encontrou Francis estudando seu rosto. —O que?— Vitari sorriu.

—Nada.

Vitari enfiou a mão no cabelo de Francis, fazendo-o ofegar. Porra, ele era muito precioso. —Mentiroso.

Francis murmurou algo sobre não mentir, como sempre fazia. *Muito precioso*. Ele o guiou até o quarto, ofegante entre os beijos, e o deitou na cama. Francis tirou os sapatos, baixou as calças e, agora nu, deitou-se, apoiado nos braços, gloriosamente exibido em toda a sua perfeição de pele de marfim. Ele era magro, forte, com várias arestas afiadas que Vitari planejava aprender com beijos.

—Eu, uh... não estou acostumado com isso.— Francis engoliu em seco. Um rubor aqueceu seu rosto e pescoço.

—Mas você é tão *bom* nisso, Padre. — Vitari não sabia por onde começar, então começou pela boca de Francis, fazendo-o arquear-se como uma chama em busca de combustível. Quanto mais Vitari o beijava, mais Francis se movia como um líquido, não mais rígido e contido, mas suave como mel sob as mãos de Vitari. Ele se contorceu e tremeu, engasgou e gemeu. E Vitari bebeu tudo, afogando-se em Francis e amando cada momento.

Como poderia o Deus de Francis afirmar que tal paixão era profana quando ele ganhou vida em seu auge?

Vitari chupou e provocou todo o seu corpo até chegar ao pau se contorcendo de Francis, então selou seus lábios sobre sua dureza e moldou sua boca no pau de Francis.

Francis soltou um gemido pedindo mais, então Vitari abriu as coxas de Francis e com um dedo escorregadio, ele acariciou de suas bolas em direção a seu traseiro, testando até onde Francis permitiria que ele fosse. Quando ele não resistiu, Vitari acariciou seu buraco enquanto passava o pau de Francis sobre sua língua. Houve um lampejo de resistência, uma respiração ofegante, mas pareceu uma boa reação. Então Vitari empurrou, alargando-o, depois relaxou, acariciando. Francis não lhe dissera para parar. Sua respiração acelerou e seu peito ficou vermelho. Vitari segurou suas bolas e gentilmente enfiou o dedo em sua bunda, ao mesmo tempo que prestava atenção em seu pau.

Então, com Francis se contorcendo, os joelhos no ar, Vitari soltou seu pau para se concentrar em sua bunda e o fodeu ali com o dedo, desejando que fosse seu pau. Ele precisava ver se Francis estava sendo receptivo, e parecia que estava. Pelo menos com um dedo na bunda dele.

O próprio pau de Vitari se contraiu pela necessidade de enterrar-se dentro daquele buraco apertado e musculoso. Em sua cabeça, ele se imaginou virando Francis e transando com ele na cama. Mas eles tinham tempo. Eles tinham a noite toda.



Ele não sabia que horas eram, não se importava em saber. Francis estava deitado contra ele, e Vitari o prendeu sob a perna, com o braço jogado sobre ele. Os dedos de Francis traçaram a tatuagem no pulso de Vitari, seus pensamentos

distantes. Ele fez Francis gozar novamente, e esta foi a calmaria antes de outra tempestade lasciva.

O cansaço tentava puxar Vitari para o sono, deixando seus olhos pesados, mas não havia como ele desperdiçar esses momentos preciosos. Não quando ele sabia que isso poderia nunca mais acontecer. Ele ainda não havia contado a Francis como isso seria o fim. Não pode contar a ele.

Ele acariciou o cabelo bagunçado de Francis e observou sua boca se curvar em um pequeno sorriso.

Francis respirou fundo, enchendo os pulmões, fazendo o peito subir, e rolou de costas. Vitari apoiou a cabeça na mão e fez círculos preguiçosos no peito de Francis, maravilhado com os pequenos arrepios que seu toque provocava.

—Tenho aprendido italiano, — disse Francis. Ele jogou os braços para trás, entrelaçou os dedos atrás da cabeça e ficou esparramado, com todo o corpo à mostra para as mãos de Vitari passearem. —Você disse muito antes. Eu só peguei um pouco disso.

Ele *havia* falado muito, pensando que Francis não tinha ideia do que isso significava. O calor inundou as bochechas de Vitari.

—Você esta corando?

Ele bufou e chupou um mamilo para distraí-lo. A mão de Francis pousou em seu cabelo, apertando-o com força, mas então Vitari se afastou rindo. Eles transariam novamente em breve, mas ele estava aproveitando esse momento tranquilo por enquanto, absorvendo cada segundo gentil, guardando-os na memória.

—Quantas línguas você fala? — perguntou Francis.

—Inglês, obviamente. Italiano, espanhol. Um pouco de russo, o suficiente para sobreviver.

—Russo?

—Eu não posso fazer isso sem isso.

—Hm, parece... duro.— Francis virou-se de lado, encarando Vitari. —O que você disse?

—O tempo está bom hoje.

Ele franziu a testa. —Realmente?

Vitari riu dele.

—Esses são todos os idiomas que você conhece? — perguntou Francis.

—Isso não é suficiente para você, Padre?

Francis sorriu, mas seu sorriso desapareceu e ele ficou com aquele olhar distante, sinalizando seus pensamentos errantes. —Você é brilhante, sabia? Você poderia fazer qualquer coisa que quisesse.

—Talvez.— Talvez se ele fosse livre para escolher seu futuro, mas não era. Sua vida havia sido planejada para ele há muito tempo.

—Vim ao Vaticano para me encontrar, — disse Francis, preenchendo o silêncio suave.

—Como uma coisa espiritual?

Ele assentiu. A vergonha o fez desviar o olhar.

—E você me encontrou, hein?— Vitari quase se desculpou. Francis estava em uma jornada espiritual e o desviou tanto do curso que ele ficou nu na cama do filho de um chefe da máfia. Até há bem pouco tempo, Vitari não se teria sentido mal por corromper um padre, mas isso foi antes de ele conhecer Francis. Não havia como negar, toda vez que Vitari entrava na vida de Francis, Vitari estragava tudo.

Se ele lhe dissesse o quanto sentia muito, teria que admitir que isso significava alguma coisa, admitir que era real. E amanhã, tudo acabaria de qualquer maneira.

—Você se lembra quando perguntei na Venezuela se poderia ficar? Antes de tudo desmoronar? —Francis perguntou, sua voz toda sonhadora e pensativa.

—Sim?— Vitari resmungou.

—Não sei se foi o lugar ou o fato de eu querer fugir. Eu não acho que estou destinado a ter esta vida. Continuo tentando ser tudo o que deveria ser, como um pino quadrado em um buraco redondo. Não tenho certeza se devo ser padre.

Vitari se apoiou em um cotovelo, certificando-se de nivelá-lo sob seu olhar. Ele sabia desde a primeira vez que se conheceram que Francis estava preso às restrições de uma vida que não queria, mas não era a Deus que ele odiava. —Você quer saber o que eu acho?

O sorriso de Francis floresceu, como o sol num dia chuvoso. —Eu sempre quero saber o que você pensa.

—Você passaria por cima de lâminas de barbear para salvar um estranho. Se esse não é o comportamento de um bom católico, não sei o que é.

—Eu matei um homem, — sussurrou Francis. —Não há pecado maior.

—Um homem que teria me matado e arrastado você de volta para alguém que queria você morto ou silenciado. Você precisa ser mais gentil consigo mesmo, salve-se de vez em quando. — Francis destruiria a sua alma para salvar um homem que não valia a pena salvar. Para salvar Vitari.

—Isso é fácil para você dizer. Você não tem uma vida inteira de catolicismo respirando em seu pescoço, dizendo que o desejo é um pecado. *Você e eu* somos um pecado. O que acabamos de fazer... Há uma sala inteira no Inferno *só para isso*.

—Realmente? Parece o maldito paraíso. — Vitari sorriu e rolou sobre ele, prendendo Francis sob suas coxas. —Como já estamos condenados, deveríamos pecar um pouco mais. — Ele cutucou Francis nas costelas, arrancando uma risada dele, e agora que ele encontrou uma fraqueza, Vitari atacou, extraindo implacavelmente a risada de Francis até que ele começou a balançar contra ele em ondas, paus e corpos se esfregando. Vitari adorava ouvi-lo rir; ele pode nunca se cansar disso.

—Pare! — Ele implorou. — Vitari, pare. Eu não posso... Oh, Deus.

Vitari o soltou, rindo, e esperou, ouvindo sua respiração ofegante no silêncio. *Isto* era a porra do paraíso. Na cama, livre para foder um homem que ele... gostava muito.

Francis atacou, agarrou Vitari contra o peito e torceu-o, rolando-o. Vitari estava sob ele de repente e tão consumido por esse lado novo e exigente de Francis que ele não percebeu o que Francis tinha em mente até que sua mão deslizou sob as bolas de Vitari, os dedos deslizando em direção ao seu buraco.

O pânico agitou-se dentro da cabeça de Vitari, expulsando toda luxúria e desejo de seu corpo, jogando-o no gelo.

Ele engasgou e agarrou a mão de Francis, respirando com dificuldade pelo nariz. Francis ergueu a cabeça, chocado. *Por favor, não.* Vitari balançou levemente a cabeça. *Não pergunte, não me faça explicar.*

Francis congelou. Ele pensou que tinha feito algo errado. Mas não foi ele. Havia poucas coisas que Vitari não faria – não poderia – fazer. — Não é você, — Vitari gaguejou.

Uma série de pensamentos apareceu nos olhos de Francis. Preocupação, depois compreensão.

Vitari libertou o pulso. E se ele tivesse arruinado isso? E se Francis não o quisesse mais?

Francis inclinou-se para a frente. Sua boca quente e úmida varreu o peito de Vitari, então sua língua girou em torno de um mamilo, e o calor voltou à vida.

Vitari agarrou o cabelo bagunçado de Francis. —Si, amor.

Então a mão de Francis mergulhou para o sul novamente, mas desta vez ele agarrou o pau de Vitari e o acariciou de volta à dureza desesperada. Sim, era disso que ele precisava: Francis perto, tão perto que estava na cabeça de Vitari, afugentando o passado. Em seu coração, fazendo-o bater por ele. Em suas veias, incendiando-o.

Francis se endireitou e, com a mão ainda no pau de Vitari, ajustou sua posição, subindo sobre ele. Francis cavalcou ele como um cavaleiro branco. Bem, não exatamente montando nele. Ainda não. Então, como se lesse os pensamentos de Vitari em seu rosto, ele inclinou o pênis de Vitari, deslizando-o para cima e por baixo dele, até que a cabeça escorregadia se prendeu contra seu buraco. Sem preservativo. Porra.

—Espere, gaveta lateral.

Francis hesitou, equilibrado, confuso. Então se inclinou e abriu a gaveta lateral. Ele ofegou. —Você quer a arma, algo que presumo ser... lubrificante ou preservativos?

Vitari riu. Ele havia esquecido a arma na gaveta. Francis olhou para ele e depois voltou seu olhar sensual para Vitari, com os olhos cheios de necessidade.

Na Espanha, quando ele masturbou Francis com a arma, Francis *gostou*. Na Venezuela também, houve um momento em que Vitari esfregou uma arma no pau — Ah, merda. Ele tinha uma torção. —Pegue a arma, Francis.

—Não sei se deveria...

—Com certeza. — Vitari esticou os braços para trás, acima da cabeça. Francis pegaria a arma. A qualquer segundo agora. Seu pau sabia o que ele queria. Sua cabeça só precisava sair do caminho.

Francis pegou a arma.

—Entregue.

Ele piscou e obedeceu, o pau duro e tenso.

Vitari soltou o pente, verificando as rondas, enquanto Francis olhava como um homem possuído.

—Vejo que estamos apostando tudo no pecado, Blanco Padre.

Era para ser uma piada, mas o rosto de Francis caiu. — Está errado?

— Porra, não. Eu te disse, não há nada de errado comigo. Como você quer isso? — Ele enfiou o clipe no lugar, notou os espasmos do pau de Francis e depois certificou-se de verificar a trava de segurança. Francis assistiu tudo isso com os olhos arregalados.

— Que tipo de arma é essa? — ele perguntou, a voz rouca.

— Ed Brown. Evo, KC-Nove. Nove milímetros. — Vitari apoiou-se no braço esquerdo e pressionou a arma sob o queixo de Francis. Era da arma que ele gostava ou da sensação de Vitari segurando-a contra sua pele?

Francis engasgou, os dentes cerrados. Sim, Vitari sabia o que queria. Ele arrastou o cano da arma pelo peito e depois acariciou o ferrolho contra seu pau. —Você gosta disso?

O olhar de Francis mudou de uma pergunta desesperada para uma exigência rosnante. Sim, ele gostava.

Bastaram alguns golpes para Francis balançar, empurrando seu pau contra a arma. Talvez Vitari também tivesse um problema com armas. Ou talvez fosse uma torção de Francis. Porque essa foi uma das coisas mais quentes que ele já fez. Ambos nus, apenas a arma entre eles, e Francis em chamas.

Francis abriu os olhos. —Eu preciso de você em mim, Angel. *Agora.*

Vitari largou a arma enquanto Francis pegava a camisinha da gaveta e jogava o pacote para ele. Vitari usou os dentes para rasgá-lo e mal havia colocado a camisinha quando Francis montou nele, sem perder mais tempo. Os seus dedos rápidos agarraram o pau de Vitari, e ele baixou-se lentamente, o seu próprio pau contorcendo-se ao nível dos olhos de Vitari. Um aperto liso rodeou o pênis de Vitari, levando-o até o fundo, tão profundamente. Francis claramente usou o lubrificante também.

Vitari agarrou sua coxa, com medo de machucá-lo. Mas Francis estreitou os olhos, desafiando-o a parar com isso. E então, com um olhar faminto e implacável, ele começou a balançar.

Vitari cerrou os dentes, respirando pelo nariz, e agarrou a perna de Francis, segurando-se. Deus, ele era lindo. —Amore mio, — ele sussurrou. Francis roubou seu mundo naquele momento. Roubou seu coração também. O êxtase subiu por sua espinha.

Francis balançou os quadris, subindo e descendo, montando no pau de Vitari com incríveis movimentos lentos. Então ele se inclinou para frente, mudando o ângulo, e enquanto Vitari fodia sua bunda lentamente, o pau rígido de Francis acariciava o umbigo de Vitari.

Isto nunca poderia estar errado, não quando Francis era tão perfeito. Mas se Francis permanecesse onde estava, olhando nos olhos de Vitari, a intimidade deles queimando sua alma como um tição de ferro, Vitari gozaria.

Vitari empurrou-se para uma posição sentada, abraçou Francis contra ele, depois segurou sua bunda, espalhando suas bochechas ao redor de seu pau. O rosto corado de Francis preencheu a visão de Vitari. Eles compartilhavam respirações cortantes, batimentos cardíacos compartilhados, almas compartilhadas, tão próximos que as linhas entre eles se confundiam. Francis balançou um pouco mais, acariciando seu próprio pau na parte inferior do abdômen de Vitari.

—Eu preciso disso com mais força, — Francis gemeu. —Eu preciso que você me foda, Vitari. — Ele mordeu o próprio lábio, como se quisesse se punir.

Vitari prendeu-o com força em seus braços e trocou de posição, colocando Francis debaixo dele. Ainda enterrado dentro dele, Vitari bombeou. Deus, ele iria gozar, ele não poderia durar, não assim. Foi demais, perfeito demais, Francis era perfeito demais. Vitari bateu em seu buraco, batendo nas bolas, fodendo-o com força, e Francis agarrou seus quadris, cravando unhas cegas. —Meu Deus,— Francis balbuciou.

Vitari quase não ouviu; ele estava longe, mas nunca esteve tão presente. Ele o fodeu mais rápido, grunhindo, perseguindo o orgasmo, precisando de mais, tão perto de gozar. Francis jogou a cabeça para trás e Vitari curvou-se para frente, enterrou o rosto em seu pescoço e gozou com um grito áspero, gaguejando e ofegando, perdendo-se tão profundamente em Francis que só percebeu a suavidade entre eles à medida que o prazer requintado desaparecia. Francis também gozou.

Vitari poderia transar com ele dia e noite, e isso nunca seria suficiente.

Como ele poderia deixá-lo ir? Como ele poderia ir embora? Ele o beijou, escondendo o medo que certamente apareceria em seu rosto. —Sono pazzo di te.

Os olhos de Francis se arregalaram. Ele entendeu isso. *Eu sou louco por você.* E ele também parecia assustado, como se aquilo fosse algo maior que eles, algo sobre o qual não tinham controle. O proibido, o não dito.

Isso foi amor.

Mas nunca poderia ser.

CAPÍTULO OITO

Francis

Vitari estava conversando sobre como preparar o expresso perfeito com sua impressionante máquina de café de aço inoxidável, mas tudo o que importava a Francis era como seu sorriso aparecia tão facilmente, como ele gesticulava para tudo, com as mãos sempre em movimento – mãos que invocaram magia na noite passada... e esta manhã.

Ele nem sabia que dia era. Sua falta seria sentida no Vaticano. Eles podem enviar alguém para procurá-lo. Mas ele não se importava. Seu corpo parecia usado e seus músculos estavam doloridos da melhor maneira.

Queria voltar para a cama, perder-se novamente em Vitari. Mas Vitari insistiu que tomassem um expresso matinal juntos, então lá estavam eles.

Vitari entregou-lhe a pequena xícara de café expresso e sentou-se no sofá ao lado dele. —Tente. — Ele vestia uma camisa amassada e as calças não estavam abotoadas. Vitari orgulhava-se de sua aparência bem cuidada. Testemunhar esse raro lado confuso dele foi um prazer. Vitari Angelini, desembrulhado, deixando apenas o homem sem toda a sua arrogância e ostentação. Assim, ele era uma maravilha.

Francis também estava meio vestido, vestindo apenas calças sem meias. Ele não conseguia se lembrar de uma época em que andasse casualmente sem camisa. Era estranho ser tão livre, mas bom. A compainha *fez bem*. Vitari o deixou confortável em sua própria pele.

Francis tomou um gole de café. —É forte.

—Essa é a questão. — Vitari bebeu a dose de café de uma só vez. —Os italianos não mexem com leite. Você viu como dirigimos, não há tempo para café com leite. Está com creme de leite fresco? Tem gotas de chocolate?

Francis riu e tomou mais um gole do pequeno café. —Talvez? — Ele não sentiu gosto de chocolate, apenas de café forte e espesso.

A sobancelha direita de Vitari se arqueou. —Pagão.

Ele riu. Claramente, uma das paixões de Vitari era o café. —Então, hum...— Havia uma coisa que ele queria perguntar, mas não houve chance, e agora que eles estavam aqui, relaxados, tomando café, parecia seguro.

—Então, hum?— Vitari repetiu, provocando.

—Quem era a mulher... no fundo... quando você ligou, daquela vez?

Vitari sorriu, depois riu rapidamente, como fazia quando tentava ignorar alguma coisa. —Ela não era nada.

Francis franziu a testa. —Ela era uma pessoa.

—Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

Aquele sorriso. Francis sabia que era uma mentira que ele usava para esconder uma multidão de pecados. Como agora mesmo. —Eu não sou nada, então?

Seu sorriso cresceu em um sorriso malicioso. —Você está com raiva de mim, padre?

Ele estava. Um pouco. Se Vitari era tão irreverente com suas amantes, então como Francis era diferente?

Ele riu e passou o braço nas costas do sofá, meio que cercando Francis. — Merda, você esta. Non rompermi le palle.

—Em inglês?

—Porra, você fica com quente quando está bravo. — Vitari caminhou com os dedos até o ombro de Francis.

—Não acho que foi isso que você disse. — Agora ele *estava* ficando bravo. Ele afastou a mão errante de Vitari. —Estou falando sério. Eu quero saber quem ela era. O fato de você estar rindo de mim me faz pensar que deveria estar bravo.

Seu sorriso falso vacilou. —Você vai me fazer dizer isso, tudo bem, tudo bem...— Ele suspirou. —Eu tenho que fingir, ok? — Ele encolheu os ombros e desviou o olhar.

—'Fingir' o quê?

—Como se eu fosse hetero, para a família, para quem está assistindo. — Ele se inclinou para frente, curvando-se e fechando-se. —É estúpido. Eu odeio isso. Mas não posso ser... não posso ser gay perto deles.

—Oh. — E agora Francis se sentia mal por fazê-lo admitir isso. —Desculpe.

—Eu não faço nada com elas. Eu apenas brinco, tenho certeza de que sou visto.

—OK. — O desconforto se contorceu por dentro. Ele sabia como era esconder quem você era todos os dias. Ele deveria ter percebido que Vitari também estava preso na mentira. —Você não precisa dizer mais nada.

—Isso é honesto o suficiente para você?

Francis precisava fazer algo para relaxá-lo novamente, para não estragar a linda manhã deles fazendo perguntas estúpidas. —Posso fazer o café da manhã? Você tem mantimentos?

Algumas das travessuras voltaram aos seus olhos. —Você cozinha?

—Algumas coisas. Não muito. Estou sozinho a maior parte do tempo, e cozinhar para alguém sempre parece... inútil...— Ele parou de falar sob o olhar intenso de Vitari. Ele provavelmente o achava terrivelmente chato. —Você?

—Eu faço. Mas como você está oferecendo... Tem algumas coisas na geladeira. Cogumelos, ovos.

Francis faria qualquer coisa para que esta manhã durasse mais, para prolongar o inevitável adeus. Deixando Vitari observando do sofá, ele foi até a cozinha e examinou o conteúdo dos armários. Depois juntou os ovos e os cogumelos.

—O que aconteceu antes de você me ligar pela última vez?

Francis olhou por cima. Vitari apoiou o queixo no braço, estendido no encosto do sofá. Focado em assistir. Por onde começar com o arcebispo e os arquivos, e a fotografia dos meninos mortos? Trazer os horrores de Stanmore para a sala não parecia certo. Pior que isso, ele temia que essas verdades pudessem mudar a coisa boa que tinham juntos. Será que Vitari odiaria que Francis tivesse visto suas iniciais na parede?

—Você me pediu para ajudá-lo a matar alguém, — sugeriu Vitari.

—Eu estava, er...— Ele fez uma careta ao lembrar de Montague o dominando. Parecia uma memória distante agora, deixada em Inglaterra. —Eu estava com raiva. Eu não deveria ter dito isso.

—Quem te irritou?

Ele deu as costas a Vitari, partiu os ovos numa frigideira, acrescentou temperos e alguns cogumelos e mexeu. Não havia como contar metade da história de Stanmore. Depois que ele começasse, era tudo ou nada, e ele não queria terminar o encontro com uma conversa tóxica. —Não era nada.

—Você é um mentiroso melhor do que isso.

Francis riu. —Eu não minto.

Os braços quentes de Vitari envolveram a cintura de Francis – emboscando-o por trás – e Vitari mordiscou o lóbulo da orelha, acrescentando um rosnado, fazendo as pernas de Francis ficarem fracas. Eles não chegariam à omelete se ele continuasse assim. Francis tentou se concentrar na frigideira, mas Vitari murmurou suavemente em italiano em seu ouvido e balançou os quadris, esfregando-se na bunda de Francis. Ele corou, pensando em todas as coisas que eles tinham feito. De como ele... exigiu coisas na loucura da paixão, e como Vitari respondeu. Eles estiveram juntos, de uma forma física, de uma forma que sempre lhe disseram que era errada, mas durante aqueles momentos, enquanto ele tinha Vitari dentro dele, enquanto sustentava seu olhar... Ele não sentiu nada parecido antes, como se fossem duas metades de um todo. Tinha sido lindo, não feio.

Mas então ele tentou oferecer o mesmo a Vitari, pensando que talvez gostasse de ter Francis *dentro* dele também. Mas ele congelou, quase... aterrorizado. Francis nunca o tinha visto assustado, até então. Talvez ele simplesmente não gostasse de ser tocado ali. Mas o medo nos seus olhos sugeria que era muito mais do que isso.

Francis deveria ter sido mais compreensivo. Ele sabia um pouco do que Vitari havia suportado em Stanmore.

Falar sobre isso pode ajudar.

—Havia alguma coisa, — começou Francis.

Vitari chupou seu pescoço, alternando entre beijos e pequenas mordidas, causando arrepios nas costas. Ele podia sentir que estava ficando duro, mesmo enquanto tentava desviar seus pensamentos. Logo, ele não seria capaz de resistir, e

eles estariam loucos de luxúria. Ele usou uma espátula para enfiar os ovos na frigideira, tentando se distrair.

—Estou investigando Stanmore.

Vitari parou, depois recuou e deu as costas a Francis, para se afastar. Doeu vê-lo sofrendo. Mas se falassem sobre isso, discutissem, isso ajudaria a ambos, e talvez ajudaria a investigação.

—Eu só acho...

—Esses são os *velhos fantasmas* que você mencionou? — Todo o calor desapareceu de sua voz, deixando-a dura.

—Sim, voltei e...

Um estrondo soou perto da porta da frente. —Angel! — um homem gritou. —Nós só queremos conversar!

Vitari agarrou Francis e empurrou-o para o corredor dos fundos. —Quarto. Vá.

Francis entrou correndo no quarto, ainda segurando a espátula, e congelou. Algumas batidas soaram e depois vozes murmuradas. E se fosse El Cristo de novo? E se eles viessem matá-los?

A arma de Vitari estava na cama, aninhada entre lençóis desgrenhados.

Ele jogou a espátula e pegou a arma. Um lampejo de uma memória brutal fez seu coração parar na garganta. Ele apontou uma arma para Luca, puxou o gatilho e o matou. Ele viu em detalhes vívidos como o sangue se espalhou por seu peito e como Luca caiu para trás. Ele não poderia fazer isso de novo. Ele não poderia machucar outra alma.

Ele não queria a arma em sua mão. Mas Vitari poderia estar com problemas...

A porta do quarto se abriu.

Francis apontou a arma para um estranho.

—Abaixe isso, — disse o homem em um inglês gutural.

—Quem é você? — Ele ouviu Vitari. Qualquer coisa para saber que ele estava bem e que Francis estava exagerando, mas não havia nada. E se ele já estivesse morto? E se eles matassem Francis em seguida? —*Quem é você!?* — ele gritou.

O estranho também tinha uma arma apontada para o chão. —Vamos, padre. Você não vai usar isso. — O homem estendeu a mão, instando-o a entregar a arma.

Luca também dissera o mesmo, dissera a Francis que não mataria um homem. Mas ele tinha feito. E ele faria o mesmo agora. A clareza fria suavizou seus pensamentos agitados. Ele *atiraria*. Porque ele já estava condenado. — Onde está Vitari? Ele está ferido? — Francis se aproximou e o homem mostrou as palmas das mãos, a arma apontada para o lado. —Eu vou matar você, — Francis rosnou, falando sério. —Diga-me!

—Porra... — O rosto do estranho caiu, não sorrindo mais. —Angel! — ele chamou. —Diga ao seu padre para recuar.

Mais vozes soaram, e então a voz rouca de Vitari retumbou: —Está tudo bem. Você pode sair. — Mas ele não parecia satisfeito. Ele parecia tenso.

Vitari não tinha arma, mas Francis sim. E ele não estava desistindo dela. Ele foi ameaçado, espancado, sequestrado. A arma permaneceria em sua mão até que ele soubesse que Vitari estava bem.

Francis avançou lentamente em direção à porta, mantendo a arma levantada. —Fique lá. Não se mova.

O estranho encolheu os ombros, com as mãos ainda levantadas. —Fácil.

Não, ele não seria *fácil*. Esse foi o erro que todos cometeram, pensando que ele *era* fácil. Não mais. Não desde a Venezuela.

Francis conseguiu chegar à porta, mas agora estava perto do estranho, a cama bloqueando a retirada do homem enquanto eles se esquivavam, e Francis precisava olhar para o corredor para ter certeza de que não havia ninguém esperando por ele...

O estranho avançou e arrancou a arma de seus dedos com a rapidez de um raio. Ele agarrou Francis pelo braço e o empurrou pelo corredor até a sala, onde Vitari estava sentado no sofá, com os pulsos apoiados nos joelhos e a cabeça baixa. Derrotado.

Oh não.

Outro homem estava sentado à sua frente, apontando uma arma para Vitari. Um grande homem. Mais velho, com olhos frios, vestindo uma camiseta preta, e tatuagens escuras pintando seus braços. Esta arma era diferente. Tinha algum tipo de fixação no cano, tornando-o mais longo.

Vitari ergueu a cabeça e acenou levemente para Francis, provavelmente tentando transmitir como tudo estava bem, quando claramente tudo não estava bem. Eram dois contra dois e esses intrusos estavam armados.

—Padre Scott, — disse o homem tatuado, com sotaque muito diferente do do outro homem. Demorou um pouco para Francis classificá-lo como russo. —Você é um homem difícil de conhecer, Batjushka.

Quem quer que fosse o russo, ele tinha seriedade. O cabelo castanho escuro estava penteado para trás em seu rosto de queixo quadrado. Mesmo vestido casualmente, seus ombros largos e alta estatura significavam que ele nunca se misturaria à multidão. Ele devia ter mais de um metro e oitenta quando estava de pé.

O homem que roubou a arma de Francis colocou a mão em seu ombro e empurrou-o para baixo, fazendo-o sentar-se no sofá em frente. Ele então circulou, mantendo a arma de Francis solta na mão esquerda, com a arma original na direita. —Este é uma bela arma, Angel, — disse o homem, examinando a arma de Vitari. —Alguns milhares de euros. Deve disparar lindas balas também, hein. — Ele estendeu o braço, apontando a arma a poucos centímetros da cabeça de Francis.

—Porra!— Vitari latiu. —Não!

Francis fechou os olhos. *Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino.* Ele não queria morrer. Ainda não. Aqui não. Assim não.

—Não estamos resistindo! — disse Vitari. —Porra, atire em mim, não nele.

Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu.

—Você vai atirar na porra de um padre?

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje e perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aqueles que nos ofenderam.

—Sasha, seu pedaço de merda! Machuque-o e nenhum de vocês sairá desta casa vivo.

E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Ele sentiu o gosto dos batimentos cardíacos e respirou com dificuldade, sabendo que a próxima respiração poderia ser a última. Será que ele ouviria o tiro que o matou ou tudo acabaria instantaneamente?

—Abaxe a arma, — disse Sasha, com seu sotaque forte.

Francis abriu os olhos. O estranho apontou a arma para baixo, mas sorriu para Francis como se tivesse aproveitado cada segundo que o teve em vista. Francis engoliu o coração batendo e olhou para Vitari, que estava sentado ofegante e com

o rosto pálido, longe do estóico executor que tinha sido momentos atrás. Se Sasha já não soubesse que eles eram próximos, ele sabia agora.

Sasha avaliou Francis. E então Francis o avaliou em troca.

Os DeSica eram uma máfia russa e este homem, Sasha, era importante. Será que Vitari mencionou o nome? Ele não conseguia se lembrar, mas se Vitari estava com medo, Francis também estava. Os DeSica começaram tudo isso. Eles mataram Adelita e deixaram o corpo dela no cemitério de Francis. Os dois homens que o atacaram em St. Mary eram DeSica, dois homens que Vitari matara. Os falsos policiais espanhóis eram DeSica.

Os DeSica fizeram mais para prejudicar Francis do que a Battaglia.

Agora, aqui estavam eles. Com uma arma apontada para Vitari. Outra sobre Francis.

Sasha recostou-se na cadeira. —Prazer em conhecê-lo, Angelo della Morte. Gastei muito tempo e dinheiro limpando o rastro de mortos que você deixou.

—Então talvez você não devesse mexer com a Battaglia.

—Talvez seu pai não devesse brincar comigo? — Sasha apontou a arma descuidadamente para Vitari. —Uma bala na sua cabeça parece uma boa maneira de lembrá-lo.

Vitari olhou para o russo. —Mate-me e você começará uma guerra.

Satisfação perversa brilhou nos olhos do homem. —Seu pai deixou claro, já estamos em guerra.

Vitari mudou. Seu joelho saltou. Ele estava nervoso, assustado e, assim, também era perigoso.

Francis molhou os lábios e considerou as opções. Os DeSica não os queriam mortos, ou estariam. O que significava que eles queriam informações. Informações que sempre estiveram convencidos de que Francis tinha.

—Vocês dois estão bem protegidos, — continuou Sasha. —Encontrar você sozinho... assim...— O russo passou o olhar pelo peito nu de Francis e riu. —...é como se o Natal tivesse chegado mais cedo. Para mim, pelo menos. Não tanto para você.

—O que você quer? — Vitari perguntou, a voz entrecortada.

—Nada muito difícil, Angel. Quero que você derrube seu pai e a Battaglia.

Vitari sorriu com seu sorriso fino e de tubarão. —Você também pode atirar em mim agora.

O russo encolheu os ombros e acenou com a cabeça para o colega.

O estranho ergueu novamente a arma e apontou para Francis. Seu dedo se contraiu.

O coração de Francis deu um salto. —Espere!

Ele disparou.

O tiro abafado atingiu a almofada próxima ao braço direito de Francis, sacudindo-o. Ele congelou, corou de suor frio e engoliu um soluço. *Não desmaie, não desmaie.*

Vitari saltou da cadeira, como se pretendesse se jogar entre Francis e o atirador. O atirador ergueu a arma, mirando em Vitari, deixando-o meio congelado no sofá.

—Sente-se, Angel, — ordenou o russo.

Vitari sentou-se relutantemente. —Deixe Francis ir. Ele não tem nada a ver com nada disso. Deixe-o ir e eu farei o que você quiser.

—Isso quase soa como demanda. Por que você acha que pode me mandar fazer qualquer coisa?

—Ele é apenas um padre.

O sorriso do russo cresceu ao olhar para Francis. —Um padre com o poder de arruinar a Battaglia.

Vitari ergueu o olhar e bufou. —Ninguém tem tanto poder.

—Ele não te contou?

Vitari olhou. Francis engoliu em seco. —Eu não sei de nada. — Ele lhes disse isso mil vezes. Por que ninguém acreditou nele?

—Não sabe, padre? — o russo perguntou. Ele se inclinou para frente e gesticulou em círculo com sua arma. —Ao seu redor, há muitas perguntas. Recebi informações. Um padre na zona rural da Inglaterra pode arruinar Giancarlo Cinci, e esse padre é tão perigoso que Giancarlo está enviando o assassino, o Angelo della Morte, para matá-lo. E então devo ver por mim mesmo quem é esse jovem padre que deixou Giancarlo tão assustado. Mas Angel leva você antes que eu obtenha minhas respostas.

—Não sei nada sobre Giancarlo, — admitiu Francis. —Eu não sou o que vocês pensam que eu sou. Nunca fui, sou apenas um padre.

—Este também é o meu pensamento, — disse Sasha. —Um erro. Mas por que, então, Giancarlo envia seu filho leal para matá-lo? Don Giancarlo raramente comete erros. Então eu pesquisei você, Padre Scott. Você é muito jovem para ser padre. Popular. Muitos artigos de notícias sobre você, seu passado e seu patrono. Arcebispo Charles Montague.

Francis tentou não recuar, mas o russo percebeu.

—Você é próximo do arcebispo? — Sasha perguntou.

Francis apertou a mandíbula com tanta força que doeu. O russo não poderia saber *quão* perto. Ninguém sabia. —Ele é meu patrono, como você diz.

Sasha sorriu, como se fosse solidário. —Ele parece ser um bom homem. Muitos trabalhos de caridade. Muitas boas causas. Muitas vezes descubro que aqueles que se esforçam demais para serem bons têm as manchas mais escuras em suas almas. — Francis fechou os olhos, pois as palavras foram profundas, mas o russo continuou. —Crime e religião. Pois alguns crimes são religião, e religião é crime.

Francis abriu os olhos e encontrou o russo olhando para ele.

—A Battaglia e a igreja são...— Ele fechou a mão livre em punho. —...tão perto. Alguns dizem que a riqueza do Vaticano flui através de um banco Battaglia. Então, eles devem ser bons aliados, certo? Você sabe de uma coisa, Padre Scott. Você pode nem estar ciente do seu poder, mas se Giancarlo acredita que você é perigoso, esse conhecimento existe.

Francis não sabia que Vitari tinha ordens para matá-lo. Ele suspeitava, mas ouvir isso torceu seu interior. Ele deslizou seu olhar para Vitari, que permaneceu estranhamente quieto. Vitari ergueu as sobrancelhas, questionando Francis. Ele nunca acreditou que Francis fosse inocente. E se tudo isto fosse um estratagema para usar Francis, para descobrir o que ele sabia? E se a noite passada fosse uma mentira? —Isso é verdade? Você *foi* enviado para me matar?

Vitari desviou os olhos. —Eu não te conhecia naquela época.

Em tudo o que compartilharam, a paixão, os momentos, Francis quase se esqueceu do homem que Vitari era – um assassino implacável. Naquela noite em que se conheceram, quando ele entrou na igreja de Francis, teria vindo para assassinar Francis? —Então por que você não fez isso? — ele perguntou.

—Porque a coisa toda fede. Naquela época fedia, e ainda fede. Você não sabe de nada. Um cego pode ver isso, porra.

—Você mentiu para se aproximar de mim?

—Não, — disse Vitari, seu olhar fixo fixo em Francis.

—Foi... — Ele teve que ter cuidado ao formular a próxima pergunta. — A Venezuela era uma mentira?

—Não. — A voz de Vitari tremeu. — Você sabe a verdade, Francis. — E havia muito naquela frase. Tudo o que ele não podia dizer, não com testemunhas. Ele sempre viu a verdade nos olhos de Vitari, e agora ela estava lá.

Era *real*; o que eles tinham era real, *eles* eram reais. Francis suspirou. Pelo menos ele tinha isso, se pouco mais.

—Angel levou você para mantê-lo fora de nossas mãos, — disse Sasha, voltando ao assunto. — Mas Giancarlo dará a ordem para matar eventualmente, padre. Você não é bobo. Você deve saber disso. A única razão pela qual ele ainda não o fez é porque alguém na igreja — Sasha abriu a mão livre e cerrou os dedos em punho — segura suas bolas em um torno. Alguém com controle sobre a Battaglia.

Vitari bufou. — Isso tudo é fantasia. Giancarlo controla a Battaglia, não algum superior místico.

Tudo o que o russo dissera até agora era verdade. Alguém o apontou para Francis como um elo fraco na armadura de Giancarlo, e só havia uma força na vida de Francis poderosa o suficiente para perturbar a Máfia. A Igreja. Giancarlo tinha enviado um assassino, os DeSica queriam respostas... Alguém lá fora estava convencido de que Francis tinha uma arma carregada contra Giancarlo ou contra a Igreja.

A única coisa em seu passado pela qual ele sabia que pessoas haviam morrido era Stanmore.

Os meninos da foto que Montague roubou desapareceram. O lugar em si não passava de teias de aranha e escombros. Até os documentos desapareceram. Mas Francis permaneceu. E Vitari também.

—O que Francis pode saber? Ele passou a vida inteira fechado. Ele não tem ligações com a máfia. Nada que o ligue ao crime organizado. Acredite, eu olhei. Ele realmente é tão ingênuo e inocente quanto parece.

Francis não tinha certeza se era inocente. Não mais.

—Bem, padre Scott? — o russo perguntou. —O que você sabe?

Francis engoliu em seco. Esses homens matariam para obter respostas. O horror do passado valeu a vida de Vitari? —Stanmore.

Vitari voltou seu olhar para Francis.

O russo notou a sua reação. —O que é isso... Stanmore?

—Não é nada, — disse Vitari.

—Assim como esse padre não é nada, hein? — O russo mexeu-se na cadeira, inclinando-se na direção de Francis, prestando-lhe toda a atenção. — *Você* me diz o que é Stanmore?—

—Um lar para meninos, onde cresci. Uma instituição de caridade, patrocinada pela Igreja Católica. Eu tinha, hã... eu estava prestes a trazer algumas coisas à luz... — Ele acariciou os vincos das calças. —...que a igreja consideraria um escândalo. Mas não fui atrás disso depois que fui sequestrado.

—E quando você não prosseguiu, a igreja deixou claro, por meio da Battaglia, que *você* estava protegido.

Francis piscou. Ele não havia considerado as duas coisas conectadas, mas deveria. Ele não processou, não revelou os segredos e agora estava seguro.

—Quais são essas *coisas* que você ia revelar? — o russo perguntou.

—O que Stanmore tem a ver com Giancarlo? — Vitari perguntou, apressando-se .

—Essa é a questão, não é? Talvez você devesse deixar o padre falar?

Vitari olhou furioso. —Terminamos aqui. Você está se agarrando a qualquer coisa e fazendo conexões onde não há nenhuma. Francis não sabe de nada. Você precisa ir.

O sorriso do russo cresceu. —Eu estava apenas começando a me sentir confortável.

Vitari zombou. —Stanmore está no passado. Deixe morrer aí. Saia da minha casa.

—Você parece muito entusiasmado por *não* discutir Stanmore. Talvez haja uma razão para isso? Giancarlo ordenou que você silenciasse o padre porque ele estava prestes a expor Stanmore? Parece provável, não é? Você deve concordar com isso, Angel.

—Acabamos. Atire em mim ou saia.

Havia uma razão para Vitari ter se fechado, mas não era o que o russo pensava. Vitari não tinha ordens para não falar sobre isso, ele *temia* Stanmore e tudo que isso havia feito com ele.

O russo suspirou. —Você, Angel, vai me conseguir provas das ligações de Giancarlo com o escândalo Stanmore. Prova que posso usar para expor ele e a igreja. Você fará isso ou seu padre morrerá.

—Francis não sabe de nada, — Vitari retrucou. —Ele não faz parte de nada disso. Deixe-o ir e você e eu conversaremos sobre isso. Vou lhe contar tudo o que você quer saber sobre Stanmore.

Sasha hesitou, considerando a questão. —Não, preciso de provas. Não é a sua palavra. Arranje-me uma prova ou o padre vai cair de uma ponte do Vaticano.

—Você toca em Francis e eu irei...

A arma com silenciador do russo disparou e Vitari estremeceu, ofegante. Ele agarrou-se ao seu lado e caiu de volta no sofá.

Não, não, não... Francis voou para o lado dele e estendeu a mão para a mancha de sangue inchada em sua camisa. —Vitari? — Ele não poderia levar um tiro, ele não poderia ser.

Sangue espremido entre os dedos de Vitari. Tanto sangue.

—Seu telefone – onde está seu telefone? — perguntou Francis. —Uma ambulância, vou chamar uma ambulância.

Vitari balançou a cabeça e espremeu as próximas palavras com os dentes cerrados. —Sem ambulância. Eles se foram?

Francis olhou para trás, esquecendo-se de Sasha. —Sim, eles se foram. — Ele encarou Vitari novamente e teve certeza de ter empalidecido naqueles poucos segundos. —Isso dói?

—Sim, dói pra caralho! — Ele caiu, respirando com dificuldade. —Eu vou ficar bem. Você precisa ir.

—O que? Não. Eu não vou embora. —Francis pegou um pano limpo na cozinha e voltou correndo. —Segure isso com força. — Vitari pegou o pano e com os dedos ensanguentados pressionou-o ao seu lado. —Onde está seu telefone?

—Francis, você tem que ir, você não pode estar aqui.

Francis deu um passo para trás. —Eu não vou embora. Deixei você na Venezuela, não vou deixar você agora.

Vitari sorriu. Por que ele estava sorrindo? Ele estava *sangrando*! Não havia motivo para sorrir.

—Eu vou ficar bem, — disse ele. —É apenas um aviso. Mas você tem que ir. Se o pessoal do meu pai encontrar você aqui, será pior para nós dois. Você entende? Esta bala não é nada, mas se... se formos descobertos juntos? — Seus olhos disseram o que suas palavras não conseguiram. —Apenas vá.

—Não posso.— Francis andava de um lado para o outro. *Ir embora, com ele sangrando assim?* —Eu não posso fazer isso.

Vitari sibilou. —Porra, Francis. Ouça pelo menos uma vez. Salve-me indo embora.

Francis odiava isso. Odiava que ele não pudesse estar aqui para ver Vitari seguro. Não estava certo. Ele sentou-se sangrando naquele sofá, sofrendo, e cada parte de Francis lhe disse para ficar, para estar com ele, para confortá-lo. —Você vai ligar para alguém?

—Sim.

—Você vai conseguir ajuda?

—Sim. Vou. Estou bem. Conversamos depois. Volte para o Vaticano e não faça nada, porra nenhuma. Continue como faria normalmente. Nada disso aconteceu. Entende?

Francis avançou e beijou-o com força e rapidez na boca, depois olhou-o nos olhos. Havia muito a dizer, muitas perguntas e pouco tempo. O olhar de Vitari fixou-se nele, desejando que ele fosse, mas também implorando para que ficasse. Ele sentiu o mesmo. —Vá, — Vitari sussurrou.

Francis se endireitou e Vitari tirou o telefone do bolso da calça. Ele discou um número com os dedos ensanguentados e levou o telefone ao ouvido. —Vá, amor meu.

Francis levantou-se, assentiu e dirigiu-se para a porta.

—Roupas!— Vitari riu e depois tossiu. —Coloque uma camisa e sapatos, Padre.

Certo, roupas. Ele correu de volta para o quarto e calçou os sapatos e a camisa, depois de lançar um último olhar para Vitari para capturar seu sorriso, saiu para a luz do sol e para o barulho da cidade, como se estivesse entrando em um mundo diferente. O sangue manchou suas mãos trêmulas. Ele os limpou nas calças e caminhou. Apenas andou, sem nem ter certeza se estava indo na direção certa.

Voltar para o Vaticano.

Fazer nada.

Mas a cada passo seu coração batia forte para que ele se virasse, para ter certeza de que Vitari estava seguro. Mas Vitari estava certo. Ele não pôde ser encontrado com Francis, por muitos, muitos motivos.

Não faça nada, Vitari dissera. Mas como ele poderia *não fazer nada*? O russo queria saber sobre Stanmore, e Francis também. Tudo voltava para Stanmore. Vitari ter sido enviado para matar Francis não foi uma coincidência. Giancarlo poderia ter enviado qualquer um. Mas ele enviou seu filho, um filho que também passou anos em Stanmore.

Francis caminhou pelas ruas de Roma, mal vendo as pessoas por quem passava.

O russo deu a entender que a Igreja estava envolvida no crime organizado. E Francis estava prestes a processar um arcebispo por abuso infantil. E se Giancarlo não quisesse que Francis morto, mas a igreja sim, então eles se apoiaram em Giancarlo, obrigando-o a enviar seu assassino?

Ele parou numa esquina, depois de passar por uma ponte. O trânsito ficou agitado. O vento descia pela curva do rio Tibre e agitava as folhas das árvores ribeirinhas. Em algum lugar não muito distante, as sirenes da polícia soaram.

Não, a sua Igreja nunca sancionaria o homicídio, nem mesmo para encobrir um escândalo como o que Francis estava prestes a expor. Eles iriam? Eles já haviam sobrevivido a casos comprovados de abuso infantil histórico antes, e muitos mais foram indenizados, sem nunca terem comparecido a um tribunal. Infelizmente, afirmações como a dele não eram únicas.

O que significava que algo em Stanmore era diferente.

Talvez não fosse sobre Francis.

Ele olhou ao seu redor, para os carros que passavam e as pessoas vagando, um pedaço da vida normal, enquanto o sangue lhe secava nas calças e sob as unhas.

E se isso fosse sobre Vitari?

O abuso de Francis foi leve em comparação com o fato de trancar rapazes num quarto escuro durante anos a fio, a torná-los disponíveis para o prazer sexual de adultos. Vitari mencionou apenas brevemente as coisas que fizeram com ele. Ele jogou o fatos em Francis como facas. Mas as coisas que ele *revelou* foram devastadoras.

A náusea umedeceu a boca de Francis. Ele pressionou as costas da mão nos lábios e cambaleou para trás contra um tronco de árvore, precisando de algo para segurá-lo. Sua cabeça estava um turbilhão. O cansaço e o medo o separaram.

Se se tratava de Vitari e dos rapazes na sala dos fundos de Stanmore, então poderia prejudicar irreparavelmente a reputação da Igreja Católica Romana em recuperação. E se aqueles meninos tivessem sido mortos... *assassinados* ... então Vitari poderia ser capaz de arruinar a igreja inteira.

E se a explosão do super iate fosse destinada a Vitari?

E se o ataque insano de Luca a El Cristo, destruindo meia cidade, tivesse sido sancionado por Giancarlo? Mate dois garotos Stanmore com uma cajadada só. Francis e Vitari. Os últimos sobreviventes.

Se o russo conseguisse as provas, isso derrubaria totalmente a igreja *e* Giancarlo.

Mas essa evidência também poderia ser a alavanca de que Francis precisava para mantê-los vivos.

Francis não podia *não fazer nada*.

Ele precisava começar a trabalhar.

CAPÍTULO NOVE

Vitari

Sal ficou olhando enquanto o médico costurava a lateral do corpo de Vitari na sala. A bala o atingiu de raspão apenas o suficiente para transmitir o aviso de Sasha: consiga as evidências para derrubar Giancarlo ou o padre morre.

—Tome isso para a dor, — disse o médico, despejando vários comprimidos azuis na palma da mão. —Troque o curativo de manhã e à noite.

Vitari agradeceu e esperou até ele sair antes de encarar o olhar crítico de Sal.

—O que aconteceu? — Sal perguntou, de braços cruzados, não impressionado por ter seu dia arruinado.

Com o lado do corpo latejando, Vitari levantou-se do sofá e mancou até a cozinha. Ele encheu um copo com água e engoliu os comprimidos. —Sasha estava aqui.

—Sasha? — A postura de Sal passou de chateado para alerta em um piscar de olhos. —Porra! Aqui?! Ligue para Giancarlo agora...

—Desacelere. — Vitari acenou com a mão e caiu contra o balcão da cozinha. Ele não tinha ideia de como explicaria nada disso. Sasha apareceu, ameaçou-o, quis saber detalhes sobre um orfanato em Essex, da vida passada de Vitari, ou o padre seria enforcado numa ponte. Nada disso faria sentido para Sal. Mas faria para Giancarlo. Muito sentido. Vitari estava tão fodido.

Ele não poderia dar a Sasha nada que pudesse implicar Giancarlo. Ajudaria se ele soubesse do envolvimento de Giancarlo em Stanmore e na igreja. Para que

ele pudesse de alguma forma proteger seu pai e Francis. Ele teria que fazer algumas perguntas dolorosas e não gostaria daquela conversa com Giancarlo.

Não era assim que seu encontro *Uma Noite em Roma* com Francis deveria ser. Foi ótimo, a melhor noite de sua vida e o adeus perfeito, até que Sasha apareceu.

—O chefe DeSica estava aqui e você ainda está respirando? — Sal ainda estava agitando os braços. —O que ele queria?

—Eu nem sei, cara. Preciso me encontrar com Giancarlo.

Sal suspirou e olhou furioso, com uma expressão no rosto que dizia que sabia que Vitari estava em apuros, mas estava acima de seu nível salarial. —Sim, você faz. Eu vou dirigir.

—Estou bem. Não preciso de escolta.

Sal respirou fundo, enchendo o peito, ficando maior, e avançou em direção à cozinha como um touro. —E se ele tentar de novo, hein? Não vou deixar você sair sozinho de jeito nenhum.

—Ele não *tentou* me matar. — Uma onda de calor subiu pelo seu lado, roubando-lhe o fôlego. —Esta é uma mensagem, — ele ofegou.

—Por que você está tão calmo?— Sal estendeu as mãos. —Sasha estava *em sua casa!* Deveríamos estar lá fora, colocando uma bala na cabeça do filho da puta. Precisamos reunir seu homens conhecidos e cortar a porra das bolas deles, depois mandá-los para ele, enviar a porra da nossa própria mensagem!

Vitari deixou que ele se enfurecesse e andasse. —Estaremos, — disse ele. — Depois de falar com meu pai. Está tudo bem, Sal. Relaxe, fratello. Ele receberá o que merece.

Com a raiva esgotada, Sal bufou pelo nariz, passou a mão pelo rosto e olhou ao redor, murmurando sobre cortar bolas e desrespeito.

Vitari precisava pensar, o que estava sendo difícil com Sal perdendo a cabeça e sentindo uma dor mortal na lateral do corpo. Pelo menos Francis estava seguro. Houve um momento durante a altercação em que Vitari teve certeza de que iriam executar Francis e Vitari teve um vislumbre de verdadeiro medo.

—Você estava sozinho? — Sal perguntou.

—Huh? — Vitari olhou para cima.

—Aqui. Você estava sozinho?

Sua mente disparou. —Sim, eu estava sozinho.

—Então você decidiu fazer dois expressos? — Sal acenou com a cabeça em direção à bancada. —Um para cada mão?

Vitari olhou para a evidência incriminatória do café expresso intocado de Francis e de sua própria xícara vazia. Desde quando Sal era tão observador?

—Por favor, diga-me que não era o padre, — Sal gemeu.

—Por que seria o padre? — Seu coração acelerado o sufocou. Este dia só piorava, depois de ter começado tão bem. Ele nunca deveria ter saído da cama. Ele deveria ter ficado com Francis, entrelaçados, beijando-o onde sabia que isso o faria ofegar. Foda-se a vida dele. Foda-se o mundo.

Sal sustentou seu olhar e suspirou como se estivesse tão cansado dessa merda quanto Vitari. —Só vou divulgar isso. Como Sasha sabia que você estava aqui? Quem contou a ele, hein?

Sal estava lançando sombra sobre Francis, insinuando que ele havia contado o chefe da máfia russa onde Vitari estava? Com que propósito... matar Vitari?

Vitari riu. Se Sal tivesse conhecido Francis, ele saberia que esse tipo de besteira não estava no radar de Francis. Ele não cometeu traição. Ele provavelmente

teria que orar por uma semana se acidentalmente assistisse a um vídeo não católico no TikTok.

—Quer saber, Angel? Eu não quero saber. Vamos embora. Vou colocar alguém para cuidar da casa, caso o filho da puta tente bater em você de novo.

Vitari vestiu cautelosamente o casaco e seguiu Sal porta afora. Pelo menos ele teve a Noite Perfeita, o encontro que queria, com Francis. Era improvável que conseguissem outro tão cedo.

Vitari deveria interrompê-lo. Terminar agora. Lide com Sasha e mantenha Francis longe de Giancarlo, dos DeSica, de Sasha, da Battaglia, de tudo isso. Mas ele não conseguiu, nem mesmo para salvá-lo. Francis era sua droga. E como um viciado, ele faria qualquer coisa para conseguir a próxima dose.

Talvez até trair seu pai.



A villa estava repleta de atividades. Carros caros e lustrosos lotavam o caminho, e o motorista do caminhão de catering⁴ xingava as empregadas. Vitari esfregou a testa enquanto Sal parava o carro em meio ao caos. Ele tinha esquecido que a festa de aniversário de Giancarlo seria hoje à noite. Ele teria que sorrir e seria esperado que interpretasse o filho perfeito, enquanto todos zombavam em suas costas.

⁴ A palavra [inglesa](#) *catering* (do inglês *cater*: 'comprar provisões, providenciar um suprimento de comida preparada') designa o serviço de fornecimento de refeições coletivas, incluindo também itens correlatos (talheres, louça, toalhas, etc), para [companhias de aviação](#), restaurantes empresariais, hospitais, eventos esportivos, festas etc., sendo que, na contratação do serviço, o contratante define previamente o cardápio, o número de comensais, o local e a hora de entrega dos produtos

Giancarlo também não estaria aqui ainda. Ele odiava a armação e preferiu chegar como convidado de honra.

—Merda, eu esqueci. Ele provavelmente não estará aqui, — Sal estava dizendo, chegando à mesma conclusão.

—Vou esperar. — Vitari fechou a porta do carro e caminhou pelo gramado ondulado e extenso. Dois fornecedores carregavam um enorme bolo de várias camadas pela entrada da garagem. Vitari bufou. Ele teria sorte se ganhasse um cartão de aniversário. Nos últimos anos, ele nem tinha conseguido isso.

Ele entrou na casa, passando por funcionários que iam e voltavam com arranjos de mesa e capas de cadeiras. Algumas pessoas do círculo íntimo de seu pai acenaram em saudação. Eles estariam garantindo que os fornecedores não entrassem em lugares que não deveriam.

Ele precisava tirar a camisa ensanguentada e se limpar antes que alguém perguntasse por que ele estava uma merda. Ele entrou em seu quarto e tirou as roupas. Ele não pôde tomar banho com o curativo novo, mas enxugou-se, fez a barba e vestiu-se para a noite. Ele então arrumou o cabelo – ficou uma loucura graças aos dedos agarradores de Francis. Depois que ele abandonou suas inibições, ele fodeu como um homem tentando compensar todos aqueles anos de celibato.

Antes de Sasha invadir, as coisas estavam bem.

E a noite... porra, a noite foi incrível. Francis era um maldito diamante, ofuscando todas as coisas ruins da vida de Vitari. Toda aquela paixão e luta embrulhadas em seu corpo firme e agradável. Vitari riu das lembranças e prendeu as abotoaduras no lugar. Ele não o merecia. Esta vida, o mundo de Vitari... Ele mataria Francis, porra.

Mas isso não iria acontecer.

Vitari conseguiria as provas para Sasha, se isso fosse necessário. Fosse o que fosse, não poderia ser tão ruim quanto Sasha esperava. Giancarlo sobreviveria, sempre sobreviveu, e ninguém precisava saber que Vitari era a fonte. Era uma pena que Luca não estivesse por perto, ou Vitari poderia ter culpado ele.

Ele saiu do quarto, atravessou a villa e aproximou-se do escritório de Giancarlo. Vitari bateu e, como não obteve resposta, verificou se estava sozinho no corredor, abriu a porta e entrou.

Um ventilador lento zumbia acima, agitando o ar abafado e contaminado pelo cigarro. Giancarlo mantinha as gavetas de sua mesa trancadas, mas Vitari sabia desde o início da adolescência, depois de passar muitas horas trancado nesta sala como punição por atuar, que a vitrine alta continha vários documentos históricos e um monte de pen drives antigos.

Ele abriu o armário, retirou alguns dos arquivos da caixa e guardou os pen drives no bolso. As chances de haver algo incriminatório para eles eram mínimas, mas sem acesso às gavetas trancadas, era um bom lugar para começar. Ele folheou alguns dos documentos impressos, mas nada se destacou como prova definitiva. Não era provável que Giancarlo deixasse informações confidenciais onde alguém pudesse topar com elas.

Vitari voltou para seu quarto, abriu seu laptop e conectou o primeiro pen drive.

A festa demoraria algumas horas para começar. Ele tinha tempo de folhear algumas unidades. O primeiro continha arquivos contábeis antigos de diversas propriedades de terras no exterior. Um bom contador provavelmente poderia seguir as migalhas até algo incriminador, mas nada pareceu tão condenatório. O próximo continha apenas dois arquivos de fotografias aleatórias. O terceiro estava

corrompido e não carregava. Ele não esperava encontrar uma prova definitiva em arquivos antigos guardados em um armário, mas algo suspeito teria sido útil...

Ele conectou a quarta unidade e abriu o primeiro arquivo.

Fotos dele enchiam a pasta. Na primeira, ele tinha talvez quatorze anos e estava sentado numa espreguiçadeira à beira da piscina da villa, sorrindo. Outra foto o mostrava com Giancarlo, debruçado sobre o capô de um velho carro esporte. Ele se lembrava daquele dia. Foi um dos poucos em que seu tempo com Giancarlo não pareceu espremido na agenda interminável de seu pai. Ele tinha quinze anos.

Todas as fotos eram dele em vários lugares, não posados, apenas naturais. E a maior parte foi levada por Giancarlo.

Vitari recostou-se. Não havia fotos dele em nenhuma das casas de seu pai. Giancarlo exibia imagens de seus carros, de seus cachorros, de suas outras casas, de algumas de suas amantes – ele nunca se casou. Mas nada de Vitari. Porque Giancarlo tinha vergonha do filho da puta, vergonha de Vitari. O segredo aberto.

Então, por que manter as fotos?

Vitari folheou as outras pastas, mas encontrou apenas mais do mesmo. Centenas de fotos dele mesmo relaxadas e contentes.

A próxima unidade foi inútil – novamente cheia de documentos contábeis.

Mas ao abrir a sexta e ver nas fotos uma mulher e uma criança, ele se inclinou para frente. Um duplo clique exibiu as imagens em uma galeria maior. A mulher era jovem, talvez adolescente, com cabelos escuros e desgrenhados e um sorriso largo e gentil. Ela segurou um bebê enfaixado nos braços e olhou para aquela criança como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo.

O coração de Vitari gaguejou. Ele percorreu mais fotos. A mulher no gramado, com os braços abertos, chamando uma criança para ela. Outro com um

menino tentando andar de bicicleta. Depois fotos dela sozinha, posando para a câmera, linda, graciosa. Fotos dela em uma ponte familiar de Roma, posando com as grandes cúpulas e arcos do Vaticano atrás dela. Fotos dela num parque do Vaticano, fora de uma casa do Vaticano, nos jardins do Vaticano.

Ele percorreu as fotos, voltando a um com a mulher segurando os braços estendidos. Ele conhecia aquele gramado. Ele havia passado por ali apenas algumas horas antes.

Ele rolou para frente novamente, mais rápido, precisando ver mais. Precisando saber...

E ali, uma das imagens finais, era do menino, de não mais que quatro anos, sentado em um pônei com as mãos da mãe na cintura, apoiando-o. Ele usava um chapéu de palha bobo e uma camiseta desbotada do Voltron⁵. Ele não parecia muito feliz por estar montado no cavalo, e seus olhos escuros se estreitaram, desconfiados e com medo da criatura de quatro patas que ele montava.

Ele era aquele garoto.

Ele não se lembrava daquele dia, mas reconheceu seu próprio rosto carrancudo.

Vitari não era um maldito erro. Ele não era um segredo sujo. Essas fotos eram a prova de que ele era amado, a prova de que sua mãe não era uma prostituta barata.

Ele saiu da mesa e andou de um lado para o outro. O arranhão em seu flanco latejou novamente. Tudo doía, mas o pior da dor vinha de dentro.

⁵ Cinco heróis improváveis pilotam seus leões robóticos para juntos formar o mega poderoso Voltron e defender o universo contra o mal.

Por que Giancarlo escondeu tudo sobre a sua mãe? Por que ele o deixou acreditar que ela não era nada?

E como Vitari passou daquele garoto bobo de bochechas rosadas e chapéu de palha para o garoto arruinado em um quarto sem janelas na casa de meninos Stanmore?

Giancarlo escondeu tudo isso dele – escondeu o fato de que ele era produto do amor, o fato de que era totalmente italiano e como era querido. Giancarlo escondeu dele a identidade de sua própria mãe!

Ele sentou-se novamente, fez cópias de todos os arquivos e fotografias e conectou a unidade final, entorpecido.

Este estava numerado, sem nomes de arquivo, e as fotos estavam borradas demais para serem visualizadas em miniatura. Ele clicou e, à medida que as imagens escuras e sombrias caíam em cascata na tela, as imagens tomaram forma. Seu cérebro traduziu os flashes brancos como vislumbres de pele pálida contra paredes de tijolos escuros. Um menino, com as mãos levantadas e a cabeça baixa. Nu.

As entranhas de Vitari se reviraram e depois se agitaram.

Ele não conseguia olhar, mas não conseguia desviar o olhar. Ele rolou, vendo mas não vendo, como se estivesse longe de tudo, entorpecido. O menino era magro, sua pele mediterrânea pálida como trigo, sentado na beira de uma cama com estrutura de metal. Seus olhos grandes eram tão parecidos com os da mãe que era de admirar que Giancarlo pudesse olhar para ele hoje e não vê-la.

As fotos variavam de Vitari aos seis anos de idade, até quase nove ou dez anos. Foi difícil dizer. Ele parecia tão jovem, tão magro e vulnerável.

Ele fez isso para que aquele garoto fraco e patético não existisse.

Mas lá estava ele, olhando com os próprios olhos de Vitari.

Vitari puxou o drive e segurou-o sobre a lata de lixo. Se ele jogasse fora as fotos, elas nunca existiriam, o que significava que o tempo não existia, assim como aquele menino não existia.

Mas as imagens também provavam que ele havia sido vendido como um pedaço de carne.

Provava que seu pai sabia.

Ele colocou o drive na mesa ao lado do laptop, olhou para ele, desafiando-o a machucá-lo ainda mais, e então o conectou novamente e percorreu cada imagem nojenta e angustiante, fazendo-se ver, mesmo que cada uma delas queimava como um novo corte nas veias. Havia outros nas fotos. Homens mais velhos. Políticos proeminentes, celebridades. As fotos valeriam milhões em chantagem, o que provavelmente era a razão pela qual elas existiam.

Dinheiro da vergonha de Vitari.

A porta do seu quarto se abriu e Sal entrou.

Vitari arrancou o drive do laptop e fechou a janela de arquivos.

—Giancarlo está aqui.

Seu coração batia forte em seus ouvidos.

—Você está bem?— Sal perguntou.

—Uh, hum. Estou.— Ele fechou o laptop, levantou-se, mas enquanto a sala girava, ele agarrou a cadeira para segurá-lo.

—Tem certeza?

—Eu disse que estou bem, Sal, Jesus!

Sal recuou, mãos para cima. —Você quer tomar uma bebida? Parece que você precisa disso.

Ele queria ficar tão bêbado que quando suas veias transbordassem de álcool, ele se incendiaria, queimando todas as imagens de sua cabeça. Ele não conseguia queimar as memórias, elas eram profundas na alma. —Sim...

Ele enfiou os outros pen drives em uma gaveta, mas colocou o pior no bolso. Ninguém *já* poderia ver essas fotografias. Ninguém poderia saber o quão inútil ele já foi.

Ele levaria essa evidência para o túmulo.



Sal o abandonou. Ele não podia culpá-lo. Vitari não estava com espírito de festa. Neo tentou arrancar um sorriso dele contando uma história sobre como uma vez quase lhe arrancou o dedo do pé. Havia muita munição lá para Vitari usar em mais piadas às custas de Neo, mas ele não conseguia se importar. A dormência que se instalou desde a visualização das fotos persistiu, sufocando-o ao mesmo tempo em que o protegia.

Ele não queria estar ali, entre aquelas pessoas brilhantes e superficiais, todos rindo e sorrindo como se não estivessem com medo de *não* vir. Ele não queria mais ser Vitari Angelini. Era demais. Ele estava preso, exatamente como Francis havia dito meses atrás. Vitari negou, disse-lhe que não tinha ideia do que estava falando, mas Francis *sabia*.

Saindo cambaleando da sala principal, onde a maioria dos convidados estava reunida, Vitari tirou o telefone do bolso e cambaleou para fora, através dos carros estacionados, até o amplo gramado da frente, onde um dia, aparentemente, viveu uma vida feliz e normal.

Ele caiu na grama e chamou ‘Frank.’ Francis provavelmente não atenderia. Desde que estava em Roma, não atendia nenhuma ligação de Vitari. Talvez os padres não tivessem permissão para usar seus telefones em lugares sagrados.

Tocou e tocou, e o coração de Vitari bateu cada vez mais forte.

Ele não deveria estar ligando para ele.

Mas ele precisava ouvir sua voz, precisava se sentir próximo de alguém que o fizesse sentir que valia alguma coisa.

—Estou no meio de algo, você está bem?

—Eu te amo.

A confissão caiu dele. Ele não tinha planejado dizer isso, mas lá estava.

A inspiração de Francis fez as entranhas de Vitari se agitarem. Ele tinha acabado de estragar tudo?

—Você levou um tiro, — disse Francis. —Você está bem?

Então, ele simplesmente iria ignorar as palavras de Vitari. Justo. Vitari também poderia ignorá-los. —Ih... bem.

—Você está bêbado?

—O que? Não. Talvez. — Ele se jogou na grama e olhou para as estrelas cintilantes.

—Eu posso ouvir isso em sua voz.— Ele suspirou, fazendo Vitari se sentir como um adolescente repreendido. —Você está realmente bem... de antes?

—Sim.— Ele fechou os olhos e ouviu a respiração de Francis. —Você deveria me odiar.

Ele esperou um pouco. —Às vezes eu faço.

—Eu odeio minha vida.

—Aconteceu alguma coisa? Algo... mais do que esta manhã?

—Sim.— Ele não poderia dizer isso. As emoções já estavam brotando, sufocando-o. Ele nunca conseguia pronunciar as palavras e então desabava aqui no gramado, na festa de Giancarlo, chorando como um idiota para um padre. — Quero ver você.

Francis suspirou. —Eu não posso agora. É missa da noite e nós... não podemos continuar fazendo isso.

—Fuja comigo?

A pequena risada de Francis derreteu um pouco do entorpecimento. —Nós tentamos isso.

—Eu não sou quem pensei que era, — Vitari murmurou, arrancando a grama ao lado dele, removendo cada lâmina, uma por uma.

—Angel, você vai ficar bem?

—Ah, hum.

—Talvez eu possa... sair mais tarde... os portões ficam trancados à meia-noite, mas posso encontrá-lo antes disso.

Ninguém saberia ou se importaria se Vitari não estivesse na festa. —Gostaria disso.

—Fora do restaurante para onde você me levou? Posso te encontrar lá, às onze? Mas tem que ser rápido. Preciso estar de volta às doze.

Deus, ele adorava o som da voz de Francis, tão razoável, suave e calma. Vitari consultou o relógio, piscando algumas vezes para esclarecer o borrão. —Eu posso fazer isso.

—Você vai conseguir chegar lá com segurança?

—Não estou tão bêbado quanto você pensa, — ele disse arrastado. —São as drogas.

—Isso não alivia minhas preocupações, Angel,— ele disse, todo severo e repreendedor.

— *Essas* drogas não... Medicamentos para dor.

Ele riu. —Tudo bem. Bom. Então... vejo você em breve. Adeus?

—Tchau.

Francis encerrou a ligação primeiro, mas Vitari ainda segurou o telefone no ouvido, ouvindo o tom de encerramento da chamada. Ele disse a Francis que o amava, e parecia certo, mesmo que Francis o tivesse ignorado.

—Aí está você. — Sal pisou forte. —Que porra você está fazendo aqui?

—Nada. — Ele tentou se levantar e caiu de joelhos com um bufo.

—Jesus, você precisa se recompor. — Sal agarrou seu braço e o levantou. — Giancarlo quer ver você. — Ele deu um tapinha no rosto de Vitari, apenas de leve, tentando acordá-lo. —Vamos, este não é você.

—O que sou eu, hein?— Vitari tropeçou em Sal e caiu em seus braços. Essa foi boa. Sal era bom. Resistente. Confiável.

Suas mãos grandes tentaram tirar Vitari de cima dele. —Eu não posso levar você ao chefe assim. Volte para o seu quarto e fique sóbrio. Direi a ele que não consegui encontrar você.

Vitari sorriu para o amigo e deu um tapinha em sua bochecha. —Amo você, Sal.

—Certo, — ele disse lentamente, depois passou um braço em volta de Vitari e juntos eles tropeçaram pela lateral da villa e entraram pela entrada dos fundos. —Tome um banho frio, concentre-se, e eu virei buscá-lo em dez...

Sal abriu a porta de Vitari. A luz do corredor iluminado Giancarlo parado ao lado da mesa onde Vitari havia visto o pior de seus pesadelos.

—Deixe-nos, — Giancarlo retrucou. Ele aparecia grande no escuro, sua silhueta ampla.

—Sim chefe. — Sal se foi, deixando Vitari cambaleando, sozinho. Ele ajeitou suas roupas e encarou seu pai. Ele poderia fazer isso. Ele poderia enfrentá-lo.

—O que deu em você esta noite?

—Nada. — Ele fungou e passou a mão pelo rosto, tentando afastar um pouco da embriaguez. —Está bem. Estou bem. Está tudo bem. — Ele foi até a janela. O olhar de seu pai pesava em cada passo.

—Esse comportamento é intolerável, Vitari.

Vitari sorriu para seu reflexo na janela escura. —Sim, sou intolerável. — O segredo aberto da Battaglia, o cão de ataque de Giancarlo, o filho da prostituta. L'Angelo della Morte. Ele só precisava superar isso e, depois que Giancarlo voltasse para sua festa, Vitari contrataria um táxi e iria procurar Francis. O único lugar – a única pessoa que fazia algum sentido em sua vida.

—Feliz aniversário, pai, — Vitari disse lentamente, e em algum lugar enterrado no fundo de sua mente ele sabia que estava piorando as coisas, que deveria se humilhar e implorar perdão ao pai, mas não tinha muita vontade de ficar de joelhos. desde que viu aquelas fotos horríveis, desde que percebeu que Giancarlo sabia de tudo o que havia vivido.

—Não saia deste quarto pelo resto da noite.

Vitari bufou. O que seu pai iria fazer, trancá-lo como se ele tivesse quinze anos de novo?

—Qual era o nome da minha mãe? — Ele se lembrou do rosto sorridente dela nas fotos – sempre sorrindo. Ela era bonita. E feliz. Tão feliz.

—Não estamos discutindo sobre ela. Aquela puta não tem lugar nesta noite, no meu aniversário...

Vitari virou-se e encostou-se no parapeito da janela. —Ela não era uma prostituta, era? Você a chama assim porque a odeia?

O rosto de seu pai se contraiu. —Você é uma vergonha bêbada para a família, para a Battaglia! Se você se comporta assim, você me desonra em minha casa...

Vitari riu dos insultos ineficazes. Ele já tinha ouvido todos eles antes. — *Você* me colocou naquela casa de meninos? De quem foi a ideia? O que aconteceu e onde ela está agora? Ela se cansou das suas besteiras? — Vitari saiu da janela e marchou em direção ao pai. —Ela tentou fugir? Você a matou?

A bofetada o atingiu com tanta força que ele caiu de joelhos no chão. Sangue amargo e acobreado encheu sua boca. Ele engoliu em seco e limpou os lábios nas costas da mão. E aqui estava ele, de joelhos, exatamente onde sempre esteve.

A mão que Giancarlo usou para acertá-lo tremeu quando ele a baixou para o lado. —Fique aqui até ficar sóbrio e nunca mais fale de sua mãe. O nome dela nunca tocará seus lábios. — Ele girou nos calcanhares e correu em direção à porta.

Não, Vitari não seria descartado como um lixo. Ele tinha visto as evidências. Ele sabia que havia mentido para ele. Ele saltou com o pé traseiro e saiu voando pela porta, atrás de Giancarlo.

—Segure-o, — ordenou Giancarlo. Dois guardas avançaram, agarrando Vitari como se fossem redes de carga, com as mãos sobre ele, forçando-o a recuar. —Certifique-se de que ele fique naquele quarto, — ordenou Giancarlo. —Se ele sair, você está demitido.

—Porra, saia de cima de mim!— Vitari resistiu, tentou se libertar, mas os dois homens – homens que ele conhecia, homens que ele respeitava – forçaram-no de volta para a sala e atiraram-no contra a cama.

—Fique quieto, Angel, — alertou um deles.

Angel havia perdido. Ele estava uma bagunça. Ele sabia disso. Todos eles sabiam disso. Mas pior, ele não estaria se encontrando com Francis...

Isso provavelmente foi uma coisa boa. Drogado como estava, ele era um risco. Uma mancha na Battaglia. Uma vergonha. A vergonha fez sua pele arrepiar.

Mas ele machucaria seu pai, ele iria arruiná-lo, como ele arruinou o garotinho de chapéu de palha e camiseta do Voltron. O menino que Vitari deveria ter sido, não o monstro que ele era hoje.

CAPÍTULO DEZ

Francis

Esperou até o último minuto possível, mas Vitari não viria. Considerando o estado de embriaguez em que estava durante a ligação, ele provavelmente desmaiou em algum lugar ou esqueceu. Francis correu de volta ao Vaticano.

Enviar mensagens de texto para Vitari estava fora de questão. Os textos poderiam ser salvos e usados como prova contra eles. Seria melhor esperar até que Vitari ficasse sóbrio. Ele provavelmente ligaria de manhã.

Colocando a ausência de Vitari no fundo de sua mente, ele retornou ao prédio de apartamentos em que lhe foi permitido ficar – uma peça histórica deslumbrante, embora intimidante, de teto alto por si só. O edifício tinha uma capela privada, usada apenas pelos funcionários do Vaticano. A capela parecia pequena, segura e menos avassaladora do que a grandiosidade da Basílica de São Pedro. Com apenas três bancos, ele se ajoelhou no do meio e rezou.

Vitari estava sofrendo. Algo aconteceu, algo que o fez chamar Francis naquele estado, que o fez estender a mão, que o fez dizer aquelas palavras: eu te amo. Claro, isso não significou nada. Eram apenas palavras bêbadas. Vitari nunca diria isso e seria sincero, mesmo que Francis desejasse que fosse real. As vezes no passado, quando ele estava tão bêbado que arrastava as palavras, aquelas vezes a alma de Vitari sofreu.

Francis orou por orientação e força. Para ambos.

Ele rezou para tomar a decisão certa, porque algo tinha que acontecer.

Francis havia caído no mesmo caminho equivocado, incapaz de se prevenir. Não era errado ter intimidade com um homem – ele acreditava firmemente nisso, mas estava em conflito com sua vida e seu papel como padre.

Ele tinha uma escolha a fazer.

A igreja ou Vitari. Ele não poderia ter ambos em sua vida. No entanto... ele também não conseguia imaginar ir embora.

Francis apertou as mãos com mais força, baixou a cabeça e orou *mais*. Ele não estava aqui para ser redimido. Ele nunca poderia purificar-se dos pecados que cometeu. Mas ele poderia ajudar outros a purificar os seus, como sempre quis.

Ele orou para que Deus o perdoasse e perdoasse Vitari.



—Oh, me desculpe, pensei que a capela estava vazia.

Francis acordou de repente e piscou para o homem mais velho, loiro e sorridente, inclinado na ponta do banco.

—Você estava dormindo?

—Eu, uh...— Francis olhou ao redor. Ele ainda estava na capela, caído no banco. A luz do sol entrava pelo alto vitral. Ele esteve lá a noite toda. —Acho que talvez estivesse.

—Não se preocupe. Não direi se você não contar. —O padre – americano, pelo sotaque – ofereceu a mão, e Francis apertou automaticamente, seus pensamentos demorando para se atualizar.

—Padre Davis, — disse ele, apertando a mão de Francis com entusiasmo. — Você é Francis, certo? Não o Papa Francis.— Ele piscou e soltou. —Mas sem dúvida

igualmente famoso. Eu vi você no noticiário. Ver você em carne e osso, assim, é como conhecer uma estrela do rock.

—Oh, bem, eu não sei sobre isso. — Francis esfregou o rosto, tentando varrer os restos de sono e constrangimento. Ele precisava voltar para seu apartamento, tomar um banho e ver se conseguia chegar ao culto da manhã.

Ele saiu do banco e agradeceu ao padre Davis enquanto se afastava. —Vou deixá-lo com suas orações, padre. E sinto muito, pelo... bem, pelo que você viu.

—Me chame de Riley. Há muitos padres por aqui, hein. —Ele riu. —E não se preocupe, já vi coisas piores do que um homem dormindo durante a oração.

Ele parecia legal. —Riley. — Francis sorriu educadamente. —Eu deveria estar indo.

—Tudo certo.

Francis virou-se e teve a certeza de que o olhar do padre Davis permaneceu nele até sair da capela.

Retornando ao seu apartamento, tomou banho, vestiu sua batina e entrou na confortável rotina de cumprir suas tarefas diárias. O dia passou numa correria de tarefas e, embora os telefones celulares não fossem permitidos nas áreas de trabalho do Vaticano, Francis entrou no silêncio e verificou-os durante o dia. Nenhuma chamada.

Ele não poderia ligar para Vitari, poderia?

Ele sabia que *não deveria* ligar para ele, mas a conversa da noite anterior tinha sido estranha. Vitari provavelmente estava bem; ele já teria dormido sem beber e continuaria seu dia, assim como Francis, embora com menos orações e mais o que quer que fizesse como filho do chefe da Máfia.

Era melhor não pensar nisso.

Então... Talvez, uma ligação rápida? Francis gemeu com sua própria idiotice.

—Ah, padre Scott, duas vezes no mesmo dia. Deve ser o destino, não? Ou é mais provável que estejamos todos andando pelos mesmos prédios.

—Padre Davis. — Francis se endireitou, encostado na parede e olhando para o telefone. Ele olhou para o guarda suíço – a única pessoa no mesmo trecho do corredor. Ele estava tão acostumado com as librés azuis e laranja dos guardas que pareciam peças de mobília elaboradas espalhadas pelo Vaticano. —Sinto muito, toda vez que você me vê, pareço estar curvado ou dormindo.

Davis riu e o som encheu o teto arqueado. Os olhos azuis de Davis brilharam com uma espécie de travessura vibrante, fazendo Francis duvidar de sua ‘velha’ suposição inicial. Ele não poderia ter mais do que quarenta e poucos anos.

—Não há necessidade de se desculpar comigo, só com Deus. — Ele riu. — Você queria tomar um café? Parece que nós dois poderíamos usar a cafeína.

Isso afastaria a mente de Francis de Vitari, e ele teria algum tempo antes de suas próximas tarefas. Ele também poderia socializar mais. Desde que chegou, ele se sentiu um pouco estranho, com todos tão ocupados.

—Obrigado. Gostaria disso.

Eles saíram dos terrenos do Vaticano, caminhando sob a luz do sol entre os turistas, pelo passeio principal da Via della Conciliazione, e encontraram uma pequena pizzeria numa das ruas laterais. Padre Davis sugeriu que comessem, então Francis sentou-se à janela, em boa companhia e boa comida, sentindo-se mais normal a cada minuto que passava. Davis falou sobre sua igreja no Centro-Oeste, seus paroquianos e como ele sentia falta da simplicidade desde que foi *convocado* como representante americano para os eventos de Páscoa de renome mundial no Vaticano.

Francis reconheceu as suas próprias lutas na vida do padre e, embora não o tenha dito explicitamente, parecia que Davis lutou contra muitos dos mesmos demónios que Francis. Talvez todos eles achassem suas vidas difíceis e Francis não estivesse sozinho em seu conflito.

—Esperando uma ligação? — perguntou o padre Davis, notando os olhares nada sutis de Francis para sua tela.

—Algo parecido.— Ele quase disse quem era e depois se fechou. Claro que ele não poderia citar o nome de Vitari Angelini. Seu sequestrador, o filho do chefe da Máfia, seu... amante. Às vezes, ele sentia como se o volume de segredos o estivesse afogando. —Um amigo meu teve alguns dias difíceis. A última vez que conversamos, ele estava... Ele não parecia ser ele mesmo, — explicou Francis. —Eu esperava já ter notícias dele, então saberia que ele está bem.

—Ah, tenho certeza que ele esta. — Padre Davis sorriu e terminou sua pizza com uma mordida bagunçada. Ele lambeu os dedos para limpá-los. —Quão ruim pode ser, certo? Se ele tem você como amigo?

—É gentil da sua parte dizer isso.

—Você parece um cara legal, Francis.

Davis não diria isso se soubesse de todas as coisas que Francis havia feito.

—Eu tento ser.— Ele pode não ter se esforçado tanto quanto deveria.

—*Isso não é verdade.* — Davis sorriu, com um pouco de malícia e também havia muito peso por trás de suas palavras, como se ele suportasse o peso de seus próprios pecados e soubesse o quão pesados eles poderiam ser.

O telefone de Francis tocou. Seu coração pulou na garganta. —Eu só preciso... devo atender isso. — Ele saiu da mesa e olhou para a tela, onde o nome do padre

Hawker estava exibido. Não Vitari. Seu coração afundou. Mas não foi de todo ruim. Ele não tinha notícias do padre Hawker desde que se mudara para Westminster.

—Padre Hawker, olá?

—Ah, olá, Francis.

Eles conversaram brevemente, a conversa fiada de sempre, mas então o tom do padre Hawker ficou sério. —Eu, uh, bem, eu... eu queria ligar e perguntar se você está bem, Francis? Receio ter sido um tanto negligente em meus deveres e então você se foi, então... não tivemos a chance de discutir tudo o que você passou.

—Vou bem obrigado. — Demorou um pouco, mas mesmo assim foi bem-vindo. Ele se perguntou se o padre Hawker ficaria feliz em vê-lo pelas costas.

—Oh, bom, bom...— Ele parou, esperando ou pensando.

—Tem mais alguma coisa? — Francis solicitou.

—Você está no lugar certo, Francis. Você vai ficar bem.

Estranho. Havia algo de errado com o padre Hawker? — *Você está bem?*— Nos meses que passou com o padre Hawker, ele não lhe perguntou nenhuma vez como ele estava. Ele sempre foi o pilar da vida sacerdotal, contente, com a igreja e a paróquia em ordem. Tudo o que Francis aspirava ser.

—Sim, eu só...

—Algo está errado?

Silêncio.

—Padre, o que está acontecendo?— Francis afastou-se da movimentada área de alimentação, longe dos ouvidos atentos.

—Perdoe-me por dizer isso. Acho que talvez algumas coisas você compartilhou comigo no passado, bem, eu não estava tão ciente das implicações quanto deveria.

Tratava-se das confissões de Francis. Mas qual parte? Ele ser gay? Ele havia contado ao padre Hawker sobre seu desejo por homens antes de começar seu posto em St Mary, mas isso não o incomodou naquela época. Então, isso era outra coisa? Ele tentou se lembrar de todas as coisas que havia revelado, mas foi cuidadoso. Ele não tinha falado muito sobre a Venezuela. Mas a Máfia não saberia disso. E o padre Hawker era um alvo fácil e fácil. —Está tudo bem, me diga o que há de errado.

—Eu li a carta... do seu advogado. Eu sei que não tinha o direito, mas estávamos todos tão preocupados com você...

Então ele sabia dos abusos do Arcebispo Montague. Mas mais do que isso, ele sabia sobre a casa dos meninos. O advogado de Francis, naquela carta, pediu mais testemunhas, mais *vítimas*. Pelo menos ele agora sabia quem abrira a carta. — Alguém mais viu?

—Não, eu... eu escondi da igreja, quando eles vieram investigar.

—Não foi nada. Um erro. — Se o padre Hawker começasse a investigar Montague e a casa dos meninos, ele se veria envolvido nesta confusão horrível ao lado de Francis, e ele não merecia isso. —Eu não fui até o fim.

—Francis, — disse o padre Hawker, com sua voz severa. —Ele levou você para Westminster. Pensei que era para proteger você, mas não foi nada disso, foi...

Este homem era muito gentil. Ele não poderia trazê-lo a este mundo também. —Está tudo no passado, não importa. Por favor, esqueça isso.

—Eu não posso fazer isso.

—Padre, por favor... eu... estou lidando com isso. Você não precisa fazer nada.

—Desculpe. — A voz do Padre Hawker tremeu. —Estou tão culpado, Francis. Sinto vergonha pelo que foi feito com você. Ele *não é* a igreja. Nós somos melhores

que isso. Apenas saiba... você pode falar comigo. Eu sempre estarei aqui para você. Eu sempre ouvirei. Deus sempre ouvirá.

Ele precisava ouvir essas palavras, saber que nem tudo estava perdido. O mundo não era tão corrupto quanto parecia. Ele simplesmente estava no meio de um bolsão de escuridão. —Obrigado. Mas padre, por favor, não mencione nada disso a ninguém.

—É... acabou? Quero dizer, ele... Isso ainda está por ai, Francis?

Francis suspirou e encostou-se na parede. Acabou com o Arcebispo? Sexualmente, sim. O homem não ousaria tocá-lo como antes. Mas acabou, em geral? Não. A casa dos meninos, o arcebispo, os mortos sem voz para contar suas verdades, e agora os DeSica. Estava tudo tão entrelaçado, como uma teia de abusos, mentiras e corrupção, que o toque de uma corda reverberava pelas outras. —Estou lidando com isso, — repetiu ele, e certificou-se de que o Padre Hawker ouvisse a severidade em suas palavras.

—Isso tem alguma coisa a ver com o seu sequestro?

Ele olhou para trás, para o padre Davis olhando pela janela para os turistas que passavam. —Não posso mais falar sobre isso agora. Obrigado por ligar, isso significa muito.

—Estou aqui por você.

—Obrigado.

Eles se despediram e Francis encerrou a ligação. Estranho como a luz do sol parecia ter diminuído. Padre Davis tomou um gole de café, ainda olhando pela janela. Pelo menos ele não tinha nada a ver com tudo isso.

Existiam pessoas legais e normais que não queriam extorquir, ameaçar ou subornar. E o Padre Davis era um daqueles.

Francis voltou à mesa e agradeceu por acompanhá-lo no almoço. O Padre Davis ofereceu-se para pagar a sua comida e a mente de Francis ficou tão atolada no atoleiro do seu passado que ele não teve energia para insistir. Mesmo lá fora, caminhando de volta ao Vaticano sob o sol escaldante, ele não conseguia se livrar de um calafrio crescente. Ele pediu desculpas ao padre Davis – que mais uma vez insistiu para que ele o chamasse de Riley – por azedar o clima e se ofereceu para compensar convidando-o para almoçar no dia seguinte.

Riley concordou e deixou Francis sozinho numa das muitas salas fechadas ao público de São Pedro, inundadas por tetos altos e quatrocentos anos de história católica. Ele puxou o telefone do bolso e passou o polegar sobre o número de Vitari. Se ele não respondesse, o que isso significava? E se ele respondesse, o que Francis iria dizer? Obrigado pelo encontro, foi incrível, mas nunca mais poderemos fazer isso?

Francis colocou o telefone de volta no bolso.

Sasha parecia acreditar que a casa dos meninos e Giancarlo estavam ligados o suficiente para arruinar o chefe da máfia. E a casa dos meninos estava ligada a Montague, já que ele era seu patrono, e Francis o conheceu lá. O que provavelmente significava que todos os três estavam emaranhados. E como arcebispo, haveria registros da ascensão de Montague na hierarquia nos arquivos do Vaticano.

Arquivos que ficavam a apenas algumas salas de onde ele estava.



Depois de Francis entregar o seu telefone ao guarda arquivista e assinar o registo de segurança, ele atravessou a porta selada a vácuo e entrou nos cofres do

Vaticano. Rack após rack de caixas vermelhas percorria toda a extensão dos enormes arquivos, estendendo-se muito abaixo dos terrenos de São Pedro. Havia registros e documentos aqui que Francis nunca teria permissão de ver, e alguns que apenas os mais valentes servos da Igreja Católica ao longo da vida poderiam ver. Por mais fascinante que tudo fosse, Francis não estava aqui para ver nenhum dos documentos mais antigos, ou aqueles mantidos trancados em gaiolas de metal. Ele precisava de registros mais recentes referentes aos arquivos pessoais dos ordenados.

Em poucos metros, os arquivos nas prateleiras mudaram de vermelho para azul e, à frente, as infames gaiolas de metal apareceram. Os documentos por trás daquelas portas de metal eram os mais preciosos ou controversos. Mas, do lado oposto, prateleiras com arquivos de caixas mais recentes aguardavam.

Ele parou na frente deles. Esses arquivos provavelmente estavam todos informatizados em algum lugar, mas conhecendo a igreja, ele teria que passar por vários obstáculos para obter acesso. Considerando que ele já estava aqui. Embora a tarefa parecesse assustadora. Mesmo em ordem alfabética, ele encarava várias horas de trabalho pela frente.

Uma hora depois, ele encontrou os arquivos pessoais.

—Posso te ajudar? — Uma freira apareceu ao lado esquerdo de Francis, assustando-o. Ela riu um pouco da surpresa dele. —Eu não queria te surpreender, padre, — disse ela em inglês.

—Não, a culpa é minha, eu estava perdido na leitura. Você pode ajudar. — Ele perguntou sobre os arquivos recentes sobre ordenações europeias, explicando que estava escrevendo um artigo sobre o declínio do número de padres – uma pequena mentira que ele expiaria mais tarde – e se deparou com vários arquivos

de nomes e colocações. A freira o deixou folheando e, depois de um tempo, ele encontrou o arquivo do arcebispo Charles Montague.

Uma rápida leitura da informação revelou o nome do próprio Francis e um número ao lado, referindo-se a outro arquivo. Encontrou-o e uma mesa e, espalhando os documentos, procurou por qualquer coisa que pudesse ligar Montague à casa dos meninos. E lá estava ele, junto com seu próprio nome novamente, como uma pessoa de especial interesse para o arcebispo. O breve período de Francis como sacerdote havia sido anotado em um pedaço de papel limpo, branco e nítido, com uma menção de como ele havia sido ordenado aos 24 anos de idade, com o consentimento do arcebispo. *O consentimento* o incomodava, mas ele deixou esses sentimentos de lado. Ao engolir o gosto amargo na boca, seu olhar captou um nome familiar:

Stefania Angelini.

Provavelmente havia muitos Angelini na Itália, mas encontrar um entre os arquivos de Montague parecia significativo, embora o nome só aparecesse uma vez: sob *dependentes*.

Francis olhou para as pequenas palavras inócuas. Seu coração batia forte em seus ouvidos. Poderia ser uma coincidência ou poderia ser exatamente o que parecia ser. Montague estava ligado a Vitari Angelini por meio desta Stefania. Quem era ela? Prima, irmã, tia?

Voltando às estantes, procurou um arquivo apenas sobre Angelini, mas não parecia haver nada relacionado a esse nome. Ele perguntou à freira, Irmã Lucy, que o ajudou na busca. —Stefania Angelini morou aqui, — disse a Irmã Lucy pouco depois, com bondosos olhos castanhos espiando por trás da sombra encapuzada de seu hábito. —Parte da família Angelini, moravam nas dependências do Vaticano.

—As pessoas moram no Vaticano?

—Ah, sim, mas não muitos. Menos de mil. Em alguns casos, gerações da mesma família vivem e trabalham no Vaticano.

—Os Angelinis ainda estão aqui? — Vitari tinha parentes vivos dentro do Vaticano? Ele sabia?

—Não, — ela explicou, balançando a cabeça. —Os Angelinis terminaram com Stefania. Ah, eu me lembro disso, tinha acabado de entrar no pessoal da biblioteca. A pobre menina desapareceu há mais de quinze anos, depois de sair de casa.

—Ela tinha um irmão? Ou um... filho?

—Oh não. Nenhum filho, e seu pai idoso morreu pouco depois. Sua mãe havia morrido muito antes deles. Tão triste. Ela nunca foi encontrada, embora houvesse rumores e teorias sobre seu paradeiro, é claro.

—Rumores, como?

—Oh, eu não gosto de transmitir fofocas. Mas tenho certeza de que você pode encontrar todas as teorias online, se quiser pesquisar no Google mais tarde. Muito disso é um absurdo.

Stefania Angelini. Vitari achava que não era ninguém, achava que não *tinha* ninguém. O que quer que isso significasse, ele iria querer saber sobre Stefania. — Posso tirar uma cópia desses arquivos?

—Sinto muito, não permitimos isso.

—Tudo bem, obrigado.

Ela se afastou e Francis voltou a estudar os arquivos. Stefania Angelini – dependente do Arcebispo Montague. Como Stefania Angelini estava ligada a Montague como dependente se ela havia desaparecido, provavelmente morrido, há

mais de quinze anos? Ela teve uma vida, uma família no Vaticano. Onde estava a conexão com Montague? E não poderia ser coincidência a forma como Vitari compartilhou seu sobrenome.

Sem mais nada de útil entre os registros, ele deixou os arquivos e recuperou seu telefone. Entrando nos jardins do Vaticano no final do dia, ele pesquisou *Stefania Angelini Vaticano no Google*.

Menina desaparecida do Vaticano desencadeia investigação na Igreja Católica.
Stefania Angelini – o anjo que nunca mais voltou.

Fotos de uma jovem italiana sorridente preencheram os resultados da pesquisa. Francis sentou-se num banco sob o sol poente e folheou os resultados enquanto vários jardineiros passavam e pombos colhiam areia no caminho.

Papa João Paulo II emite desculpas públicas pelas falhas do Vaticano.
Padre ordena exumação do túmulo do Vaticano. Nenhum corpo encontrado.
Pai de menina desaparecida morre sem saber o destino da filha.

Artigo após artigo, a maioria datada de muitos anos atrás. Stefania Angelini desapareceu no início da noite em frente à sua casa no Vaticano. A polícia da Cidade do Vaticano classificou seu desaparecimento como sendo uma jovem agindo mal. O caso nunca foi investigado.

Ela saiu pela porta e desapareceu.

As teorias variavam de fuga a alienígenas, a conspirações do Vaticano e conspirações contra a Igreja. Um podcast sobre crimes reais até tentou ressuscitar a história há alguns anos, mas não encontrou nada.

Francis tirou algumas fotos da jovem e dos artigos. Ele precisava mostrá-los para Vitari. No mínimo, sua ligação com Montague como ‘dependente’ e o subsequente desaparecimento eram significativos demais para serem ignorados.

Com o sol aquecendo suas vestes escuras, mas seus pensamentos atolados em sombras, ele recostou-se no banco e discou o número de Vitari.

—Padre Francis Scott, — respondeu uma voz masculina profunda e rouca. Francis congelou. Este homem não era Vitari.

—Ouça bem, padre Scott. Não ligue para este número novamente, — disse o homem. —Não procure meu filho. Viva uma vida longa e contente em sua igreja. Entendido?

—Dom Giancarlo, — sussurrou Francis. O pai de Vitari.

Onde estava Vitari? Ele estava seguro? Aconteceu alguma coisa com ele, foi por isso que seu pai estava com o telefone?

—Se você ver meu filho novamente, fotos suas quebrando seus votos chegarão aos seus superiores.

Ele se perguntou quando apareceriam as fotos dele e Vitari envolvidos em intimidades tiradas por Luca. Se Giancarlo os tivesse visto, então Vitari estava em apuros. —Eu entendo.

—Então temos um acordo?

—Ele está bem?

—Ele não é da sua conta, padre Scott, — resmungou Giancarlo, perdendo a paciência.

—Eu entendo.— Ele tinha que dizer isso, não havia outra resposta. Giancarlo tinha as fotos, o que significava que sabia que seu filho era gay, e Vitari deixou bem claro que vivia uma vida que não permitia tais coisas. E se ele estivesse ferido em algum lugar? —Só... Por favor...— Ele poderia estar piorando as coisas, ele sabia disso, mas tinha que saber. —Ele está seguro?

—Ele é meu filho.

O que isso significa? Que ele estava bem ou não? Giancarlo não ia lhe contar nada, isso estava claro. Mas esta ligação poderia ser a única vez que Francis conseguiu falar com o pai de Vitari, a única chance que ele tinha de perguntar-lhe qualquer coisa.

—Quem é Stefania Angelini? — ele deixou escapar.

A linha clicou e o tom de discagem zumbiu em seu ouvido.

Francis caiu para a frente, tremendo em suas vestes, apesar do calor do dia.

Não havia como chegar até Vitari. Não havia nada que ele pudesse fazer a não ser confiar que Vitari o procuraria quando pudesse.

Ele ficaria bem.

Vitari sempre esteve bem.

O russo ainda precisava de provas e Francis ainda precisava de respostas.

Seja o que for, tudo isso era grande. Maior que eles, tal como Luca havia dito, meses atrás. E Francis não estava deixando isso passar. Uma menina desapareceu, meninos morreram, os abusos não ficariam impunes e tudo poderia ser atribuído ao arcebispo Montague.

Francis precisava voltar a Londres, voltar a Montague, e exigir respostas. Mas para fazer isso, ele precisava de uma arma. Ele precisava de provas. Ou Montague negaria tudo. O instinto de Francis, a sua intuição, talvez até mesmo Deus, disse-lhe que Stefania Angelini era a resposta para tudo.

CAPÍTULO ONZE

Vitari

Giancarlo pegou o telefone de Vitari como se fosse uma criança. Provavelmente porque ele agiu como uma. Ele tinha fodido tudo. Ele estava bêbado, irritado e estúpido. Não era ele. Ele trabalhou duro demais para jogar isso fora no passado. E daí que ele já teve uma mãe carinhosa, alguém que o amava? Não mudava absolutamente nada.

Esta noite ele era L'Angelo della Morte e estava num cais comercial, à espera de um fornecedor de produtos que andava a roubar lucros. Esta noite ele estava fazendo o que sempre fazia, antes de um padre virar seu mundo de cabeça para baixo. Vitari estava prestes a lembrar um ladrão idiota de não mexer com a Battaglia.

Ladrões perderam dedos. E outras coisas.

Ele era mais poderoso como L'Angelo della Morte do que como o segredo sujo da família escondido na Inglaterra.

Quanto a Francis, desde que permanecesse no Vaticano e não fizesse barulho, ele ficaria bem. Ainda havia aquele probleminha de alguém fazer um contrato sobre Francis, mas Francis ainda era conhecido como protegido. Apenas Ricky era estúpido o suficiente para perguntar sobre o acidente e caiu na lateral de uma ponte. O golpe não iria a lugar nenhum.

Um caminhão baú refrigerado passava ruidosamente pelo cais. Vitari consultou o relógio. Duas da manhã. Bem na hora. Ele saiu do carro e caminhou

em direção ao caminhão que estava diminuindo a velocidade. Duas câmeras próximas foram desligadas pela equipe do cais, paga para desviar o olhar. Ninguém estava assistindo.

O motorista abaixou a janela. —Quem é você? Onde está Ginelli?

O único condutor era apenas uma mula de meia-idade, que dificilmente valia o tempo de Vitari. —Saia do caminhão.

—Que porra é essa, cara!

Vitari sacou uma arma e fez um gesto para que ele abrisse a porta. —Saia da porra do caminhão.

O rosto do homem caiu. —Você não quer fazer isso. — Ele abriu a porta e saiu cambaleando, depois levantou as mãos. —Este é um produto da Battaglia. Eles virão atrás de você. Não seja estúpido. Eles vão te pegar.

Vitari agarrou seu braço, esticou suas pernas e o deixou cair de joelhos. — Eu *sou* a Battaglia.

—Oh merda, merda, merda, o que é isso?— ele choramingou, sua voz ficando mais alta. —Eu fiz o que você disse, sempre faço isso!

—Isso é apenas um negócio, cara. Relaxe.

—Porra. Eles estão aqui, lá atrás, o que eu fiz de errado? Eu não fiz nada de errado. Talvez eu tenha usado alguns, sabe? Tipo, para ver se eles eram bons.

—'Eles'? — Vitari perguntou, olhando para a caminhonete. A marca antiga foi retirada das laterais. —O que tem na sua carga?

O homem ajoelhado olhou-o de soslaio. —O povo, — disse ele, como se Vitari fosse um idiota por não saber.

Pessoas.

No caminhão.

—Fique lá. Não se mexa, porra. —Vitari foi até a traseira do caminhão, destravou as portas e as abriu. Uma dúzia, talvez mais, de rostos jovens espiavam na escuridão. Meninos, meninas. Jovem. Muito mais jovem que Vitari. —De onde vocês são?— ele perguntou. Eles olharam fixamente. —Vocês vinheram de onde?— Ninguém respondeu, embora temesse já saber a resposta.

Disseram-lhe que o caminhão estava cheio de produtos, não de *pessoas*.

—Para onde essas pessoas estão indo? — perguntou Vitari, voltando para perto do motorista, que ainda estava de joelhos.

—Londres.

A mente de Vitari revirava cenários e resultados. Ele sabia que essa merda acontecia, mas nunca tinha visto com seus próprios olhos. Sempre foi problema de outra pessoa. Até a Venezuela e a menina morta no cemitério de Francis. Uma garota que procurou Francis em busca de ajuda, cuja irmã pediu ajuda a Vitari e que agora estavam mortas.

Caramba, por que não poderiam ter sido drogas?

—Você corre muito?— Vitari perguntou.

—A cada seis meses.

Vitari encheu os pulmões e estremeceu sob as luzes fracas do cais. Sua lateral também doía um pouco, um lembrete latejante do aviso de Sasha. Esta noite ficou muito mais complicada para todos os envolvidos. —Você disse que os 'usou'? Como isso funciona, hein?

O homem piscou e agora Vitari o estudou. Ele havia sido um idiota antes, mas agora era um homem que traficava pessoas rotineiramente e as *usava* enquanto fazia isso. O nome dele Marco era alguma coisa. Geralmente Vitari não se

importava em saber os nomes de cada mula que a Battaglia empregava, mas esta se tornara especial. Marco estava aproveitando os lucros e experimentando o produto.

—Quero dizer, sim, certo. — Ele franziu a testa. —Alguns deles ficam barulhentos, então você tem que mostrar a eles o que acontece se eles não se comportarem. — Ele bufou uma risada, sentindo um amigo em Vitari, agora eles estavam conversando. —São apenas negócios, certo? Você sabe como é.

Vitari agachou-se ao nível dos olhos de Marco e deu-lhe um sorriso rápido. —Use-os como produtos, hein?

O olhar de Marco passou pelo rosto de Vitari. Ele deu um meio sorriso, de homem para homem. —Você sabe, quebrar sua força de vontade. Alguns deles estão pedindo isso.

—Você já tocou neles? Sexualmente?

Marco engoliu em seco. Seu olhar se desviou. —Nenhum homem.

Vitari apontou a arma para a cabeça do homem. —Você está mentindo?

O suor escorria pelo rosto de Marco. —É tudo o que eles vão fazer quando chegarem aonde estão indo de qualquer maneira, e daí se eu foder alguns? Ninguém se importa...

Vitari puxou o gatilho; a arma com silenciador disparou, chutou, o sangue espirrou na lateral do caminhão e Marco estremeceu, desabando como um castelo de cartas aos pés de Vitari. O silêncio voltou. Vitari suspirou. Não era assim que a noite deveria ser.

Ele se levantou, agarrou o braço flácido de Marco e arrastou o corpo até a beira do cais. Não havia nada por perto para pesar sobre ele. Esperançosamente, a corrente oceânica o levaria para longe das docas. Vitari chutou Marco para o lado e seu corpo ensanguentado caiu com um estrondo.

Voltando para a traseira do caminhão, Vitari soltou um suspiro ao ver os rostos inexpressivos olhando para ele. .

—Porra.

Punir o ladrão, esse era o trabalho. Agora ele tinha um caminhão cheio de gente para lidar. Este *não era* o plano.

—Droga. Apenas...— Ele não tinha ideia do que dizer ou do que fazer. — Vocês vão ficar bem. Sinto que estaremos bem. — Ele fechou a porta, trancou-a e sentou-se atrás do volante.

Que porra ele deveria fazer com um caminhão cheio de pessoas contrabandeadas?

CAPÍTULO DOZE

Francis

Os sinos da igreja tocaram às cinco da manhã. Francis tomou banho, vestiu-se e consultou o telefone. Quinze chamadas perdidas de um número desconhecido estavam empilhadas na tela. Ele colocou o botão no modo silencioso durante as orações noturnas e esqueceu de ligá-lo novamente. Enquanto ele olhava boquiaberto, o telefone vibrou.

—Olá...

—Porra, por que você não atende o telefone? Tentei entrar em contato com você a noite toda.

—Angel.— Um alívio vertiginoso tomou conta dele. —Você está bem?

—Você gosta de ajudar as pessoas, padre?

—Eu, uh... sim?— Por que a pergunta parecia uma armadilha?

—Tenho uma situação que estou ficando sem tempo para resolver. Me encontre?

—Hoje?

—Si, agora. Imediatamente.

—Eu, uh, tenho um dia inteiro de tarefas agendadas e compromissos. Eu deveria estar com as freiras distribuindo cestas básicas aos sem-teto...

—Pacotes de comida? Jesus, porra, Cristo, isso é mais importante que isso. Confie em mim.

—O que é?

—Não posso... Vou demorar muito para explicar. Encontre-me no extremo sul da Via del Commercio, Ostiense. Pegue um táxi. Certifique-se de não ser seguido.

—O que? Não peguei o endereço – seguido? Por que eu iria...

A linha morreu.

Francis piscou para a parede. Qualquer que fosse a razão pela qual Vitari precisava dele, era claramente importante. Ele parecia... preocupado, até mesmo atormentado.

Ele tirou a batina e vestiu roupas civis, tomou o caminho do covarde e mandou uma mensagem para o diácono desculpando-se por estar doente, depois pediu um táxi por um aplicativo e se aventurou a sair do prédio. Outro dia escaldante de Roma começou a queimar a Basílica de São Pedro. Francis olhou por cima do ombro algumas vezes, verificando se havia algum seguidor, embora não tivesse certeza de como iria localizá-lo no meio da multidão.

O táxi chegou, ele procurou o endereço, esperando que estivesse certo, e sentou-se no banco de trás para observar os edifícios antigos de Roma passarem pela janela. O antigo deu lugar a prédios novos e mais modernos, e então o táxi entrou em uma área industrial cansada e repleta de grafites.

Talvez Francis tivesse errado o endereço?

O táxi parou em frente a um pátio de armazenamento cercado por uma cerca enferrujada de quase três metros de altura, lixo nas calçadas e grama alta brotando por toda parte. O que quer que tenha sido processado nos armazéns daqui, eles já fecharam há muito tempo. Este não poderia ser o lugar correto. Se ele conseguisse fora do táxi aqui, ele seria assaltado em dez minutos. —Ah, uh... não tenho certeza se...

A porta do motorista de um caminhão baú abriu-se vários metros adiante na estrada, e o inconfundível Vitari, impecavelmente vestido, desceu do volante.

—Oh.

—Correto, senhor? — perguntou o taxista.

—Ahn, sim. — Francis pagou e esperou até que ele desse meia volta antes de se aproximar de Vitari.

Ele parecia bem, mas sempre parecia bem. Francis esboçou um sorriso e protegeu os olhos do sol forte. —O que há no caminhão?— ele perguntou, meio sorrindo. Provavelmente não foram drogas. Eram drogas? Oh Deus, e se *fossem* drogas? Isso seria ridículo. Vitari não estaria dirigindo por Roma num caminhão carregado de cocaína em plena luz do dia.

—Pessoas.

—O que? — Francis perdeu o sorriso.

—Precisamos levá-los para um lugar seguro. Entre.

Nós? Esse foi um daqueles momentos em que sua cabeça lhe disse para sair e lavar as mãos de tudo Vitari Angelini. Mas o seu coração sabia que ele não teria convidado Francis para vir aqui se não fosse importante.

Ele subiu na cabine do caminhão, consciente de que estar ali o tornava cúmplice de qualquer crime que Vitari estava prestes a cometer. —Eu ia dizer que é bom ver que você está bem, mas agora estou me perguntando se estou prestes a me arrepender disso.

—Sem arrependimentos, padre. — Vitari desviou o caminhão dos antigos pátios industriais e sorriu aquele sorriso espalhafatoso do tipo não olhe muito para isso. —É bom, você está fazendo uma coisa boa. *Estamos* indo bem. Eu penso.

—Você disse que há...— Ele engoliu em seco. —...pessoas na traseira deste caminhão?

—Sim.

Francis engoliu o desconforto estranho e contorcido que agitava suas entranhas. —Isso é ilegal?

—Tecnicamente, é o oposto.

—Então é legal?

—Hum.— Vitari coçou a bochecha. —É, e não.

—Deus nos ajude.

Eles andaram em silêncio por um tempo, até que Vitari mencionou que o caminhão era refrigerado para que as pessoas na traseira não fervessem no que era na verdade uma lata em uma temperatura de trinta e cinco graus. Francis não ficou consolado com essa informação. O que ele deveria pensar de tudo isso? Por que Vitari pediu que ele fosse junto? Ele deixou de pensar que Giancarlo poderia tê-lo matado e passou a andar com ele com um braço direito em algum tipo de atividade criminosa.

Vitari olhou algumas vezes. —Você está fazendo aquela coisa que faz quando quer dizer algo que não gosto, então fica pensando um pouco.

—Eu... Não. Eu não... Bem...— Ele fez alguma coisa? Havia muito a dizer e perguntar. Mas uma questão parecia mais premente do que todas as outras. —Por que você tem um caminhão cheio de gente?

—Eles são produtos. E eu sei, antes que você torça a batina, eu não tenho nada a ver com esse lado do negócio, mas dessa vez eu tive, e quando vi que eram pessoas, não pude deixar passar. Então eu os peguei.

Ele os *pegou*. Então o pai dele não sabia que ele os tinha? —Para onde vamos levá-los, exatamente?

—Há uma fazenda a algumas horas ao norte de Roma. É isolado e antiquado. Quase nenhum sinal de celular. Nós o usamos para... — Ele olhou. — coisas desaparecendo. Nós vamos levá-los aí, você vai dar uma olhada neles, ter certeza de que estão bem, e então eu imagino... — Ele estremeceu um pouco, mas Francis não sabia dizer se era por sentimentos ou pelo brilho do sol brilhando através do para-brisa. —Nós somos donos da polícia. Mas a policial espanhola... Catalina Diaz, lembra dela?

—Como eu posso esquecer?

—Acho que ela vai querer lidar com isso.

Francis girou na cadeira e fixou o olhar em Vitari. —Você vai entregá-los à polícia?

Ele riu. —O que mais eu devo fazer? Libertá-los no interior da Itália?

—Estou surpreso, só isso.

—Surpreso por estar deixando as pessoas irem?

—Sim, suponho.

Ele arqueou uma sobrancelha. —Você pensa tão pouco de mim, Padre?

—Isso não foi o que eu quis dizer.

—Não está bem. Não é como se eu tivesse feito alguma coisa para ganhar o seu respeito, certo? Devo ser mau até os ossos, porque não me rastejo diante de Deus?

Ele testemunhou Vitari matar quatro pessoas. Salvar alguns não compensou o assassinato, mas Francis não estava aqui para discutir sobre pecados passados. —

Não faça isso. — Francis suspirou e olhou para frente novamente. A névoa de calor subiu pela estrada onde o caminhão desceu. —Você sabe que eu não penso assim.

—Não, você está certo.— Ele suspirou. —Scusa, foi uma longa noite. Estou cansado. E... você está bem, a propósito. A forma como deixamos as coisas... não foi a ideal.

—Com você sangrando no chão? Não, isso não era o ideal.

—O tiro foi apenas um arranhão... Mas eu quis dizer a ligação que fiz para você. Eu, uh... eu estava bêbado. Você está com raiva, eu entendo...

— Raiva? Estou aliviado! Eu pensei...— Francis suspirou profundamente. — O que... Então você não me sabe, liguei para o seu telefone e seu pai atendeu.

—Foda-se, Francis!— O caminhão bateu em um buraco na estrada e desviou. Vitari agarrou o volante, praguejou novamente e depois controlou o veículo.

Francis agarrou-se ao assento e fez uma rápida oração. —Eu não tinha ideia de que ele iria responder, obviamente.

—Não quero saber o que ele disse, — disse Vitari com um gemido. —Não me diga. Ele sabia que era você?

—Sim.

—Porra.

—Desculpe.

—O que ele disse?

—Você acabou de dizer para não contar...— Vitari olhou carrancudo. —OK. Ele me disse para nunca mais ligar para você e deu a entender que se eu ligasse, ele me mataria.

—Figlio di puttana. — Vitari estreitou os olhos. —Estou em muita merda. Quando foi isso?

—Alguns dias atrás.

—Ele não me contou. Ele provavelmente pensa que seu aviso vai durar. — Vitari rosnou mais algumas palavras italianas que soavam criativas e olhou para ele. —Você está bem?

Uma risada fina saiu de Francis. —Estou aqui, em um caminhão roubado, transportando pessoas traficadas ilegalmente para o interior da Itália, desafiando a ameaça de um chefe da máfia, roubando *seu* pessoal, com seu filho, depois que ele me ordenou que não falasse com você novamente – e estou fazendo isso, tudo isso porque você me ligou e disse 'Ei, vamos nos encontrar.'— Francis conseguiu sorrir. —Ah, estou bem.

—Eu também executei o motorista.

—Vitari!

—Ele mereceu.

—Querido Deus. Por favor, não me conte mais. — Ele bufou. Inclinando o cotovelo contra a porta, ele esfregou uma dor na testa. O caminhão seguiu em frente.

—Se vale de alguma coisa, estou feliz que você esteja aqui, — disse Vitari depois de alguns momentos de silêncio.

Francis voltou o olhar para dentro da cabine e estudou o homem complicado ao volante. O homem para quem ele não conseguia dizer não. Mesmo agora, ele estava claramente exausto, suas roupas estavam amassadas, mas ele ainda tinha um carisma travesso ao qual Francis não conseguia resistir. —Diga-me *por que* estou aqui, Vitari? Por que você me arrastou para isso?

—Porque as pessoas na traseira deste caminhão estão apavoradas e você é bom com as pessoas. Eles confiarão em você.

—Você não precisava de mim para isso. Você poderia ter resolvido isso sozinho.

—Mas eu... preciso de você. — Ele olhou para frente, determinado a não olhar. Suas mãos flexionadas no volante. —Sobre o que eu disse... na ligação... eu não... eu estava bêbado e... tive uma noite muito ruim.

Sua ideia de uma noite ruim era provavelmente um pesadelo encharcado de sangue. E Francis não conseguia ficar bravo com ele. —Eu sei. Está bem.

—Você está louco? Talvez eu possa deixar você em algum lugar...

Estranhamente, ele não estava nem um pouco bravo. Na verdade, ele estava feliz por Vitari ter procurado ele. Isso significava que Vitari confiava nele e que nenhum deles estava sozinho. —Vamos levar essas pessoas que você roubou para algum lugar seguro.



Uma hora depois, Vitari estacionou o caminhão por uma trilha empoeirada em direção a um conjunto de prédios térreos que não pareciam ser mais do que estábulos, mas pelo menos era privado, sem outros prédios por perto, apenas um muita terra árida, oliveiras e montanhas distantes. O que quer que o local tenha cultivado já havia morrido há muito tempo no calor.

—Tudo bem, você está pronto?

Pelo jeito que Vitari perguntou, ele tinha certeza de que *não estava* pronto. Eles pularam da cabine, deram a volta na traseira do caminhão e Vitari abriu as portas traseiras. Quinze pessoas amontoadas nos fundos. Francis definitivamente não estava pronto. Seu coração se partiu por causa daqueles rostos tristes e

aterrorizados. Tirados de suas vidas, de suas famílias e de tudo o que conheciam, para um mundo estranho e brutal.

—Certo. — Ele fez uma oração rápida e assentiu. Ele estava pronto. —Vamos cuidar deles. Você pode traduzir para mim?

—Vamos fazer isso, Blanco Padre.

Vitari arregaçou as mangas e falou espanhol em tons suaves e gentis, confortando-os ao mesmo tempo que apresentava Francis.

Tudo o que ele disse pareceu funcionar, pois um por um eles emergiram da traseira do caminhão, olhos grandes, fracos e imundos. Francis os levou para dentro da casa empoeirada da fazenda e pediu água a Vitari. Ele desapareceu por um tempo, voltando mais tarde pingando de suor e carregando baldes de água limpa e fresca. E juntos, eles começaram a trabalhar ajudando as pessoas a se sentirem seguras.

A maioria dos quinze eram adolescentes retirados das ruas das cidades venezuelanas, sequestrados ou vendidos em mentiras sobre como seriam levados para um lugar seguro na Europa para uma vida melhor. Claramente, alguns já estavam traumatizados pela sua provação. Francis ajudou a limpá-los, hidratá-los e orou com eles, enquanto Vitari traduzia suas necessidades, ajudando no que podia. Ocasionalmente durante a noite, Francis olhava e descobri que Vitari estava conversando com cada um deles, confortando-os, fazendo-os sentirem-se seguros. Tão gentil, com as mangas arregaçadas e a camisa para fora da calça – como um homem diferente do cruel Angelo della Morte que ele sabia que ele era.

Ele realmente não precisava que Francis fizesse isso.

Vitari riu com uma das meninas e isso atingiu o coração de Francis. Ele tinha visto sua arrogância, suas tentativas de mostrar ao mundo o quão intocável e

poderoso ele era, mas aqui, em uma pequena fazenda rural, ele era apenas alguém que queria ajudar.

A fazenda não estava equipada para acomodar dezessete pessoas, mas montaram camas com cobertores e almofadas no chão. E uma vez que todos estavam acomodados e confortáveis, Vitari foi até o poço tirar mais água, enquanto Francis orava por eles.

Mais tarde, enquanto os venezuelanos dormiam, Francis aventurou-se a sair para o ar fresco da noite e avistou Vitari encostado ao velho poço de pedra, iluminado apenas pelo luar. Vitari ainda não o tinha visto, enquanto olhava para a montanha, com as mangas arregaçadas e os cabelos espetados em ângulos estranhos.

Vitari não se considerava um anjo de verdade, mas para as pessoas que dormiam na casa da fazenda ele era. Por Deus, esse homem deixaria de surpreendê-lo? Francis pigarreou e se aproximou com um copo d'água. —Aqui.

—Obrigado. — Vitari pegou e bebeu o conteúdo em poucos goles.

—Você fez uma coisa boa aqui, Vitari.

Seus dentes brilharam em um sorriso enluarado. — *Fizemos* uma coisa boa, Blanco Padre. Eu sabia que você seria perfeito para isso.

Francis apoiou a bunda no poço ao lado dele. —É bom aqui.

—Sim... apenas observando as cobras.

—O que? — Ele levantou um pé e procurou por qualquer coisa que se movesse na grama crestada e queimada.

—Não se preocupe, eles são raros. — Vitari riu. —Deus irá mantê-lo seguro, certo?

—Você poderia pensar assim, mas tenho me perguntado ultimamente.

—Você quer dizer que sua fé está vacilando?

—Não vacilando, talvez... deslizando para o lado.

Vitari estendeu a mão e pegou a de Francis, como se fosse a coisa mais natural a se fazer no mundo. Ele segurou-o com força e voltou a olhar para longe, para as montanhas, apenas... de mãos dadas. Francis apertou suavemente e engoliu o pequeno nó na garganta tentando sufocá-lo.

—Seu Deus é um idiota se ele não vê o que há de bom em você.

—Erm... obrigado? Eu acho.

Vitari riu disso também, mas então sua risada desapareceu e seu rosto ficou sério. Tão sério que fez o coração de Francis pular.

Uma contração de dor cruzou a expressão de Vitari e seus olhos ficaram tristes, e aquela pequena viagem de medo no coração de Francis se transformou em um abismo de emoção, crescendo do nada. Francis se inclinou e pressionou os lábios nos de Vitari. Um toque suave e delicado. Vitari abriu a boca com tanto cuidado que foi quase como se aquele fosse o primeiro beijo deles, como se fosse a primeira vez que eles se conheceram de verdade.

Como se esta fosse a primeira vez que Francis conheceu o amor.

Não se tratava de sexo, nem mesmo de prazer físico, era apenas Francis dizendo a Vitari que era amado e, juntos, eles poderiam fazer coisas boas acontecerem. O beijo desapareceu e os olhos escuros de Vitari brilharam ao luar, cheios de emoção demais.

—Você está bem? — perguntou Francis.

—Sim... — ele resmungou, depois riu. —Eu... foi um longo dia. É só... muito.
—Ele enxugou o rosto, escondendo as lágrimas antes que Francis pudesse vê-las.

Como foi que este homem pôde ser tão brutal, tão cruel, mas também tão gentil, tão atencioso e tão merecedor de amor?

—Você deveria dormir um pouco, — disse Francis.

—E você?

—Eu vou, mas gosto daqui. Vou sentar um pouco, apenas observar as estrelas.

Vitari olhou para suas mãos entrelaçadas e apertou os dedos de Francis. Mas quando ele ergueu o olhar, a emoção tornou-se crua, transformando-se em tristeza. —Não há amanhã para nós, não é? Nossas vidas não permitirão isso.

Queria dizer-lhe que estava errado, que sempre havia esperança e sempre um amanhã. Mas teria sido uma mentira.

—Boa noite, Francis. — Vitari sorriu tristemente, libertou-se e voltou para a casa da fazenda.

—Boa noite, Vitari, — ele sussurrou atrás dele.

Ele queria ter esperança, mas como poderia? A Igreja Católica nunca reconheceria o seu amor. E Giancarlo deixou claro que o que eles tinham nunca poderia ser permitido.

Nenhum deles era livre para ser quem eram.

Recostando-se, ergueu o rosto para o céu e rezou para que Deus cuidasse de todos na casa da fazenda, inclusive Vitari.

Ele sabia por que Vitari ajudara aquelas pessoas e por que matara o motorista. Nos olhos de cada um daqueles meninos, Vitari viu a si mesmo. Ele sempre lutaria pelos inocentes.

Francis admirava isso, admirava-o.

E ele o amava. Ele sabia que era verdade, e real, e não tão assustador quanto ele pensava.

Algo farfalhou atrás dele na escuridão. Uma cobra? Ele se endireitou e se virou. Mais farfalhar. Algo grande estava lá fora, na escuridão. A Itália tinha ursos? Não, Vitari teria mencionado isso.

Seu coração galopou. Ele recuou em direção à casa da fazenda, um passo cuidadoso de cada vez. Se ele conseguisse chegar perto o suficiente para fugir... uma figura! —Vit...— Uma mão enluvada bateu em sua boca por trás e um braço firme envolveu sua cintura.

CAPÍTULO TREZE

Vitari

Ele oscilava entre o sono e a vigília enquanto caía no chão contra os móveis da cozinha. A exaustão o dominava, mas era o tipo bom de cansaço. Do tipo que aquece a alma. Ele não se importou hoje... Trabalhar com Francis, ajudar as pessoas, nada mais em sua mente, ninguém querendo mais do que ele poderia dar.

Hoje foi um bom dia.

O cascalho estalou lá fora, acordando-o com um solavanco.

Vitari sacou a arma, levantou-se e escutou. Apenas o som de um ronco suave encheu a casa da fazenda. Mas quando a brisa fresca entrou pelas janelas abertas, agitando as cortinas, trouxe consigo um silêncio denso. Um silêncio *perturbado*. Não há grilos, nada. Alguém estava lá fora, alguém que não era Francis e estava tentando muito ficar quieto.

—Angelini, mãos arriba!

Espanhol. —Porra.

As armas chacoalharam, as botas bateram no chão. Não era apenas uma pessoa lá fora, mas várias, e eles sabiam quem ele era.

Algumas crianças levantaram a cabeça. Ele acenou para eles ficarem abaixados. —Estou saindo, — disse ele em espanhol. Enfiando a arma na parte de trás da calça, com a trava de segurança colocada, ele ergueu as mãos e saiu sob o brilho de várias lanternas. —Fácil...— Ele não conseguia ver seus rostos, apenas sabia que eram muitos. —Estou cooperando.

Dois atacaram-no, deixaram-no de joelhos, roubaram a arma, puxaram-lhe as mãos para trás e algemaram-no. Eles recitaram instruções para acompanhá-los – não que ele tivesse escolha. Os feixes das lanternas dançaram. Tinha que haver oito homens, pelo menos.

Onde diabos estava Francis? Ele não o viu entre eles. Ele tinha fugido? Bom. Ele não precisava fazer parte disso mais do que já fazia.

Ordens latiam dentro da fazenda.

—Há pessoas inocentes lá!

O homem que o segurava levantou-o pelos pulsos amarrados.

Três 4x4 rodavam pela pista, faróis altos perfurando a noite. *Merda*. Isso era ruim. Sozinho, sem uma arma, ele nunca conseguiria se se libertasse e tentasse fugir.

Um carro com janelas totalmente pretas parou. Vitari foi empurrado para o banco de trás, a porta se fechou e o carro acelerou, as rodas girando na terra, aos solavancos na pista. —Ei, para onde você está me levando?

O motorista olhou no espelho e depois desviou o olhar. No final da trilha da fazenda, eles pegaram a estrada e aceleraram, correndo, até chegarem a uma curva à esquerda. Diminuindo a velocidade, ele virou em outra pista de terra e parou. Eles não tinham viajado mais do que alguns quilômetros da fazenda.

A uma curta distância, outro carro esperava, os faróis apontados para eles e os faróis altos acesos. O motorista de Vitari saiu do volante e abriu a porta. —Fora, — ele grunhiu em inglês.

A única vez que você levou alguém para o meio do nada foi para negociar merda ilegal ou colocar uma bala na cabeça de alguém e seu corpo em uma cova

rasa. Embora, se o quisessem morto, poderiam tê-lo atirado na casa da fazenda. Vitari lambeu os lábios secos e saiu.

—L'Angelo della Morte, — disse uma espanhola, quebrando o silêncio.

Ele conhecia aquela voz.

Catalina Diaz emergiu sob o brilho dos faróis, o cabelo preto preso em uma trança implacável. As letras brancas em seu colete balístico preto diziam *POLÍCIA*.

—Porra, Diaz. Isso é... *O que é isso?*

— *Inspetora* Diaz para você. E isso são precauções — disse ela, parando na frente dele. Eles nunca se conheceram antes. Ela olhou para ele, da cabeça aos pés.

—Pensei que você seria mais alto.

Ele bufou. —Você chegou cedo.

—Cedo é bom. Cedo mantém as pessoas más em alerta, certo?— Pelo menos ela estava sorrindo. Mas ela ainda não havia removido as algemas. Havia uma grande chance de que ela não o fizesse. Ele sabia disso quando ligou para ela.

—Onde está Francis? O padre? Você está com ele, certo? — Ele semicerrou os olhos para os faróis altos. Se tivessem apanhado Francis, ele não ficaria satisfeito.

Catalina acenou com a cabeça para alguém em seu carro. Uma porta bateu e Francis, de olhos arregalados, tropeçou na luz. O que ela disse a ele enquanto ele estava no carro com ela? Coisas horríveis sobre Vitari, provavelmente. Ele teria contado alguma coisa a ela? Não conscientemente, mas pessoas como Catalina Diaz eram inteligentes e observadores. Ela era uma loba, como Vitari, e Francis, o cordeiro.

Francis se adiantou. —Você está bem?

—Sim, você?

—Sim, eles me agarraram perto do poço, — ele murmurou. —Eu pensei... pensei que fosse El Cristo de novo.

Maldita polícia. Vitari instintivamente deu um passo à frente, protegendo Francis atrás dele. —Você não precisava agir com mão pesada assim, — disse ele a Diaz. —Eu expliquei o que tinha para você.

Ela estreitou os olhos. —O dia em que confio em um Battaglia é o dia em que como uma bala. — Ela circulou ao redor dele e abriu as algemas. —Por que você está fazendo isso, Angelini? O que você ganha?

—Eu te disse por quê. — As algemas caíram. Ele esfregou os pulsos. —Eles são pessoas inocentes. Eles não deveriam estar aqui.

O olhar duro de Catalina voltou para Francis e suavizou-se. Vitari conhecia aquele sorriso. Ele mesmo o usou uma ou duas vezes. Ela tinha uma queda pelo padre Scott. Otária. Embora ele não pudesse julgá-la, quando Francis inexplicavelmente, por algum milagre, também se infiltrou no coração frio de Vitari.

—Isso é obra sua? — ela perguntou a Francis.

—Não, Vitari fez isso. Eu só... eu apenas segui em frente.

—Estou tentando entender como você acabou *acompanhando* um criminoso conhecido, Padre, — disse Diaz.

Ele suspirou, como fazia muito perto de Vitari. —Eu luto com essa mesma pergunta todos os dias, inspetora.

—Isso...— Ela assentiu. —Isso é algo bastante... inacreditável, não? Um padre e um anjo?— Seu rádio apitou. Ela levou-o ao ouvido e depois retribuiu um reconhecimento. —Parece que temos pessoas, como você diz, Angelini.

—Bom.— Então esse pequeno encontro fofo acabou. —Podemos ir?

Ela assentiu. —Meus homens irão levá-lo de volta para a fazenda.

—Você não vai nos prender? — Francis perguntou, sua voz ficando mais alta.

—Hoje não, padre. — Ela apontou o queixo para Vitari. —Você poderia fazer muito mais do que isso. Talvez não seja o anjo da morte, sim? Talvez se virar e ser bonzinho?

—O dia em que eu me voltar contra a Battaglia é o dia em que nós dois comeremos balas.

—Pense nisso. — Ela sustentou seu olhar. —Você e o padre podem fazer uma grande diferença. Faça o bem. — Ao voltar para o carro, ela disse: —Isso pode ser o começo de algo.

—Isso é apenas uma vez, — ele gritou, depois acenou para Francis se apressar e entrar no carro.

Francis olhou pela janela durante a curta viagem de volta à casa da fazenda. Eles chegaram a tempo de ver os venezuelanos que salvaram subindo em vários carros, iniciando a próxima etapa da viagem. Eles ficariam bem. Vitari confiava em Diaz nisso. E agora não eram mais problema de Vitari.

Francis ficou parado na porta da fazenda, observando os carros partirem novamente, e então eram só os dois no meio do nada. Sem pessoas, sem vizinhos, apenas as estrelas.

—Não deveríamos ficar muito tempo, — disse Vitari, quando o silêncio ficou muito denso. —Não confio que ela não se virará e me prenderá.

—Se você tiver um acordo, ela não o fará, — disse Francis, muito confiante.

—Vocês dois são amigos agora, hein?

—Não, mas é óbvio que ela quer você como informante. Ela não quebrará sua confiança agora se puder contar com você mais tarde. — Quando as lanternas

traseiras dos carros desapareceram na escuridão, Francis olhou. —Não precisamos ir ainda, não é?

Vitari sorriu e, depois de voltar para dentro de casa, deixou-se cair no velho sofá com almofadas puídas. Cobertores rasgados estavam espalhados, prova de sua boa ação. Não seria o suficiente para manter Vitari fora do Inferno, mas foi bom fazer a diferença naquelas vidas.

Descansando a cabeça para trás, ele olhou para Francis vagando pela sala de estar, remoendo tudo o que havia acontecido. Pelo menos ele não estava gritando com Vitari, nem jogando coisas, mas estava claramente perturbado. Ser atacado por policiais armados o teria assustado, como aconteceu com a Venezuela.

—Ela não deveria estar aqui até amanhã. Eu teria contado a você, mas não tinha certeza se ela iria aparecer... —Francis não respondeu e continuou andando. —Você está bem?

—O que você vai dizer a Giancarlo... sobre isso?

Vitari encolheu os ombros. —Se eles não apareceram na Inglaterra, não é minha culpa. Eu os vi sair do cais. Esperançosamente, ele acredita.

Ele parou de andar e olhou. —Eles estavam indo para a Inglaterra?

—Sim, eles provavelmente pensaram que estavam sendo vendidos como escravos domésticos, na pior das hipóteses. Nós dois sabemos que não era para lá que eles estavam indo. — Vitari jogou a cabeça para trás e fechou os olhos para poder afastar todos os pensamentos ruins de sua cabeça. Ele precisava dormir, deixar sua mente vagar e seu corpo descansar.

—Se você sabe disso, por que não faz mais para impedir?

E aí veio. No mundo de Francis, sempre havia espaço para culpar Vitari por alguma coisa.

O sofá afundou enquanto Francis se sentava. Vitari manteve os olhos fechados e murmurou: —Eu não lido com essa merda.

—Então você... olha para o outro lado?

Houve aquele tom novamente, o de julgamento. —Sim, eu olho para o outro lado. — Ele não estava discutindo isso, nem agora, nem nunca. —Você não pode me dizer que concorda com tudo o que a Igreja Católica faz. E quanto a todas aquelas recompensas nos anos 90, quando surgiu que muitos padres não conseguiam manter o controle?

—Isso *não é* a mesma coisa, Vitari. — Por mais irritado que Francis estivesse, Vitari ainda sorriu ao ouvir isso. Ele era tão fácil de irritar. Tantos botões para apertar. E ele adorava cutucá-los. — Os Battaglia traficam pessoas vulneráveis, — disse Francis. —Você poderia fazer algo para impedir isso, mas não fará.

—O que eu vou fazer? — ele perguntou, mantendo os olhos fechados porque gostava de ouvir a voz de Francis sem distrações.

—Você fez *isso*.

—Este é um caso único. Posso mentir sobre isso uma vez, mas mais, e fica muito mais difícil explicar por que o produto não chega aonde está sob meu comando. Você me quer morto em uma vala?

—Você olhou nos olhos deles, Vitari. Você os viu. Agora me diga que você vai deixar isso continuar. Crianças pequenas, como elas, eram compradas e vendidas para o comércio sexual. Você vai deixar isso acontecer, com o seu passado, com o nosso...

Suficiente. —Pare.

—Catalina Diaz está certa. Você poderia ser um verdadeiro anjo para muitas pessoas.

Ele abriu os olhos e fitou a expressão desafiadora e indignada de Francis. Era tão fácil em seu mundo perfeito fazer o bem. Não funcionava assim no mundo de Vitari. —Salvar algumas pessoas não muda nada. Mas isso fará com que eu seja jogado em uma cova rasa. Um homem não pode lutar contra a Battaglia. Eu não estou discutindo isso.

Francis bufou e recostou-se nas almofadas do sofá. Vitari esperou que mais palavras voassem, mas em vez disso, Francis se arrastou contra o braço de Vitari. Seu calor e peso reconfortante acalmaram a mente conectada de Vitari e amenizaram o barulho deixado por suas palavras.

Ele o colocou perto. Ambos cheiravam a suor velho e poeira quente, mas isso não importava.

Só por um tempinho, ele iria abraçar Francis e fingir que, pela manhã, tudo ficaria bem.



Vitari acordou sozinho com um cobertor sobre ele. O sol da manhã estava alto e brilhava pelas janelas. Ele jogou fora o cobertor, espreguiçou-se e espiou pela janela traseira. E lá estava Francis, enchendo baldes de água do poço. *Sem camisa.* Sua pele pálida brilhava à luz fraca do sol. Ele molhou a camisa e torceu-a. Depois ajoelhou-se, mergulhou o rosto num balde e tirou-o, espalhando um arco de água por todo o lado.

Como este homem ainda fazia parte da vida de Vitari, quando Francis estava destinado a coisas melhores e maiores? Provavelmente foi por alguma tentativa equivocada de salvar Vitari, mas ele usaria essa desculpa se o visse assim.

Dividido entre observá-lo ou se lavar, o cheiro do seu próprio odor corporal prevaleceu, e ele se aproximou de Francis enquanto ele tirava mais água fresca do poço. Vitari tirou a camisa e amassou-a. Francis ficou surpreso e tentou fingir que ao ver o peito nu de Vitari não havia impedido seus pensamentos, olhando para o balde à sua frente.

O cabelo castanho de Francis, agora molhado, havia escurecido para um castanho claro. Ele o penteou para trás, deixando seu rosto magro e implacável, mesmo com alguns cachos úmidos. Apenas seu sorrisinho suavizava a aparência severa. Aquele pequeno sorriso se contraiu ao ver Vitari pensando em algo divertido.

Vitari abriu a boca para pedir o balde.

Uma rajada de água fria atingiu-o no rosto. Ele engasgou, chocado e sem fôlego, cambaleou e sacudiu a água com uma risada.

Francis sorriu. —Você precisava disso.

—Alguns avisos da próxima vez? — Vitari pegou um dos baldes cheios, fingindo esticá-lo para molhar a camisa, depois levantou-o, de um ângulo baixo. O conteúdo espirrou sob o queixo de Francis, jogando-o para trás – em direção ao poço.

Porra!

Vitari avançou, pegou-o nos braços e riu. Francis balbuciou, olhou para o poço ao lado deles e riu. —Salvei sua vida, padre.

Hm, isso foi bom, apesar de quase matá-lo. Francis estava em seus braços, molhado, quente e rindo. Vitari beijou seu pescoço, sem resistir, sentindo gosto de sal e sujeira e sem se importar, principalmente quando Francis cantarolava um som agradável como incentivo. Eles balançavam, como se dançassem ao som de uma

música silenciosa, e as risadas leves de Francis desapareceram, transformando-se em suspiros mais pesados.

Vitari o empurrou contra o poço e ouviu sua respiração acelerada, beijou seu peito onde seu coração batia acelerado. Os dedos de Francis agarraram seu cabelo. Vitari nunca se cansaria dele, nem se passassem dias assim, semanas, anos. Não seria suficiente.

Francis agarrou os quadris, como se tivesse medo de soltá-lo, enquanto embora a qualquer momento isso – seja lá o que fosse – pudesse ser arrancado deles.

Vitari deixou cair a mão, moldou os dedos no pau duro de Francis através das calças e soltou um rosnado. Porra, toda vez que Francis ficava duro, Vitari enlouquecia devido à necessidade animal de possuí-lo.

—Não podemos, — Francis gemeu sem fôlego. —Estou imundo.

—Eu adoro sujeira, — Vitari rosnou em seu ouvido enquanto trabalhava na braguilha de Francis, abrindo-a. Ele cuspiu na mão e mergulhou dentro da cueca de Francis, deslizando pelo pau de Francis. —Eu preferiria ter você de costas, te fodendo forte, Padre, mas aqui mesmo, você fodendo minha mão, é tão bom quanto. E você vai foder, não é? Você vai foder como se fosse minha boca, como se meus lábios estivessem no seu pau, como se seu pau estivesse na minha garganta.

Os olhos de Francis se fecharam e sua boca cor de pêssego se abriu, tão convidativa. Vitari chupou o lábio inferior entre os dentes e beliscou, e com a respiração gaguejada de Francis, ele passou o polegar sobre a cabeça de seu pênis, reunindo pré-sêmen escorregadio, depois voltou a acariciá-lo para que ele pudesse devorar cada uma de suas respirações entrecortadas e minúsculos gemidos pecaminosos.

Como tudo em sua vida, isso não duraria. Eles tinham que voltar para Roma; eles seriam separados e suas vidas os separariam continuamente. Mas, por enquanto, Francis era de Vitari em todos os sentidos – mente, corpo, alma. A necessidade de afundar nele fez todo o seu corpo queimar. Se ele tivesse lubrificante em mãos, ele agarraria os quadris de Francis e iria até o fundo, até as bolas, repetidamente, cada vez mais rápido. Ele quase podia sentir, ouvir o bater de suas coxas na bunda de Francis. —Toque-me, — Vitari exigiu, a voz rouca.

Francis agarrou sua virilha e depois se atrapalhou com a braguilha de Vitari, tentando entrar.

Vitari o ajudou – desfez o zíper – e agarrou o braço de Francis, mão dele, segurando-a em seu pau. Os dedos finos de Francis o envolveram, muito secos, mas isso não importava. Vitari voltou a esbanjar golpes na ereção de Francis. Então Francis cuspiu em suas próprias mãos, seus lindos e inocentes olhos olhando para Vitari como se pedisse perdão, e então ele agarrou Vitari e bombeou impiedosamente. Eles faziam movimentos descontrolados, agarrando-se, respirando com dificuldade, fodendo os punhos um do outro com uma loucura febril.

—Eu quero espalhar sua bunda embaixo de mim, Padre. Quero arruinar você até você gritar meu maldito nome. Meu pau dentro de você, te fodendo. Até você gozar com tanta força que você perderia a cabeça.

—Oh Deus. Pare.

—Pare?

—Não!

—Sim? — Vitari bombeou mais rápido, tentando resistir à tentação de seu próprio clímax crescente à mercê do ritmo vacilante de Francis. —Você sentiria

meu pau fodendo em você, tocando sua alma, e eu gozaria em você, tão profundamente que você poderia me provar.

Francis mordeu o lábio. O calor inundou seu rosto. Seus quadris tremeram. Deus, ele iria gozar e Vitari iria gozar também ali mesmo com ele.

—Como se eu fosse gozar agora mesmo, em toda a sua mão, Francis. Ugh, porra...

Francis soltou um grito. O esperma jorrou de seu pau, tanto que escorreu pelos dedos de Vitari. Então Vitari se perdeu, levado por um orgasmo ofuscante, ainda fodendo a mão de Francis, como se pudesse arrancar até a última gota de suas bolas. Ele agarrou o ombro de Francis, seu pau balançando nas ondas que recuavam, então, quando as ondas desapareceram, ele encontrou os olhos bêbados de sexo de Francis.

Ele queria beijá-lo, como eles se beijaram aqui ontem à noite, como se um beijo pudesse dizer as palavras que eles não conseguiam falar. Palavras sobre o amor tolo e impossível de um padre que virou seu mundo de cabeça para baixo. Um padre que mostrara a Vitari que havia sol depois da escuridão, se você esperasse o suficiente. Deus, ele amava esse homem. E sabia que esse amor provavelmente seria o seu fim. Mas já valeu a pena.

—Precisamos de outro banho. — Francis soltou uma risada tímida.

Vitari também riu, mas saiu cru e tenso, cheio de uma emoção que não ousava revelar. —Que bom que temos você para pegar os baldes. Faça isso, padre. Ajudarei quando minhas pernas funcionarem novamente.

Os olhos de Francis se arregalaram. Ele era tão inocente, mesmo agora, depois de toda a merda que tinha feito por Vitari. Vitari beijou-o rapidamente nos lábios, banindo aquela expressão chocada. —Pense em mim quando você estiver de

joelhos na Basílica de São Pedro. Pense no meu pau na sua mão e no meu pau enchendo você.

Uma lambida de luxúria ardente aguçou seus olhos. —Você é ultrajante.

Vitari sorriu. —Exatamente do jeito que você gosta de mim. — Ele libertou Francis, recuando, e mergulhou a mão bagunçada em um balde de água, depois passou os dedos molhados pelo cabelo, talvez acrescentando um pequeno brilho para o benefício de Francis.

Francis acompanhava cada movimento como um padre em um show de strip-tease. Ele caiu contra o poço, com o pau para fora, ainda duro, sem camisa, na versão perfeitamente destruída de si mesmo. —Eu amo como você está fodido agora, Padre.

Ele corou e limpou a garganta. —Vitari, eu...— As palavras ficaram presas em sua garganta.

—Você o que? — O coração de Vitari bateu forte. O que quer que ele estivesse prestes a dizer parecia sério. Sério o suficiente para apagar todas as evidências de seu sorriso.

Francis respirou fundo, reunindo coragem. Alisamento do poço enquanto guardava seu pau, ele disse. —Antes de voltarmos para Roma, tenho que lhe mostrar algumas coisas... no meu telefone.

—Tudo bem.

Francis rapidamente se lavou, e tudo o que estava em sua mente e em seu telefone azedou o clima. —Está ficando quente. Vamos entrar.

Vitari seguiu atrás dele, carregando baldes frescos que poderiam ferver para fazer chá ou café, se sobrasse algum.

O que quer que estivesse no telefone de Francis, ele deixou para contar até agora. O que provavelmente significava que ele não iria gostar.

CAPÍTULO QUATORZE

Francis

Vitari arrancou-lhe o telefone da mão. —Onde você conseguiu isso?

—Você conhece ela?

—Como você conseguiu essas fotos, Francis? — ele perguntou novamente, olhando para a tela.

—Google. — Francis cruzou os braços e encostou-se na velha bancada de madeira da cozinha. —O nome dela é Stefania Angelini.

Vitari olhou-o diretamente nos olhos. —O nome dela é Stefania?

—Stefania Angelini, — ele repetiu, mais suavemente, sentindo que isso era tão significativo quanto ele temia.

Vitari colocou o telefone na bancada da cozinha, recuou, passou as mãos nos cabelos secos, depois voltou ao telefone, mas não o atendeu, quase como se tivesse medo de fazê-lo. Ele andou um pouco mais, para frente e para trás, inquieto e nervoso.

Se Francis fosse até ele, Vitari o afastaria. Ele precisava de espaço, então Francis deixou os minutos passarem, dando-lhe tempo para processar. —Você está bem?

Uma risada curta e aguda escapou dele. Um sorriso também. Ambos eram fugazes demais para ter algum significado real.

—Eu não queria chatear você.

—Não, não é você. — Ele parou no meio da cozinha, com as mãos na cintura, respirando devagar. —Eu nunca soube o nome dela. Durante toda a minha vida, depois que fui levado para a Itália, me disseram que ela era uma prostituta, uma ninguém. Ela não era italiana. Angelini era um nome falso.

—Ela é sua mãe? — Nem irmã, nem prima. A mãe dele.

Vitari ergueu os olhos escuros e assentiu. —Há alguns dias encontrei algumas fotos. Uma mulher, minha mãe e eu, quando eu era pequeno. É ela. É a mesma mulher. Stefania.

—Você foi enganado.

—Não brinca. — Ele bufou. —Ela está viva?

—Ela desapareceu há mais de quinze anos, então não acredito.

Ele assentiu. —Eu sabia disso, eu acho. Ela não teria... eu não teria acabado naquele *lugar* se ela estivesse. — Ele pegou o telefone de Francis novamente e desligou-o com a mesma rapidez. —Eu não consigo olhar... Jesus. O que você sabe? Por que você estava pesquisando ela no Google?

Ele lhe contou sobre os arquivos do Vaticano e procurou mais informações sobre Montague para ligá-lo a Giancarlo, na esperança de que qualquer informação pudesse protegê-los de futuras ameaças. E nos documentos ele encontrou menção a Stefania Angelini, com seu nome listado como dependente de Montague. Vitari ouviu e, a cada minuto que passava, todo o calor e felicidade que Francis vira nele durante as últimas vinte e quatro horas desapareciam, deixando o frio e duro filho do Don da Battaglia.

—Há alguns anos procurei Angelinis, mas existem milhares na Itália, — disse Vitari. —Eu até vi aquela matéria sobre a mulher desaparecida e descartei. Uma

mulher boa e honesta do Vaticano como ela não tem nada a ver com um merda como eu.

—Não diga isso. — Francis sentiu a dor de Vitari como uma lâmina em seu próprio coração. Ninguém deveria ter sido tratado como foi, e por sua própria família. Não estava certo.

—Foi assim que me senti. — Ele saiu do balcão novamente e andou de um lado para o outro, os sapatos empoeirados batendo nas tábuas do piso. —O que eu sempre senti. A família inteira me tratou como um pária, como se eu não pertencesse. O animal de estimação bastardo que Giancarlo resgatou, como se meu pai fosse o herói nisso tudo.

Francis observou-o andar de um lado para o outro, quase desejando não ter contado a ele. Mas ele tinha o direito de saber.

—Giancarlo fez isso. Ele e aquele arcebispo. Essa porra... — Ele olhou para Francis, interrompendo-se. —Eu nunca ia te contar isso, mas... vi você e o arcebispo no noticiário, quando foram resgatados da Espanha. Eu, uh... eu o reconheci. — Vitari engoliu em seco e, quando falou novamente, sua voz falhou. —De Stanmore.

Ele sabia que Montague estava envolvido no que acontecia lá, mas a maneira como Vitari falava sugeria que Montague era mais do que apenas um parceiro silencioso. Ele falou como se Montague fosse um daqueles homens que o tocaram. *Machucou-o.*

—Montague estava envolvido... nisso? — ele perguntou, mantendo seu tom nivelado. A doença queimou a garganta de Francis. Ele tinha visto a sala dos fundos, sabia que o que Vitari tinha sido submetido tinha sido terrível, maligno. Montague abusou sexualmente de Vitari. Ele o *estuprou?*

Vitari cruzou os braços e assentiu. —Eu deveria ter dito, mas ele é seu superior e aquele lugar... eu não falo sobre isso. Nunca. Ou reconheço que isso aconteceu. Eu não posso...— ele engasgou. —Eu simplesmente não posso.

Francis manteve a cabeça baixa, os olhos grudados nos azulejos desgastados do chão da cozinha. Ele se sentia mal por dentro, como se tivesse machucado Vitari, como se a culpa fosse dele. —Eu sinto muito.

—Porra, você não precisa se desculpar.

Uma onda de culpa e vergonha obstruiu sua garganta, e uma súbita onda de emoção fez sua visão turvar.

—Francis?— Vitari estava subitamente perto, olhando-o nos olhos. —Porra, ei... não é você – não tem nada a ver com você.

—Você não... eu sei, eu só... você estava lá, e eu também, mas...— Ele se soltou do aperto de Vitari e se afastou, precisando contar a ele sobre o passado, mas sentindo vergonha também. Porque não foi tão ruim para ele. Ele não tinha o direito de reclamar. —Ele me preparou, eu suponho. Eu não sabia o que estava acontecendo de errado, eu só... Foi uma coisa que fizemos. Ele me levava de volta para sua casa nos fins de semana, ensinando-me para o sacerdócio. Ele me ensinava sobre a Bíblia, jantávamos e depois ele... fazia coisas. Quando fiquei mais velho, comecei a entender o quanto isso era errado, mas a essa altura eu estava muito envolvido nisso para impedir. Eu pensei... — Ele fez uma pausa para respirar e esfregou a testa. —...como uma idiota, pensei que o que fizemos foi amor e tinha sorte ... de tê-lo. Quando tentei acabar com isso, ele me culpou, disse que a culpa era minha por querer isso. E eu queria isso, então ele estava certo. Mas não foi nada parecido... com o que eles fizeram com você. Querido Deus.— Ele apoiou as mãos nos quadris e piscou para o teto rachado para limpar as lágrimas antes que caíssem.

A vergonha voltou como um mar de óleo passando por ele, cobrindo-o através de suas roupas, sob sua pele.

—Ele ainda... faz isso? — Vitari perguntou.

Francis se virou. Vitari ficou imóvel, olhando para frente, através da parede.

—Não, mas você se lembra daquela ligação que fiz para você, pedindo ajuda para matar um homem?— Vitari ergueu o olhar. —Eu o chamei, disse coisas que nunca tinha dito a ele. Ele reagiu. Violentamente.

—Ele tocou em você, porra? — Vitari rosnou e cerrou os punhos.

—Eu lutei com ele e logo depois... foi quando liguei para você.

—Eu vou matar o filho da puta, cortar suas bolas e fazê-lo engasgar com elas. — Vitari avançou e preencheu a visão de Francis. Uma selvageria brilhou em seus olhos. —Se alguém tocar em você contra a sua vontade, diga-me e eu o queimarei até virar cinzas. Vou queimar a porra da terra em que eles andam. Você me ouve?

Francis engoliu em seco, saboreando a ameaça em sua língua como um vinho doce e sagrado, acalmando a queimadura da vergonha e dos erros do passado. A retidão lhe dizia que a violência não era a resposta, mas uma parte muito maior dele, uma parte mais profunda e visceral, queria que Montague sofresse. —Eu estava tentando encontrar alguma evidência do envolvimento dele na casa dos meninos, mas os registros que peguei foram roubados de mim, e eu simplesmente... eu não poderia mais estar lá, em um apartamento ao lado dele, trabalhando com *ele*. Essa é a *verdadeira* razão pela qual vim para Roma. Eu tinha que me afastar... dele.

Vitari puxou-o para seus braços. Ele congelou, seu corpo reagindo ao contato repentino, mas este era Vitari, e não havia outro lugar na Terra de Deus onde Francis preferisse estar. —Eles mataram os meninos da casa, para encobrir tudo,

— Francis sussurrou contra seu ombro, lutando para conter as lágrimas novamente. —Você sabe o que aconteceu com os outros na... sala dos fundos de Stanmore?

Vitari balançou a cabeça. —Eu nunca olhei.

—Então eu suspeito que só restamos você e eu. Eles provavelmente não sabem que você foi criado lá também. É por isso que eu estava sendo alvo. É por isso que Giancarlo inicialmente queria que eu fosse morto e depois que você me prendesse. Ele sabe que você e eu temos essa ligação. Alguém lhe pagou para chegar até mim ou é pessoal. Ele está trabalhando com eles ou para eles. Não sei... queria saber... queria que isso nunca tivesse acontecido, Vitari. Eu gostaria de estar melhor. Eu gostaria de não querer as coisas que quero. Achei que ser padre me consertaria. Mas ainda sou uma abominação. Eu gostaria de poder lavar a mancha do meu pecado e o que foi feito com você...

As mãos frias de Vitari cercaram o rosto de Francis. Ele não conseguia parar as lágrimas agora. Eram muitas, e doía muito, como se ele tivesse se cortado e exposto seu interior podre.

—Jesus, isso não é culpa sua.— Vitari suspirou. —Está tudo bem, estou com você. Eu vou consertar isso. Tudo isso.

Francis assentiu, desalojando mais lágrimas. Qualquer coisa que ele dissesse ficaria presa em sua garganta. Ele não aguentou e enterrou o rosto na camisa úmida de Vitari, agarrando-se a ele como se fosse um bote salva-vidas no oceano frio e isolado em que sua vida se tornara. Ele estava tão sozinho, sozinho e perdido. Exceto quando ele estava com Vitari.

Mais cedo, ele quase disse que o amava. Ele queria contar a ele agora. Mas ele acabara de contar a Vitari como amava um pedófilo, então o que ele sabia realmente sobre amor?

Ele ouviu seu forte batimento cardíaco e absorveu seu calor. Foi bom ser abraçado.

As lágrimas secaram e o abraço de Vitari finalmente diminuiu. Ele se encostou na bancada ao lado de Francis. —Parece que o universo está me dizendo para arruinar meu pai.

—Talvez você devesse ouvir?

—Talvez.

—Eu não acho que acabou.— Francis fungou e olhou pela porta aberta para a trilha ondulada e nebulosa que saía da fazenda. —Acho que Stanmore foi um começo, não um fim.

—Ainda está acontecendo?

Francis assentiu. —Não tenho nenhuma prova, mas... eu sinto isso. Como se ainda estivesse por aí.

—E Giancarlo sabe, — disse Vitari. Ele suspirou. —Então alguém deveria parar com isso.

Francis olhou para Vitari, com as mangas arregaçadas e o cabelo bagunçado. Preparado para sangrar os nós dos dedos e lutar na terra por aqueles que amava, pelos inocentes que não podiam lutar. Francis não invejou ninguém que recebeu a ira de L'Angelo della Morte.

Aconteça o que acontecer a seguir, era hora de fazer justiça para as crianças que sofreram, para aqueles que não tinham voz. Para aqueles que morreram.

Era hora de revidar.



Vitari deixou Francis nos subúrbios da cidade e, de lá, Francis alugou um táxi para retornar ao Vaticano. Ele correu de volta para seu apartamento e tirou uma quantidade surpreendente de poeira. Depois de limpo e de volta ao trabalho, ele explicou que estava doente e não saía do apartamento havia quarenta e oito horas. Ninguém duvidou de sua palavra. Por que eles fariam isso?

Ele e Vitari concordaram na viagem de volta para deixar a poeira de sua aventura de tráfico humano baixar antes de mergulhar em uma conspiração para expor Stanmore. Vitari também disse que negociaria com o russo. Esse era o mundo de Vitari. Francis não tinha escolha senão confiar que ele iria lidar com isso.

O arcebispo e a Igreja, porém, eram o mundo de Francis.

As semanas seguintes passaram sem incidentes. Todo o Vaticano estava fervilhando com os preparativos para a Páscoa – desde um exército de jardineiros podando ramos de oliveira até os faxineiros usando uma colhedora de cerejas para tirar o pó das estátuas mais altas de anjos. Francis também se deixou envolver pelos preparativos frenéticos. À medida que o grande dia se aproximava, o Vaticano acomodava autoridades eclesiásticas proeminentes de todo o mundo. Parecia uma apresentação teatral fantástica, com coristas, bispos, músicos e freiras, sem mencionar as centenas de trabalhadores de manutenção e segurança que compunham a população.

Ele não tinha notícias de Vitari, mas parecia um bom silêncio. Eles estavam de volta às suas vidas, aos seus papéis, e tinham um plano. Vitari entraria em contato se Francis fosse necessário.

Quando chegou o fim de semana da Páscoa, um mar de pessoas invadiu os terrenos do Vaticano e invadiu a Basílica de São Pedro. Naquela manhã, o Papa Francis conversou em particular e rezou com todos os diáconos, padres, bispos e cardeais que chegaram para participar das renomadas cerimônias. Francis passou por tudo isso, impressionado com o amor das pessoas – sua família da qual ele se tornou parte, todos unidos no amor a Deus. Era lindo e de tirar o fôlego, e um lembrete de que, embora seus motivos para se tornar padre fossem duvidosos, ele não conseguia se imaginar sendo outra coisa.

—Francis?! Nossa, você está brilhando.

Ele deve ter imaginado aquela voz, porque Montague *não poderia* estar aqui. Francis parou e virou-se, interrompendo o fluxo de pessoas movimentadas pelo corredor, e lá estava o arcebispo Montague em sua batina preta destacada por detalhes escarlates. Montague abriu os braços, como se convidasse Francis a abraçá-lo.

Seu coração batia tão forte que abafava o burburinho das pessoas. Não, ele não poderia fazer isso, ele não estava fazendo isso. Ele se virou novamente. Montague não poderia estar aqui. Francis veio ao Vaticano para *escapar* dele.

—Francis! — Montague latiu.

Outros se viraram para olhar.

O coração de Francis caiu e os instintos de obedecer assumiram o controle. Anos de condicionamento, anos de ajoelhamento diante daqueles que estavam acima dele em todas as coisas. Ele aplicou seu sorriso suave e cruzou um abismo de apenas alguns metros até Montague. Juntando as mãos, Francis levou o anel aos lábios. —Que... *delícia* ... ver você... aqui.

Este homem estuprou Vitari.

Este homem – cujas mãos Francis segurou, cujo anel Francis beijou – forçou um menino. Ódio e desgosto agitaram-se dentro dele.

—Caminhe comigo.

—Talvez mais tarde. — Francis endireitou-se e começou a se afastar. Ele tinha que sair, ele tinha que fugir. —Estou ocupado, o dia é...

Montague agarrou o pulso de Francis, fazendo-o parar. A agitação do corredor, a música distante do coro e o toque dos sinos, tudo desapareceu atrás do fluxo de sangue nos ouvidos de Francis. O calor queimou suas bochechas e a raiva queimou suas entranhas. Ele libertou o braço, prendeu o arcebispo sob seu olhar e saiu em um redemoinho preto. Se Montague o chamasse de volta, que Deus o ajudasse, ele ficaria furioso neste mesmo corredor, com testemunhas e tudo. Mas Montague não o chamou de volta, e quando Francis olhou para trás, ele tinha ido embora.

A torrente de sangue e emoções, e agora a sua retirada, deixaram-no tonto.

Ele se recusava a permitir que a aparição repentina de Montague arruinasse o dia. Claro que ele estaria aqui. Todos os padres católicos que se prezem estariam aqui. Isso não significava nada. O Vaticano era grande o suficiente para que ele pudesse ser evitado.

Francis percorreu os corredores e saiu, chegando aos degraus acima da multidão que lotava a Praça de São Pedro. Ele não pretendia acabar no centro do palco, mas enquanto olhava para o mar de pessoas espalhadas diante dele atrás de uma barreira temporária, seu número colossal roubou seu fôlego. Protegendo os olhos, ele parou por um momento e *absorveu* a atmosfera.

O calor encheu seu peito. Havia amor no mundo. Ele podia sentir isso ao redor deles.

Tudo ficaria bem.

Ele ouviu o tiro, ouviu-o estalar pela praça e ecoar no vasto espaço aberto, como se estivesse voltando novamente. Alguém agarrou seu ombro, puxando-o.

Não, espere...

Ele balançou, corado sob a luz do sol escaldante.

Algo estava errado. Ele piscou, tentou limpar o borrão em seu olho.

Alguém o agarrou agora. Uma freira, ele viu. Ela perguntou se ele estava bem, mas sua voz estava muito distante. Havia sirenes? Por que havia sirenes?

—Padre...?

Ele tocou a cabeça, acima do olho direito, onde ardia. O sangue brilhava nas pontas dos dedos. Sangue escarlate, como a cor das vestes de Montague.

Sua cabeça latejava, seu coração também, batendo nele, empurrando-o para baixo.

Ele foi... baleado?

CAPÍTULO QUINZE

Vitari

Da calçada, onde estava encostado no carro, ele observou os funcionários do restaurante correndo, preparando-se para o horário do almoço. Sal estava lá dentro, lembrando ao proprietário que ele tinha um jantar VIP aqui esta noite e que seria melhor não fazer merda na frente de Giancarlo. Não poderia haver espaço para erros.

Vitari não esperava problemas, não naquelas ruas de propriedade da Battaglia. Ainda assim, não fazia mal agitar algumas peças e lembrar a todos que o chefe estava na cidade.

Ele puxou a camisa úmida e semicerrou os olhos através dos óculos escuros para o céu azul brilhante. O sol estava implacável hoje.

Seu telefone tocou. O que quer que fosse, poderia esperar. Ele tinha rondas para fazer, mãos para apertar, homens para manter na linha, um rosto para quebrar. Seu dia foi agitado. Seu telefone vibrou em seu bolso. Ele bufou e puxou-o para fora. *Giancarlo* mostrou em sua tela.

Tinha que ser importante se ele estava ligando. Giancarlo raramente falava ao telefone. Vitari estremeceu e levou o telefone ao ouvido. —Sim?

—Isto não fomos nós, — disse seu pai, enigmaticamente.

Vitari esperou um pouco, sem saber se havia perdido metade de uma conversa em algum lugar. —O que não fomos nós?

—O padre, — sibilou Giancarlo, como se odiasse a palavra.

O coração de Vitari disparou e quando ele falou novamente, ele tentou manter um tom desinteressado e levemente entediado.

— Que padre?

A ligação terminou.

Bem desse jeito.

Nenhuma explicação.

Vitari fez uma careta para a tela do telefone. Ele não poderia ligar de volta sem revelar como precisava saber se aquilo era sobre Francis. Desde que voltou do resgate dos venezuelanos contrabandeados, Giancarlo não mencionou uma única palavra sobre sua ligação com Francis. Nem uma maldita menção à ameaça de matá-lo.

Então, que porra foi essa agora? *Não fomos nós.*

Sal cambaleou entre as pequenas mesas de bistrô, com o rosto sombrio.

Vitari saiu do carro. —Ei, acabei de receber uma ligação estranha...

—Angel.— Ele levantou o telefone. Imagens de notícias ao vivo mostraram a Praça de São Pedro, onde uma enorme multidão se dispersava como um rebanho de ovelhas. —*Chegando relatos de um tiroteio na Praça de São Pedro...* — dizia o âncora do noticiário.

Não. Não. Não... não pode ser, porra... Ele olhou para Sal. O chamado de seu pai, as palavras simples. *Isto não fomos nós.* —Francis?

Sal suspirou pelo nariz. —Parece que um atirador o acertou.

—Matou ele?— O choque ensurdeceu o resto das palavras de Sal por trás de um assobio estridente. A fraqueza fez correr água fria pelas veias de Vitari. Ele estendeu a mão para o carro. —Ele está morto? — ele resmungou. *Não, por favor, não.*

—Não está claro.

Ele tinha que chegar até Francis. Não importava se o mundo inteiro o visse — ele tinha que estar lá. Como Francis tinha estado ao lado de Vitari na Venezuela.

Vitari abriu a porta do carro e sentou-se ao volante.

Sal agarrou a porta, impedindo-a de fechar. —Onde você está indo?

—Você sabe onde, porra.

—Eu não posso cobrir você, Angel. Não nisso. Não dessa vez. Ele saberá.

—Ele já sabe, Sal.— Foi por isso que ele ligou, para esfregar, para fazer doer. Ele poderia simplesmente ter dito que *seu padre está morto, não fomos nós, mas agradeceremos a quem o fez.*

Vitari puxou a porta, mas Sal segurou-a com firmeza.

—Não faça isso, — Sal alertou.

Sal não entendia — *ninguém* entenderia. —Eu tenho que ir

—Giancarlo vai punir você por isso.

—Eu sei, Sal.— Vitari segurou o olhar e disse novamente: —Eu sei. — Ele aceitaria os golpes, fossem eles quais fossem. Nada iria impedi-lo de ver Francis.

—Você realmente se importa tanto com ele?

Eu amo ele. Ele quase disse isso, mas não precisava. Sal viu isso em seu rosto e recuou, largando a porta.

Vitari ligou o motor e saiu do meio-fio, mergulhando no trânsito de Roma.

E se Francis estivesse morrendo em algum lugar, e se ele não conseguisse chegar até ele? Porra. Não poderia ser o fim deles. Simplesmente não poderia.

Ele parou o carro bruscamente perto da principal via do Vaticano. As pessoas saíram. Alguns choraram. A maioria falava ao telefone. A polícia tentou afastá-los do local.

Vitari abandonou o carro e lutou contra eles, entrou e começou a correr. Ele nem sabia para onde ir ou como encontrá-lo. Mas havia caminhos para entrar nos terrenos privados, passando por grande parte da segurança e dos turistas em pânico. Ele entrou em um dos prédios mais antigos que ladeavam a rua principal que levava ao coração do Vaticano e tocou a campainha na parede. Uma porta de segurança de vidro bloqueava o caminho para uma escadaria antiga.

—Olá? — uma voz feminina esganiçada disse no interfone.

—Sim, oi, eu sou... sou amigo do padre que foi baleado hoje. Você sabe onde ele está? Posso visitá-lo?

—Não estamos permitindo visitantes no momento...

—Ele está vivo?

—Me desculpe senhor. Eu não tenho essa informação. Você deveria esperar pelo oficial...

Ele não deveria ter vindo. É claro que não iriam deixá-lo entrar. —Você sabe em que hospital ele está? Você pode me dizer isso?

—Espere, vou perguntar.

O zumbido da linha morreu e Vitari chacoalhou na escada. Os nervos chiaram através dele. Francis não estava morto. Ele não estava. Seu Deus não faria isso. Mas Vitari sabia que seu maldito Deus também olhava para o outro lado, e coisas ruins aconteciam com pessoas boas o tempo todo.

—Senhor?

—Sim?

—Experimente o San Carol...

Ele sabia disso e saiu correndo da escada, descendo a rua até seu carro abandonado.

Francis ia ficar bem.

Vitari chegaria lá e Francis estaria sentado na cama, sorrindo aquele sorriso estúpido.

Quinze minutos depois, terrivelmente lento, ele deixou o carro do lado de fora do hospital, na área de captação, e seguiu o fluxo geral de pessoas pela porta da frente. A maioria dos feridos na Basílica de São Pedro quebrou os pulsos e torceu os tornozelos, ferimentos sofridos na pressa de fugir. Ele os seguiu e pegou um elevador ao lado de uma freira. Ela franziu a testa para ele. Ele fez uma careta para ela e reprimiu a vontade de assustá-la com linguagem pecaminosa. Ele não tinha tempo para seu julgamento superficial.

O elevador depositou ambos no mesmo andar e, enquanto Vitari fazia fila na recepção, inquieta e ansiosa, a freira caminhava lentamente em direção às enfermarias. Os minutos passaram. As pessoas tossiam, murmuravam. Alguns olharam através dele como se conhecessem seu tipo e não se importassem muito com ele. Vitari consultou o relógio. Se alguém não o visse logo, ele iria desmontar aquela porra de lugar.

O homem da frente deu um passo para o lado e Vitari encontrou o olhar da recepcionista.

—Senhor, posso ajudá-lo?

—Padre Francis Scott, ele está aqui?

Ela o julgou também, observando sua camisa de botão e seu relógio caro – ou a tatuagem, ele nunca sabia quais coisas chamavam mais a atenção de todos. Ela tinha que ser capaz de ver que ele estava extremamente preocupado.

—Você é da família?

—O que? Não, sou um... amigo.

—Sinto muito, não estamos permitindo visitantes.

—Apenas me diga se ele está bem.— Ele parecia desesperado? Ele *se sentiu* desesperado pra caralho. Seu coração estava em sua cabeça, e um grande buraco se abriu em seu peito, onde antes ficava, ameaçando engoli-lo.

—Não posso responder a isso.

Vitari bateu com a mão, sacudindo a mesa e atraindo a ira de todos que estavam por perto. —Você pode me dizer se ele está vivo ou não. Você pode me dizer isso!

—Senhor, por favor, acalme-se.

Ele a estava assustando. E ele mesmo. —Porra. — Ele deu um passo para trás e enfiou os dedos nos cabelos. Isso foi uma agonia, não saber. E se Francis estivesse morrendo a apenas algumas portas de distância? E se ele estivesse sozinho? Vitari dissera-lhe que tudo ia ficar bem, mas não foi assim. Ele não estava lá para ajudá-lo quando mais precisou dele. Um maldito atirador de elite... Caramba.

Ele empurrou o próximo homem que esperava na fila para fora do caminho.

—Ei!

—Você precisa trazer alguém aqui agora mesmo que possa responder a uma porra de uma pergunta simples...

—O que parece ser o problema? — disse um estranho à sua direita, num inglês simples e perfeito.

O homem de cabelos grisalhos sorriu para ele. Ele usava preto, com uma faixa fina em forma de lenço vermelho brilhante e colarinho de padre. Olhos frios e cinzentos piscaram e Vitari conhecia aqueles olhos. Ele os tinha visto no escuro, visto em seus sonhos. O horror preencheu o buraco no peito de Vitari. As memórias

correram para ele. Paredes escuras e úmidas. Chão frio e arenoso sob seus pés descalços. E as mãos deste homem na pele dele.

—Filho, você precisa de ajuda?

Um grito borbulhou em sua garganta, de raiva pura e cruel. Ele tentou engolir, mas engasgou. Montague não poderia estar aqui. Com Vitari. Com Francis...

O doente estava aqui com Francis?

Vitari mostrou os dentes em um rosnado e girou rapidamente para a direita em um gancho. Os nós dos dedos bateram na bochecha do arcebispo, derrubando-o contra a mesa da recepcionista. Um pote de canetas voou. Gritos aumentaram. Mas Vitari não terminou. Ele também não estava pensando. Ele só precisava acertá-lo até que a horrível sensação de deslizamento por dentro desaparecesse.

Ele agarrou o tecido grosso das vestes do arcebispo, puxou-o para cima e bateu nele novamente. E de novo. O sangue alisou os nós dos dedos. Alguém gritou. Ele bateu nele novamente. Os nós dos dedos queimaram. De novo.

—Angel!

Mãos fechadas ao redor dele. Mãos pesadas e fortes. Ele atacou Montague novamente, mas errou quando as mãos que o seguravam o puxaram.

—Angel, pare!— Sal gritou em seu ouvido, tentando afastá-lo.

—Saia de cima de mim!— Ele resistiu e se contorceu e se libertou. —Eu vou matar aquele filho da puta!

Mais gritos. Montague agarrou-se à mesa, sangrando pela boca. Vitari colocou os dedos em volta do pescoço do bastardo e viu o branco de seus olhos — medo real. Mas não o tipo de medo que Vitari sentiu quando foi levado para o

quarto escuro, não aquele tipo de terror de afrouxar os intestinos que persistiu por toda a vida. A raiva interior era brilhante, aguda e incandescente.

Os grandes braços de Sal puxaram Vitari novamente, e desta vez quando seus dedos escaparam do arcebispo, Sal girou Vitari e acertou um soco na bochecha de Vitari. Ele caiu nas cadeiras da sala de espera, espalhando metade delas. —Fique quieto!— Sal explodiu.

Porra. Vitari, de joelhos, cuspiu sangue. Não importava, ele mataria Montague aqui e agora. Se Sal não se mexesse, ele o faria.

—Fique quieto, seu idiota, — Sal avisou, aparecendo como um urso.

Três seguranças chegaram e levantaram Vitari do chão. Ele lutou, mas cercado por rostos medrosos e sob o grunhido de advertência de Sal, ele sabia que tinha perdido.

Montague estava de joelhos. O sangue espirrou na mesa e no chão.

—Seu pedaço de merda! — Vitari gritou, mas os guardas o pegaram e o arrastaram.

Eles o levaram para baixo no elevador, depois o jogaram pela porta da frente, mandando-o voltar para a Calábria, para que soubessem quem ele era.

Ele caiu em um banco e cuspiu sangue na grama, depois enxugou a bochecha dolorida. O soco de Sal rasgou sua bochecha por dentro. Ele não estava se contendo. Vitari tinha sorte de estar consciente.

Ele esperou, desanimado, infeliz, meio febril, enjoado. E ele ainda não sabia se Francis estava bem.

—Frá⁶.— Sal bloqueou a luz do sol. —O que é que foi isso?

—Nada.

⁶ Irmão.

—Você acabou de agredir a porra de um bispo. — Sal olhou furioso. —Isso não foi nada. Se eu não tivesse impedido você, ele estaria morto. Ali. Na sala de espera de um hospital. O que diabos deu em você?

Vitari inclinou-se para a frente. Apoiando os braços nas coxas, ele baixou a cabeça. Ele não podia contar a Sal por que havia perdido a cabeça lá atrás. —Eu só queria saber se Francis está vivo, —, ele murmurou com o rosto inchado.

—Ele esta, — disse Sal. —O atirador errou, a bala atingiu sua têmpora. Ele está bem e tem muita sorte.

Vitari quase chorou. Um soluço ficou preso em sua garganta. Ele engoliu. — Eu preciso vê-lo.

—Não, você não precisa.

—A porra dos DeSica fez isso! — Francis não teve sorte. O atirador pretendia errar. Foi um aviso. Sasha parou de esperar. Foda-se eles e foda-se Sasha. A porra do mundo inteiro saberia que não devia tocar no padre Scott, que ele era protegido por L'Angelo della Morte.

Vitari levantou-se e marchou de volta para seu carro.

—Onde você está indo? — Sal gritou.

Vitari girou, andando para trás. —Para o meu carro. Depois para minha casa. Depois, para uma garrafa para que eu possa beber até esquecer esse pesadelo. Você quer vir e segurar a porra da minha mão, Sal?

—Alguém precisa fazer isso. — Sal o seguiu. —É melhor você torcer para que o bispo não o acuse por agressão.

—Ele não vai. — Naqueles segundos finais, quando Vitari colocou as mãos no pescoço do arcebispo, ele se lembrou dele. Apenas um pequeno lampejo de

reconhecimento, mas estava ali, em meio ao medo. Ele conhecia Vitari e estava com medo. Como ele deveria estar.

O Arcebispo Montague era um homem marcado. Ele morreria com o nome de Vitari nos lábios.

Esse dia chegaria.

Mas ainda não.

Vitari entrou no carro e acelerou, deixando Sal carrancudo atrás dele.

Ele mentiu. Ele não estava indo para casa.

Ele iria encontrar Sasha Zhukov.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Vitari

Não demorou muito para ser seguido no território DeSica. O sedã alemão preto seguiu dois carros de volta, óbvio, mas não ameaçador. Os observadores dos DeSica teriam visto Vitari, reconhecido-o e avisado quem administrava a área para Sasha. Vitari se lembrou do nome do subchefe de Sasha – Jacobi alguma coisa. Ele teria sido o treinador de Ricky. E provavelmente a razão pela qual Ricky acabou pendurado em uma ponte.

Eles sabiam que ele estava aqui. Mas eles não sabiam por quê.

Vitari entrou em uma rua lateral estreita e tranquila, ladeada por casas geminadas de quatro andares. O sedã o seguiu e depois recuou. Vitari parou o carro. Ao sair, outro Mercedes parou do outro lado da rua, bloqueando a saída.

Se ele encontrasse um membro de alto escalão dos DeSica espreitando pelas ruas da Battaglia, ele se certificaria de que o idiota também conhecesse o seu lugar.

Esta reunião provavelmente estava prestes a ficar sangrenta. Mas eles não o matariam. Eles não eram tão estúpidos.

Um homem corpulento e bem vestido desceu do banco do passageiro do recém-chegado. Este era Jacobi, e o subchefe dos DeSica não sujava as mãos por ninguém.

—L'Angelo della Morte, — Jacobi falou lentamente em um inglês com sotaque alemão.

Mais dois homens desceram do carro de Jacobi.

Atrás de Vitari, o carro original que o seguira até ali estava parado, com o motor ligado e os ocupantes permanecendo lá dentro.

—O que você está fazendo, Angel? — perguntou Jacobi, parando a vários passos de distância.

—Só saí para dar uma volta. — Ele não queria que esses idiotas de baixo escalão soubessem que ele tinha alguma ligação com Sasha. Nesse nível, a lealdade poderia ser vendida. A Battaglia e Giancarlo nunca poderiam saber que ele estava aqui para falar com Sasha.

Jacobi bufou e depois acenou com a cabeça para que seus homens se aproximassem.

Vitari levantou as mãos, não que isso importasse. Todos eles sabiam como isso estava acontecendo. Mãos o agarraram, o colocaram de joelhos e agarraram seu cabelo, jogando sua cabeça para trás. O cano frio do aço tocou seu pescoço. Porra, esses caras foram direto para a jugular.

—Ei, ei... espere.

Jacobi agachou-se ao nível dos olhos de Vitari. —Você quer explicar por que eu não deveria matar você?

—Sasha vai querer ouvir o que eu tenho a dizer.

—É mesmo? E o que você vai dizer?

—Isso é entre ele e eu.

—Oh? Vocês são amigos agora? Você não poderia ligar para ele? Se vocês são amigos.

—Não amigos...

O soco o dobrou. Ele ofegou, mas o punho em seu cabelo o ergueu novamente e a lâmina retornou ao seu pescoço. Ele não conseguia ver aqueles batendo nele,

apenas a expressão calma e controlada de Jacobi enquanto estudava Vitari, tentando descobrir o verdadeiro motivo para entrar no território DeSica quando ambos sabiam que era uma provocação.

—Por que você está aqui, vadia? — perguntou Jacobi.

Vitari fechou a boca e respirou com dificuldade pelo nariz. Isto era necessário, para Francis. Para mantê-lo a salvo de novos ataques, a salvo de Sasha. E para impedir que ele seja usado como peão em algum jogo superior.

Jacobi suspirou, levantou-se e voltou para o carro.

Ele estalou os dedos e seus homens avançaram.

—Espere!

Eles desceram sobre ele e não havia nada que ele pudesse fazer a não ser soltar e absorver os chutes. Os golpes choveram. Ele se enrolou e pegou. A dor era temporária, sempre temporária. Até o pior desapareceria.

Uma pausa permitiu-lhe respirar. —Quando é que... a surra começa? — ele ofegou, sorrindo.

Mãos o agarraram pelos braços, um capuz caiu sobre sua cabeça e ele foi levado, mancando, para dentro de um carro. Ele caiu para trás no assento, cego, com os ouvidos latejando, e lutou contra a vontade de seu corpo de vomitar. Alguém disse algo em alemão e depois em russo.

Eles finalmente o levariam para Sasha.

CAPÍTULO DEZESSETE

Francis

Ele não foi autorizado a sair do hospital. O Arcebispo Montague desaconselhou-o, até que a polícia varreu a Praça de São Pedro. Montague ainda não tinha visitado. Esse pesadelo estava por vir.

Uma TV, instalada na parede em frente à sua cama, mostrava imagens do caos após o tiroteio. Os jornalistas foram rápidos em vasculhar as imagens dos telefones nas redes sociais e decifrar Francis como a vítima, e desde que ele apareceu no noticiário há vários meses, eles tiraram a poeira do caso de sequestro e estavam se divertindo tecendo teorias sobre o porquê um jovem e sem importância padre da Inglaterra estava sendo o alvo.

Cada vez que sua foto aparecia na tela, ele estremecia.

Ele seria questionado depois disso. Quanto azar um homem poderia ter antes de se tornar óbvio que não era azar, mas sim algumas escolhas de vida bastante suspeitas?

Ele cutucou o grande curativo em sua testa e estremeceu com a resposta pulsante de dor.

Alguém tentou matá-lo.

Não foi a primeira vez, mas parecia diferente. Mais... profissional.

—Parece que você precisa de um amigo. — Padre Davis sorriu ao abrir a cortina e entrar no cubículo.

Francis sorriu. Ele temia que Montague estivesse espreitando em algum lugar, esperando para emboscá-lo, e não tinha energia para lidar com ele além de todo o resto. Ver o padre Davis, porém, foi um alívio. —É bom te ver.

—Eu trouxe uma muda de roupa para você. — Ele jogou uma sacola na cama e apontou para a batina empoeirada de Francis. —Algo mais incógnito do que isso, que fará com que você não seja assediado assim que tentar sair.

—Está ruim lá fora? Há muita imprensa?

Ele sorriu com simpatia e sentou-se na beira da cama. —Belo jovem sacerdote envolvido em mistério e perigo. Eles estão absorvendo tudo.

—Eu realmente não sou tão interessante.

—Só azar?

—Temo que sim.— Ele achou a costura da batina interessante por alguns momentos e esperou que o padre Davis não o encarasse muito, mas quando Francis ergueu os olhos, o padre Davis o observava com uma expressão compreensiva no rosto. —Obrigado. Pelas roupas. E por ter vindo. Eu... eu não tinha certeza se o Arcebispo Montague estava aqui...

—Ah, ele estava. — Padre Davis encolheu os ombros. —Mas ele saiu depois que alguém o atacou.

Francis piscou. —Oh? Ele se foi? Isso é bom...

Padre Davis arqueou uma sobrancelha.

—Quero dizer... Alguém o atacou? — Francis tentou parecer chocado, mas não sentiu muita coisa.

—Ele está bem. Mas ele saiu logo depois, então me ofereci para passar por aqui e ajudar você. — Ele se apoiou na beira da cama. —Pensei que você gostaria de ver um rosto amigável depois de uma coisa tão horrível.

—Bem, obrigado. Você é muito gentil, Padre Davis. Eu poderia usar uma mão, honestamente.

—Riley, por favor. Padre é tão formal entre amigos. — Ele sorriu, e aquele sorriso alcançou seus gentis olhos azuis.

—Riley.— Francis não tinha nenhum *amigo* desde que estudou no seminário. O sacerdócio não permitiu isso. Que alívio foi ter alguém normal em sua vida.

Riley se levantou. —Vou deixar você se trocar. Estarei aqui fora.

—Agora? Posso ir?

—Sim, você tem tudo limpo. — Padre Davis saiu e fechou a cortina atrás de si.

Francis olhou para a sacola de roupas e depois vislumbrou novamente sua própria imagem na TV. Vitari teria visto a notícia? Ele deve ter. Mas ele não teria vindo ver Francis. Ele estaria fazendo coisas mais importantes. Se ele tivesse vindo, isso teria causado todos os tipos de problemas para ele – inclusive a ira de seu pai. Não, Vitari não arriscaria vir. Mesmo que o seu fosse o único rosto que Francis *queria* ver.

Talvez Vitari ligasse mais tarde?

Francis tocou o curativo novamente.

Ele se vestiu, ainda um pouco vacilante. Alguém *havia* atirado nele. De todos os milhares de pessoas na praça, alguém *o escolheu* e puxou o gatilho. Se não tivessem errado, ele poderia ter morrido, ali mesmo, na escadaria da Basílica. Seu coração acelerou. Tinha que ser os DeSica, não é? Sasha cumprindo sua ameaça de obter informações para derrubar Giancarlo? Ou talvez tenha sido Giancarlo, já que Francis ignorou a sua ameaça de não contatar Vitari, e eles de fato libertaram as pessoas traficadas.

Giancarlo sabia? Vitari também estava com problemas?

Ele fez uma oração rápida, vestiu-se, guardou a batina na bolsa e encontrou Riley do lado de fora da enfermaria. Ele realmente precisava entrar em contato com Vitari, mas isso teria de esperar.

—Aí está você. Bom. Tenho um carro esperando. Vamos levá-lo pela porta dos fundos. Talvez seja uma ideia não deixar o Vaticano por um tempo também. Até que apareça a próxima grande história e todo mundo pare de olhar para você, hein?

Francis concordou. Manter a cabeça baixa parecia um bom próximo passo. Ele seguiu Riley pelos corredores traseiros do hospital até o carro que esperava lá fora. Uma vez lá dentro, o ar-condicionado zumbia, abafando os caóticos ruídos de fundo de Roma. O carro era bom. Todo em couro, muito luxuoso, e o conforto o engoliu, atraindo-o a se sentir seguro. Ou talvez fossem os analgésicos que o estavam tomando. Estranho, como ele não tinha consultado um médico para lhe dar alta.

—Você tem alguma ideia de por que levou um tiro, Francis? — Riley perguntou do banco de trás ao lado dele.

—Não. Não faço ideia. Acabei de sair depois de ver o Arcebispo Montague.

Montague. Ele não teria nada a ver com o tiroteio, teria? Francis se perguntou. Não, a ideia era absurda. Apenas um momento ruim.

—Vejo que você está pensando muito. — Riley sorriu. Ele era um homem muito bonito, com cabelo loiro californiano e bronzeado. —Não pense muito, hein. — Ele riu. —Não queremos machucar ainda mais essa cabeça machucada.

—Oh, eu... só estou tentando entender tudo.

—O arcebispo disse alguma coisa para você? — Riley perguntou. —Quando você o viu?

Francis parou. Do jeito que Riley perguntou... Já não parecia mais conversa fiada. —Não, não tivemos tempo para conversar. — Por que Riley estava perguntando sobre Montague?

—Ele é um homem interessante, o arcebispo. Vocês dois são próximos?

—Não. — Por que isso parecia um interrogatório? Francis espiou pela janela, escondendo o rosto de Riley para não revelar sua repentina onda de nervosismo. As ruas de Roma passaram desfocadas. Há quanto tempo eles estavam no carro? Eles não deveriam ter chegado ao Vaticano agora?

Reconheceu os vastos pilares e a espetacular fachada do enorme Vittoriano – mas vê-los significava que se dirigiam na direção oposta ao Vaticano.

—Onde estamos indo? — ele perguntou. O desconforto revirou seu estômago. Ele estava com tanta pressa para sair do hospital, longe de ser encontrado por Montague, que não hesitou em entrar no carro. Por que ele faria isso, quando Riley era um bom amigo?

O largo sorriso de Riley desapareceu, e a natureza descontrainda e alegre do homem foi com ele. —Para o que está prestes a acontecer a seguir, é melhor você fazer o que lhe foi dito. Você vai ficar bem.

Francis olhou para o *amigo*, ouvindo as palavras, mas sem compreendê-las completamente. O que ele quis dizer? —Para onde você está me levando?

O carro roncou pelas superfícies irregulares da estrada e acelerou por ruas desconhecidas, indo em direção a uma ampla extensão de grandes vilas e enormes palmeiras, em algum lugar nos arredores da cidade.

—Não se preocupe, está tudo bem.

Não estava tudo bem. Se ele dissesse que tudo ficaria bem mais uma vez, Francis poderia gritar. —Pare este carro. — O motorista o ignorou. —Não está tudo bem! — ele perdeu a cabeça. —Riley, pare com isso carro!

Estava acontecendo de novo.

Ele estava sendo levado... contra sua vontade. De novo! Por que? Ele só queria ir para casa, só queria que tudo isso acabasse.

Riley ofereceu uma mão. —Acalme-se...

—Acalmar-me? Somos amigos ou você apenas se aproximou de mim por causa disso? Para quem você trabalha? É a Battaglia ou os DeSica? Qual é?

—Há muita acusação em sua voz que não me interessa, Francis.

—E eu não quero ser levado!— Sua cabeça latejava. Ele precisava sair deste carro. Ele tateou em busca da maçaneta da porta, mas ela clicou inutilmente. Isso foi... demais. O que ele fez para merecer isso? Foi esse castigo, mais uma vez, por sua queda rebelde em direção ao pecado?

—Estou tendo um dia *muito ruim*. Sugiro que me deixe ir, *padre Davis*, ou quando voltar ao Vaticano denunciarei seu comportamento e sua ligação a quem quer que esteja ordenando que me leve.

—E quanto à sua conexão, Francis? — perguntou o padre Davis, tão frio e calmo como se nada daquilo fosse criminoso. —Embora eu certamente não afirme ser um pilar do sacerdócio, não passei meses vivendo com meu amante, um criminoso assassino, na Venezuela.

Francis fechou a boca. A palavra *amante* caiu como um tapa na cara. Mas o padre Davis estava errado. Eles não tinham sido amantes, não naquela época, não... ainda. —Fui *levado*, — sublinhou.

Padre Davis piscou lentamente. —Você é um mentiroso, para um padre.

—Não são mentiras! — Quem era esse homem? Como ele sabia das coisas? Foi uma suposição, ou ele *sabia* que Francis estava morando com Vitari por opção, pelo menos no final?

—A moral elevada não funcionará comigo. Acho que é melhor você sentar aí e fazer o que lhe mandam.

—Você é da Battaglia?

—Estou tentando ajudar.

Então ele o estava levando para Giancarlo? Parecia provável. As casas do lado de fora das janelas dos carros ficaram maiores, com mais espaço entre os lotes. Se ele fosse para Giancarlo, então Vitari estaria lá? O que isso significa? Ele não achava que seria escoltado até a casa de Giancarlo para ser morto, quando eles poderiam facilmente ter chegado até ele no hospital e até mesmo feito parecer que ele havia sucumbido ao ferimento na cabeça.

Então o que foi isso? Outro aviso ou algo mais sinistro?

Ele recostou-se e engoliu toda a vontade de reclamar do Padre Davis. A profundidade das mentiras e do engano do homem doeram mais do que qualquer outra coisa e o fizeram sentir-se um tolo por ousar pensar que encontraria um amigo.

O carro parou em uma ampla entrada de automóveis que circundava uma fonte em frente a uma grande casa de pedra calcária cercada por enormes terrenos mantidos, igualados apenas pelos jardins do Vaticano. Francis esperou que o motorista abrisse a porta e saiu para a luz do sol.

Dois homens armados aproximaram-se pela entrada em arco da casa e pediram-lhe que os seguisse. Padre Davis não se juntou a eles. O que isso significa? Ele olhou para trás, para Riley protegendo os olhos e observando.

Talvez eles o *tenham* trazido aqui para matá-lo?

Ele enfiou a mão no bolso e checkou o telefone. Ele tinha sinal. Ele poderia ligar para a polícia e deixar o telefone ligado no bolso... Mas e se fosse apenas uma reunião de cortesia e ele trouxesse a polícia italiana para cima de Giancarlo sem motivo? Ele não podia arriscar machucar ainda mais Vitari.

Eles entraram em um hall de entrada bacana com um piano de cauda escondido em um canto e um grande ventilador circulando acima. Ele seguiu os dois homens até uma enorme sala de estar e depois saiu para um pátio ao lado de uma enorme piscina.

O homem mais velho, musculoso e de pele bronzeada, sentado sem camisa perto da água, fumando um charuto, só podia ser Giancarlo. Ele não olhou, nem os reconheceu.

Os dois guardas deixaram Francis à beira da piscina e voltaram para a sombra da varanda. Francis ficou perto de uma palmeira imponente. O que ele deveria fazer? Apresente-se? Ajoelhar?

O Don Battaglia suspirou e virou a cabeça. Seu olhar mergulhou em Francis, varrendo sua alma. Francis soube imediatamente de uma coisa: Vitari *não se parecia em nada* com seu pai.

—O senhor causou muitos problemas, padre Scott, — disse ele em um inglês com um estilo italiano.

O que Francis deveria dizer? Desculpe, não foi intencional. Sem mencionar o fato de que este homem pode ou não ter tentado matá-lo, mas definitivamente enviou seu filho, L'Angelo della Morte, para fazer *algo* com Francis na Inglaterra. Mate-o, sequestre-o... arruíne-o.

Francis engoliu em seco. Ele estava aqui – onde quer que estivesse – nos arredores de Roma, com um dos chefes do crime organizado mais procurados de toda a Europa. Um homem que rotineiramente fazia coisas terríveis com as pessoas. Um homem que poderia fazer Francis desaparecer com um estalar de dedos.

Os guardas armados voltaram para dentro de casa, deixando-o sozinho com Giancarlo.

Vitari também estava lá dentro? Ele se juntaria a eles? Parecia improvável.

Ele enxugou as palmas das mãos suadas nas roupas emprestadas.

—Não tenho certeza do que devo dizer, — começou Francis. —Só que a Battaglia não fazia parte da minha vida até você mandou seu filho para a Inglaterra e que eu... Bem, eu não queria nada disso.

A sobrancelha direita de Giancarlo se arqueou. —Você culpa meu filho?

—Não, não é isso... não foi isso que eu quis dizer. — Oh céus.

—As palavras têm poder, padre. Tenha cuidado com as suas. — Ele apontou o charuto para o ar, indicando a cadeira no lado oposto da mesa à sua. —Sente-se, padre. Deixe-nos falar.

Francis sentou-se na beirada da cadeira. Giancarlo não o mataria em seu próprio quintal, não é? Não, eles levariam Francis para algum lugar, como faziam nos filmes. Leve-o para o interior da Itália...

Giancarlo se virou, olhando para ele. —Como está a tua cabeça?

Francis tocou o curativo. —Uh... dolorida.

—Não fomos nós. — Ele acenou com o charuto novamente. —Embora eu tenha suspeitas de quem possa ser. Não queremos que você morra, padre Scott, apenas... fique quieto.

Ele deveria estar aliviado? —Quietos?

—No telefone, por que você perguntou sobre Stefania Angelini?

Francis não poderia voltar atrás agora. Ele deixou escapar o nome para se livrar de alguma coisa e aqui estava ele, cara a cara com Giancarlo. Algo definitivamente havia se libertado. —Ela é a mãe de Vitari?

—Você deveria se preocupar menos com meu filho e mais com sua própria situação, padre. Descobriu-se que você tem informações confidenciais sobre alguns homens poderosos. Tenho certeza que você sabe quais são essas informações.

Stanmore... Tudo isso começou com sua ameaça de expor as atrocidades em Stanmore.

Giancarlo recostou-se e deu uma longa tragada no charuto, depois soltou a fumaça. —Eu não sou seu inimigo. Isso é negócio, e as informações que você tem são ruins para os negócios.

—Você colocou Vitari em Stanmore quando menino, após a morte da mãe dele?

Giancarlo não pareceu reagir, mas ao *não* reagir revelou sua própria preocupação. Ele lambeu os lábios e tirou um pedaço da língua. —Estou começando a entender por que você é um problema tão grande. Você não tem medo de fazer perguntas. Não tem medo de mim.

—Eu, uh... eu tenho. É só que estou aqui e estamos conversando, o que parece uma coisa boa.

Giancarlo assentiu pensativamente. —Você é um bom homem, padre Scott.

—Eu tento ser.

—Você sabe, não há espaço para homens bons no Inferno.

—Todos os homens são iguais aos olhos de Deus.

Giancarlo semicerrou os olhos por causa do sol. —Cinco milhões.

—Cinco milhões...? — Francis esperou um momento para ver se ele poderia explicar melhor.

—Pelo seu silêncio.

—Cinco milhões *de euros*? — Uma risada saiu dos lábios de Francis. O olhar cruel de Giancarlo dirigiu-se a ele. —Eu, uh... não tenho certeza do que você está perguntando?

—Entregue tudo o que você tem e nunca fale de Stanmore. Nunca. Leve-o para o seu túmulo. Você receberá cinco milhões de euros. Isso está claro o suficiente? Gaste, doe para instituições de caridade, queime, faça o que quiser com ele. Farei com que ele chegue até você através dos canais legais.

Francis sustentou o olhar do homem mais velho. —Não estou interessado em dinheiro.

Um músculo se contraiu na bochecha de Giancarlo. —Então o que você quer, padre?

—A verdade.

Ele apoiou um braço na mesa. —A verdade disso fará com que você seja morto. O passado vale o seu futuro?

Francis não poderia ser comprado, não com quinhentos milhões. Não com um bilhão. Seu coração não batia por dinheiro, como o de Giancarlo. Ele exporia tudo o que aconteceu em Stanmore e todas as pessoas implícitas no abuso, mesmo que fosse o último ato que ele realizasse. —Você sabe que meninos morreram lá. E você conhece as pessoas envolvidas, não é? Você foi cúmplice? Você participou...

—Uma das pessoas *envolvidas* está muito inflexível de que você não deve ser prejudicado.

Arcebispo Montague. Mesmo depois de todo esse tempo, o toque de Montague agarrou-se a Francis sob o disfarce de proteção, mas parecia propriedade. —Se você conhece a verdade, pode ajudar a expô-la.

Giancarlo sorriu pela primeira vez desde que Francis chegou, mas não foi um sorriso agradável. Mais como um tubarão sorrindo para um peixinho. —E por que eu faria isso?

Francis sustentou o olhar do don. Expor Stanmore exporia Giancarlo. Exatamente como Sasha esperava.

Giancarlo deu outra grande tragada no charuto e suspirou. —Vejo que estamos em um impasse. Sim eu entendo agora. Claro, há uma coisa que você deseja. Uma coisa eu controlo. Uma coisa que posso tirar de você.

O coração de Francis parou. Vitari.

Giancarlo não machucaria o próprio filho... Mas ele o havia deixado em Stanmore, sabendo o que acontecia lá. Talvez *por causa* do que aconteceu lá.

O sorriso de Giancarlo cresceu – ele sabia que havia encontrado uma fraqueza. —Você encerrará todas as investigações sobre Stanmore. Você destruirá todas as evidências que já reuniu e nunca mais falará de Stefania Angelini. Posso não ser capaz de silenciá-lo, padre Scott, mas posso tirar aquilo que você ama mais do que a verdade.

Francis mediu cada respiração. Seu coração disparou e seu sangue ferveu. A mensagem era clara. Se Francis não se comportasse, Giancarlo mataria Vitari. Este homem usaria a vida do próprio filho para proteger a si mesmo e aos Battaglia.

—Vitari não significa nada para mim, — ele mentiu, com a voz trêmula.

Giancarlo riu. —Você esquece com quem está falando. Eu sei tudo. Você matou um homem a tiros pelo meu filho. Nenhum padre tira a vida por um homem

que não significa *nada*, mesmo quando esse padre está a caminho do Inferno.— Giancarlo estalou os dedos. Francis sacudiu a cadeira e avistou os guardas se aproximando. —Saia da minha frente e rezemos para que não nos encontremos novamente.

Os guardas o agarraram e o arrancaram da cadeira. Esta poderia ser a única vez que Francis poderia falar diretamente com Giancarlo. Ele tinha que fazer valer a pena. —Se você machucar Vitari, Deus é minha testemunha, vou destruí-lo com as informações que tenho!

Giancarlo ergueu a mão. —Espere.

Francis pendurou-se nos braços dos homens que o seguravam, respirando com dificuldade, e observou Giancarlo levantar-se da cadeira. Ele não o mataria. Ele não poderia. Montague protegeu Francis. Francis olhou furioso quando o don se aproximou. Ele era mais alto, mais largo e mais pesado em todos os sentidos.

Giancarlo agarrou a mão direita de Francis, deixando-o tenso. O medo galopou em suas veias.

Seus olhares se encontraram e, naquele momento, Francis viu o monstro olhando para trás.

O charuto caiu – a ponta brilhante pressionada contra a palma da mão dele. Ele não sentiu a queimadura, a princípio. Apenas assisti em estado de choque enquanto sua carne se contraía e chiava. O cheiro de carne quente encheu suas narinas. Então a dor o atingiu, brilhando como um relâmpago por seu braço. Ele tentou se afastar, lutar, mas os homens o seguraram e Giancarlo apertou sua mão com mais força. O charuto queimou e queimou e queimou, e Francis gritou e se contorceu, desesperado para fugir. E então desapareceu, arrancado, rasgando a pele com ele.

Sem fôlego, doente de dor, Francis cedeu.

Giancarlo deu um tapinha em seu ombro. —Algo para lembrar nosso acordo. Cada vez que você orar, você pensará em mim e em como nunca cruzará com a Battaglia. Leve-o embora.

Eles o colocaram no carro e, enquanto ele era levado de volta pelas ruas de Roma, ele segurou a mão chamuscada e trêmula e estremeceu de calor.

Ele não poderia perder Vitari. Nem mesmo pela verdade.

Ele o amava.

Mas o pai de Vitari certamente o mataria.

A verdade não valia a vida de Vitari.

Francis olhou para o que parecia ser uma Roma diferente. A cidade mudou ao seu redor, ou ele mudou dentro dela.

Ele não queria ceder, não queria se render. Mas ele sabia, em seu coração, que estava tudo acabado.

CAPÍTULO DEZOITO

Vitari

A cadeira de plástico duro embaixo dele não fez nada para aliviar o calor latejante dos hematomas crescentes. Alguém arrancou o capô e ele piscou para um depósito sombrio. Pilhas de caixotes foram movidas para as paredes para dar lugar a esse encontro fofo. Sem janelas. Um porão de assassinato quase perfeito.

Ele girou a língua na boca e cuspiu sangue. —Você está aí?

O volume de Sasha emergiu das sombras espessas, fora do alcance da lâmpada nua. Ele deu-lhe a olhada obrigatória. —Esses hematomas... Bom para você. Ninguém suspeitará que você veio até mim voluntariamente.

Era justo. Giancarlo poderia ter alguém em seu encalço desde que deu um soco no arcebispo. Agredir um bispo não refletiu bem na família. Nem a espiral descontrolada de Vitari. Mas, pelo que qualquer um que estivesse assistindo sabia, ele foi atacado pelos homens de Sasha.

—Agora você está aqui, — disse Sasha. —Você tem informações, sim?— Ele era um cara grande, e a maneira como acariciava os nós dos dedos tatuados fez Vitari se perguntar se ele poderia brandir aqueles punhos mais tarde.

—Eu tenho... informações e posso conseguir mais. Mas você precisa deixar Francis – Padre Scott – fora disso. Não há mais merda como hoje. Concorde em recuar, deixe-o em paz e eu ajudo você... — As palavras quase o sufocaram. Ele engoliu em seco. —...Eu vou ajudá-lo a arruinar meu pai.

Os olhos escuros de Sasha tornaram-se astutos. —Você é muito apaixonado por esse padre, por quê?

O coração de Vitari gaguejou. —Ele não está envolvido nisso. Ele nunca esteve.

—Você está errado. Ele está no centro de tudo... — O grandalhão russo suspirou. —O que você tem?

—Prova valiosa de... crimes substanciais.

—Que crime? É isso... Stanmore?— Sasha sorriu. —Não posso acreditar na sua palavra, Angel. Preciso de provas físicas. Consiga-me isso e não tocarei no padre. Mas preciso ver o que você tem. Sua palavra não é confiável.

Ele tinha provas. E ele conseguiria mais. —Meu pai está envolvido em uma operação de tráfico sexual que remonta a mais de quinze anos e inclui empresários de alto nível, homens da igreja e celebridades. Tudo começou em Stanmore, na Inglaterra.

—Ah, aí está. Este *Stanmore*. Agora você quer falar sobre Stanmore. Então você sabe de tudo isso como?

—Eu estava lá.— Um calafrio febril tomou conta dele. Ele odiava isso, odiava falar sobre isso, torná-lo real novamente, reabrir velhas cicatrizes.

—Você era o organizador?

—Não. — Ele quase riu. —Eu fui uma vítima.

— *Você*, vítima?— Sasha estreitou os olhos. —Você tem provas?

Ele tinha o pendrive no bolso, mas as fotos que continha feriam Vitari até os ossos. Se ele desse essas imagens para Sasha, o chefe dos DeSica teria que acreditar nele. Mas não havia como voltar atrás, e aquelas fotos apenas provavam que ele havia sido comercializado como carne e usado por uma série de homens intocáveis.

Mas entregar as imagens provaria o seu compromisso com Sasha. —Algumas. Eu vou conseguir mais. E a mulher desaparecida, a mulher do Vaticano. Giancarlo a matou. Você pode adicionar isso aos crimes dele.

—Que mulher do Vaticano?

Ela também foi esquecida, como a vida passada de Vitari. Queimado e varrido por Giancarlo. —Stefania Angelini. Procure sobre ela. Você vai encontrar.

Um estranho brilho de conhecimento brilhou nos olhos de Sasha, como se isso fosse um jogo para ele. —Ela é quem? Sua mãe?

—Sim. Ela era.

Sasha respirou fundo, enchendo seu peito largo. —Isso é bom. Progresso. Vejo que você odeia seu pai. Isso me beneficia. Talvez tenhamos um lugar entre nós para seus talentos, Angelo della Morte.

Vitari riu. Arruinar seu pai era uma coisa, mas trabalhar com os DeSica era outra merda da qual ele não queria fazer parte. Além disso, depois de entregar as provas para derrubar Giancarlo e Sasha agir, não haveria para onde Vitari pudesse fugir. Ele estaria morto em vinte e quatro horas. —Prometa-me, sua palavra. Francis estará seguro.

—Você tem minha palavra, Angel.

Vitari enfiou a mão no bolso. Seus dedos percorreram o drive USB. Assim que ele o entregasse, os horrores de seu passado estariam por aí. Não haveria retorno disso. Ele o pegou e ofereceu a Sasha. —Para os seus olhos, de mais ninguém, até que acabe.

Sasha olhou para o impulso inócuo e depois para o rosto de Vitari. Ele pegou e assentiu. —Farei com que meus homens o levem de volta ao seu carro.

O capuz caiu novamente sobre a cabeça de Vitari, cheirando a suor e poeira. Mas nada disso o assustou tanto quanto as fotos daquele disco.

—Angel, — disse Sasha. —Você deveria saber, não tentamos matar o padre.

—O que? — Seu coração caiu no chão. Esse golpe foi a razão pela qual ele estava aqui, a força motriz por trás do compromisso de fazer isso. E Sasha não foi responsável? Vitari se livrou das mãos dos homens e arrancou o capuz. —Se você não fez isso, quem diabos fez?!

Os homens o agarraram novamente, mas o capuz permaneceu retirado.

Sasha considerou sua resposta. —Eu pareceria mais próximo da família...

Ele fez tudo isso por nada?

—Seu filho da puta, me deixou acreditar que era você!

—Nem tudo é ruim. Tenho provas e honrarei nosso acordo. O padre está a salvo de nós. Vou descobrir quem ordenou o ataque, — disse Sasha. —No espírito do nosso novo acordo.

O capô caiu novamente e Vitari foi puxado, empurrado entre os homens como um barril prestes a cair sobre as Cataratas do Niágara.

Seu coração bateu na garganta. E se ele tivesse cometido um erro terrível? Mas agora era tarde demais.

Ele tinha acabado de fazer um acordo com o diabo. Porque ele amava um padre.

CAPÍTULO DEZENOVE

Francis

A ligação ocorreu poucos dias depois de seu retorno da villa de Giancarlo. — Francis...— Vitari disse, e como se tivesse uma ligação direta com o coração de Francis, sua voz o aqueceu. Fazia semanas que não se viam, semanas desde a casa da fazenda no interior da Itália, mas tanta coisa havia acontecido. Tanta coisa *precisava* ser dita. Ele não tinha ideia de como começar.

—Francis?

—Sim, estou aqui... eu...— Ele tinha que dizer a Vitari que estava tudo acabado. Mas como?

Sua mão enfaixada latejava, seu coração doía.

—É bom ouvir sua voz. Me encontre. Atrás da Basílica.

Seria melhor fazer isso cara a cara. Francis molhou os lábios e inclinou o rosto para o céu. —Quando?

—Eu já estou aqui.

O coração de Francis bateu forte. —Tudo bem, sim.

Vitari encerrou a ligação.

Ele estava seguro e isso era tudo que importava. Seu pai não o machucou. Mas quanto tempo duraria essa segurança?

Francis baixou o telefone e olhou para os pacíficos jardins matinais do Vaticano. Ainda não eram seis da manhã. Apenas alguns jardineiros povoavam o terreno. A Basílica de São Pedro e a praça ficariam tranquilas. Os turistas não

podiam entrar antes das sete. Embora Vitari claramente tivesse suas próprias maneiras de entrar.

Francis cerrou os dedos da mão enfaixada, fazendo a queimadura latejar novamente.

Isso tinha que ser feito para manter Vitari a salvo de seu pai.

Francis saiu dos jardins, passando pelo enorme interior da Basílica com seu esplendor de tirar o fôlego, e voltou para fora por uma porta de serviço. A estrada atrás era sempre tranquila e usada principalmente para entregas.

Vitari esperou à frente, apoiado no corrimão que separava a estrada das ofuscantes paredes brancas da Basílica. Ele usava óculos escuros, calça preta e uma bela camisa listrada com as mangas arregaçadas, expondo antebraços bronzeados e seu relógio reluzente. Ele parecia uma obra de arte, especialmente tendo como pano de fundo o cenário dramático de Roma.

Seu sorriso floresceu quando Francis se aproximou e o coração de Francis afundou.

Ele não poderia fazer isso. Mas ele tinha que fazer isso.

Ele amava Vitari e por isso, isso tinha que acabar.

—Oi. — Vitari se endireitou na amurada, seu sorriso agora em plena floração. —Eu teria entrado em contato antes, mas algumas coisas estavam acontecendo. Ouvi dizer que você estava bem... depois do tiroteio. Como está sua cabeça? — Ele avançou, estendendo a mão.

—Bem.

Vitari jogou a franja de Francis para trás. Eles estavam perto, perto demais, perto o suficiente para beijar, e não havia ninguém por perto... Francis agarrou a mão de Vitari antes que ela pudesse vagar e fazer algo maravilhoso, como acariciar

seu rosto, seu pescoço. E então Vitari se inclinava e dizia algo perverso, algo que deixaria Francis fraco.

Um hematoma escureceu o queixo de Vitari. Francis pensou que fosse o início de uma barba, mas quanto mais olhava, mais hematomas via o pescoço de Vitari. Alguém o machucou? O pai dele? Querido Deus, isso tinha que acabar, antes que a verdade de Stanmore matasse Vitari.

O sorriso de Vitari vacilou. —O que aconteceu com sua mão?

Soltando-se, Francis se afastou e cruzou as mãos atrás das costas. —Nós precisamos conversar.

—Não é isso que estamos fazendo? — Seu sorriso rachou e outro pedaço caiu. —O que está acontecendo? Ninguém está aqui. Ninguém pode nos ver.— Ele olhou em volta, como se quisesse verificar. —Você está bem?

Francis suspirou pelo nariz e olhou para a estrada. Eles estavam verdadeiramente sozinhos, com apenas a Basílica e os seus anjos de mármore pairando sobre eles. Isso *estava* certo. Tinha que ser feito agora. Não adiantava arrastá-lo.

—Ok, tudo bem... Aqui não. Entendo. — Vitari enfiou as mãos nos bolsos, como se estivesse se contendo. —Ouça...

—Eu preciso...

—Vou ficar ausente por um tempo, investigando essa coisa de tráfico.

A coisa do tráfico? A mente de Francis entendeu. *Ah, o contrabando de pessoas venezuelanas.* —Bom. Alguma distância tornará isso mais fácil.

—Tornar o que mais fácil?

—Nós...— Ele limpou o rangido em sua voz e tentou novamente. —Não podemos fazer isso. Eu deveria ter parado há muito tempo. Eu permiti que isso continuasse, o que é minha culpa...

—Parou o quê? O que você está falando?— Ele começou a avançar novamente.

Francis recuou, recuando, e a mão de Vitari caiu para o seu lado. Seu sorriso também desapareceu, depois sua máscara caiu, transformando-o novamente no estranho que Francis conhecera em St. Mary há tanto tempo que certamente tinha sido uma vida diferente.

Isso estava certo, isso tinha que acontecer, mas, por Deus, doía como se ele estivesse arrancando o próprio coração. —Não podemos fazer isso, — ele deixou escapar.

Linhas finas marcaram a testa de Vitari. —Você já disse isso muitas vezes, Padre.

—Quero dizer. Desta vez. Acabou... acabou, Vitari.

Vitari meio que riu, dispensando-o. —Se se trata de uma tentativa de assassinato, tenho alguém trabalhando nisso. Não foi o meu povo e não foi os DeSica. Você está protegido...

—Pare! — Francis latiu. O grito ecoou ao redor deles. Vitari ficou tenso. Francis não pretendia atacar, mas aquela palavra: *protegido*. —Simplesmente pare. Acabou. Nós acabamos. Não quero ver você de novo. Por favor...— Francis levou a mão à testa. —Apenas vá.

O sorriso de Vitari retornou, mas era a versão de lado, astuta, toda arrogância e bravata – outra máscara pintando sua dor. Francis ansiava por abraçá-lo, pedir desculpas e retirar todas as palavras horríveis. Ele o amava. Amava-o tanto que este

momento poderia ter sido o pior de toda a sua vida, mas sua mão queimava como uma lembrança do mundo em que Vitari vivia e de como seu pai mataria Vitari para manter seus segredos.

—Então você simplesmente vai embora depois de tudo? — Vitari perguntou. Aquele sorriso afiado cortou Francis como uma faca.

—É por causa de tudo que eu tenho que fazer.

Vitari sorriu, depois soltou uma risada curta e recuou. Ele ergueu as mãos. —Certo, tudo bem. Volte para sua igreja. — Ele fez um gesto para as paredes da Basílica. —Eu não preciso de você de qualquer maneira. Você não era *nada*. — Seus lábios se curvaram em desgosto. —Uma boa foda.

Francis o feriu, mas ouvi-lo dizer tais coisas ainda lhe partiu o coração. Três palavras resolveriam isso. Três palavras que, uma vez ditas, condenariam a ambos. *Eu te amo*. Ele não podia dizer isso, então observou Vitari construir suas barreiras novamente e teria que vê-lo ir embora.

Vitari riu. —Não se preocupe, não vou arrastá-lo para a sujeira comigo, *padre*. Tenha a porra da sua vida perfeita. — Ele se virou e, com o clique dos sapatos, saiu marchando. —Boa sorte em confessar tudo.

Francis deu um passo em direção a ele, depois outro. Ele quase gritou. Mas por mais que a agonia se revirasse por dentro, isso tinha que acabar, para ambos. Ele o observou até que ele desapareceu de vista ao redor da Basílica.

E Vitari se foi, restando apenas o ardor de suas palavras.

Francis ficou sozinho sob a luz ofuscante do sol, segurando a mão dolorida, e orou a Deus pedindo orientação e força.

Isso *estava* certo.

Chega de Stanmore. Não há mais investigações.

Ele enxugou as lágrimas inúteis do rosto.

Não há mais verdade. Para salvar Vitari.

CAPÍTULO VINTE

Vitari

Isso machucou.

Doeu mais do que Vitari ousou admitir.

Ele não tinha certeza de quando Francis havia entrado em seu coração – talvez na Venezuela, talvez antes disso, com seus olhos de corça e cabelos castanhos desgrenhados. A maneira como ele era inocente e cruel quando precisava ser. Como antes, quando ele bateu a porta na cara de Vitari.

Vitari nunca foi tão vulnerável com alguém como foi com Francis. Ele pensou que eles tinham algo, algo bom, algo muito especial. Ele não era estúpido o suficiente para acreditar que eles seriam felizes para sempre, mas desde que seu pai sabia que ele tinha mantido contato com Francis e não o puniu, ele se perguntou sobre um feliz por enquanto.

Então Francis arrancou seu coração.

—Preciso ver meu pai, — disse ele aos homens que tentaram impedi-lo de entrar no clube Buona Sera. O porteiro murmurou em seu fone de ouvido, enquanto o público fazia fila, lançando olhares ciumentos sobre ele. Ele os ignorou, mas a cada segundo que passava sua impaciência aumentava. Pelo amor de Deus, eles sabiam quem ele era. Ele praticamente morava neste bar quando estava em Roma.

Ele tirou os óculos escuros e fixou o idiota com seu olhar. —Você é novo? Porque você claramente não sabe quem eu sou. Você tem três segundos para me deixar passar.

—Senhor...

Sal apareceu, como uma fada musculosa vestida de terno, agitando sua varinha mágica e abrindo portas que não deveriam estar fechadas.

—Angel, o que você está fazendo aqui?— ele resmungou. —O que diabos aconteceu com seu rosto?

O que deu em todo mundo? Ele se esquivou do porteiro. —Estou tentando entrar. Que porra é essa? Por que ainda estou aqui como um maldito turista, Sal?

—Fácil...— Ele finalmente abriu a porta. —Apenas um mal-entendido. Entre aqui.

Ele entrou e viu o motivo da segurança. Giancarlo recebeu a visita dos capos, o que significa que o bar estava fechado ao público. Importantes caporegimes⁷ administravam vários ramos das operações Battaglia. Vitari reconheceu todos eles e quase errou em suas emoções desenfreadas. Esses homens eram da velha guarda, perdendo apenas para o pai de Sal, Toni. Este não era o momento de perder a cabeça. Um dos homens, conhecido como Slider, relatou o estado das armas que negociavam com o cartel Mano Nera nos EUA.

Vitari manobrou para trás do bar, serviu-se de uma bebida e outra para Sal, visto que o barman estava ausente, e se acomodou para ouvir. Depois que voltou para a Itália, ainda menino, aprendeu tudo sobre o funcionamento interno da Battaglia e desses homens.

⁷ Caporegime (ou informalmente conhecido como capo ou capitão) é um membro de patente alta na hierarquia de uma família da máfia italiana. O caporegime está abaixo do subchefe, do Don (o chefe da família) e do Consigliere (o conselheiro).

Essas reuniões foram apertadas. Ele só esteve presente às três antes.

Interessante que Sal estava aqui e Vitari nem sabia o que estava acontecendo.

O pai de Sal, Toni, sentou-se ao lado de Giancarlo, sempre subchefe, em busca do primeiro lugar.

Como isso funcionaria quando Giancarlo se aposentasse?

Embora, do jeito que a merda estava acontecendo, era altamente improvável que Vitari estivesse vivo para ver isso.

Ele examinou os rostos. Todos os homens de sangue antigo, gerações de Battaglia, possuem suas próprias especializações. Alguém aqui coordenou o lado do tráfico do negócio. Alguém aqui sabia que eles estavam vendendo crianças como escravas sexuais, e fizeram isso com a consciência explícita de Giancarlo.

Porra, estava tudo tão bagunçado.

Durante um momento de silêncio, Sal se inclinou e disse: —Tentei ligar para você. Onde você esteve, cara?

Vitari apontou para os hematomas em seu rosto. —Os DeSica me pegaram.

—Porra...

—Certo. Filhos da puta. Eles me jogaram de volta assim que descobriram quem eu era.

—Nós vamos lidar com isso, — Sal resmungou.

Vitari engoliu o restante da vodca e serviu outra. Ele não podia se dar ao luxo de beber até ficar bêbado com tudo o que estava acontecendo – ele precisava de sua inteligência – mas o que ele realmente queria fazer era pegar a garrafa e jogá-la do outro lado da sala. Ele queria gritar com o pai como uma criança e culpá-lo por tudo – por Stanmore, por sua mãe, por Francis o ter abandonado.

Ele só precisava de mais alguns copos de vodca para anestesiá-lo.

Ele foi um tolo em pensar que algo disso importava.

Francis sempre foi feito para mais.

O abandono de Vitari não mudou nada.

Vitari ainda iria arruinar Giancarlo para Sasha, porque seu pai merecia. Poucas coisas pareciam certas em sua vida, e agora que Francis se foi, havia menos ainda. Mas arruinar Giancarlo era a coisa certa a fazer.

Seus ouvidos se aguçaram ao ouvir ‘Caracas’, a capital venezuelana onde a irmã da garota Stanmore o procurou e levou uma bala entre os olhos por causa do problema. O homem que falava agora era um espanhol cruel, com o rosto atraente envelhecido pelo sol: Santiago Garcia. Vitari não prestou muita atenção nele no passado. Ele só aparecia nas poucas ocasiões em que os capos se encontravam. Ele falou de produto, o que poderia significar qualquer coisa. Ouro, drogas, armas ou pessoas. Tudo saiu da Venezuela.

Vitari ouviu e anotou os locais das travessias, geralmente de avião e depois de barco. O produto foi descarregado e dividido, depois disfarçado entre pontos de entrada legítimos em países europeus. Esses exemplos de produtos escolhidos a dedo alcançaram cinco dígitos.

O produto eram pessoas.

Santiago dirigia o negócio de contrabando de pessoas.

Vitari estudou o rosto de Santiago, guardando-o na memória. Ele precisava de uma entrada, de um ponto fraco, de alguma forma de pressionar para poder manipular Santiago. E ele sabia como conseguir isso.



A reunião terminou, os capos foram embora e o público foi autorizado a entrar no bar. Vitari foi empurrado para baixo na lista de pessoas que esperavam para falar com Giancarlo, mas isso lhe deu tempo para reunir tudo o que precisava.

Foi só quando o clube estava perto de fechar que Giancarlo o convidou para ir de carro na viagem de volta à villa. Vitari sentou-se no banco de trás ao lado do pai, esperando que ele falasse primeiro. O carro roncou e uma apresentação de slides da Roma noturna passou pelas janelas do carro.

—Os negócios vão bem, — disse Giancarlo. —A Venezuela está produzindo mais uma vez. — O olhar lateral não deixou Vitari com dúvidas de que era uma referência à sua merda.

—Santiago está roubando lucros, — disse Vitari.

Giancarlo olhou, a surpresa muito clara em seu rosto. Não era sempre que Vitari conseguia surpreendê-lo. Seu coração bateu forte. Ele tinha que seguir até o fim agora e torcer para estar entrando em um território que conhecia mais do que Giancarlo.

—Santiago é leal, — disse Giancarlo. —Apenas rumores.

Vitari tirou o telefone da jaqueta, abriu as diversas fotos – enviadas a ele por Carolina Diaz apenas duas horas antes, logo após a reunião do capo – e entregou o telefone a Giancarlo. —Essas imagens mostram Santiago recebendo pagamento por vendas privadas. Ele pega o que chama de melhor produto e vende no mercado negro, roubando da Battaglia.

—Estas são apenas imagens. — Ele devolveu o telefone, os olhos frios e duros. —Elas não provam nada.

Ele imaginou que Giancarlo iria querer mais do que a palavra de Vitari e algumas fotos inconclusivas. —Então me coloque nele. Vou verificar se ele está administrando todos os lucros do negócio.

—Você quer observar Santiago?

—Se ele não estiver vendendo produtos para si mesmo, não terá nada a esconder.

—Porque agora?

Vitari fez uma pausa, embora já tivesse as próximas palavras pensadas em sua cabeça. Tudo foi calculado. Nada poderia ser deixado ao acaso. Ele precisava que isso funcionasse. Ele precisava que seu pai acreditasse nele. —Eu estive fora do meu jogo ultimamente. Quero uma chance de reconquistar a confiança que perdi.

—Você agrediu um bispo.

Vitari estremeceu.

—Isso é inaceitável. Cada erro que você comete reflete em mim, na empresa. E você tem feito muitos.

—Eu sei, me desculpe. Algumas coisas do meu passado voltaram à minha cabeça, mas isso acabou. — Ele se virou no assento e sustentou o olhar do pai. — Permita-me provar meu valor. Eu não vou decepcionar você. Você disse que eu poderia ser mais, e eu quero isso. Eu quero ser digno. Deixe-me começar com isso.

—Os negócios de Santiago são delicados. Requer sutileza e discrição.

Vitari não tinha sido discreto desde que conheceu um padre. Tudo começou com a explosão de um super iate e não terminou com o colapso da operação de mineração de ouro. Para alguém calmo, Francis certamente atraiu o caos. Mas Vitari não estava pensando em Francis. Ele *não iria* pensar nele.

—Quem bateu em você? — perguntou Giancarlo, referindo-se aos hematomas no rosto de Vitari.

—Os DeSica me pegaram. Eu lidei com isso.

—Sasha? — Sombras se acumularam no rosto carrancudo de Giancarlo. — O que eles queriam?

—Nada, só para me agredir. Eles não sabiam quem eu era.

—Não, Sasha sabia que era você. O fato de ele ter ido buscar você diz muito. Ele me considera fraco... Sim, vá com Santiago. Isso o tirará de Roma. Há uma remessa de produto na próxima semana. Encontre-me esta prova do roubo, se houver alguma. — Giancarlo estudou Vitari sob a luz passando pelas janelas do carro. —Não me decepcione novamente.

Ele disse isso como uma ameaça, como se esta pudesse ser a última chance de Vitari provar sua lealdade.

—E o padre, Vitari?

—O padre não é nada. Acabou. — Não fazia sentido esconder o fato de ter tido uma relação com Francis que ia além das provas fotográficas que Giancarlo tinha da punheta numa villa espanhola. Seu pai não era bobo. E esta era a verdade. Tinha *acabado*.

Giancarlo estreitou os olhos.

O carro percorreu a entrada da vila, em direção à casa em toda a sua glória resplandecente de mansão. Vitari provavelmente não teria outra chance como esta de sentar-se com Giancarlo. Ele pegou a mão do pai e levou-a aos lábios. —Perdoe me pai. Vou compensar meus erros. *Perdoe-me pai por eu ter pecado*.

Giancarlo assentiu. —Estou ansioso por isso. Junte-se a mim em meu estúdio, Vitari.

Ele seguiu atrás de Giancarlo, acenando para o pessoal por quem passavam. Giancarlo parecia estar de bom humor, provavelmente devido ao sucesso do encontro com os capos. Vitari também não estava se sentindo tão mal. Metade disso era vodka e o resto *era não* pensar em Francis.

O escritório de Giancarlo era arejado e fresco, graças às janelas abertas e ao refrescante ar noturno soprado pelo ventilador de teto. Giancarlo tirou o paletó e preparou bebidas da garrafa. Tirou um charuto da lata que o padre americano lhe dera, cortou a ponta e acendeu-o, depois sentou-se atrás da escrivaninha e ofereceu a Vitari o lugar ao seu lado.

—Todos cometemos erros, Vitari, — disse ele. —Eu fiz muitos, especialmente na sua idade. Somos muito parecidos.

Vitari mordeu a língua para não perguntar se ele também era parecido com a mãe. Ele deveria ter superado tudo isso. Esta noite era sobre o futuro. Esperando ansiosamente. Não passado. Um futuro com Giancarlo atrás das grades e Vitari provavelmente em uma cova rasa em algum lugar.

Porra, ele não queria morrer.

Mas ele não estava pensando nisso.

—Chefe, Toni chegou, — disse um dos funcionários, enfiando a cabeça pela porta.

Giancarlo assentiu, sinalizando que chegaria em breve. Quando a porta se fechou, seu olhar pesado pousou em Vitari. —Espere aqui...— Ele se levantou e saiu da sala.

O computador ainda estava ligado. Desprotegido. Não bloqueado.

Vitari esperou alguns momentos, prestando atenção aos passos do pai em retirada, e depois correu para trás da mesa. Ele clicou no ícone de busca no canto

superior direito da tela do computador e digitou *Stefania Angelini*. Um mosaico de arquivos apareceu, um após o outro, fotos, documentos e imagens JPEG. Vitari não teve muito tempo. Ele precisava de algo sólido, algo que pudesse mostrar ao mundo. As informações na tela eram demais e insuficientes. Ele não teve tempo de passar por tudo isso.

Ele procurou por *Stanmore*.

Um documento apareceu.

Um arquivo Excel.

Vitari destacou-o com a seta do mouse e depois hesitou. Se ele abrisse, apareceria no histórico do arquivo, e ele não sabia como excluí-lo. Foda-se. Ele já estava *com tudo dentro*. Ele clicou duas vezes. O arquivo era antigo, datado de dez anos atrás, e listava transações bancárias de entrada e saída de contas bancárias registradas de uma instituição de caridade: Stanmore Recuperation House. A coluna mais à esquerda listava os nomes, depois os depósitos, bem como números que lembravam números de série.

Esses números eram das crianças, Vitari sabia disso. Em algum lugar haveria um arquivo com esses números ligando-os aos nomes das crianças Stanmore.

Ele clicou, arrastou o arquivo da transação para os e-mails, anexou o arquivo e enviou-o para seu próprio endereço de e-mail, depois excluiu-o dos Itens Enviados, fechou tudo e voltou para o assento. Porra, porra, porra...

Giancarlo voltou. —Eu tenho que ir. Faremos isso novamente quando você retornar. Espero não ouvir uma palavra sua até esse retorno. Discreto, Vitari. Entende?

—Sim. Não vou decepcionar você de novo, você tem minha palavra.

—Bom.— Ele hesitou, como se pudesse dizer mais alguma coisa, depois lembrou-se do computador e deu a volta na mesa para desligá-lo. —Você pode ir, filho.

—Boa noite, pai. — Ele saiu pela porta, apenas ouvindo o suave *boa-noite de Giancarlo* em troca.

CAPÍTULO VINTE E UM

Francis

O retorno de Francis às suas funções em Westminster, Londres, transcorreu sem intercorrências. A vida continuou, um dia de cada vez. Deveria ter sido suficiente ajudar as pessoas que o procuravam, alegrar-se nos casamentos, nas sagradas comunhões e nos batizados, e consolar as famílias durante os funerais. Foi isso que ele prometeu fazer, pelo que deu sua vida servindo.

Ele conversou diversas vezes com o padre Hawker ao telefone, em busca de orientação. Ele certamente não poderia perguntar ao arcebispo Montague – que pelo menos o vinha evitando desde a tentativa de assassinato. O padre Hawker não mencionou o que chamou *de incidente* do passado de Francis. Conversaram sobre o assunto, mas mesmo sem compartilhar os detalhes, bastava saber que ele tinha um amigo na igreja.

A monotonia era boa, disse a si mesmo. A rotina era saudável. A solidão era... normal. O padre Hawker tentou explicar como eles nunca poderiam ficar sozinhos com Deus. Mas Francis tinha descoberto que Deus era bastante unilateral ultimamente.

Mesmo assim, a vida continuou. O quase acidente em sua têmpora deixou uma leve cicatriz pálida e a mancha circular de pele com bolhas na palma da mão havia cicatrizado, deixando a área dormente. Ele o acariciava frequentemente durante a oração para lembrar-se de que às vezes a coisa mais difícil que uma pessoa tinha que fazer era ir embora.

—Regoziamo-nos com nossos sofrimentos, sabendo que o sofrimento produz perseverança, e a perseverança produz caráter, e o caráter produz esperança, e a esperança não nos envergonha, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações por meio do Espírito Santo que foi dado a nós.

Ele havia dito essas palavras durante um culto no início do dia, disse-as centenas de vezes antes, mas naquele dia elas tocaram a corda. Ele já teve esperança. Mas em algum lugar ao longo do caminho, ela se perdeu.

Será que algum dia ele encontraria esperança novamente ou também teria se afastado disso?

—Padre Scott?

—Sim?— Ele ergueu os olhos da leitura dos Salmos, surpreso com a chegada do arcebispo ao seu escritório.

Montague ficou perto da porta, como se sentisse que Francis precisava de espaço. Vestido casualmente com suas roupas civis normais, um suéter com decote em V e calças, ele raramente parecia mais amigável.

—Você não me ouviu bater? — ele perguntou.

—Uh, não, eu estava apenas lendo.

—Vou me retirar à noite e tenho uma caçarola na panela elétrica. O Diácono Strong está se juntando a mim. Você não vai se juntar a nós? As noites estão chegando e tenho certeza de que você não gosta da ideia de passar mais uma noite sozinho em seu apartamento.

Foi apenas uma oferta casual entre colegas, nada mais. Há semanas que Francis esperava algum tipo de ramo de oliveira pacificador, desde o seu regresso do Roma. Mas o arcebispo tinha-se afastado, ocupando-se com os seus deveres e mantendo-se longe de Francis.

O diácono Strong era bastante gentil, ainda se recuperando e aprendendo os costumes e rituais da vida na catedral. A oferta de jantar foi gentil.

Francis engoliu em seco. —Eu tinha planejado revisar minhas anotações para um casamento no final da semana.

—Traga-os com você. — Montague sorriu. —Vamos todos examiná-los juntos. Strong poderia usar a prática. Você também não pode me dizer que está ansioso para voltar para um apartamento frio. E quando foi a última vez que você comeu uma refeição quente? Não, eu insisto. Junte-se a nós. Eu sempre ganho demais. Vejo você em vinte minutos. — Ele se virou e saiu do escritório em poucos passos.

Francis poderia ter dito não, mas Montague inventaria outra razão para garantir que isso acontecesse, e isso continuaria dia após dia, até que Francis concordasse. Seria melhor acabar logo com isso.

Ele iria, eles comeriam e Francis deixaria o diácono e o arcebispo assim que fosse educado fazê-lo. Montague estava distante, até mesmo desinteressado. Este jantar nada mais era do que ele havia dito, um motivo para não ficar sozinho, e ele estava certo, Francis não tinha vontade de voltar ao seu apartamento frio e silencioso para mais uma noite de solidão.

Terminou, arrumou o escritório e partiu para o apartamento do arcebispo. Como todos os edifícios residenciais faziam parte da chancelaria convertida, ao lado do pátio da catedral, ele não precisava caminhar muito.

Um pouco de jazz alegre tocava atrás da porta do apartamento. Francis bateu.

—Entre!

Lá dentro, o delicioso aroma da caçarola quente iluminava seu humor. Talvez esta não tenha sido uma ideia tão terrível. Francis seguiu o som das panelas batendo

e encontrou Montague na pequena cozinha em meio a lufadas de vapor da panela elétrica. Três pratos aguardavam suas porções.

—No momento ideal. O diácono Strong estará aqui em breve, — disse Montague com um sorriso.

—Posso ajudar?

—Ah, obrigado, sim. Já faz um tempo que não me divirto e há mais em que pensar do que me lembro, ou simplesmente estou ficando velho e esqueci como cozinhar para mais de um. — Ele riu.

Francis mexeu nos pratos e depois colocou a mesa na sala de jantar, tentando não pensar em como a noite estava se tornando terrivelmente familiar – um jantar na casa de Montague, levando a momentos íntimos depois, com Montague conduzindo-o pela mão até seu quarto.

Ele empurrou as velhas memórias para longe. Não importaria; logo chegaria o diácono Strong, e eles discutiriam seus estudos e trabalho como os três profissionais que eram.

—Como está o padre Hawker? Você fala com ele regularmente, certo? — perguntou Montague, chegando com dois pratos carregados.

—Ocasionalmente, sim. Por que?

—Tenho algumas preocupações. Por favor, sente-se. Agora, onde está o vinho?

—Ah, o prato do Strong, deixe-me ir buscar...

—Ah, não há necessidade. — Montague riu novamente. —Ele não vem. — Ele colocou uma garrafa de vinho tinto e duas taças sobre a mesa.

—Ele não vem? — Francis perguntou, meio congelado da cadeira.

—Não, ele ligou há pouco. Enquanto você estava arrumando a mesa. Uma emergência. Ele se desculpou muito. — Montague serviu o vinho.

—Oh. — Era... plausível .

—Então, padre Hawker, — continuou Montague, enchendo seu próprio copo. —Como ele parece para você?

—Eu, uh...— Francis sentou-se e agradeceu automaticamente a Montague pelo vinho enquanto este entregava o seu. —Ele parece bem.

—Você fala muito?

—Muito? Eu... Às vezes, suponho. Ele foi meu mentor...

—Eu fui seu mentor. Mas vá em frente.

Não, você foi o homem que me preparou para fazer sexo com você quando eu era muito jovem para saber o que era sexo. A mente de Francis o abandonou, ficando em branco. —Sinto muito, perdi meu rastro de pensamento. O que você perguntou?

Montague sentou-se e sorriu e parecia ser o anfitrião perfeito. —Coma. Caso contrário, ficará frio.

Sozinho. Com o Arcebispo Montague. Para o jantar. Ele havia perdido o apetite, mas conseguiu cutucar a comida no prato. Não deveria ter sido assim. Ele era um homem adulto e Montague não tinha mais poder sobre ele.

No entanto, ele fez. Inexplicavelmente. E não era apenas porque Francis tinha prometido obedecê-lo, embora isso certamente fizesse parte da confusão emaranhada em sua cabeça.

—Sobre o que vocês conversam, você e o padre Hawker? — Montague continuou.

Os pensamentos de Francis flutuavam, como se estivessem separados do resto dele. Ele não queria entrar em pânico, mas sentiu o pânico aumentando. —Oh, não muito, eventos diários, quaisquer problemas que possamos ter.

—Ele aceita sua confissão? — perguntou Montague, cortando um pedaço de batata como se não estivesse interessado na resposta.

Francis pegou o vinho e tomou um gole generoso. Amargo. Como esta noite. —Sim ele faz. — Tomando confissão para os colegas era normal para os padres. Por que Montague se preocupava tanto com o padre Hawker?

Montague sorriu e colocou o pedaço de batata entre os lábios pálidos. Uma gota de molho escorreu pelo seu queixo.

Francis terminou aqui. Quanto mais rápido ele conseguisse sair pela porta, melhor. —Sabe, acho que provavelmente deveria ir. Tenho um dia agitado amanhã...

—Ah, não seja bobo. Você acabou de chegar. E você mal tocou na comida.

Francis franziu a testa. —Bem, não é exatamente a mesma coisa sem Strong, não é? Se ele viesse.

Montague parou de mastigar e se endireitou. Seus olhos duros se estreitaram. —O que você está implicando?

E se Francis estivesse errado? E se toda esta noite fosse exatamente como parecia ser, apenas um jantar inocente? E se Francis fosse o problema, trazendo o seu passado para o presente sem motivo? —Sinto muito, — Francis se pegou dizendo. Ele quase podia ouvir Vitari repreendendo-o por isso, dizendo que não tinha nada pelo que se desculpar.

—Sou eu quem está arrependido, — disse Montague, passando a língua entre os dentes e depois recostando-se. —Pelo passado.

Francis congelou. Seu coração bateu contra suas costelas. Não, ele não queria falar sobre o passado ou trazer nada disso para a sala com eles agora.

—Meu comportamento foi... terrível. Peço desculpas por tudo isso. Você estava certo. Eu estava em uma posição de autoridade e não tinha o direito de assumir coisas sobre você naquela idade. Foi errado da minha parte. E sinto muito, Francis.

Ele estava arrependido? As palavras pareciam ser genuínas, mas foram ditas quase levianamente. .

—Eu... bem... eu não sou mais assim... — acrescentou ele, bebendo um gole de vinho.

Então, ele simplesmente parou de molestar garotos depois de passar anos impune? Isso parecia improvável. Mas Francis *queria* acreditar nele, se isso significasse que ninguém mais tinha sofrido depois de Francis.

O que ele deveria dizer? Obrigado? Você está perdoado? Era isso que Montague procurava: perdão?

—Eu queria, er...— Montague cutucou a toalha de mesa com a unha. —Eu queria perguntar sobre alguém que você talvez conheça, na verdade.

Francis tomou um gole de vinho. Ele não bebeu antes de conhecer Vitari. Agora ele se perguntava se conseguiria dar uma passada até a loja local depois de sair do jantar e comprar uma garrafa de algo forte e potente para poder se afogar quando chegasse em casa.

—Um homem italiano, na verdade.

Francis ergueu o olhar.

—Acredito que o nome dele é Angelini. Vitari Angelini. Por acaso você o conhece?

Isso era um truque? Será que ele já sabia que Francis conhecia Vitari muito bem? Isso era um teste? Por que ele estava perguntando agora? —Eu, uh... não tenho certeza.

—Ele foi muito inflexível em entrar no seu quarto no hospital depois daquele momento terrível na Basílica de São Pedro.

Francis recostou-se na cadeira enquanto vários trechos daquele dia se encaixavam.

Montague havia sido atacado na recepção da enfermaria do hospital e agora Montague perguntava pelo nome de Vitari? De repente, ele soube *quem* havia atacado Montague. Deus, não admira que o arcebispo estivesse se escondendo. Ele tinha sorte de estar vivo. Embora Francis – bastante terrivelmente – desejava que não estivesse. Não, isso não era verdade. Ele não queria que o homem morresse.

Talvez um pouco.

Ou muito.

Talvez ele desejasse que Vitari o tivesse dado um soco no chão por tudo que Montague tinha feito com ele, no passado.

—Eu não acho... que eu o conheça, não. — O sangue correu pelos seus ouvidos. —Quem é ele? — Ele bebeu mais vinho, escondendo qualquer expressão que pudesse denunciá-lo.

—Ele me atacou violentamente. Aparentemente, ele tem ligações com a Máfia. Você pode imaginar? Um homem assim me atacando em plena luz do dia. Terrível. Mas, bem, com o seu recente... *azar*, eu me perguntei se você poderia tê-lo conhecido?

Francis fez uma careta vaga e encolheu os ombros. —Eu não saberia... Eles realmente não usavam nomes reais perto de mim. Não parece familiar.

—É só que você pode já tê-lo conhecido antes, sabe, — Montague continuou, e dessa vez, quando Francis olhou para cima, Montague olhou-o nos olhos. —Do seu passado.

—Oh? — O coração de Francis batia tão forte que certamente quebraria uma costela a qualquer momento.

—Deixa para lá. Tenho certeza de que foi apenas um acidente estranho.

Sim, Vitari escorregou e seu punho caiu no rosto de Montague. Repetidamente.

Francis sorriu para o seu vinho. Vitari lhe dissera que cortaria as bolas de Montague. Ele também teria. Vitari solto era tão cruel quanto um lobo. Ele também não pararia por aí. Não depois do que Montague fez com ele. Ele o torturaria e, embora fosse errado pensar tais coisas, Francis podia imaginar seus gritos.

E aqui estava Francis, jantando com o agressor de Vitari.

A repulsa fermentou o vinho em suas entranhas.

Esta foi uma traição ao passado de ambos. Ele nunca deveria ter vindo.

E se Francis acreditasse em Montague quando disse que tudo estava acabado, então ele era um tolo. Ele mentiu totalmente para trazer Francis aqui esta noite. O diácono Strong provavelmente nunca foi convidado.

Francis estudou o homem idoso do outro lado da mesa. Montague sabia o que tinha feito e sentiu a dor da vingança de Vitari. Montague tinha poder, tinha conexões, mas seriam essas conexões fortes o suficiente para controlar L'Angelo della Morte? Claramente não, já que Vitari o espancou em plena luz do dia e ainda assim saiu livre.

O medo tocou seu olhar.

Bom, ele deveria estar com medo.

Francis bebeu a última gota de vinho e pousou o copo. —Obrigado pelo jantar. Eu deveria estar indo.

—Muito bem. Se você realmente quiser, suponho que terminarei o vinho sozinho?

O que ele achou que aconteceria? Que Francis ficaria, e eles conversariam, e o quê? Seria como nos velhos tempos? E pensar que Francis certa vez acreditou que amava esse homem, que o que eles tinham era *normal* ... Que Montague também o amava. Nada sobre o passado deles veio do *amor*.

—Eu sei de uma coisa, — disse Francis, passando o dedo pela haste do copo vazio. —Eu não gostaria de cruzar com nenhum dos homens que me sequestraram. Eles são cruéis, implacáveis e frios. Eles matam sem hesitação. Talvez este Vitari tenha confundido você com um de seus inimigos? Se for esse o caso, você tem sorte de estar vivo, Arcebispo.

O sorriso fino de Montague se contraiu. —Um erro, sim. Tenho certeza que foi isso. Bem, boa noite, Francis.

Finalmente, o terrível jantar terminou e Francis estava livre para partir. Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou. A sala girou – quanto vinho ele havia bebido? Ele estendeu a mão para a mesa para se equilibrar, quase errando completamente. Isso não estava certo. Ele olhou para Montague, para sua expressão vazia e nada surpresa. Nenhuma preocupação, nenhum alarme. Apenas esperando...

O coração de Francis bateu forte em sua cabeça. —Você... me drogou?

Ele riu. —Não seja tão dramático, Francis. Vinho demais, eu acho. Não é?

—Não, isso não é... o que... isso é. — Ele estava drogado. Ele estava certo disso. Uma taça de vinho não faria a sala girar. E girou. As paredes deslizaram, o chão inclinou-se e uma dor latejante começou em sua cabeça.

—Agora, então...— Montague disse na frente dele, estendendo a mão para ele. Ele se moveu rápido demais – isso não parecia real.

Francis recuou, mas se enroscou nas pernas da cadeira e caiu, caindo no chão sobre as mãos e os joelhos. Não... Isso não poderia acontecer. Ele tinha que se levantar, fugir... —Você fez isso, — ele disse arrastado. O pânico o fez estremecer. *Deus me ajude.*

Montague se agachou diante dele. —Está tudo bem. Relaxe.

—Por que... fazendo isso?

—Porque você é meu e sempre será meu.

As sombras pulsavam, aproximando-se a cada batida de seu coração. Não, ele não poderia desmaiar. Ele não poderia estar com este homem e ser vulnerável novamente. Isso não poderia acontecer. Ele não queria isso.

Ele tentou pegar o telefone no bolso e pegou seu dedos nele, mas ele escorregou e caiu no chão. Ele estava caindo, caindo, mas sem se mover...

—Está perfeitamente bem, Francis. Você está seguro. Eu nunca vou te machucar. — O dedo seco e grosso de Montague raspou a bochecha de Francis, e foi a última coisa que ele sentiu antes que as sombras o invadissem e o levassem embora.



Francis acordou com um sobressalto, o coração disparado, o corpo em alerta máximo, mas a cabeça demorou a alcançá-lo.

Ele estava deitado em um sofá em uma sala desconhecida, com um cobertor marrom pesado sobre ele. Seus pensamentos eram irregulares e quebrados. Então alguém veio em sua direção, como uma flecha surgindo no escuro: aquele era o apartamento de Montague.

Ele saltou do sofá e tropeçou em uma cadeira próxima. Sua cabeça batia, seu peito também, e seus pulmões ardiam, desesperados por ar que ele não conseguia inalar. Ele só precisava de alguns segundos para pensar.

Ontem à noite, o jantar, o vinho...

—Deus não.

Montague *tocou* nele?

A náusea fez sua cabeça girar ainda mais. Ele deixou-se cair na cadeira, fechou os olhos e concentrou-se na respiração. Respiração após respiração, seu coração desacelerou e a sala ficou nítida.

Seu corpo não doía, ele não se sentia... *tocado*. Mas ele ainda se sentia usado por dentro, enganado, feito sentindo-se estúpido e pequeno novamente.

E o bastardo *o* drogou!

Onde estava Montague agora?

Francis ficou de pé, cambaleou, engoliu em seco e desejou que seu corpo se livrasse do torpor. O arcebispo era ainda mais miserável do que ele acreditava, e nada mudou. Ele ainda era um perverso controlador e asqueroso. —Montague? Você está aqui?

Ninguém respondeu.

Se Montague não estivesse aqui, Francis teria acesso livre ao seu apartamento. Esta poderia ser a única vez que ele ficaria sozinho dentro de suas paredes, porque ele nunca mais retornaria.

A fotografia dos meninos Stanmore que Montague roubou de Francis? Ele tinha que encontrá-lo.

Ele saiu correndo da sala de estar, passando pela sala de jantar – a mesa estava vazia da refeição da noite anterior. Deus, com o que ele o drogou? Algum tipo de droga para estupro? Por que fazer isso se ele não o tocou? Poder, provavelmente. Ou um aviso.

Ele não conseguia pensar nisso. Ele precisava encontrar a fotografia, ir embora e acabar com todo aquele incidente repugnante.

Empurrando a porta do quarto, ele examinou o quarto. A cama estava feita e, felizmente, vazia. Se tivesse encontrado Montague dormindo, poderia ter considerado pegar um daqueles travesseiros e segurá-lo... Não, ele não conseguia pensar nisso. Onde o arcebispo colocaria algo importante como aquela foto? Ele iria querer estar perto, em algum lugar onde pudesse admirar o eu mais jovem de Francis. A ideia de Montague acariciando a foto agitou as entranhas de Francis.

Ele abriu a gaveta de cabeceira e lá estava ela, amassada e dobrada, enfiada ao lado de uma carteira de Salmos com uma cruz dourada em relevo na frente.

Francis pegou a foto de volta e fechou a gaveta. Um desejo cruel e horrível de fazer algo vingativo cresceu dentro dele, como cortar os lençóis ou jogar lixo no quarto.

Mas ele engoliu a raiva. Era melhor não fazer nada e simplesmente ir embora. Ele tinha a foto.

Uma coisa era certa. Francis não conseguia mais ficar calado. Se ele não dissesse nada, o abuso de Montague poderia aumentar. Francis não poderia viver assim, sempre olhando por cima do ombro.

O arcebispo Charles Montague era perigoso.

Francis encostou-se na parede para recuperar o fôlego e olhou para a foto. Como estava toda dobrada e amassada, ele vislumbrou uma coluna no verso, desenhada a lápis, que ele não havia notado antes. Estava muito desbotado e empoeirado. Montague deve tê-lo escovado. A coluna continha quinze números... para quinze meninos. Esses números eram significativos?

Ele não deveria investigar Stanmore. Era para ter acabado, no passado, enterrado, para o bem de todos.

Mas a foto e as ações de Montague deixaram claro: não havia como esquecer Stanmore.

Francis olhou para a mão esquerda, para a cicatriz da queimadura de charuto. Ele não podia fingir ser uma boa pessoa e certamente não era um bom padre. Mas a única coisa que ele poderia fazer, a única coisa que precisava fazer, era levar à justiça todos os responsáveis pelas atrocidades de Stanmore. Seja qual for a forma que essa justiça assumiu.

Começando com Montague.

Ele saiu correndo do apartamento, voltou para casa, tirou a roupa e tomou banho sob água escaldante, depois se vestiu para o trabalho. Se ele visse Montague, ficaria quieto por enquanto.

Usando seu telefone, ele tirou fotos da fotografia impressa, incluindo os números no verso. Pelo menos agora ele teria uma cópia se Montague a roubasse novamente. Então ele discou O número do padre Hawker e deixou uma mensagem para ele ligar com urgência sobre *o incidente*.

Ele contaria tudo ao Padre Hawker. Já era hora.

A Igreja tiraria Francis e o arcebispo de suas funções ativas enquanto as alegações eram investigadas. Uma pequena vitória, mas espero que seja a primeira

de muitas. Montague não deveria ter sido autorizado a continuar numa posição de poder todos estes anos. E talvez isso tenha sido culpa de Francis, por não ter agido antes. Um erro que ele corrigiria hoje.

Francis entrou no prédio administrativo da catedral. Os telefones tocavam e as pessoas conversavam atrás das portas. A porta do escritório de Montague também estava fechada, no final do corredor. Francis hesitou fora de seu escritório, olhando para a porta fechada de Montague, como se pudesse ver através dela, o homem sentado atrás de sua mesa. Ele deveria marchar até lá e dizer que não tinha o direito de fazer o que fez. Confrontar Montague não poderia ser mais difícil do que as coisas que Francis fez na Venezuela.

Mas se ele se enfurecesse com ele, o Arcebispo usaria a sua perda de controle contra ele. Não, ele tinha que pensar e ser inteligente.

A porta de Montague se abriu e um garoto loiro e sorridente se despediu de Montague, depois fechou a porta atrás de si e correu pelo corredor. —Padre, — ele cumprimentou, passando por Francis.

—Bom dia, — Francis murmurou.

Ele não era mais velho do que Francis quando Montague o seduziu, à beira da puberdade, olhos azuis e cheio de sonhos.

A raiva borbulhou dentro dele.

Ele drogou Francis ontem à noite e depois convidou aquele garoto inocente para seu escritório esta manhã?

Não. Já bastava. Acabou agora.

Francis marchou pelo corredor e abriu a porta do escritório de Montague. Montague ergueu os olhos de trás de sua mesa. Francis bateu a porta atrás dele. Ele não disse nada – tinha mil coisas que queria gritar, mas nenhuma delas conseguiu

superar o nó na garganta. Ele matou um homem na Venezuela. Atirou na cabeça dele. Por que ele não gritou com Montague? Por que as palavras não vinham?

—Tenho más notícias, Francis. Você pode querer se sentar, — disse Montague, cruzando as mãos sobre a mesa.

Ele não queria sentar. Queria perguntar por que tinha sido drogado, queria saber o que Montague tinha feito com ele enquanto estava inconsciente, mas também queria ir embora. Ele sabia que tinha que ficar, pelo bem daquele garoto, por todos os garotos que Montague havia tocado. Pois o menino que Vitari fora antes deste homem e dos outros o terem arruinado.

—Você deveria colocar seus assuntos em ordem. — Francis ergueu o queixo. —Vou relatar o que você fez à polícia.

Montague respirou fundo e recostou-se na cadeira que rangia. —O que você acha que eu fiz, Francis?

—Não! Eu não vou deixar você me acuar. Você me drogou, Charles.

Ele não pareceu assustado ou com medo. Apenas olhou para Francis, tão calmo. —Você bebeu um pouco de vinho demais.

Francis bateu as mãos na mesa, sacudindo o pote de canetas, e fixou o olhar no rosto inexpressivo de Montague. —Não cometa o erro de me considerar fraco. Você não tem ideia do que sou capaz. Não sou um garoto ingênuo que pensa que você é um maldito super-herói. Não mais. Eu sei o que você fez, e sei que ainda está fazendo isso, e vou arruinar você, porra. —Os olhos de Montague se arregalaram. —Eu conheço Vitari Angelini? Sim, eu conheço Vitari. Ele tem outro nome. L'Angelo della Morte. Eu vejo pelos seus olhos, você sabe o que que significa. Eu *sei* o que você fez com ele, e sei que quando ele te encontrar novamente, ele fará chover vingança sobre você, Charles...

—Francis...

—Você é uma desculpa doentia para um homem que não deveria fazer parte da igreja e nunca deveria ser deixado sozinho com uma criança...

—Francis, você precisa se acalmar...

Francis arrancou a fotografia do bolso e bateu-a com força. —Todos eles mortos, menos eu. Porque estou protegido? Porque você quer me foder? É isso? Os outros ameaçaram expor Stanmore também, foi por isso que você os matou? Mas eu não, porque você acha que me controla?

Montague soltou uma risada. —Isto é loucura! Acalme-se, Francis!

—O que é loucura é você ficar sentado aí e rir, como se ninguém pudesse tocar em você.

—Padre Hawker está morto.

Os pensamentos descontrolados de Francis vacilaram. Ele não tinha certeza se tinha ouvido direito. —Não...— Não, não poderia ser verdade. Sua cabeça girou e toda a raiva desapareceu.

—Terrível, de verdade. Eu sinto muito. Eu sei que vocês estavam perto.

Não, não poderia ser verdade. —Você está mentindo.

Montague franziu a testa com desdém e pegou um jornal dobrado em sua mesa. Ele deslizou-o na direção de Francis.

Padre local encontrado morto em casa.

Francis engasgou e caiu na cadeira. Padre Hawker...?

Ele pegou o jornal com dedos trêmulos e leu os primeiros parágrafos. Padre Hawker foi encontrado ao pé da escada de sua casa. Todos os sinais apontavam para um acidente, embora a polícia ainda não tivesse divulgar um relatório oficial

devido aos acontecimentos recentes em torno de St Mary, incluindo o sequestro de Francis.

Eles o mataram.

Montague estava perguntando pelo padre Hawker. Mas isso foi ontem à noite. Os jornais não eram tão rápidos. O padre Hawker morreu há dois dias, apenas um dia depois de Francis ter falado com ele pela última vez. Montague *sabia*. —Você fez isso.

O arcebispo riu. —Diz claramente que foi um acidente.

Foi necessária toda a contenção de Francis para não pular sobre a mesa e colocar as mãos em volta do pescoço. Choque e desgosto se enredaram dentro dele, deixando-o doente.

—Você precisa descansar, Francis. Vamos lá, você não aprendeu nada com tudo isso? — O Arcebispo Montague inclinou-se para a frente e olhou para ele como se fosse apenas um amigo atencioso e preocupado. —Pessoas morrem perto de você, Francis. Há até rumores de que você matou um homem. Bem, obviamente não acredito nisso, mas a tentativa de assassinato contra a sua vida deixa claro que você está envolvido com pessoas muito más. Gente assim, Sr. Angelini. Você precisa pensar com muito cuidado sobre o seu futuro. Eu patrocinei você, orientei você. Eu até ordenei você mais cedo. Você me deve muito e é hora de me obedecer.

Deus, ele iria vomitar, ou desmaiar, ou perder completamente a cabeça. — Eu não serei intimidado por você. Não mais. Vou expor tudo o que você fez. Eu não me importo com meu futuro.

Montague suspirou. —Se você me acusasse de certas coisas, temo que isso não refletiria bem em você, como um amante abandonado.

—Amante abandonado?!— ele balbuciou. —Eu não sou tal coisa!

—Querido Francis, tenho as fotografias para provar isso. Embora eu preferisse que nosso relacionamento fosse mantido fora do olhar do público, divulgarei algumas fotos suas tiradas ontem à noite, claramente na minha cama. Um escândalo, claro, e é por isso que tenho certeza de que você preferiria que eu não revelasse essas fotografias.

Francis riu. Era isso ou chorar, e ele não podia dar a Montague a satisfação de ver suas lágrimas. O homem era louco. Ele tinha que ser. —Você tirou fotos minhas *na sua cama*?

—Como segurança, caso você fique difícil, — disse ele, com naturalidade.

—Você está se ouvindo? — Francis fechou os olhos e engoliu a raiva. Não importava. O que eram algumas fotos em comparação com tudo o que Francis sabia que Montague havia feito? Mas ele ainda não tinha nenhuma evidência sólida. Tudo era a palavra dele contra a de Montague.

Isso nunca chegaria a um tribunal. Não com o poder que Montague tinha.

Então isso não lhe deixou escolha.

Ele não precisava de provas. Ele sabia o que tinha sido feito com ele e com Vitari.

Francis não iria denunciar nada disso à polícia. Não.

Ele compraria uma arma.

E ele atiraria em Montague entre os olhos, assim como fez com Luca. Então tudo estaria acabado.

—Não há necessidade de tornar isso difícil, não é, Francis? — Montague disse, tão razoável.

Francis suspirou e abriu os olhos. Havia mais de uma maneira de encontrar justiça. Ele estava fazendo tudo errado. —Não é comigo que você deve se

preocupar, arcebispo. — Ele sorriu. —L'Angelo della Morte virá atrás de você. — Francis levantou-se e sustentou o olhar de Montague. —Eu começaria a orar agora, se fosse você.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Vitari

Foi uma coisa boa que Francis tivesse arrancado o coração de Vitari, porque se ele ainda tivesse algum sentimento durante as últimas semanas, ele teria sido enterrado sob o peso deles.

O *produto* dos seres humanos começou na América do Sul, proveniente de pais que acreditavam estar pagando para que seus filhos tivessem uma vida melhor na Europa. A partir daí, eram enviados, transportados em caminhões, separados, contrabandeados e, finalmente, vendidos como escravos domésticos, o que na maioria das vezes incluía qualquer coisa que os seus novos proprietários quisessem fazer-lhes. Alguns não sobreviveram à jornada e, sabendo onde foram parar, ele também sabia que alguns também não sobreviveram por muito tempo em seus destinos.

E todos esses anos, ele olhou para o outro lado. Exatamente como Francis havia dito.

Ele *sabia que* isso acontecia. Mas ele nunca tinha visto isso com seus próprios olhos. Agora ele tinha suas caras inocentes mantendo-o acordado à noite.

Houve um garoto. Não mais que nove anos. Aquele garoto, destinado a Londres, olhou para Vitari, desafiando-o a machucá-lo. Nove anos e ele estava pronto para queimar o mundo. Vitari admirava isso, mas o garoto logo teria aquele fogo arrancado de dentro dele.

Vitari não conseguia fechar os olhos sem vê-lo. Sem se ver.

Santiago bateu o copo com o de Vitari. —Para outra remessa.

Vitari sorriu e engoliu a bebida sem gosto. A boate ao redor deles era muito barulhenta, muito iluminada, muito cheia de gente, do jeito que Santiago gostava. Quando não estava trabalhando, ele prosperava com o caos, as mulheres e o dinheiro espalhafatoso. Este trabalho não foi uma perda, no entanto. Santiago estava comercializando alguns dos *produtos quentes*, como ele os chamava, à parte. Às vezes, depois de experimentá-los primeiro. Exatamente como disse a policial espanhola Catalina Diaz. Santiago estava ferrando o produto e ferrando a Battaglia.

Havia um lugar especial no Inferno para pessoas que enfiavam o pau onde não eram desejados.

Demorou um pouco para descobrir como matar o bastardo sem que Giancarlo soubesse que foi ele quem puxou o gatilho, mas ele estava no caminho certo – contanto que tudo corresse como planejado esta noite.

Ele consultou o relógio.

Acabei de passar da meia-noite.

—Olha...— Santiago mostrou-lhe a tela do telefone e as vastas somas de dinheiro. —...e é por isso que seu pai confia em mim. Eu mantenho o produto fluindo, sim? Há uma habilidade nisso. Todas essas partes móveis. Garantir que eles se unam e se separem na hora certa, nos lugares certos.

Vitari se mexeu na banquetta, sentando-se para fingir que estava interessado. —Posso ver isso de novo?

Santiago, mais do que feliz em flexibilizar sua riqueza, desbloqueou o telefone e o entregou. Não eram os valores em euros que Vitari estava interessado, mas a coluna de números ao lado deles. —Esses números, o que eles significam?

—Códigos, para o produto. Assim podemos rastreá-los. Não podemos usar nomes, certo?

Ele tinha visto números como esse no documento da transação Stanmore que enviou por e-mail do computador de Giancarlo. —Rastreá-los, como?

—As letras são locais, depois os números. Meses, anos, quando o produto foi vendido. As últimas letras indicam...

—Você numera cada pessoa que vende?— Como porra de gado? —Há quanto tempo esta operação está acontecendo?

—Mais de uma década. Fluindo, como uma máquina bem lubrificada.

Ele estava certo. Os números eram pessoas. —Você sabe alguma coisa sobre Stanmore?

—Stanmore?— Santiago franziu a testa. —Eu não...

O telefone tocou na mão de Vitari. Um nome que ele não reconheceu apareceu na tela. Ele devolveu o telefone e observou Santiago ir até o outro lado do bar para atender a ligação, não querendo que Vitari ouvisse. Ele não teria ouvido muito com a música forte de qualquer maneira.

Santiago não parecia conhecer Stanmore, mas os nomes e números pareciam familiares demais para ser coincidência.

Vitari consultou o relógio. Doze quinze.

Era hora de fazer as coisas andarem. Santiago encerrou a ligação e, com cara azeda, voltou para o lado de Vitari.

—Nós precisamos ir. — Ele engoliu a bebida em alguns goles generosos e, olhando por cima do ombro, conduziu Vitari para fora do bar, em direção a uma porta lateral. —Vamos sair daqui.

Vitari abriu uma porta de saída de incêndio e entrou em um corredor nos fundos. A música forte foi abafada pelas paredes grossas, deixando para trás uma nova dor de cabeça.

—O que está acontecendo? — Vitari perguntou. —Quem chamou?

—Suspeitei que algo estava errado com a remessa... Mudei o local de entrega. E eu estava certo. A patrulha da fronteira estava lá, esperando para retirar o produto. Temos um maldito rato.

—Você mudou o local de entrega? — Merda. Ele estava contando com o pouso do barco no mesmo local de sempre. Ele precisava que aquelas crianças fossem encontradas. Se aquele garoto com olhos raivosos não fosse interceptado agora, ele desapareceria do radar, e Vitari sabia muito bem o que acontecia com as crianças que escapavam pelas frestas. —Onde fica o novo local de entrega? Devíamos estar lá, verificar se está tudo funcionando bem.

Santiago o deteve no meio do corredor. Alguns funcionários do clube foram empurrados por eles. Santiago estudou Vitari por um momento, estreitando os olhos. Ele não poderia saber que Vitari havia avisado a polícia. Vitari era filho de Giancarlo, acima de qualquer suspeita. Acusar Vitari de ser o rato seria uma loucura.

—Alguns quilômetros a sudoeste, — disse Santiago. —Espere aqui.— Deixou Vitari no corredor e desapareceu no clube.

—Porra. — Vitari tirou o telefone do bolso e digitou uma mensagem rápida. *O ponto fica a sudoeste. Encontre-os.* Ele precisava que isso funcionasse pelo bem de sua maldita alma. Foi por essa merda que ele não se envolveu, por que sempre olhou para o outro lado. Seu coração não aguentaria se aquelas crianças desaparecessem. Se ele falhasse com eles.

Santiago cambaleou de volta pela porta. —Estamos claros. Acabei de perguntar ao pessoal. Ainda não há policiais. Mas tudo isto fede. Vamos sair e discutir o próximo passo.

Vitari colocou o telefone no bolso e caiu ande ao lado dele. Estava tudo bem. Diaz encontraria as crianças, elas teriam o final feliz que lhe foi negado.

Ele consultou o relógio.

Porra. Ele estava quase sem tempo. Eles *realmente* precisavam estar do lado de fora.

—Você tem algum lugar para ir, *An-hel* ?— Santiago sorriu.

Alguém já mantinha a porta corta-fogo aberta, puxando um vaporizador e soprando fumaça com aroma de menta no ar. Vitari passou, saiu para a rua. A noite estava mais fria do que ultimamente, mas ainda quente para aquela época do ano. Vitari vestiu a jaqueta. —Não. Nenhum lugar para estar. Pensando que poderia ir para outro bar. Você quer caminhar...

Santiago bufou e deu a volta na frente de Vitari, bloqueando sua retirada. — Por que eu, hein?

—Huh?

Os ombros de Santiago estavam erguidos, o queixo tenso.

Os cabelos da nuca de Vitari arrepiaram.

—Por que você me escolheu para foder?

Ah. Ele sabia que Vitari estava do seu lado. Mas tudo bem, estava quase acabando. —Que diabos você está falando?— Ele olhou para a rua. Alguns casais bêbados tropeçavam na calçada, mas já era tarde e os clubes estavam encerrando. Poucas pessoas estavam do lado de fora. Poucas testemunhas do que estava para acontecer.

—Dê-me seu telefone, — disse Santiago.

—O que? — Vitari bufou.

—Dê-me a porra do seu telefone, Angel. — Santiago estendeu a mão.

—Pelo que?

—Lá atrás, logo depois que eu disse que a entrega havia mudado, você enviou uma mensagem para alguém. — Santiago avançou, empurrando Vitari, balançando-o para trás. —Dê-me seu telefone, filho da puta.

—Sai de cima de mim.

Só mais alguns segundos...

Santiago bateu nele, jogando-o contra a parede. —Seu pedaço de merda. — Ele amassou a camisa de Vitari com os punhos cerrados. —Foi você, — ele zombou em seu rosto. —Você contou à polícia, seu filho da puta!

Vitari riu, meio nervoso e meio besteira. —Que porra você está falando? Eu não contei nada a eles.

—Minha operação estava bem até *você* aparecer. Meu motorista desaparece – você roubou minha última remessa. Você se acha intocável, Angel? Seu pai sabe. Foi por isso que ele mandou você para mim. Ele confia mais em mim do que em você.

Espere. Não. Isso não poderia ser verdade. —Não me culpe pelas suas merdas.— Vitari empurrou seu peito, tentando afastá-lo. —Você está vendendo produtos paralelamente!

—Sim, eu sou. Mas eu não sou um informante! — Santiago lançou um rápido gancho de direita que acertou como um touro na mandíbula de Vitari. Ele cambaleou com o choque. —Seu pai vai te matar, seu idiota!

Não se ele já estivesse morto.

Um SUV preto rugiu rua acima.

Faróis ofuscantes brilharam sobre eles. Porra, era isso. Santiago o segurou novamente, sacudindo-o, acusando-o de denunciá-lo, de roubar seu produto. O tempo desacelerou. Vitari observou aquele SUV preto avançar.

A janela do passageiro baixou.

Um rifle de assalto semiautomático apareceu.

Vitari fechou os olhos.

—Você é um traidor do seu próprio sangue, da sua própria família! — Santiago gritou na cara dele. —Você está morto!

Choveram tiros staccato. Pó de tijolo explodiu. Rodadas salpicaram a parede. Santiago convulsionou. Sangue espirrado na cara de Vitari. Uma bala atingiu seu braço, puxando-o para trás. Em seguida, outro soco nele – no alto do peito, tirando o ar de seus pulmões. Ele engasgou, bateu.

Santiago o agarrou, arrastando-o para a calçada. Sua boca abriu e fechou, implorando silenciosamente por ajuda. Os pneus do SUV cantaram e a gritaria começou.

Vitari engasgou, tentando encher os pulmões, mas algo estava errado. O ar não viria. Ele bateu o peito.

Porra.

Por que ele não conseguia respirar?

Ele ofegou, engasgado.

Santiago caiu de lado, os olhos abertos, a vida desaparecendo deles, assim como seu sangue derramando no asfalto.

Vitari – de joelhos – agarrou o peito, o buraco da camisa.

Ele estava debaixo d'água, se afogando.

Ele caiu sobre uma mão. *Respirar. Apenas respire, porra.*

Francis...

Ele só queria...

Ele disse a Francis...

Ele o amava.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Francis

Já fazia quase um mês desde que ele viu Vitari partir. Todos os dias ele esperava receber uma ligação, mesmo sabendo que o havia afastado.

Mas semanas se passaram e Vitari não ligou. Vitari nem tinha lutado por eles, então talvez não fosse para ser assim, talvez Francis tivesse sido apenas um bom foda.

Ele sabia que não deveria querer ouvir sua voz, sabia que seu chamado o arrastaria de volta ao mundo de Vitari, mas ele também ansiava por isso. Desejando por ele. E desde que Montague o drogou, ele sonhava em ter Vitari com ele para que pudesse se sentir seguro. E talvez eles lidassem com Montague como lidaram com Luca...

A ligação de um número internacional ocorreu no final de um dia agitado, e o coração de Francis deu um salto ao ver isso.

Mas quem ligou não foi Vitari.

—Sinto muito, padre, — começou Catalina Diaz. —Houve um tiroteio em frente ao clube La Cabana, no sul de Múrcia.

Seu coração sabia o que ela iria dizer antes de ela dizer as palavras. Ele sempre soube que essa ligação viria. Mas ele não esperava que fosse tão cedo.

—Vitari Angelini e outro homem, Santiago Garcia, foram mortos no local.

Francis abafou o suspiro com a mão e sentou-se na cadeira do escritório.

Morto...

Todo pensamento e emoção desapareceram. O silêncio consumiu sua mente e corpo. Diaz ainda estava falando sobre uma operação de tráfico e como Vitari tinha sido fundamental para salvar crianças. Mas as palavras desapareceram atrás de um rugido em sua cabeça, vindo em sua direção como um trem de carga.

—Padre?

—Ele está morto?— Francis sussurrou, com muito medo de perguntar em voz alta.

—Lo lamento, sinto muito.

A última vez que viu Vitari, ele o forçou a se afastar. Ele disse a ele... que ele não quis dizer nada, quando o oposto era verdade. Vitari significava *tudo*. Vitari era o coração de Francis, a razão pela qual ele batia. E agora ele se foi.

Ele podia vê-lo agora, encostado na grade do lado de fora da Basílica – meio sorrindo com seus óculos escuros escondendo seus lindos olhos – momentos antes de Francis ter partido seu coração.

Um soluço ficou preso em sua garganta. Por que ele fez tal coisa?

—Vocês eram próximos, padre?

Ele não conseguiu responder. As palavras não viriam. *Eu amo ele*. Mas ele nunca contou a ele. Nunca contei a ninguém. E agora ele se foi.

—Oh Deus...— Ele desligou e olhou para a porta do escritório. Do lado de fora, a equipe circulava, os sapatos batendo no velho piso de madeira, telefones tocavam, gavetas abriam e fechavam com estrondo. A vida continuou.

Ele não poderia estar aqui. Se ele não se movesse, ele poderia quebrar.

Ele saiu do escritório, como se estivesse meio fora do próprio corpo, e saiu do prédio da administração, deixou o terreno da catedral. Ele caminhou por Westminster, caminhou sem ver as pessoas, os carros, sem sentir a chuva ou ouvir

o barulho e o barulho de Londres. Ele se movia como um fantasma, até se encontrar de volta ao seu apartamento, no frio e na escuridão. Muito sozinho. Ele pegou uma garrafa de uísque que comprou num momento de fraqueza, mas não abriu, e serviu dois copos.

Bebida?

Eu não bebo álcool.

Claro que não, você não gostaria de sujar sua auréola.

Ele sorriu ao se lembrar de sua primeira conversa real com Vitari em um iate de luxo que mais tarde foi feito em pedacinhos e tomou um gole, depois bateu os copos. —Para sobreviver, amore mio. — Ele procurou as palavras italianas. Ele sabia o que significava quando Vitari as falou para ele. *Meu amor.*

Ele podia vê-lo sorrindo agora, ouvir sua voz com sotaque zombando, provocando, rindo dele. *Blanco Padre.* Aquele sorriso, aquela vibração, o modo como seus olhos brilhavam com malícia e como ele amava a vida, adorava viver até o fim. Ele se lembrou também de como Vitari foi gentil com as pessoas contrabandeadas que ele levou para a casa da fazenda.

Francis acreditava que o amor de Deus seria suficiente. Mas não era.

Eles não tiveram tempo suficiente. Eles não tiveram tempo nenhum.

O amor deles era tão errado que Deus procurou puni-los por causa disso?

—E então houve um. — Francis ergueu o copo e bebeu.

Ele não poderia fazer isso sozinho. Ele não poderia ser o herói quando não havia mais ninguém bom para salvar.

Ele recostou-se, os olhos ardendo, e deixou as lágrimas caírem.

Vitari morreu salvando pessoas. Ele morreu fazendo o que Francis lhe *dissera* para fazer.

Ele engoliu o uísque, olhou para o copo e rosnou para seu próprio egoísmo. A raiva borbulhou por dentro. Ele não deveria ter tentado mudar Vitari. Ele deveria tê-lo deixado ir mais cedo, deveria tê-lo deixado viver. Mas não, Francis tentou salvá-lo e, ao fazê-lo, matou-o. O único homem, uma alma, que ele realmente amou.

Ele jogou o copo na parede e soltou um grito, depois soluçou na cadeira, arrasado. —Porquê Deus porquê?— Ele agarrou o peito, onde seu coração queimava sua alma. A agonia da dor o consumiu. —Leve-me, leve-me...

Onde estava Deus quando Vitari sofreu quando menino? Onde estava Deus quando tentou fazer a coisa certa e foi morto a tiros por isso?

Por que Francis ainda vivia?

Ele nunca foi digno e nunca seria.

Vitari merecia muito mais.

Suas lágrimas secaram. Ele não tinha mais nada para abandonar.

Vazio. Frio. Ele caiu contra sua mesa.

Ele sabia como isso terminava, sabia o que precisava ser feito.

O caminho a seguir estava claro.

Vitari morreu fazendo o bem, então parecia apropriado, até poético, que Francis acabasse com a própria vida com o pecado.



Francis solicitou licença de um mês de suas funções por motivos emocionais. Toda a equipe de Westminster desejou-lhe boa sorte, deu-lhe cartões e flores, disse-lhe que só precisava de um tempo desde a terrível provação no Vaticano e o sequestro antes disso.

Mas ele não precisava de tempo.

Ele precisava de uma arma.

Vitari tinha armas perto dele a maior parte do tempo. Na Itália, na Espanha, na Venezuela. Mas não no Reino Unido. Francis estava tão acostumado a vê-los que não imaginou como seria difícil encontrar um. Havia traficantes de armas no Reino Unido, mas uma rápida pesquisa no Google revelou que ele precisava de uma verificação policial, de antecedentes e de um motivo para ter uma, como atirar em raposas. Francis não tinha nenhuma dessas coisas.

Mas *havia* armas na Inglaterra. Do tipo ilegal.

Sua única opção era citar o nome e encontrar um fornecedor *clandestino*. O que significava descobrir onde, em Londres, ser conhecido pela Battaglia poderia alegrar algumas mãos.

Era mais fácil concentrar-se nessa tarefa do que pensar em qualquer outra coisa na vida. Pegue uma arma. Esse foi todo o pensamento que ele permitiu. E reze. Ore pela alma de Vitari, na esperança de que Deus tenha aceitado sua redenção. Ore por todas as almas das crianças arruinadas por Stanmore. Ore para que Francis possa levar isso até o fim... para que mais crianças não sofram.

Matar Montague não era a coisa moralmente correta, mas era a coisa *certa*.

Alguns falsos começos em algumas áreas desagradáveis de Londres não lhe renderam mais do que alguns olhares estranhos. Ele presumiu que ainda estava protegido e, portanto, dificilmente seria atacado. Embora, aparentemente, essa proteção não se estendesse a alguns dos criminosos mais desesperados, um dos quais o encurralou depois de sair de um bar e roubou sua carteira sob a mira de uma faca. Mas ele não ficou perturbado.

Durante vários dias, ele divulgou em vários bares associados ao crime que queria comprar uma arma, mas depois de uma semana tudo o que conseguiu coletar foram ressacas. Vitari teria rido dele. *Não se pode comprar uma arma em Londres, Blanco Padre.* Ele teria dado um sorriso, depois beijado Francis no pescoço, e tudo teria dado certo. Porque sempre aconteceu com Vitari.

Ele sentia falta dele.

Sentia tanta falta dele que ele não sabia mais quem ele era, não sabia o que ele representava.

Bebia muito uísque barato e caía na cama quando a cabeça girava, e também se odiava por isso.

Mas nada mais importava, apenas conseguir uma arma.

—Para que diabos você quer uma arma, Blanco Padre?

O homem que se aproximou dele no bar usava um suéter com capuz com algum tipo de escrita japonesa na frente. Ele usava o capuz abaixado e parecia olhar para Francis com desconfiança e intriga. Ele não era velho, talvez em torno da idade de Francis. Pela forma como se comportava, com absoluta confiança, não temia ninguém no bar.

—Acho que isso é problema meu. — Francis fingiu que seu coração não tinha simplesmente saltado para a garganta. Ele estava sonhando acordado, esperando que a noite passasse por ele como um borrão como todas as outras. Mas a abordagem deste homem o trouxe de volta ao momento. —Você pode ajudar?

—Talvez. — Ele percorreu com o olhar todo Francis. —Eu conheço você. Você é o padre da Battaglia.

Ele era o padre deles? Ele não trabalhou para eles. Certamente não agora que Vitari se foi. Mas não faria mal nenhum inclinar-se para essa suposição, se isso lhe desse o que queria. —Eu sou. Quem é você?

—O homem que pode responder às suas orações.

Francis não se importou muito com o modo como esse estranho o olhava. — Você tem um nome?

Ele ofereceu a mão. —Neo.— Francis apertou a mão de Neo, por educação, e achou-a firme. —Cinco mil, — Neo disse.

—Cinco mil libras?

—Dinheiro. É uma barganha.

Oh. Ele tinha isso em sua conta. Ele pode ser capaz de fazer isso, possuir uma arma. —Será... Será pequeno?

—'Pequeno'?— Neo bufou e recostou-se no bar. —Você não sabe muito sobre armas, Padre? Diga-me para que você quer isso e eu lhe darei a arma certa.

Francis olhou para dentro de sua bebida, para a dose de uísque dourado. — Para que a maioria das pessoas quer armas?

—Mas você não é a maioria das pessoas. E neste momento, há outros três homens neste bar a observar-te. Muitas pessoas estão interessadas em saber por que um padre quer uma arma. E outros querem saber por que *você* quer uma arma.

Francis olhou por cima do ombro, mas não conseguiu ver ninguém olhando para ele em meio aos corpos dançantes e contorcidos. Ele estava realmente sendo observado?

Ele tentou manter a cabeça baixa. Ele não tinha usado o colarinho. Ele até deixou crescer uma barba dourada na esperança de que isso pudesse disfarçá-lo um pouco. Aparentemente não.

—Vou conseguir cinco mil em dinheiro para você, — disse Francis.

—Vou presumir que você não quer um rifle semiautomático. O que é bom, já que é muito difícil entrar no Reino Unido. Posso conseguir uma arma e algumas balas para você.

Seria perfeito.

Isso estava acontecendo.

Ele estava pegando uma arma.

—Será... rastreável?

Neo arqueou uma sobrancelha. —Estou ofendido por você pensar que eu seria tão pouco profissional. A arma estará limpa. Depois de usá-lo, jogue-o fora. Isso não vai voltar para você ou para mim. E se você me mencionar, negarei tudo. Você sabe que não deve mexer com a Battaglia, certo, padre?

—Sim.— Francis engoliu muito uísque e tossiu. —Então você é Battaglia, — ele ofegou. —Por que você está me ajudando?

—Digamos apenas que meu empregador tem interesse em deixar isso acontecer.

Giancarlo sabia o que Francis estava fazendo e não iria parar? Ele sofreu por seu filho? Sabia o que Montague tinha feito com Vitari e foi por isso que enviou Neo aqui? Parecia provável, *se* Giancarlo se importasse, mas ele estava preparado para matar Vitari pessoalmente para manter os segredos de Stanmore em segredo. Era tarde demais para se importar agora.

Com a saída de Montague, Francis seria o único que restaria a saber sobre Stanmore. O último espinho que resta no lado de Giancarlo. E sem a proteção de Montague, o chefe da Máfia tentaria matá-lo.

—Bom homem, — Neo disse, apertando a mão novamente. —Encontre-me aqui em duas noites.

Ele assentiu e viu Neo levantar o capuz e desaparecer na multidão.

Esta decisão seria o fim de Francis. Seu pecado final entre muitos.

Ele matou uma vez, para salvar Vitari. E ele mataria novamente, para acabar com Montague.

Logo ele veria Vitari novamente no Inferno.

Sempre terminaria assim.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Vitari

—Você está bem?— Sasha perguntou, entrando no quarto. Sua presença volumosa encolheu a sala segura ao redor deles.

Vitari levantou-se da cama e esticou o braço esquerdo, aliviando a dor dos músculos machucados. —Sim, acho que sim.

Usar um colete balístico não impediu que vários tiros o acertassem. Mas ele preferia os hematomas a um buraco sangrando no peito.

—Parabéns, Vitari Angelini é um homem morto, — disse Sasha, puxando uma cadeira da mesa próxima e girando-a para sentar-se na frente de Vitari.

—Isso não vai enganá-los por muito tempo. — Giancarlo ficaria desconfiado assim que o necrotério se recusasse a liberar o corpo. Ele tinha alguns dias para sair da Itália antes que a merda acontecesse.

—Longo. O suficiente.

Vitari enfiou a mão no bolso e entregou o telefone. —Está tudo aí. Rotas de tráfego, documentos, nomes, datas. Tudo que eu consegui.

Os olhos escuros de Sasha se arregalaram de respeito. —O suficiente para arruinar seu pai.

Vitari fungou e apoiou os cotovelos nos joelhos. —Sim.

Sasha abriu o telefone com um movimento do polegar e folheou as imagens. —Isso é bom.

—Você precisará proteger as testemunhas. Assim que os Battaglia souberem que houve um vazamento, enviarão pessoas como eu para queimar a terra. Eles vão queimar tudo para que não haja mais ninguém para testemunhar.

—Eu sei como funciona. — Ele colocou o telefone no bolso e tirou o pendrive que Vitari lhe dera como seguro. —Isso é seu.

Vitari olhou para ele preso entre os dedos de Sasha e depois para os olhos do homem. Sasha tinha visto as imagens. Ele tinha visto Vitari no seu estado mais vulnerável. Vitari pegou de volta. —Grazie. — Ele virou o rosto e engoliu o coração acelerado. —Você não vai usar?

—A operação de tráfico é suficiente para as autoridades processarem. Com Giancarlo preso, a Battaglia entrará em queda livre.

E os DeSica aumentaria. —Você terá que agir rápido. Dê-lhes tempo para respirar e eles se reagruparem. Antonio – o pequeno Toni – observe-o. Ele é mais esperto do que parece.

—Toni é o subchefe. Do seu pai. — Sasha assentiu. —Você se mostra muito útil, Angel.

Assim que Giancarlo fosse preso e a Battaglia caísse, pessoas iriam morrer. Pessoas que ele conhecia bem, pessoas com quem cresceu. Mas isso não foi culpa de Vitari. Tudo o que ele fez foi expor a pior parte do negócio. O que aconteceu a seguir estava fora de seu controle.

Ele se esconderia no Panamá até a poeira baixar, conseguiria um novo nome, uma nova vida.

Seu único arrependimento foi Francis.

Ele provavelmente ainda não sabia que Vitari havia sido declarado morto. Talvez nem se importasse quando descobrisse... Não era como se Vitari fosse viver

uma vida longa até se aposentar. Dessa forma, Francis conseguiu viver sem ser molestado pela Battaglia. Montague, no entanto, era outro problema, e ele esperava que Sasha resolvesse. Mas parecia que nem mesmo o chefe dos DeSica tinha estômago para Stanmore.

Assim que as coisas se acalmassem, Vitari rastrearía Montague e colocaria uma bala entre seus olhos.

Por enquanto, porém, ele tinha que ficar quieto.

—Você é corajoso e destemido, Angel. — Sasha levantou-se e olhou para ele.

Vitari riu. Ele não sabia sobre destemor. Toda essa porra de plano o aterrorizou. O fato de ele estar sentado na mesma sala que o chefe DeSica, com todo o seu mundo em cinzas, prestes a trair sua família – isso o aterrorizava. O futuro o aterrorizava. Estar sozinho o aterrorizava. Sempre teve. Mas ele estava vivo. E isso era tudo que ele ousava esperar.

—Formamos uma boa equipe. — Sasha sorriu. —É uma pena que não posso confiar em você.

—Então estamos quites, já que não há nenhuma maneira de eu confiar em você.

Sasha riu. —E é por isso que você está vivo, Vitari Angelini. Vá viver sua vida em algum lugar distante, como sua mãe queria.

O sorriso de Vitari congelou e seu coração gelou. —O que você disse?

Sasha descartou a pergunta, como se estivesse espantando uma mosca. — Você está livre para ir.

—Não, espere. — Ele se levantou, estremecendo diante de uma profusão de hematomas em seu peito. —Você conheceu minha mãe? Sasha, espere!

Sasha parou na porta, com seus guardas do lado de fora. Ele enfrentou Vitari.
—Deixe os cachorros dormirem... Essa é a expressão, certo?

—Como você conheceu Stefania Angelini?— Seus pensamentos giraram.
Como o chefe do DeSica saberia sobre Stefania?

—Você me disse o nome dela. — Ele encolheu os ombros. —Sem consequências.

Não, foi mais do que isso. Ele podia ver isso nos olhos do homem e na maneira como ele sustentava o olhar de Vitari, como se desejasse que ele não perguntasse. Se ele conhecia a mãe de Vitari, sempre soube sobre Stanmore e Montague? Teria ele enganado Vitari para que revelasse tudo o *que* sabia? —Você nunca pretendeu fazer nada em relação a Stanmore, não é?

O sorriso de Sasha desapareceu, deixando seu rosto duro e abatido, inexpressivo e difícil de ler. —Adeus, Angel. Para o seu bem, espero nunca mais ver você.

—Espere, me diga...— Vitari o seguiu para fora da sala, mas os guardas ergueram os rifles. Vitari parou e ergueu os braços. —Fácil, fácil.

Sasha já havia partido e, do lado de fora do esconderijo, o motor de um carro roncou. Vitari voltou para a sala. —Porra.— Ele não teve tempo de investigar o que Sasha sabia sobre sua mãe e Stanmore. O relógio estava correndo. Ele tinha que sair da Itália.

Ele pegou sua jaqueta manchada de sangue, virou-se para a porta, mas parou. Alguém colocou um crucifixo no alto da parede. Ele olhou para ele nos últimos dias, enquanto se curava, e manteve a cabeça baixa.

— *Nós terminamos. Não quero ver você de novo.*

— *Então você simplesmente vai embora depois de tudo?*

— *É por causa de tudo que eu tenho que fazer.*

Não importava o quanto Vitari quisesse estender a mão, Francis não o queria.
Vitari arruinou sua vida.

Isto foi uma coisa boa. Uma pausa limpa.

Vitari Angelini estava morto.

Como ele sempre deveria ter sido.

E Francis estava livre.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Francis

Ele tinha a arma.

Uma 9mm 1911, ou assim Neo lhe dissera. Ele também demonstrou como usá-lo.

Mas agora que a arma era real e estava nas mãos de Francis, ele não tinha certeza se conseguiria levá-la até o fim. Matar Luca foi uma reação repentina e desesperada a circunstâncias terríveis. Ele não teve escolha. Mas comprar uma arma e atirar no Arcebispo Montague foi um assassinato premeditado.

Parecia uma boa solução, a única solução. Mas agora que Francis estava sentado em seu escritório, com a porta trancada e a arma na mão, ele duvidava de si mesmo.

Não havia como voltar atrás de um assassinato a sangue frio.

Ele já estava a caminho do Inferno, sua alma condenada há muito tempo. Mas e se tudo o que Montague disse fosse verdade? E se tudo isso estivesse na cabeça de Francis? Foi ele quem o tentou. As pessoas cometeram erros. E se Montague tivesse cometido um erro? Um terrível erro, mas mesmo assim um erro. Que provas reais ele tinha de que Montague ainda era um monstro?

Nenhuma.

O arcebispo até o protegeu da Battaglia.

Será que a dor havia coagulado sua mente? *Ele* estava cometendo um erro terrível?

Ele não sabia.

Ele colocou a arma na gaveta da mesa, enterrou-a sob os papéis e trancou a gaveta. Era mais seguro no escritório do que no apartamento dele. Ele poderia argumentar que não foi ele quem colocou a arma em sua mesa, caso ela fosse encontrada. Mas negar que ele tinha um caso fosse encontrado em casa seria mais difícil.

Francis passou o resto do dia trabalhando em uma administração de escritório servil que exigia pouca reflexão. Ainda de férias, deveria ter ficado em casa e acabado o uísque, mas não queria prejudicar seu julgamento.

O barulho nos escritórios adjacentes diminuiu à medida que os funcionários saíam para dormir, até que tudo ficou tão silencioso que ele certamente ficou sozinho. O antigo prédio suspirou ao seu redor. Os canos do aquecimento central tiquetaqueavam e zumbiam. Foi um silêncio bom, um silêncio pacífico.

Ele abriu a pasta de fotos em seu telefone e olhou a foto dos meninos Stanmore. Todos os meninos se foram, todos menos ele.

—A espada dos ímpios entrará em seu coração e seus arcos serão quebrados.
— A vingança deve ser deixada para Deus. Mas se Deus tivesse se importado, Montague nunca teria tocado em Vitari. Ele não estaria vivo para machucar os outros.

Uma porta bateu.

Era tarde. Seu escritório e o corredor externo estavam escuros. Ele estava sozinho no prédio, ele tinha certeza.

O som de sapatos no assoalho passou pela sua porta e desaparecido. Ele conhecia aquele andar como conhecia o som de seu próprio batimento cardíaco. O Arcebispo Montague acabara de sair.

Mantendo a luz apagada, Francis destrancou a porta e espiou o corredor. Uma luz brilhava no escritório de Montague. Ele estaria voltando. Francis não queria ficar sozinho no prédio com ele, mas se tivesse deixado a porta destrancada, agora era a oportunidade perfeita para entrar e procurar provas incriminatórias. Evidência que arruinaria adequadamente o homem. Sem derramamento de sangue. Nenhum assassinato. Um tipo diferente de arma. Arruiná-lo devia ser melhor do que matá-lo.

Francis correu pelo corredor, abriu a porta do escritório de Montague e entrou.

Um garoto loiro ergueu os olhos de uma cadeira ao lado da grande mesa de Montague. —Oh! — Era o menino do coro que Francis vira saindo há algumas semanas. Francis piscou. —Eu estava, uh... só... visitando...

Algo estava errado.

O menino – de olhos arregalados e rosto vermelho – recuou.

—Está tudo bem, não vou te machucar. — Francis estendeu a mão. Algo aconteceu, algo que deixou esse garoto atormentado pela vergonha, pela culpa e pela confusão. —Meu nome é Padre Scott. Será que...— Francis engoliu em seco para evitar que sua voz falhasse. —Ele fez alguma coisa com você?

O menino balançou a cabeça, mas mordeu o lábio.

—Qual o seu nome?

—Toby.

—Toby, escute... eu sei que isso é difícil, mas preciso que você seja sincero comigo. — Francis contornou a mesa e se ajoelhou na frente de Toby. O rapaz tinha cabelos cor de areia e sardas, assim como Francis era naquela idade. —É importante

que você seja honesto. Ele fez coisas com você, coisas que te deixaram desconfortável?

Toby mordeu o lábio.

—Você não terá problemas.

Ele assentiu.

A doença queimou o fundo da garganta de Francis, ou talvez fosse a raiva borbulhando de sua alma. —Oh, me desculpe, Toby...— Toby piscou, provavelmente entendendo apenas parcialmente o que estava acontecendo. —Tudo bem, ouça. O que ele está fazendo é errado, mas não é culpa sua. É importante que você saiba disso. Seja o que for que ele lhe disse, você não tem culpa. — Francis ofereceu a mão. —Venha comigo. Vou levá-lo para casa.

—Francis!— Montague retrucou. —O que você está fazendo aqui?

Se houvesse alguma dúvida, o suspiro aterrorizado de Toby confirmou-a. Como ousa Charles Montague continuar a manipular crianças inocentes? Toby agarrou a mão de Francis, muito assustado.

—Está tudo bem, — Francis disse a ele, então se endireitou e virou-se para encarar Montague enquanto protegia Toby atrás dele. A raiva aqueceu o rosto de Montague e ruborizou seu pescoço. A faixa branca do colarinho de padre destacava-se nitidamente em comparação com o suéter preto. Mesmo aos olhos adultos de Francis, o seu ar de autoridade fazia-o parecer todo-poderoso. —Você se entregará imediatamente à polícia ou, por Deus, irei denunciá-lo.

A indignação endureceu os olhos de Montague. —Saia do meu escritório imediatamente. Isso não diz respeito a você.

—Já fiquei parado por tempo suficiente. — Francis deu um passo à frente. — Você nunca tocará em outra criança...

O tapa de Montague queimou o rosto de Francis, chocando sua mente, mas a raiva retornou. —Toby, por favor, deixe o arcebispo e eu, — disse Francis com seu olhar fixo em Montague. Toby não precisava ver o que aconteceu próximo.

—Toby, fique, — ordenou Montague. —Não há razão para sair. Francis é quem está indo embora, não é você, Francis?

Toby contornou Francis e se lançou em direção à porta.

Montague tentou agarrar o garoto.

Francis já foi esse garoto. E não havia nenhuma maneira de ele permitir que Montague controlasse a vida de Toby como fez com Francis. Francis empurrou Montague, empurrando-o para trás. Montague cambaleou, assustado, mas quando Francis prendeu Montague na parede pelo suéter, o som dos sapatos de Toby batendo nas tábuas de madeira confirmou que ele havia escapado.

Montague olhou-o friamente. —Você já deveria saber que não deve me ameaçar, Francis. Não vai acabar bem para você.

A risada que saiu de Francis não parecia sensata. —Eu não ligo. — Ele largou Montague e deu um passo para trás. —Eu terminei com você e com a igreja. Tudo isso. Não é sobre mim, é sobre aquele garoto!

—O que deu em você? Olhe para você. — Montague ajeitou as roupas com um puxão forte. —Você não tem se cuidado, Francis. Você está pálido e andou bebendo... — Ele deu um passo à frente. —Deixe-me ajudá-lo.

Francis recuou. —O que você está fazendo?

—Tentando ajudar. Você sempre precisou da minha ajuda. Você não estaria aqui sem mim.

—Bem, isso é verdade. Eu estaria morto, como os outros. Você achou que ele estava morto? Você achou que estava seguro?

Montague franziu a testa. —O que você está falando?

—Vitari? O garoto que você estuprou no quarto dos fundos de Stanmore? Todos esses anos, você achou que tinha escapado impune? Até você vê-lo no hospital, até ele te atacar?

A compreensão cruzou o rosto de Montague. —Isso é sobre *ele*? Ele está morto e você está chateado? Aquele garoto problemático deveria ter morrido há muito tempo, Francis. Esta é a vontade de Deus.

Como ele ousa trazer Deus para seus próprios desejos distorcidos? —Deus não teve participação nas coisas nojentas que você fez.

—Ah, pare! — Montague latiu. —Você acha que é algum pilar iluminado da bondade? Você *queria* ser tocado, — ele rosnou. —Você me implorou por isso e gostou, assim como *ele* gostou. Ele olhou para mim com seus lindos olhos e queria isso.

Fúria tentou sufocar Francis, deixando sua voz fraca. —Nenhum de nós *queria* isso.

—Você não pode fazer nada. Você não pode contar a ninguém. Vou expor tudo o que você fez, — ele retrucou. —Eu tenho fotos suas e daquele garoto Vitari *juntos*, chupando o pau um do outro.

—Oh Deus.— Giancarlo lhe deu as fotos? Por que? Que influência Montague poderia ter sobre o Don Battaglia para fazê-lo arriscar seu próprio filho?

—Sou mais poderoso do que você pode imaginar, Francis. Ninguém pode me tocar. Certamente não você. Você deveria se ajoelhar onde sempre pertenceu e me adorar. — Ele se endireitou, com os ombros para trás, e olhou para Francis com um sorriso de satisfação. —Vou rezar pela sua alma na catedral. Faça o que quiser, mas você não pode me impedir, porque você não é seu dono. Você é meu, você sempre

foi meu. Comprado e pago na casa daqueles meninos. Agradeça por eu me importar, porque se não tivesse feito isso, você teria sido uma daquelas prostitutas na sala dos fundos, abrindo as pernas por dinheiro.

Ele saiu do escritório.

Francis, atordoado e entorpecido, olhou para ele. Seus ouvidos zumbiam como se uma explosão tivesse ocorrido em sua cabeça.

Montague estava certo. Ninguém poderia tocá-lo. E ninguém se importou.

Mas Francis fez.

Correu para seu escritório, destrancou a gaveta, pegou a arma e colocou o carregador no lugar com um clique agourento, exatamente como Neo lhe havia mostrado.

Para Vitari. Para todos os meninos, do passado e do futuro. Ele estava acabando com o abuso de Montague esta noite.

Ele saiu correndo do prédio da administração, atravessou o pátio enevoadado e entrou na catedral. A enorme porta bateu quando ele a abriu, ecoando pelo espaço cavernoso. E lá estava Montague, ajoelhado diante do altar no final da grande nave da catedral. Enormes arcos emolduravam o corredor. Todos os bancos estavam vazios.

A esta hora tardia, ninguém mais estava aqui.

Apenas Montague e Francis. E Deus.

Montague olhou por cima do ombro.

—Fique lá! — Francis ergueu a arma e caminhou pelo corredor. —Se você se mover, Deus me ajude, eu atirarei.

—F-Francis. — Montague levantou-se e olhou desafiadoramente. —Que bobagem é essa? Uma arma? — ele zombou. —Onde diabos você conseguiu uma arma?

—Cale-se. Ouça – você vai ouvir! —Ele percorreu todo o caminho até o corredor, mas parou no final dos bancos, ainda a vários passos de Montague. — Alguém deveria ter feito isso anos atrás.

Montague soltou um grande suspiro, mas seus olhos ficaram duros com intenção. —Francis, você não vai assassinar um homem inocente na frente de Deus.

—Você acabou de dizer 'inocente'? É isso que você pensa que é?— Ele manteve a arma levantada, manteve Montague na mira. Ele só precisava puxar o gatilho. Estava carregado e armado. Basta puxar o gatilho e acabar com o pesadelo.

—Você é um jovem perturbado, vejo isso agora.— Montague levantou as mãos. —Eu acreditei que poderia ajudá-lo, acreditei que Deus iria ajudá-lo, mas temo que você esteja além de qualquer ajuda. Você sempre foi difícil.

—Isso *não* é minha culpa!— Seu grito encheu os vastos arcos e cúpulas acima deles. As velas dos candelabros próximos tremeluziam.

Basta puxar o gatilho. Era fácil. Ele já tinha feito isso antes. Por que ele não poderia fazer isso agora?

Seu rosto estava molhado; de lágrimas ou suor, ele não tinha certeza. Ele estava furioso, não triste, então por que estava chorando? Queria que aquele homem morresse por tudo o que tinha feito, pelos fins de semana em que levava Francis para a cama, por estuprar Vitari, por fazer Vitari pensar que era só para isso que servia.

Sua mão tremia e sua mira estava distorcida. Por que ele não puxou o gatilho? Por que ele estava tão fraco? —Deus, dê-me forças para entregar sua vingança.

—A vingança é obra de Deus, Francis. Não é sua. Abaixar a arma. —Montague se aproximou.

Francis recuou. —Fique lá! Pare! Eu farei! Eu já matei antes!

Montague parou, seu rosto solidário. —Meu garoto, deixe-me ajudá-lo.

Um soluço caiu de Francis. Sua boca se torceu em uma careta. —Eu *não sou* seu garoto.

—Ah, mas você é. Eu te amei quando ninguém mais o faria. Seus pais desistiram de você. É por isso que você estava naquele lugar. Eu acolhi você. Eu salvei você, Francis.

—Não, você me arruinou!

—Havia lugares piores para serem vendidos, pessoas piores para serem donos de você. Sempre fui gentil, sempre te dei o que você queria. Eu guiei você para as mãos de Deus. Reze comigo... — Montague deu um passo à frente novamente, as mãos se aproximando, os braços abertos, como se fosse abraçá-lo.

E mesmo agora, havia uma pequena parte de Francis que *queria* ir até ele. Francis cambaleou para trás. Seu dedo lubrificou o gatilho, escorregadio de suor. Ele tinha que fazer isso. Não havia mais nada pelo que viver, não havia como voltar atrás. Ele estava quebrado, mas nisso ele finalmente faria algo de bom. —Eu me odiei por tanto tempo, — disse ele com um soluço. —Mas você estava errado, não foi minha culpa.

—Tenho certeza que você está certo, basta abaixar a arma e conversaremos sobre isso.

—Não posso. Eu tenho que fazer isso.

—Francis, o que quer que tenha acontecido, o que quer que você tenha feito, você pode ser redimido. Mas não para isso. Nunca por isso. Sua alma irá para o Inferno.

Ele soluçou uma risada. —Eu já estou lá.

—Eu sei que você acha que amava o italiano e seu coração está doendo. Eu vejo isso. Eu perdôo você. Venha até mim. Venha para Deus. Ele vai curar nós dois.

A menção de Vitari quase o deixou de joelhos. As lágrimas vieram livremente agora. —Você não sabe o que é amor! Ele era tudo e tentou, mesmo depois do que foi feito com ele... do que você fez com ele! — Francis sacudiu a arma e Montague parou. —Ele merecia *mais*, e você e aqueles homens tiraram isso dele!

—Aqueles homens? Você não sabe do que está falando.

—Stanmore! Estou falando de Stanmore. Sua instituição de caridade e os vulneráveis dos quais você deveria cuidar. Foi tudo uma trapaça, apenas uma forma de você vender sexo com crianças.

A escuridão encheu o olhar de Montague. —Talvez eu devesse ter deixado Giancarlo matar você.

—Talvez você devesse ter feito isso. Então todos os seus segredos estariam mortos e enterrados como todos os outros meninos.

—Eu protegi você.

—Eu não quero sua proteção. O custo é muito alto.

—Mate-me e você não estará mais protegido. Giancarlo virá atrás de você.

—Eu sei que vai!— Deus, doeu. Mas ele tinha que fazer isso, tinha que puxar o gatilho.

—Você não quer morrer por isso, Francis.

—Eu quero... eu quero morrer. Não posso... não posso continuar assim. Tem que acabar. Eu tenho que acabar com isso.— Ele levantou a arma. —O que você tem sobre Giancarlo, por que ele faz o que você diz? Ele faz parte de Stanmore, como você?

Montague suspirou profundamente, com os ombros pesados. Ele viu agora como ele enfrentou a morte?

—Dê-me sua confissão. Alivie os pecados da sua alma, Charles.

—Ela era uma boa menina, Stefania. Uma boa jovem. Giancarlo a amava, mas eles não eram casados e, quando ela engravidou, seu pai recusou-se a abençoá-los com o casamento. Uma família rígida do Vaticano nunca permitiria um bebê com um homem assim. Eles a enviaram para cá, para mim na Inglaterra, onde o pecado poderia ser escondido. Eu a ajudei, de verdade. O bebê, Vitari, era lindo desde o dia em que nasceu. E ela o amava. Ela o levou para casa, para a Itália. Para Roma. Eu... contei ao pai dela.— Montague fez uma pausa e molhou os lábios. —O russo, Sasha Zhukov, a matou. Atirou nela no gramado da casa de Giancarlo enquanto ela brincava com o filho. Ele pegou o filho dela, pegou Vitari e o colocou em Stanmore.

Não, isso... Os pensamentos de Francis desabaram. — *Sasha* colocou Vitari em Stanmore?

Mas ele alegou não saber sobre Stanmore. Ele perguntou a eles sobre isso sob a mira de uma arma, como se tudo fosse informação nova.

—Foi por acaso que encontrei Vitari lá. Eu não sabia quem ele era. Eu estava lá para ajudar os meninos, e ele tinha os olhos mais lindos. Assim como a mãe dele... eu só queria um pedaço dele, só um momento, e ele estava lá... eu não... eu tentei ajudá-lo por ela. Patrocinei Stanmore, tentei cuidar dos meninos, de você. Sasha não me conhecia, mas soube do meu interesse por Stanmore. Ele me ameaçou, me

avisou para ficar longe de Stanmore. Procurei Giancarlo – disse a ele que havia encontrado o filho de Stefania – e suponho que ele finalmente libertou Vitari. Eu não sabia que ele estava salvo. Pensei... pensei que ele tivesse morrido lá ou tivesse sido vendido...

Mas como pode ser isso? —O russo estava por trás de Stanmore?

—Sim. Ele negocia com crianças, ainda hoje. Embora, como você sabe, Stanmore já tenha partido há muito tempo. Mas tudo começou aí.

Francis baixou a arma enquanto todas as peças se encaixavam. —Então Giancarlo perdeu os dois para Sasha? Seu filho e a mulher que ele amava? Vitari e Stefania?

Francis achava que Giancarlo estava por trás de tudo – Stanmore, de tudo. Mas durante todo esse tempo, o segredo que Giancarlo guardou foi como Sasha matou seu amor e levou seu filho? Não foi a culpa que silenciou o Don Battaglia. Foi uma pena.

Isso explicava o ódio de Giancarlo pelos DeSica, por Sasha.

A jovem que tinha ido até Francis na igreja de St. Mary – meses atrás –, a mulher que os assassinos de DeSica haviam matado e deixado no cemitério. Ela era uma prostituta DeSica. Eles a silenciaram para impedi-la de contar tudo a Francis. Os homens DeSica estavam lá para *detê-la* e para descobrir o que Francis sabia sobre Stanmore. E Sasha manteve ele e Vitari sob a mira de uma arma para descobrir tudo o que sabiam e para garantir as evidências. Nunca se tratou de destruir Giancarlo. Sasha estava cortando pontas soltas, talvez desencadeada pelo iminente processo judicial de Francis.

Mas nada disso importava neste momento. Saber quem estava por trás de Stanmore não absolveu os pecados de Montague.

As lágrimas de Francis secaram. Ele levantou a arma.

Montague também levantou as mãos. —Giancarlo me deve por cuidar de Stefania quando ele não pôde. Por ver seu filho no mundo, por dizer a ele que seu filho havia sido encontrado. Ele está em dívida comigo.

—Um filho de quem você abusou mais tarde.

—Não foi assim, eu só... Ele sempre foi tão lindo. Eu precisava... dele.

—Ele era uma criança! Deus, você me deixa doente.— Sua mira se firmou na testa de Montague.

—Francis, espere! Tudo o que fiz, fiz por amor!

—Amor?— O coração de Francis se partiu novamente. —Você não sabe o que é amor!

—Você acha que o amava? — Montague rosnou. —Como você pode amar um homem? É proibido por Deus!

—Deus conhece o amor, e não é a sua ideia distorcida dele. — Quanto mais ele falava, mais fácil isso se tornava. Francis aplicou pressão no gatilho. Ele já havia matado antes. Não foi difícil. Na verdade. Basta puxar o gatilho.

—Francis, eu te imploro, não faça isso. Eu te amo. Vou buscar ajuda, prometo. — Suas palavras contornaram a convicção de Francis, minando-a como ondas ao redor de um castelo de areia. —Por favor, eu te imploro. Sinto muito pelo que fiz. Eu nunca quis te machucar. Eu encontrarei ajuda. Eu vou mudar. Eu admitirei tudo. Por favor... não condene sua alma por mim... eu não valho a pena.

Oh, Deus, por que ele teve que dizer essas coisas e por que Francis acreditou nele?

—Você vai conseguir ajuda?

—Sim, amanhã, imediatamente. — Ele caiu de joelhos e soluçou. —Eu imploro, por favor, Francis. Eu vou admitir tudo. Vou contar à polícia. Tudo! Por favor, Francis. Por favor.

—Ele está mentindo, — disse uma voz suave italiana, uma voz que Francis não podia estar ouvindo, uma voz do além-túmulo.

Francis girou.

Vitari Angelini encostou-se no banco do fundo da nave, como se tivesse todo o direito de estar ali e não fosse um fantasma ressuscitado da morte. Ele não poderia ser real. Não foi possível. A catedral girou. Seu coração batia forte em seus ouvidos. Francis tropeçou num banco. —Vitari?

Montague saiu correndo do altar, ao longo do banco da frente, em direção à entrada oeste.

Francis levantou a arma. —Pare!— Seu dedo escorregou e puxou o gatilho. A arma disparou, a bala voou e um pedaço de pedra arrancou-se do pilar ao lado da cabeça de Montague.

Montague congelou e choramingou, depois rezou.

O calor de Vitari envolveu Francis primeiro, e então ele estava ali, ao lado dele, os dedos se apoiando nos dele, aliviando o peso da arma de sua mão. —Você não quer fazer isso, — ele sussurrou, suas palavras frias no ouvido de Francis.

O alívio libertou seu coração, sua alma.

Ele realmente não queria fazer isso. E Vitari estava aqui, ele estava vivo. Ele era real.

Vitari foi até o altar e apontou a arma para as costas de Montague. —Vire-se.

Montague ergueu as mãos e virou-se lentamente. Ele tremeu, os olhos arregalados de medo. —Vitari – eu conheci sua mãe! Nós éramos amigos. Eu cuidei dela!

O lábio superior de Vitari se curvou. —Você está certo, Francis não precisa condenar sua alma por um pedaço de merda como você. — Vitari começou a se aproximar. Um passo, dois. —Mas eu já estou condenado.

—Espere...— Francis deixou escapar.

Vitari puxou o gatilho. A arma saltou. A explosão explodiu pela catedral. A cabeça do arcebispo estremeceu. O impacto o jogou para trás. Ele caiu com um baque forte e ficou esparramado no chão, contorcendo-se, seus nervos enfraquecendo tentando fazê-lo se mover mesmo com a nuca estourada.

Os grandes arcos deslocaram-se para os lados; O coração pulsante de Francis ficou mais alto. *Oh Deus*. Foi demais. Ele deslizou pela lateral do banco, com as pernas fracas demais para segurá-lo. Vitari estava aqui. Ele matou Montague.

Vitari esteve aqui...

—Precisamos nos livrar da arma. — Vitari casualmente limpou a arma na camisa e a colocou na parte inferior das costas, escondida sob a jaqueta. Ele olhou, viu Francis e se ajoelhou na frente dele. Vivo. Tão vivo. Francis não conseguia desviar o olhar. Se o fizesse, Vitari poderia desaparecer novamente. Seu cabelo escuro estava um pouco rebelde, escapando do estilo. Mas o seu rosto era o mesmo, os seus olhos escuros tão fascinantes que Francis devia estar a sonhar.

—Como você está aqui? — Francis estendeu a mão e tocou seu rosto, para sentir sua pele e saber que ele era real. As pontas dos dedos dele roçaram uma cerda de bigodes ásperos. —Isso é um milagre?

O sorriso de Vitari deslizou para o lado. —Vamos, Padre. É hora de ir.

—Eu não entendo.

—Francis, olhe para mim.— Mãos quentes apertaram o rosto de Francis. —
Precisamos ir agora.

—Ir aonde?

—Qualquer lugar que não seja aqui. — Ele agarrou os braços de Francis e o colocou de pé. —Seria útil se você se controlasse enquanto saímos dessa.

Sair disso? Vitari estava aqui e acabara de matar o arcebispo Montague com a arma que Francis comprara. Não havia como escapar disso.

—Oh Deus. Você o matou, — Francis murmurou, tropeçando ao lado de Vitari.

—De nada.

— Eu não... Ele não estava...

—Se você está prestes a me dizer que ele não merecia isso, vou deixá-lo aqui.
— Ele sorriu ao dizer isso.

Não, não me deixe. Francis não conseguia pensar; seus pensamentos demoraram muito para surgir, como se seu corpo e seu cérebro se movessem através de um xarope. Choque, foi choque. Ele não tinha certeza se algo disso era real. Mas parecia real. O ar nebuloso da noite fora da catedral estava frio e úmido em seu rosto. O aperto de Vitari estava ali mesmo, em seu braço, sólido, firme e real.

Eles correram pelo pátio, passando pelas barreiras que impediam o tráfego de entrar no terreno da catedral, e lá estava o carro de Vitari, estacionado no meio-fio.

Seu peito apertou; seu coração apertou. Ele se apoiou no teto do carro, tentando respirar, enquanto Vitari abria a porta. Ele não poderia fazer isso. Ele não

poderia continuar fugindo de seus pecados. Ele deveria ficar; ele deveria enfrentar a justiça pelo que fez. —Eu não posso...

—Francis, — advertiu Vitari.

—Eu não posso ir com você.

Vitari endireitou-se diante da porta aberta do passageiro, sem mais sorrir. — Você não tem escolha, Padre.

—Acabei de matar um homem.

—Não, eu fiz. — Vitari se aproximou dele, forçando Francis a se endireitar e olhá-lo nos olhos. —Entre no carro.

Ele amava Vitari, amava-o tanto que toda a sua alma gritava para ir com ele, mas eles não conseguiam continuar fugindo dos seus erros.

Os olhos de Vitari se arregalaram. Ele certamente diria algo sobre Francis não pensar com clareza. Mas em vez disso, ele deu um passo mais perto, eliminando a distância entre eles. Seus dedos percorreram o rosto de Francis, deslizando em seu cabelo, e então a boca de Vitari pairou sobre a de Francis, ali, mas não, real, mas distante. Perguntando... Perguntando o quê? Francis abriu os lábios e respirou fundo. Suas mãos encontraram a cintura de Vitari, seu corpo cheio de sentimento e calor, voltando à vida depois de tanto tempo vazio. Não foi nem um beijo, ainda não, apenas uma provocação de lábios, respirações compartilhadas, de coração para coração.

Ele nunca deveria ter afastado Vitari, nunca deveria tê-lo machucado.

Francis passou a mão pelas costas de Vitari, deslizando a arma, depois espalmou os dedos entre os ombros e afastou os lábios de Vitari com a língua, buscando tudo o que ele não merecia, pedindo o amor de um homem que o arruinaria de todas as melhores maneiras.

Vitari sorriu contra seus lábios, afastando-se apenas o suficiente para olhar em seus olhos. —Aí está você, amore mio.

Meu amor.

Sim, Francis iria com ele. Ele iria com ele até os confins da terra.

—Angel!— Uma voz saiu da escuridão.

Vitari se virou, bloqueando Francis da figura encapuzada que se aproximava.

A figura deixou cair o capuz. Neo. O homem Battaglia que vendeu a arma a Francis. O que ele estava fazendo aqui?

O clarão de uma faca captou o brilho difuso da luz da rua.

—Pensei que você estivesse morto, cara,— Neo disse.

Francis baixou o olhar para as costas de Vitari, para onde a arma estava presa entre suas costas e seu cinto, pedindo para ser levada, para ser usada uma segunda vez, como se a presença de Vitari aqui fosse o destino, como se Deus tivesse dado a Francis as coisas que ele necessário nos momentos mais sombrios.

Deus trouxe Vitari de volta para ele.

E desta vez, Francis faria qualquer coisa para salvá-lo.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Vitari

—Neo, por que você está aqui?

Como Neo sabia que este seria o lugar onde Vitari estava? Vitari nem sabia que ele estava vindo até o último momento, quando disse ao piloto do avião leve para desviar para uma pista de pouso nos arredores do centro de Londres.

—Não para você, mas aqui está você, um homem morto andando. — Neo gesticulou com habilidade e a faca brilhou.

Ele não estava aqui por Vitari. Então Neo estava aqui por Francis? Para matá-lo?

—Houve rumores de que você era um chupador de pau, mas não acreditei, — disse Neo, parando diante dele. —Você está transando com o padre, Angel?

Isso era ridículo. Neo não iria matá-lo. Independentemente do que Vitari tivesse feito, Neo não agiria sem a permissão de Giancarlo. Vitari bufou uma risada. —Afastese, Neo. Francis está acima do seu nível salarial.

—É aí que você está errado. Eu não trabalho para Don Giancarlo.— Neo brandiu a faca, aproximando-a. —Sasha agradece por toda sua ajuda para derrubar Giancarlo. Agora tudo que ele precisa é que você morra.

O sorriso de Vitari desapareceu. Ele ergueu as mãos. —Você é DeSica.

—Sim, Ricky quase me entregou, então ele teve que se balançar de uma ponte. Você entende?

—Você não inventou sobre os DeSica, não é?— Mas Vitari tinha verificado. A história de Neo tinha sido legítima. Essa foi a razão pela qual Giancarlo o deixou entrar.

—Eu fiz isso, para entrar com você. — Ele sorriu. —E foi muito fácil. Inimigo do meu inimigo, certo?

Exceto que Neo não era amigo. O inimigo do inimigo deles ainda era um inimigo. Vitari provou a traição. Os DeSica não tinham honra, nem senso de lealdade, de família. Sasha o usou. —Você matou seu próprio pessoal?

—Ordens de Sasha. Funcionou, não foi?

—Então você é o assassino que tentou matar Francis na Basílica de São Pedro.

—Porra, não, eu não. Ainda não sabemos quem está financiando esse golpe. Não importa. Vocês dois estão prestes a morrer.

A forte pressão da arma deslocou-se contra as costas de Vitari, e então seu peso desapareceu. Vitari respirou fundo e ergueu o queixo. Ele não matou o arcebispo para que Francis pudesse se virar e matar esse DeSica ninguém.

—Eu *ajudei* Sasha. Eu dei a ele tudo o que ele queria.

—E ele está grato. Isto não é pessoal. Apenas negócios. Você entende. — Neo atacou. A faca cortou.

Vitari recuou, tropeçando em Francis, prendendo-o contra o carro. Neo foi *rápido*. Vitari avançou e deu um gancho de direita na bochecha de Neo. Seus nós dos dedos bateram, chicoteando sua cabeça para trás . Neo grunhiu, cambaleou e golpeou com a faca, quase cortando o queixo de Vitari, e Vitari enfiou a testa no nariz de Neo. O sangue jorrou e Neo gritou. Vitari deu um soco no meio do homem, dobrando-o, depois ergueu o joelho, acertando o nariz já sangrento de Neo. Neo gritou, rugiu, e com assassinato em seus olhos, ele atacou.

A arma disparou perto da orelha direita de Vitari.

Estrondo!

Vitari estremeceu com a explosão ensurdecadora. *Não, Francis...*

Neo cambaleou, então tropeçou no meio-fio e caiu na calçada. Mas ele não estava morto. O sangue manchou o ombro esquerdo de sua camisa. Vitari prendeu o pulso de Neo no chão sob seu sapato, esmagando-o, e Neo deixou cair a faca.

—Seu maldito padre atirou em mim! — Neo gritou.

—Sim. — Vitari chutou a faca para longe. —Ele é bom nisso.

Francis apareceu à direita de Vitari, a arma apontada para Neo, a vingança ardendo em seus ferozes olhos castanhos. Porra, assim ele era mais um anjo vingador do que Vitari jamais seria. E quente como o inferno. Vitari estendeu a mão para ele e empurrou seu braço para baixo. —Hoje não, Padre, — disse ele, pegando a arma pela segunda vez.

Francis sufocou um suspiro agora que estava livre da arma. Mais tarde, quando ele se acalmasse, tudo isso provavelmente seria culpa de Vitari. E ele alegremente assumiria a culpa. Mas, por enquanto, precisavam sair de Londres.

—Vocês estão mortos, vocês dois! — Neo gritou. —Se Sasha não matar você, Giancarlo o fará! Você está fodido!

Vitari guiou Francis de volta ao carro e sentou-o lá dentro. Francis ergueu os olhos, grandes olhos cheios de tristeza e arrependimento. Talvez até vergonha. Ele não deveria sentir nenhuma dessas coisas. Ele deveria estar orgulhoso pra caralho.

—Não haverá um buraco profundo o suficiente para se esconder! — Neo gritou, depois praguejou mais enquanto tentava se levantar.

Vitari fechou a porta e encarou Neo. Ele ainda tinha a arma e estava tentado. Qual foi outro assassinato nas ruas de Londres? —Você realmente quer morrer esta noite, hein? — Ele se aproximou de Neo e olhou para baixo.

Ambos sabiam que, se Vitari escolhesse, Neo estaria morto. —Sasha pode enviar mil homens para buscar Francis. Eu matarei cada um deles. — Vitari se agachou. —Se ele quer uma montanha de cadáveres de DeSica, diga-lhe para enviar seus assassinos. E quando não houver mais homens, quando eu tiver matado todos eles, irei atrás *dele*.

Neo mostrou os dentes. —Você não pode lutar contra o DeSica e o Battaglia, você não pode lutar contra toda a porra da Máfia, Angel.

—Para Francis, eu posso.

A repulsa cruzou o rosto de Neo, quase lhe rendendo uma bala na cabeça, mas Vitari precisava levar sua mensagem de volta para Sasha. Ele precisava que todos ouvissem. Francis estava fora dos limites. Ele foi protegido pelo Angelo della Morte. E isso não foi uma ameaça inútil.

Ele deixou o traidor Battaglia se contorcendo em seu próprio sangue, limpou a arma e jogou-a em um ralo próximo, depois sentou-se ao volante do carro alugado.

Enquanto Vitari arrancava o carro, Francis girou no banco, olhando para trás. —Você simplesmente vai deixá-lo lá?

—Ele é problema de outra pessoa agora.

Francis observou o reflexo de Neo encolher no espelho lateral, então quando eles viraram uma esquina, ele caiu no assento, pálido, mas com os olhos brilhantes. Suas sardas eram escuras em sua pele. Ele parecia... diferente da última vez que

Vitari o viu fora da Basílica. Mais magro, mais áspero, com o brilho de uma barba dourada e olhos cansados e assombrados. Mais assombrado do que antes.

Ele nunca deveria ter deixado Francis afastá-lo. Aquele beijo... Aquele beijo momentos atrás tinha sido a verdade. O que quer que Francis tenha dito sobre o fim era besteira. Ninguém beijava como se estivesse entregando a alma se não fosse sincero.

Vitari ficou tão aliviado por ter desviado para Londres por capricho. Ele nem tinha certeza se encontraria Francis na Catedral de Westminster, mas suspeitava que voltaria para Londres depois de *tudo*. Ele tinha que tentar, uma última vez, pedir-lhe que fugisse com ele.

Eles foram feitos para ficarem juntos.

E Vitari lutaria com o mundo inteiro para salvá-lo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Vitari

Eles embarcaram no avião leve de Londres para uma pista de pouso na Espanha e, da Espanha, Vitari usou velhos contatos para pegar carona em um avião cargueiro até o Panamá. Ele brincou sobre não ser uma viagem de luxo cinco estrelas e que Francis já deveria estar acostumado a brigar com ele. Mas Francis limitou-se a sorrir e a fechar-se em si mesmo.

Foi muito. Francis claramente acreditava que Vitari estava morto, e então fazê-lo voltar à sua vida e executar seu mentor bem na sua frente...

Ele precisava de espaço. Mesmo que tenha matado Vitari não envolvê-lo em seus braços e contar como ele fez tudo isso *por ele*. Ele queria dizer que o amava em italiano, de mil maneiras diferentes, queria beijá-lo estúpido, fodê-lo com força e depois amá-lo lentamente. Mas ele não poderia fazer nada disso enquanto Francis estivesse sofrendo.

Então ele também ficou quieto e repassou mentalmente todas as revelações que ouvira Montague vomitar para Francis depois Vitari, ao ouvir suas vozes elevadas, entrou sorrateiramente na catedral.

Ele tinha ouvido metade da discussão nas sombras e não queria acreditar na maior parte. Sasha estava atrás de Stanmore? Montague devia estar mentindo para tentar salvar a própria pele.

Assim que desembarcaram na Cidade do Panamá, Vitari pagou em dinheiro por um velho jipe enferrujado e levou Francis até a esquecida cidade litorânea de

Gamboa. Só ali, rodeado por palmeiras monumentais e uma floresta tropical, Francis começou a relaxar. Ele até abriu um sorriso para alguns dos pássaros mais exóticos grasnando da copa sob a qual eles passavam.

Ele não perguntou nem uma vez para onde eles estavam indo ou onde estavam. Vitari pode ter pensado que isso era uma coisa boa, mas Francis tornou o bem complicado.

Vitari estacionou o jipe do lado de fora do que seria a casa deles pelas próximas semanas – uma casa de ripas de madeira sobre palafitas de aço, escondida pela selva, que parecia um celeiro visto de trás.

Ele subiu os degraus externos até o segundo andar e destrancou a porta, expondo um interior elegante e funcional com amplas vigas arqueadas acima e uma vasta parede de vidro com vista para a selva. As águas distantes na foz do infame Canal do Panamá atraíram Francis em direção ao vidro.

Vitari ouviu seu suspiro, como se finalmente tivesse relaxado. Ele imaginou que Blanco Padre preferiria selvas distantes, tornando esta casa perfeita. Por um tempinho.

—Você está bem aqui enquanto eu pego alguns suprimentos?

Ele não se mexeu.

—Francis?

—Huh?

Vitari juntou-se a ele na janela. Seus reflexos fantasmagóricos brilhavam na selva. Eles deixaram suas vidas vários milhares de quilômetros de distância, mas de alguma forma, tudo ainda estava aqui na sala com eles. Vitari também sentiu isso. Como se estivesse longe de terminar. —Francis, você está bem?

—Sim, — ele respondeu, muito rapidamente, acrescentando um sorriso tímido e falso.

—Vou comprar mantimentos. Relaxe, ok? Estamos seguros aqui.

Francis assentiu, mas seus olhos ficaram mais brilhantes e seu sorriso se contorceu como uma coisa moribunda.

A última coisa que Vitari queria era deixá-lo, mas eles precisavam de suprimentos. Ele planejava ficar aqui, onde ninguém iria encontrá-los, e então decidir o próximo passo.

Ele levou o jipe de volta à vila local e comprou mantimentos, depois voltou para casa sobre palafitas e descarregou o jipe.

Francis estava sentado no sofá, a poucos metros da janela onde o havia deixado.

—Café?— perguntou Vitari, depois de guardar tudo e Francis ainda não o ter reconhecido.

—Você tem algo mais forte?

—Mas você não bebe? — Vitari brincou, mas Francis desviou o olhar, sem humor para piadas.

Vitari preparou para ambos o equivalente panamiano de uísque e foi até a sala de estar. Ele entregou o seu a Francis.

—Obrigado. — Ele sorriu e olhou para o copo.

A distância entre eles havia se tornado dolorosa e era pior agora do que nunca. Vitari não sabia como consertar isso. Talvez Francis só precisasse de mais tempo, ou talvez o problema fosse Vitari? E se Francis não quisesse que o arcebispo morresse? E se ele não quisesse estar aqui? E se ele quisesse afastar Vitari?

Jesus, tudo estava fodido. Vitari pensou em sentar ao lado dele, conversar com ele, mas o que ele diria? Ele tomou um gole de sua bebida, ainda de pé, sentindo-se perdido. E ele nem sequer se permitiu pensar no enorme erro que possivelmente cometeu ao ajudar Sasha.

—Oh, Deus, — Francis choramingou. Ele cobriu os olhos e quase deixou cair a bebida.

Vitari arrancou o copo, colocou ambos sobre a mesinha de centro e observou Francis desmoronar bem na sua frente. Ele soluçou, e soluçou muito, como se cada arrepio viesse de sua alma.

Porra. Ele realmente estava sofrendo.

Vitari sentou-se ao lado dele e puxou-o para perto, quase em seu colo. — Shh. — Os soluços o atormentaram com tanta força que Vitari estremeceu, fazendo seu próprio coração doer.

—Pensei que você tivesse ido embora, — Francis ofegou.

Vitari apertou a cabeça de Francis perto do peito e fechou os olhos com força. Ele não tinha a intenção de machucá-lo. Assim não. Ele deveria ter avisado ele de alguma forma, para que ele soubesse que era tudo falso.

—Catalina me disse que você estava morto.

—Mi spiace, ti chiedo scusa dal profondo del mio cuore.

—Eu ia matá-lo! Eu o encontrei... havia um menino... eu sabia o que ele estava fazendo... — As palavras saíram dele rapidamente.

Vitari deixou-o falar, apesar de a maior parte do que ele disse não fazer sentido. Mas a dor em cada palavra era real, a agonia que Vitari lhe causara. Por que diabos Francis o empurrou? —Desculpe. — Mas ele sabia por que tinha feito isso. Pela mesma razão que Vitari matou Montague. Para mantê-lo seguro.

—Você puxou o gatilho, mas eu o matei. — Francis recuou. Lágrimas brilharam em seu rosto. Vitari os secou. Francis era tão lindo, mesmo assim, com os olhos inchados e perturbado.

—Não importa quem o matou, ele mereceu. Ele mereceu.

—Isso importa, Vitari. — Ele piscou os cílios molhados e mais algumas lágrimas escaparam. —Eu não quero ser assim.

—Você é... Você é tudo. Não deixe um maldito doente arruinar você. Não deixe ele vencer. Você vale mil dele. Mais. Sono mortificado, scusami. Me desculpe por ter deixado você. Eu pensei... Não importa. Ouça, estamos aqui. Você e eu. Nós vamos ficar bem. — Ele não conseguia ler o rosto de Francis, apenas que estava com dor, e Vitari queria salvá-lo repetidas vezes, até que seu verdadeiro sorriso voltasse. Até que ele fez uma careta para Vitari, daquele jeito que ele fez, com uma desaprovação cômica que fez Vitari rir.

Ele o beijou. Ele precisava fazer a dor passar e poderia mostrar-lhe mais do que suas palavras poderiam lhe dizer.

Francis retribuiu o beijo, mas mesmo isso parecia errado, como se Vitari tivesse forçado tudo isso a ele. Vitari recuou e bateu de frente com a testa. —Por favor, não perca quem você é, nem por ele, nem por mim. Seja brilhante, Francis. Seja você. Nada disso foi culpa sua.

—Então por que tudo dói?

Vitari engoliu em seco e beijou-o novamente, beijou as lágrimas de seu rosto e provou-as em seus lábios, desejando poder beijar para afastar aquela dor. Francis o beijou de volta, abrindo-se. Suas lágrimas molhadas umedeceram o rosto de Vitari também, e à medida que o beijo se aprofundasse, seria assim que eles se

curariam, juntos. —Amore mio, potrai mai perdonarmi? — Vitari perguntou entre beijos. *Por favor me perdoe.*

A língua de Francis avançou, absorvendo mais. Sua boca e mãos ficaram desesperadas. Ele subiu no colo de Vitari, acomodando-o de volta no sofá, e balançou, beijando cada respiração. Era tristeza, Vitari percebeu isso. Luto por sua antiga vida, tristeza por Montague e talvez tristeza pelo que ele acredita-se ser a perda de sua própria alma. Ele rasgou a camisa de Vitari, e Vitari passou as mãos pelas costas de Francis, saboreando como seu corpo tremia sob seu toque. Deus, quando ele estava cru e desesperado assim, ele incendiou Vitari, o deixou selvagem e louco para prová-lo, senti-lo.

Ele passou o suéter de Francis pela cabeça, depois se aproximou e chupou um mamilo empinado enquanto Francis balançava em seu colo. Ele podia ver como o pau de Francis esticava suas calças, e ele não queria nada mais do que cair sobre ele, mas Francis estava dirigindo isso, ele precisava disso, precisava do controle de uma vida que ele pensava ter saído de controle.

Vitari agarrou esse cabelo, chupou seu pescoço, mordeu e suspirou ao som delicioso dos gemidos de Francis. Seu pênis latejava, preso em suas calças apertadas. Ele queria transar com ele no sofá, transar com ele até esquecer quem ele era, esquecer quem ambos eram.

Francis levantou a cabeça de Vitari e deu-lhe um beijo nos lábios, passando a língua, atacando. —Eu não sei... o que eu... quero, — ele disse sem fôlego, entre beijos.

Essa foi a deixa de Vitari. Ele agarrou Francis, pegou-o, torceu-o e deixou-o cair de costas, depois rasgou suas calças, liberando seu pau vermelho. Vitari caiu sobre ele, deslizando-o sobre sua língua.

Os dedos de Francis torceram-se em seu cabelo. —Deus, sim! — Ele resistiu, empurrando garganta abaixo de Vitari. Vitari engasgou, ofegou, depois lambeu seu eixo e lambeu suas bolas, sugando-as suavemente entre os lábios.

—Eu não posso... eu preciso de você. Foda-me, Vitari. —Ele levantou a cabeça e rosnou: —Foda-me *com força*.

A exigência na voz de Francis arrancou o resto da contenção de Vitari. Ele o pegou, colocou-o sobre as mãos e os joelhos e puxou as calças para baixo expondo sua bunda linda. —Você tem a melhor bunda que eu já vi.

—Você vai foder ou falar sobre isso?

—Ah, padre. — Vitari sorriu e deu um tapa na bunda.

Francis jogou a cabeça para trás e engasgou, sem vontade de ir devagar. E isso serviu perfeitamente para Vitari. Ele tirou o pau da calça, cuspiu na mão e alisou o buraco de Francis. Não era lubrificante suficiente, mas de jeito nenhum ele deixaria Francis com a bunda para cima para ir procurar algum. Ele abriu as bochechas com uma das mãos e, com a outra, guiou o pau pela fenda, misturando pré-sêmen e saliva, untando as coisas e depois empurrando para dentro de seu buraco apertado. O prazer requintado incendiou os malditos nervos de Vitari, então os gemidos de Francis entraram em ação e Vitari deslizou mais fundo, matando-se para ir devagar.

—Estou tão duro, vou gozar, — Francis rosnou.

Rosnou.

Vitari cerrou os dentes, desejando que seus próprios impulsos se acalmassem. —Ainda não, cuore mio.

—Leve-me. Deus, Vitari, me foda.

Ele queria que durasse, queria sentir cada centímetro deslizando ao seu redor, mas o fato de Francis ser tão exigente estava atrapalhando o controle de Vitari. Francis queria ser fodido, então ele seria fodido. Vitari mergulhou, até as bolas, coxas na bunda. Francis arqueou-se e Vitari se perdeu na sensação dos músculos tensos apertando seu pênis. Ele agarrou as coxas de Francis, segurando-se enquanto bombeava incansavelmente seu pau tão rápido que qualquer chance de se conter ou saborear as ondas de prazer já havia desaparecido.

Os grunhidos de Francis, sua respiração ofegante, todo o seu corpo se contorcendo e resistindo sob Vitari, como seu corpo cedia a cada impulso – era demais.

—Sim, sim... Oh... eu sou... *Porra.*

Francis sempre xingava quando estava prestes a gozar ou matar alguém. Vitari podia sentir a liberação em seu corpo, em como sua bunda se apertava, ouvi-la em suas respirações entrecortadas e na aceleração de seus tremores generalizados. O prazer atingiu um ponto cegante, e com Francis gritando, Vitari gozou também, estremecendo e bombeando sua carga profundamente em Francis. Ele agarrou seus quadris, tentando tocar sua maldita alma.

Nenhum deles durou muito, mas seu orgasmo pode ter sido o mais cegante que ele já experimentou. Ele acalmou as costas nuas e lisas de Francis contra seu peito, desejando que ambos estivessem nus para que ele pudesse sentir cada um dos tremores de Francis, pele com pele.

Haveria tempo para isso, tempo para muito mais. Ele passou os braços ao redor dele e beijou seu ombro salgado, provando que ele poderia ser gentil – *querendo* ser gentil, especialmente depois daquela foda brutal.

—Nunca mais me deixe, — disse Francis, ofegante, e quando lançou o olhar por cima do ombro, havia tanto fogo justo em seus olhos que Vitari se perguntou se Francis teria o poder de incitar a ira de Deus.

Vitari sorriu e o olhar de Francis suavizou-se. —Você fica tão gostoso quando está furioso.

Ele franziu a testa. —Estou falando sério.

—Eu também sou.

Ele se soltou dos braços e estremeceu quando o pau de Vitari deslizou livre. Uma queimadura sensível o percorreu também. Ambos sentiriam aquela sensação por um tempo. Francis continuou a olhar furioso, como se estivesse com raiva mesmo, mas um Francis irritado era muito melhor do que um Francis soluçante.

—Uísque? — Vitari ofereceu, sentindo que ele estava prestes a levar uma surra, e não no bom sentido. Ele ouviria Francis gritar a noite toda se isso significasse que isso o ajudaria a encontrar uma maneira de sair da dor.

Francis fez uma careta para isso também e puxou as calças para cima, consertando a braguilha. —Você deveria ter me dito que estava vivo.

—Não houve tempo...

—Como você fez isso?

—Colete a prova de balas. Ainda machucado, no entanto.

—Ah, *doeu*?

E aí veio. Vitari guardou seu pau, recuperando um pouco de compostura, então pegou sua bebida e caiu de volta no sofá com ela. —Faça isso, padre.

—Você poderia ter me contado, Vitari!

—Você me disse para me foder. Então eu fiz.

—Eu não... Não foi isso que eu disse...— Francis bufou e tentou passar os dedos pelos cabelos, mas Vitari tinha feito uma bagunça durante a foda frenética deles, e agora ele estava com raiva disso também. Tão zangado que suas pequenas sardas se destacavam em seu rosto vermelho.

—Você disse que tínhamos acabado.

—Sim, mas...— Ele levantou a mão por algum motivo e olhou para a palma.
—Você não deveria morrer, — ele sussurrou.

Ele mantinha as mãos entrelaçadas desde que deixaram a Inglaterra, como se escondesse alguma coisa. E então Vitari viu, o pequeno anel de cicatriz rosada.

Uma queimadura.

—Que porra...— A raiva fria queimou através dele. Vitari agarrou sua mão.
—Quem fez isso?

—Oh, que eu...— Ele tentou puxar a mão de volta, mas Vitari a segurou.

—Não minta para mim.

Francis fechou os olhos. —Eu conheci seu pai.

— *Ele* fez isso? Ele queimou você?!— Na Basílica, naquele dia, Francis lhe disse que estava tudo acabado, e sua mão estava enfaixada. —Por que você não me contou?

—Porque. — Francis puxou a mão de volta. —Ele ameaçou machucar você se eu continuasse investigando Stanmore, sua mãe, tudo isso. Ele disse para esquecer, ou ele te mataria. E então, foi isso que eu fiz. Eu deixei você ir. Você deveria estar seguro... Mas agora isso não faz muito sentido, se Sasha está por trás de Stanmore e do assassinato de sua mãe, Giancarlo não iria *querer* expô-lo? Você ouviu o que Montague disse na catedral, sobre você, sobre Sasha atirar em sua mãe?

—É tudo mentira. Montague estava enganando você para ganhar tempo. — Vitari não se importava com Stanmore naquele momento. Seu pai tinha *queimado* Francis, porra. Ele o odiava antes, mas agora o odiava ainda mais.

—Você ouviu o que ele disse sobre sua mãe, sobre Sasha levar você para a Inglaterra?

—Sim...— Ele não se lembrava de nada disso. Ele era muito jovem. —Se isso tivesse acontecido, Giancarlo teria me contado.

—Mas isso explica o ódio do seu pai pelos DeSica.

—Francis, deixe isso. — Vitari caiu de volta no sofá. —Não estou ouvindo o discurso desesperado de Montague. Além disso, meu pai tinha documentos sobre Stanmore, tinha fotografias. A forma como as operações de tráfico eram conduzidas era muito semelhante à de Stanmore. Ele tinha que estar envolvido. Ele foi cúmplice de tudo isso.

Francis hesitou e depois disse suavemente: —Só porque ele sabia, isso não o torna parte disso. E se ele estivesse investigando, reunindo provas, como nós?

—Meu pai queimou sua mão. Ele trafica crianças venezuelanas. Ele ameaçou matar você, e eu. Ele me mandou para St. Mary para vigiar você e provavelmente matá-lo. Por que você está do lado dele?

—Não estou dizendo que ele é bom, só que... E se sua mãe *foi* morta por Sasha, e se Stanmore foi empreendimento de Sasha o tempo todo? Que provas temos de que Giancarlo está ligado a Stanmore, além de ter tirado você de lá? Você tem alguma coisa sólida, alguma coisa que possa apontar que mostre que Giancarlo era cúmplice do que estava acontecendo lá?

Vitari não precisava de provas. Ele *sabia*. Giancarlo tinha que estar envolvido, porque se não estivesse, não valia a pena pensar na alternativa. —Se Sasha está por

trás de tudo, então entreguei ao assassino da minha mãe tudo o que ele precisa para destruir meu pai, e provavelmente a Battaglia também.

—O que?— perguntou Francis. —O que é que você fez?

—Eu dei a ele tudo sobre as operações de tráfico. As rotas, as fontes, os capos. Entreguei a ele uma mina de ouro de informações para derrubar meu pai. Se Sasha ainda não contou às autoridades, ele o fará em breve. Giancarlo acabou, e Montague estava mentindo, porque se não estivesse, Francis, acabei de trair minha família da pior maneira possível.— Vitari fechou a boca e respirou com dificuldade pelo nariz. Ele se recusou a acreditar em Montague. O arcebispo era *mau*. Tudo o que ele disse foi mentira.

—Oh. Não, você provavelmente está certo. Claro. Eu... Não importa. Acabou agora, de qualquer maneira.

Mas isso importava, porque desde que Montague disse essas palavras, acusando Sasha de matar a mãe de Vitari, Vitari revisou todas as peças do passado em sua mente, todos os seus fragmentos de memórias. A rivalidade com DeSica, o aviso de seu pai para não se aproximar de Francis e o passado, sua pressa para tirar Vitari de Roma no momento em que soube que Sasha havia buscado Vitari.

E o medo nos olhos de seu pai.

O amor de Giancarlo por Stefania, nenhuma foto de nenhum dos dois, porque ele não suportava a agonia da dor.

Os documentos e imagens ocultos, recolhidos – não para chantagem – mas como prova.

Ele salvou Vitari de Stanmore, ele o tirou de lá – isso era um fato. Talvez o *único* fato que importasse.

—Porra. — Não, ele não conseguia pensar nisso. Não poderia ser assim. E Montague não iria enfiar a faca em seu coração do além-túmulo. Estava tudo no passado. —Eu preciso de um banho.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Francis

Tudo era... muito. Cada vez que ele tentava lidar com os acontecimentos dos últimos dois dias, as cenas se repetiam rápido demais em sua cabeça. O menino do coro, Montague, as revelações sobre Sasha e depois Vitari... vivo. De volta da morte. A arma – o arcebispo morto no chão.

O peito de Francis apertou, sufocando-o.

E agora aqui, em outro país, em algum lugar da América do Sul. De novo.

Se ele pensasse muito sobre isso, todos os pensamentos se amontoavam em cima dele, tentando sufocá-lo, então ele não pensava, ele apenas... respirava, e tentava se controlar.

O sexo ajudou. Sexo furioso e desesperado. Provavelmente era errado querer isso, mas ele precisava disso e Vitari estava disposto. *Tão disposto.*

Sua bunda queimou, fazendo-o se mexer no sofá.

Será que Francis estava usando Vitari? Não, ele precisava dele, precisava senti-lo, saber que ele era real e estava aqui e vivo, e Vitari satisfez essas necessidades, tão desesperado para se sentir quanto Francis. Embora isso tenha deixado Francis desconfortavelmente pegajoso.

Os sons do chuveiro foram desligados, então Francis se aventurou a descer. A casa foi projetada com os quartos no térreo, para aproveitar ao máximo a vista da selva desde a sala. Mas isso significava que o andar de baixo estava escuro e Francis sentiu as paredes se fechando novamente. Ele preferia o andar de cima claro

e aberto, com vista para um mundo de selva totalmente diferente, o mais longe possível de Westminster na Terra de Deus.

Francis bateu na porta do banheiro. —Posso tomar banho?

—Claro, —disse Vitari.

Francis abriu a porta e encontrou Vitari estava secando seu cabelo com uma toalha, uma segunda toalha enrolada em sua cintura, deixando seu peito bronzeado brilhando e molhado. A tatuagem de arame farpado circundava seu pulso, escura contra sua pele.

Com o entorpecimento voltando, Francis tirou as calças já largas, tirou a cueca e as meias e entrou no chuveiro. A água quente correu sobre ele, limpando o pecado de sua pele, mas não de sua alma. Ele se acostumou com isso lá.

Vitari saiu, o que provavelmente foi o melhor. Depois de terminar o banho, Francis se enrolou em uma toalha limpa e saiu do banheiro para encontrar Vitari esparramado na cama, a cabeça apoiada na mão, totalmente nu, parando Francis na porta. Ele era glorioso, magro, mas com músculos suficientes para dar um bom olhar. Certa vez, Francis o comparou a algum tipo de modelo espalhafatoso de revista masculina, mas agora ele parecia um pôster pornográfico, totalmente exposto. Seu pau começou a endurecer sob o olhar de Francis.

—Meu Deus. — Francis desviou o olhar e Vitari riu.

—Corando, Padre, depois de exigir que eu te foda na bunda?

Como Vitari poderia ficar ali tão facilmente confiante em sua atratividade? Comparado a ele, Francis era todo magro e com pele pálida. Ele não fazia exhibições nuas como a que Vitari estava fazendo agora.

—Venha sentar perto de mim, — Vitari ronronou, depois deitou-se e entrelaçou as mãos atrás da cabeça. —Não precisamos fazer nada.

—Seu pau diz o contrário.

A boca de Vitari lutou com um sorriso. —Eu sei que é difícil, mas ignore meu pau.

Francis arqueou uma sobrancelha diante do duplo sentido, respirou fundo e deixou cair a toalha.

O sorriso malicioso de Vitari desapareceu e sua expressão ficou séria enquanto admirava o corpo nu de Francis. —Il mio cuore è tuo.

Sorrindo, Francis subiu na cama. —O que você acabou de dizer? —Ele estava deitado com a cabeça apoiada em uma mão, de frente para Vitari. Com apenas alguns centímetros entre eles, o calor de Vitari o aqueceu. Seu próprio pau começou a endurecer, mas ele não sentiu vergonha. Não como ele teria feito antes.

O sorriso vistoso de Vitari voltou. —Você vai me fazer dizer isso?

—Você *acabou* de dizer isso. Diga novamente em inglês. Caso contrário, não é justo.

—Tudo bem, padre. *Meu coração pertence a você.*

O coração de Francis deu um pequeno soluço atrás das costelas. Ele tentou não sorrir e falhou. —Realmente?

Revirando os olhos, Vitari passou um braço em volta do braço na cintura de Francis e puxou-o para baixo, e agora eles estavam peito a peito, nus, quentes e emaranhados.

Vitari cutucou sua boca, buscando um beijo, mas Francis recuou. —Soa melhor em italiano.

—Voglio passare tutta la vita con te, — brincou Vitari, depois cutucou as costelas de Francis.

Francis riu, afastando a mão. —Diga-me o que você disse!

—Vai passar sua vida para sempre comigo? — Vitari fez cócegas nele, os dedos cavando e deslizando em uma luta injusta.

Francis latiu e se contorceu. —Pare! Oh Deus. *Por favor*. Não. Não é justo.

—Parar? Mas seu pau gosta de italiano. Veja?

Francis bufou e enganchou a perna na de Vitari, depois prendeu as mãos entre elas. —Sim, essa parte de mim gosta muito de italiano. — Ele cutucou o nariz, mas recuou quando Vitari tentou capturar um beijo novamente. —O que significa?

—Sempre.— Seus cílios escuros se levantaram. —Para sempre.

Ele pensou que talvez soubesse o que Vitari lhe contava em italiano. Que talvez isso fosse mais do que apenas uma aventura passageira, mais do que apenas dois homens desesperados agarrados a algo em suas vidas complicadas. Que talvez isso fosse... amor? As palavras estavam nos lábios de Francis, ali mesmo, quase ditas, mas ele não conseguia pronunciá-las. E se ele estivesse errado? E se Vitari estivesse dizendo essas coisas apenas por culpa por tê-lo machucado?

Francis tocou o rosto de Vitari e tirou uma mecha rebelde de cabelo escuro de cima do olho. Pensar que ele havia partido, que nunca mais o veria, algo havia quebrado dentro de Francis, e fosse lá o que fosse, ainda não estava consertado. Ele estava com tanto medo disso, deles, do passado deles, de tudo. Com medo de perdê-lo novamente.

—Ei. — Vitari ergueu o queixo. —Estamos seguros aqui.

—Nós estamos?

—Por um tempo. — Vitari o abraçou e Francis se aninhou em seu peito, aconchegando-se. O calor de sua pele, o toque macio de seus cabelos aveludados, seu cheiro, ensaboado do banho e tão masculino. Francis deixou seus pensamentos

vagarem, deixando as piores lembranças flutuarem – a maioria delas. Um teimoso persistiu. Um tiro e ver Montague cair.

—Você se arrepende de matá-lo? — perguntou Francis.

—Nem por um segundo. — Vitari encontrou seu olhar. —Eu o ressuscitaria dos mortos para matá-lo de novo, só que mais devagar.

No entanto, Francis não conseguiu puxar o gatilho, mesmo depois de saber todas as coisas que Montague havia feito.

—Meu único arrependimento é não ter tido tempo de cortar suas bolas como prometi, — acrescentou Vitari.

Francis circulou um dedo ao redor do mamilo de Vitari e o desceu, sobre seu abdômen. Vitari era um verdadeiro anjo vingador, um homem de fúria e retribuição. —Ele enviou sobre eles Sua ira ardente, fúria e indignação, um bando de anjos destruidores.

Vitari arqueou uma sobrancelha. —Você está citando um versículo da Bíblia?

Ele pensou que ele estava morto, mas em sua hora de necessidade, Vitari retornou. Parecia obra de Deus, como se Ele soubesse que Francis estava prestes a cair. —Você realmente deixará uma montanha de cadáveres se eles vierem atrás de nós?

Vitari piscou para o teto. —Eles não vão nos encontrar.

Isso não foi uma resposta. Mas Francis já sabia que Vitari não fazia ameaças inúteis. L'Angelo della Morte tinha reputação por uma razão. E esse anjo vingador era o homem que ele amava.

Eles ficaram em silêncio, aproximaram-se e, depois de um tempo, a respiração de Vitari desacelerou. Francis olhou para ele para encontrar seus lábios

ligeiramente entreaberto e com os olhos fechados, os cílios tremulando devido aos sonhos.

Isso era bom. Melhor do que bom. Era perfeito. Mas mesmo do outro lado do mundo, ainda não havia acabado. O caos que deixaram para trás iria encontrá-los novamente.

Eles não podiam fugir do passado.

Ele saiu dos membros de Vitari, colocou uma toalha em volta da cintura e pegou o telefone da trouxa de roupas. Não havia Wi-Fi e a bateria estava vermelha, mas ele tinha uma barra de sinal. O suficiente para fazer uma ligação. Ele subiu as escadas, olhou pela janela para as palmeiras ondulantes e o rio distante e discou.

A linha clicou e tocou.

—O que é? — O rosnado baixo de Giancarlo retumbou.

Francis olhou para o patamar dos fundos, onde a escada aberta descia para os quartos. Vitari nunca permitiria isso. Ele ficaria furioso se soubesse o que Francis tinha feito.

Mas era a coisa certa. Porque Montague não mentiu. Sasha estava atrás de Stanmore.

Francis amava Vitari de todo o coração e alma. Ele faria qualquer coisa para protegê-lo, para salvá-lo. Até mesmo ir contra a vontade dele.

—Aqui é o padre Scott. Eu não tenho muito tempo. Por favor escute. Vitari está vivo e temo que tenha cometido um erro terrível.



A aventura de Vitari e Francis termina em [Save Me, Forgive Me #3](#).

SOBRE O AUTOR

A vencedora do Rainbow Award, A. Nash (Ariana Nash), escreve fantasia LGBTQ+ e romances contemporâneos cheios de personagens moralmente desafiadores, ação, traição e amor ardente entre dois (ou mais) homens.

ALQUIMISTA DOS LIVROS
ARTANA NASH

FORGIVE ME



EQUIPE

REV. INICIAL - VITTY

REV. FINAL - CALLIOPE

LEITURA: NEPHRUS

FORMATAÇÃO - NEPHRUS